



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**JOSÉ ALBERTO DE SOUSA FERNANDES**

**PADRE MANUEL JUVENAL PITA FERREIRA  
(1912-1963): a importância do seu contributo pastoral  
na Diocese do Funchal**

**Dissertação Final  
sob orientação de:  
Professor Doutor António Matos Ferreira**

**Lisboa  
2021**



## SIGLAS E ABREVIATURAS

<b>1.<sup>a</sup></b>	Primeira
<b>1.º</b>	Primeiro
<b>2.º</b>	Segundo
<b>ABM</b>	Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira
<b>AHDF</b>	Arquivo Histórico da Diocese do Funchal
<b>Cf.</b>	Conferir
<b>Coor.</b>	Coordenação
<b>D.</b>	Dom
<b>D.ra</b>	Doutora
<b>Dir.</b>	Direção
<b>Ed.</b>	Edição
<b>Eng.º</b>	Engenheiro
<b>N.º</b>	Número
<b>p. /pp.</b>	Página / páginas
<b>P.º/Pe.</b>	Padre
<b>PEF</b>	Posto Emissor do Funchal
<b>Rev.º</b>	Reverendo
<b>S.</b>	São
<b>s.p.</b>	Sem página
<b>Séc.</b>	Século
<b>Tip.</b>	Tipografia
<b>Vol.</b>	Volume



«Não te admires também de que eu estudasse tanto a parte religiosa.  
O madeirense é crente e, como tal, embalsamou toda a sua vida com o  
perfume da sua crença».

Pe. Manuel Juvenal Pita Ferreira,  
*O Natal na Madeira: Estudo Folclórico* (Funchal: Edição da Junta Geral do Distrito  
Autónimo, 1956), s.p.



# ÍNDICE

SIGLAS E ABREVIATURAS .....	3
ÍNDICE .....	7
RESUMO .....	11
ABSTRACT.....	13
INTRODUÇÃO.....	15

## CAPÍTULO I -VIDA E OBRA DO PADRE MANUEL JUVENAL PITA FERREIRA

### Um padre madeirense na primeira metade do século XX

1.1. As origens e a formação (1912-1935).....	18
1.1.1. O seminarista.....	20
1.1.2. Primeiros escritos do padre Pita Ferreira .....	20
a) <i>O meu primeiro Sermão</i> .....	21
b) <i>O meu primeiro discurso</i> .....	22
1.2. Atividade entre 1935-1963 (†): Sacerdote e historiador .....	24
1.3. As principais obras históricas, pastorais e artísticas do padre Pita Ferreira .....	29
1.3.1. As obras históricas: obras inéditas e estudos publicados .....	30
a) Obras inéditas: peças de teatro ‘históricas’.....	30
b) Outras obras não publicadas: estudos históricos e conferências pastorais.....	37
c) Estudos publicados.....	38
1.4. Síntese do Capítulo I.....	40

## CAPÍTULO II - PADRE PITA FERREIRA, UM HISTORIADOR MADEIRENSE

### O eclesiástico intelectual: da história eclesiástica e as tradições

2.1. A religiosidade popular como caminho de evangelização .....	41
2.1.1. Um estudo folclórico – <i>O Natal na Madeira</i> (1956).....	41
2.1.2. Pesquisa da tradição oral madeirense: costumes, canções e orações.....	45
a) As Missas do Parto.....	45
b) A vinda para a Igreja e a Missa .....	46
c) As tradições em torno do Natal.....	47
d) A “Missa do Galo” .....	48
e) Quadras populares na atmosfera natalícia .....	51
2.2. A influência franciscana na história da diocese do Funchal (1962).....	54
2.3. A investigação sobre <i>A Sé do Funchal</i> (1963).....	57
2.3.1. A estrutura da obra.....	59
2.3.2. A vontade de construir o templo.....	59

2.3.3. A necessidade de formar novas paróquias.....	60
2.3.4. A construção da Catedral.....	61
2.3.5. A criação da diocese do Funchal.....	62
2.3.6. A Sé e a Arte Sacra: ourivesaria sacra da Catedral.....	63
2.4. Síntese Capítulo II.....	66

### CAPÍTULO III - NO ÂMBITO PASTORAL

#### Catequese, Liturgia e Ação social

3.1. A Catequese.....	67
3.1.1. Contexto: a Catequese em Portugal nos anos 50-60 do séc. XX.....	67
3.1.2. <i>Curso de Iniciação Catequística</i> em três partes.....	69
3.1.2.1. <i>Curso de Iniciação Catequística – «1.ª Parte» (1959-1960)</i> .....	71
3.1.2.1.1. «Pedagogia catequética».....	71
A. O que é a Catequese.....	71
B. O Catequista.....	72
C. Como orientar uma lição de Catecismo.....	72
3.1.2.1.2. «Doutrina».....	73
D. O homem.....	74
E. A existência de Deus.....	74
F. A Santíssima Trindade.....	76
G. A Graça é um dom de Deus.....	77
H. A Criação do Homem: a Queda e a Redenção.....	77
3.1.2.2. <i>Curso de Iniciação Catequística – «2.ª Parte» (1960-1961)</i> .....	79
3.1.2.2.1. «Pedagogia catequética».....	80
A. Os métodos: a criança e os meios auxiliares da catequese.....	80
3.1.2.2.2. «Doutrina».....	81
B. «Cristo esperado»: Jesus é o Centro da História.....	81
C. «Cristo entre nós».....	82
D. O Reino de Deus fundado por Cristo.....	85
E. Cristo mediador.....	85
F. Cristo continuado.....	87
3.1.2.3. <i>Curso de Iniciação Catequística – «3.ª Parte» (1961-1962)</i> .....	88
3.1.2.3.1. «Doutrina».....	88
A. O Corpo Místico de Cristo.....	89
B. Jesus deu-nos a Eucaristia.....	91
C. Os primeiros cristãos acreditaram na Eucaristia.....	92
D. «Jesus Cristo nossa Víctima».....	93
3.1.2.3.2. «Liturgia».....	95

E. «A Igreja – Casa de Deus» e «a nossa Missa» .....	95
3.2. A Liturgia e a Arte Sacra .....	96
3.2.1. A sensibilidade litúrgica através da Arte Sacra .....	96
3.2.2. Ato de louvor e adoração a Deus .....	97
3.3. Ação Social.....	98
3.3.1. A ação social da Igreja, inspirada no Evangelho.....	99
3.3.1.1. O ideal vicentino: a beleza da caridade.....	101
3.3.1.2. A formação religiosa e humana .....	104
3.4. Síntese do Capítulo III.....	105
CONCLUSÃO .....	106
FONTE E BIBLIOGRAFIA .....	109
ANEXOS .....	116
ANEXO 1 – Certidão de batismo do padre Manuel Juvenal Pita Ferreira .....	117
ANEXO 2 - Padre Manuel Juvenal Pita Ferreira (1935-1963). .....	118
ANEXO 3 – Fotografia de um grupo de sacerdotes e seminaristas .....	119
ANEXO 4 – Dados biográficos sobre o padre Pita Ferreira.....	120
ANEXO 5 – Termo de matrícula do aluno Pita Ferreira (1925).....	121
ANEXO 6 – Termo de matrícula do aluno Pita Ferreira (1930-1931).....	122
ANEXO 7 Primeira página dos Termos das Matrículas do Seminário de Nossa Senhora do Bom Despacho (do AHDF).....	123
ANEXO 8 – Termo de Matrícula do Seminário da Encarnação (Arquivo do Seminário Diocesano) .....	124
ANEXO 9 – Seminário da Encarnação .....	125
ANEXO 10 – Dedicatória manuscrita, pelo próprio punho do padre Pita Ferreira.....	126
ANEXO 11 – Invitatório cantado no Porto Moniz, durante a Missa do Parto.....	127
ANEXO 12 – Quadras dedicadas ao «Retrato de Nossa Senhora».....	128
ANEXO 13 – <i>Pensação na obra do padre Pita Ferreira: Natal na Madeira: Estudo         Folclórico</i> .....	130
ANEXO 14 – <i>Quadras Populares na obra de Pita Ferreira: Natal na Madeira: Estudo         Folclórico</i> .....	132
ANEXO 15 – Manuscritos: <i>Ensaio Literários</i> .....	134
ANEXO 16 – Um poema intitulado <i>Devaneios</i> . Escrito a 14 de abril de 1932. ....	135
ANEXO 17 – Manuscritos: O meu primeiro Sermão .....	138
ANEXO 18 – Manuscritos: <i>O meu primeiro discurso</i> .....	147
ANEXO 19 – Manuscritos: <i>Quadros históricos, que foram representados na Ribeira         Brava para comemorar as datas gloriosas da Fundação e Restauração de         Portugal, no dia 10 de agosto de 1940</i> .....	153

ANEXO 20 – Manuscritos: <i>Quadros históricos</i> . São peças de Teatro que foram representadas nas Festas Centenárias de 1940 na Ribeira Brava. ....	178
ANEXO 21 – Pergaminho da Sagração da Catedral do Funchal em 1517.....	179
ANEXO 22 – Tradução do pergaminho Sagração da Catedral do Funchal em 1517.....	180
ANEXO 23 – E-mail de Maria Favila Paredes, colaboradora do Arquivo Regional da Madeira e do Arquivo Histórico da Diocese do Funchal.....	181
ANEXO 24 – Imagem para comparar entre um animal e o Homem. Do <i>Curso de Iniciação Catequística: 1.ª Parte</i> .....	183
ANEXO 25 - Exemplo de uma figura para demonstrar a criação de Deus. Do <i>Curso de Iniciação Catequística: 1.ª Parte</i> .....	184
ANEXO 26 – Ilustração sobre a história da chuva Do <i>Curso de Iniciação Catequística: 1.ª Parte</i> .....	185
ANEXO 27 – Ilustração sobre o poder de Deus face ao universo. Do <i>Curso de Iniciação Catequística: 1.ª Parte</i> .....	186
ANEXO 28 – Apresentação de um esquema sobre a Santíssima Trindade. Do <i>Curso de Iniciação Catequística: 1.ª Parte</i> .....	187
ANEXO 29 – Apresentação de um esquema para designar «A Graça». Do <i>Curso de Iniciação Catequística: 1.ª Parte</i> .....	188
ANEXO 30 – Imagem que representa a Criação do homem: a «Queda» e a «Redenção». Do <i>Curso de Iniciação Catequística: 1.ª Parte</i> .....	189
ANEXO 31 – Esquema que demonstra a redenção pela cruz do Senhor. Do <i>Curso de Iniciação Catequística: 1.ª Parte</i> .....	190
ANEXO 32 – O padre Pita Ferreira escreve uma informação para o <i>Jornal da Madeira</i> , da parte do Secretariado Diocesano da Catequese, no dia 13 de dezembro de 1959.....	191
ANEXO 33 – <i>Jornal da Madeira</i> , no dia 10 de outubro de 1963. ....	192
ANEXO 34 – <i>Diário de Notícias</i> , no dia 10 de outubro de 1963.....	196
ANEXO 35 – <i>Jornal da Madeira</i> , no ano de 1945.....	199
ANEXO 36 – Conferência de 1945: «A época actual e o Ideal Vicentino».....	204
ANEXO 37 - Apontamentos Históricos do Padre Pita Ferreira (Paróquias).....	215
ANEXO 38 - Cronologia do Padre Pita Ferreira.....	218

## RESUMO

O presente trabalho estuda a vida e obra do padre Manuel Juvenal Pita Ferreira, nascido em 1912, sacerdote da Diocese do Funchal e uma figura destacada no século XX. Marcou muito o seu tempo nos campos religioso, histórico, cultural e social, destacando-se, desde cedo, enquanto seminarista (primeiro, no Mosteiro Novo; depois, no Seminário da Encarnação), pela sua fina sensibilidade para as questões da doutrina e da história. Ordenado presbítero em 1935, é nomeado para importantes cargos eclesiais, sendo, mais tarde, vigário paroquial na Ribeira Brava (1938-1940) e em São Vicente (1940-1941), pároco no Porto Santo (1941-1945) e em São Gonçalo (1945-1963) até ao seu falecimento. Dotado de imensas qualidades, viveu uma intensa atividade pastoral, sobretudo na Ribeira Brava, onde soube aliar à instrução catequética o conhecimento cultural, junto dos jovens e das crianças, por meio do teatro, tendo-se ligado também ao Escutismo.

Como investigador, com uma predileção especial pela história – embora sem formação específica nesta área (não era doutorado) – contribuiu para o conhecimento mais profundo de algumas realidades, tais como os primórdios e as origens do descobrimento do arquipélago da Madeira, a criação e desenvolvimento da Diocese do Funchal, trazendo a público estudos inéditos sobre estes assuntos, socorrendo-se sempre das fontes primárias (manuscritos e outros documentos, consultados em diversos arquivos), pretendendo fazer justiça aos factos, pelo que chegou mesmo a contrariar alguns estudos e autores do seu tempo e do passado, o que lhe valeu duras críticas, que soube, no entanto, enfrentar com firmeza e argumentos, por meio de provas fidedignas, isto é, demonstrando tudo o que consultou. Incansável na promoção da cultura, promoveu diversas exposições de arte e património religioso (escultura, ourivesaria sacra), em conjunto com o engenheiro Luiz Peter Clode. Soube unir os seus conhecimentos e seu perfil intelectual para o serviço da fé e da Igreja, relacionando a arte sacra e a Liturgia, nomeadamente no concernente às obras de arte presentes na Sé do Funchal.

Unindo o seu interesse pela História às suas preocupações de pastor, o sacerdote investiu tempo e forças em estudos de campo, como o *estudo folclórico sobre O Natal na Madeira*, recolhendo, por toda a ilha, inúmeros dados sobre as tradições natalícias madeirenses (as quadras natalícias, as Missas do Parto, a matança do porco, etc.), cheias de significado e carregadas de fé e do Evangelho. Sacerdote dedicado, integrou-se, nos anos 60, no movimento de renovação da catequese, incrementado na diocese pelo seu bispo, Dom Frei David de Sousa, publicando, em três partes, um *Curso de Iniciação Catequística*, dirigido aos catequistas e aos catequizandos.

Eclesiástico fervoroso, intelectual refinado e homem de valores humanos e evangélicos bem enraizados, soube também estar atento à realidade social do seu tempo, como se pode ver pelo seu discurso às Conferências Vicentinas, realizado em 1945, e pela forma como se abeirou dos pobres e necessitados do lugar onde paroquiava, S. Gonçalo.

Esquemáticamente, apresentamos Pita Ferreira como um homem de sensibilidade, em várias vertentes: a) a sensibilidade pastoral – demonstrada na renovação da catequese e pela aproximação do povo simples, das crianças e dos jovens, e ainda pela defesa do património religioso; b) a sensibilidade litúrgica com que estudou a Sé do Funchal e seu património artístico; c) a sensibilidade histórica, bem patente na sua investigação, em vários campos: pastoral; popular; eclesiástico; d) a sensibilidade social, a partir do Evangelho, com a qual se demonstrou um homem atento às realidades do seu tempo, aproximando-se dos pobres, no bairro social na Paróquia de São Gonçalo, desde 1945.

**Palavras-chave:** Pita Ferreira, Sacerdote, Intelectual, História, Descobrimientos, Ilha da Madeira, Natal na Madeira, Catequese, Renovação Pastoral, Doutrina, Ação Social, Arte Sacra, Património, Sé do Funchal.

## ABSTRACT

This thesis studies the life and work of priest Manuel Juvenal Pita Ferreira, who was born in 1912, and was a priest in Funchal's diocese, and a remarkable man of the 20th century.

He had a major impact in the religious, historical, cultural and social areas, standing out, while still a seminarist (first in "Mosteiro Novo" and then in "Seminário da Encarnação"), because of his sensitivity on issues related with history as well as doctrine.

He was ordained a priest in 1935, and nominated for important ecclesiastical positions, becoming later on, a vicar in parish of Ribeira Brava (1938-1940), also in São Vicente (1940-1941), then a priest in Porto Santo (1941-1945) and finally in São Gonçalo (1945-1963) until his death.

Priest Manuel Juvenal Pita Ferreira, had several qualities, and lived an intense pastoral activity, especially in Ribeira Brava, where he combined his cultural knowledge with the preaching to children and youth, throughout theatre and also scouting.

As a researcher, with a special predilection for history – although without specific training in this area (he was not a doctorate) – he contributed to a deeper understanding of some realities, such as the beginning and origins of the discovery of Madeira's archipelago, the creation and development of the Diocese of Funchal, bringing unprecedented studies on these subjects to the public, always using primary sources (manuscripts and other documents, consulted in various archives), intending to corroborate the facts, which actually, contradicted some studies and authors of his time and the past which made him being criticised. Nevertheless knew how to deal with it with firmness and arguments, through reliable evidence, in everything he consulted.

He had a major role in promoting culture, namely several art and religious heritage exhibitions (sculpture, sacred jewellery), together with engineer Luiz Peter Clode. He knew how to join his knowledge and his intellectual profile for the service of faith and the Church, relating sacred art and the Liturgy, namely with regard to the works of art present in the Cathedral of Funchal.

Joining his interest in history with his concerns as a pastor, the priest invested time and strength in field studies, such as the folkloric study on Christmas in Madeira, collecting, throughout the island, numerous data on Madeiran Christmas traditions (Christmas Masses, Jesus birth Masses, the slaughter of the pig, etc.), full of meaning and loaded with faith and the Gospel. As a dedicated priest, he joined the movement for the renewal of catechesis in the 1960s, augmented in the diocese by his bishop, Dom Frei David de Sousa, publishing, in three

parts, a *Catechism Initiation Course* (in portuguese: *Curso de Iniciação Catequística*), for the catechists and students of catechism. Also known as passionate ecclesiastical, refined intellectual and a man of well-rooted human and evangelical values, he also knew how to be attentive to the social reality of his time, as can be seen in his speech to the Vincentian Conferences, held in 1945, and the way he approached the poor and in need of calling where he was parish, S. Gonçalo.

We presente, schematically, Pita Ferreira as a man of sensitivity, in several aspects: a) pastoral sensitivity - demonstrated in the renewal of catechesis and in the approach of humble people, children and young people, and also in the defense of religious heritage; b) the liturgical sensitivity with which he studied the Funchal Cathedral and its artistic heritage; c) the historical sensitivity, clearly evident in his investigation, in several fields: pastoral; popular; churchman; d) social sensitivity, starting from the Gospel, with which a man was attentive to the realities of his time, approaching the poor, in the social district in the Parish of São Gonçalo, since 1945.

**Keywords:** Pita Ferreira, Priest, Intellectual, History, Discoveries, Madeira Island, Christmas in Madeira, Catechesis, Pastoral Renewal, Doctrine, Social Action, Sacred Art, Patrimony, Funchal Cathedral.

## INTRODUÇÃO

A figura de Manuel Juvenal Pita Ferreira, notável sacerdote madeirense do século passado, tem sido, nos nossos dias, praticamente desconhecida. Referido em virtude de algumas de suas obras de valor histórico, não foi este homem ainda devidamente estudado e valorizado. Sendo um autêntico intelectual, seria necessário adentrar na sua vida e obra, traçar o seu perfil (ainda que de forma breve e em esboço), perceber os seus desejos e inquietações mais prementes, na sua vida pastoral, dada a sua intervenção na catequese, nos anos 60 do séc. XX. Mais ainda, haveria que averiguar as suas origens, a sua formação e preparação literária, como também a sua ação, em concreto, junto das populações onde serviu enquanto pároco. Ligando todos estes aspetos, poder-se-ia alcançar um olhar de conjunto, chegando a delinear alguns subsídios para a sua vida e obra, centrando-nos, sobretudo, no seu contributo pastoral. Como tal, iremo-nos recorrer, no nosso estudo, a todos os documentos mais importantes e reveladores das suas origens e da sua atividade sacerdotal: os seus manuscritos (que remontam ao tempo da sua formação enquanto seminarista e também já como padre, nomeadamente quando auxiliava a paróquia da Ribeira Brava); as suas obras publicadas e seus estudos inéditos assim como os seus discursos.

A presente dissertação insere-se no âmbito da conclusão do Curso de Mestrado Integrado em Teologia, pela Universidade Católica Portuguesa, e está subordinada à seguinte temática: «Padre Manuel Juvenal Pita Ferreira (1912-1963): a importância do seu contributo pastoral na Diocese do Funchal». A nossa intenção é a de identificar a ação intelectual e pastoral do padre Pita Ferreira, nomeadamente, nos seguintes âmbitos: a) a religiosidade popular, sobre a qual dedicou um estudo de campo (acerca do Natal na Madeira); b) a História: desenvolveu estudos sobre a Ordem Seráfica, A Sé do Funchal e sobre a Ilha da Madeira; c) a catequese, na qual se empenhou muito fortemente, desenvolvendo um Curso de Iniciação Catequística, tendo percorrido todo o arquipélago; d) a ação social, desenvolvida, sobretudo entre os anos de 1945-1963.

Unindo os aspetos que acabamos de enumerar dentro de uma perspetiva pastoral, iremos estruturar o nosso trabalho em três Capítulos:

No capítulo I, iremo-nos debruçar sobre «A vida e obra do padre Manuel Juvenal Pita Ferreira», tendo em conta os seguintes aspetos: **1.** As origens e a formação (1912 - 1935) – em que traçaremos o percurso do seminarista até à sua ordenação presbiteral, focando dois de seus primeiros escritos (manuscritos); **2.** A sua atividade, já como sacerdote, entre os anos de 1935-1963, incluindo aí o seu traço de ‘historiador’, patente nas obras de que foi autor e nos diversos

trabalhos que assumiu enquanto eclesiástico. **3.** As principais obras históricas, pastorais e artísticas: neste ponto, pretendemos colocar em evidência todo o ‘complexo’ das obras do padre Pita Ferreira – publicadas e algumas inéditas (as ‘peças de teatro históricas’; discursos; conferências) –, sendo que todas elas trazem em si um cunho pastoral, isto é, não as leremos apenas em chave biográfica, mas sob uma perspetiva de intencionalidade pastoral. Neste ponto, faremos apenas um elenco das mesmas.

No capítulo II, dedicado ao «Padre Pita Ferreira, um historiador madeirense», debruçar-nos-emos sobre dois aspetos estudados pelo nosso autor: a história eclesiástica e as tradições. Estruturaremos este apartado da seguinte forma: **1.** A religiosidade popular como caminho de evangelização: focando o estudo folclórico do padre sobre *O Natal na Madeira*, obra publicada em 1956. Iremos resumir as partes mais importantes relativas às tradições natalícias do povo madeirense, procurando abordar as raízes e expressões culturais que mais chamaram a atenção do sacerdote e que lhe serviram de reflexão. O nosso intento é o de recolher e identificar a intenção do autor quando desenvolveu esse trabalho: a preservação da memória cultural e histórica, cuja base é, segundo ele, predominantemente religiosa. Como tal, incluiremos, neste ponto, os elementos mais importantes do estudo do autor sobre as tradições populares. **2.** A influência franciscana na história da diocese do Funchal: centrada na investigação de Pita Ferreira sobre a «Ordem Seráfica» na Madeira. **3.** A investigação sobre a Sé do Funchal, constituindo um dos principais estudos do sacerdote, evidencia-se o contributo dos seus estudos neste âmbito, não só a nível histórico, como pastoral e artístico. Trataremos sobre a sua obra *Sé do Funchal*, de 1963, reveladora de uma grande sensibilidade e de uma perspicácia peculiar do padre Pita Ferreira. Apresentando a estrutura da mesma obra, iremos desenrolar os temas mais sublinhados pelo estudioso: a arquitetura e construção da Catedral; a criação da diocese do Funchal; a Arte Sacra da Sé. Todos estes pontos, além de constituírem autênticos contributos ‘científicos’/históricos, lê-los-emos em chave pastoral, a fim de perceber, por detrás e mediante os estudos do autor, as suas preocupações mais profundas enquanto sacerdote e pastor.

No capítulo III, direcionaremos a nossa atenção ao «Âmbito pastoral» propriamente dito, em que incluiremos os seguintes pontos, correspondentes a três âmbitos precisos: **1.** A Catequese: depois de contextualizarmos o trabalho de Pita Ferreira a partir de todo um ‘movimento catequístico’ em Portugal (antecipado e concretizado no pré, no durante e no pós Concílio Vaticano II) e do desejo de renovação por parte do Bispo do Funchal, Dom Frei David de Sousa, entraremos no estudo mais direto do *Curso de Iniciação Catequística*, redigido pelo nosso sacerdote em três ‘fases’, entre os anos de 1959-1960 («1.<sup>a</sup> Parte»), 1960-1961 («2.<sup>a</sup> Parte») e 1961-1962 («3.<sup>a</sup> Parte»). Ao abordar este *Curso*, tentaremos aperceber-nos de todo o conjunto dos seus esforços, isto é, a forma como o sacerdote – nomeado secretário do então

recém-criado Secretariado Diocesano da Catequese no Funchal – escolheu propagar o seu trabalho e de que modo lhe deu concretização junto dos catequistas. **2.** A Liturgia e a Arte Sacra: baseando-nos, uma vez mais da obra do autor, *A Sé do Funchal*, iremos apresentar o modo como intuiu e leu a relação da arte sacra ao serviço da Liturgia, isto é, da celebração dos mistérios da fé. Todo esse esforço do autor, de traduzir a arte para a fé, insere-se também, com toda a certeza, num ímpeto de preocupação pastoral. **3.** A ação social inspirada no Evangelho: este ponto abordará a preocupação social, bem presente na sua ação de pastor, focando-nos, mormente, no período em que parou em São Gonçalo (Funchal) mostrando, desta feita, a sua atenção aos problemas sociais do povo que servia. Nessa Paróquia, encontrou um bairro social, com gente bastante carenciada, e ao invés de se esquivar, aproximou-se e visitou essas mesmas pessoas. Este mesmo movimento, iremos perceber através de um seu discurso dirigido, em 1945, a uma Assembleia das Conferências de São Vicente de Paulo, onde recorda o ideal vicentino, que deve animar a todos: a beleza da caridade.

No final da dissertação, apresenta-se uma conclusão, de forma a fazermos um balanço de todo o percurso de todo o trabalho de investigação por nós realizado. Ao mesmo tempo, não esqueceremos de focar os pontos mais importantes e característicos do contributo da ação pastoral do padre Pita Ferreira na diocese do Funchal, desde que foi ordenado, até terminar os seus dias, deixando atrás de si um rasto de trabalho, de dedicação e de empenho em prol da instrução e formação dos cristãos, com base no Evangelho. O nosso estudo oferecerá, assim o esperamos, um tributo ao estudo desta figura tão notável, possibilitando novos horizontes no âmbito da investigação sobre a pastoral na diocese do Funchal, marcada que foi pela ação deste presbítero.

# CAPÍTULO I

## VIDA E OBRA DO PADRE MANUEL JUVENAL PITA FERREIRA

### Um padre madeirense na primeira metade do século XX

Neste primeiro capítulo, aborda-se, em primeiro lugar, as origens e a formação de Pita Ferreira, desde o seu nascimento até à sua entrada no seminário e a ordenação presbiteral. Depois, trata-se da sua atividade sacerdotal, sublinhando o seu perfil de eclesiástico e de historiador. Em último lugar, analisam-se os seus textos do autor, aqueles que foram editados e estudos não publicados, manuscritos, existentes no seu espólio, elaborados durante o seu tempo como seminarista e, posteriormente, já como sacerdote.

#### 1.1. As origens e a formação (1912-1935)

Manuel Juvenal Pita Ferreira, filho de Francisco Ferreira e de Filomena Celeste Pita Ferreira, nasceu a 16 de abril de 1912, na freguesia de Câmara de Lobos. Foi batizado<sup>1</sup> a 1 de maio na Igreja paroquial de São Sebastião (na mesma freguesia), pelo vigário João Joaquim de Carvalho. Provindo de uma família numerosa (nove irmãos), a posição social de seu pai – proprietário e antigo vereador da Câmara Municipal do Funchal – deve ter-lhe garantido uma boa formação<sup>2</sup>.

A 17 de outubro de 1925<sup>3</sup>, com treze anos, matricula-se e ingressa no Seminário de Nossa Senhora do Bom Despacho<sup>4</sup>, na cidade do Funchal, e, em 1931, é transferido<sup>5</sup> para o

---

<sup>1</sup> Cf. Certidão de Batismo de Manuel Juvenal Pita Ferreira (Cartório paroquial de Câmara de Lobos), n.º 122. Ver Anexo 1, página 117.

<sup>2</sup> Cf. Nota biobibliográfica: Ferreira, Manuel Juvenal Pita, padre, ABM [Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira], Cota 2-3, p. 240-244, disponível em <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=666584> (acedido em 10/11/2020). Ver Anexo 4, página 120.

<sup>3</sup> Cf. *Termos de Matrícula: 1903-1932*, AHDF, (n.º) 721, (p.) 185: «No dia 17 de Outubro de 1925 matriculou-se nas disciplinas de Português e Francês», seguindo-se a assinatura do próprio candidato, Manuel Juvenal Pita Ferreira. É curioso notar que o registo deste aluno é o único que não assinala o dia e o ano em que terminou, mas apenas consta da sua ‘aprovação’, firmada pela assinatura do aluno. Ver Anexo 5, página 121.

<sup>4</sup> Cf. *Termos de Matrícula: 1903-1932*, AHDF, (n.º) 1036, (p.) 265. O registo, de 1930, consta do seguinte: «No dia 8 do Mês de Outubro de 1930 matriculou-se nas disciplinas de latim 3.º e filosofia 2.ª parte», seguindo-se a assinatura do próprio candidato, Pita Ferreira. «No dia 4 de Julho de 1931, compareceu o aluno supra mencionado e encerra sua matrícula nas disciplinas de latim 3.º e filosofia 2.ª parte». O aluno assina mais uma vez. As matrículas de Pita Ferreira vão desde 17 de outubro de 1925 até 4 de julho de 1931, não havendo mais registos seus no seminário do Bom Despacho. Isto significa que foi transferido, como dissemos, para o Seminário da Encarnação. Ver Anexo 6, página 122. Na abertura do livro de *Termos de Matrícula* apresenta que este livro se referem aos termos de matrículas dos alunos/seminaristas pertencentes ao Seminário de Nossa Senhora do Bom Despacho, com a data de 1903. Ver também o Anexo 7, página 123.

<sup>5</sup> Cf. “Termo de Matrícula n.º 24” do Seminário da Encarnação, em Arquivo do Seminário Maior de Nossa Senhora de Fátima, *Livro de Matrículas: Seminário. Matrículas 1. De Teologia: 1930 a 1957. 2. Seminário Maior e...: 1958-1974*. Ver Anexo 8, página 124.

Seminário da Encarnação<sup>6</sup>, restituído à Igreja (em 1927), após a sua tomada oficial em 1912 (em decurso da Lei da Separação<sup>7</sup> de abril de 1911 pela Primeira República), embora este fosse reaberto oficialmente só a meados de outubro de 1933, mas funcionando já em parte<sup>8</sup> antes desta data oficial<sup>9</sup>. Nessas casas faz a sua formação filosófica e teológica, até 1910 ao cuidado dos padres Lazaristas ou Vicentinos (Congregação da Missão)<sup>10</sup>, encarregues então da reforma dos estudos eclesiásticos do seminário da Diocese, a pedido do bispo D. Manuel Agostinho

---

<sup>6</sup> Cf. Padre Fernando Augusto da Silva, *Subsídios para a História da Diocese do Funchal (1425-1800)*, Volume Primeiro (Funchal: Tip. de «O Jornal», 1946), 277. O Seminário «passou então por uma vida bastante acidentada, percorrendo várias casas e sofrendo as consequências da aplicação de uma lei iníqua. De novo se instalou nos velhos edifícios da rua do Mosteiro Novo e ali permaneceu até o mês de Julho de 1916. No ano lectivo de 1916 a 1917 funcionou numas dependências do Paço Episcopal e no de 1917 a 1918 nas casas do Quinta do Trapiche, na freguesia de Santo António, voltando a acomodar-se em 1919 no antigo edifício de Nossa Senhora do Bom Despacho».

<sup>7</sup> Com a Lei da Separação, o Estado apropriou-se do património eclesiástico, assumindo os seus bens e exigiu que se fechassem os estabelecimentos de ensino eclesiástico, reformando os estudos dos seminários com a fiscalização do seu funcionamento e a lei da sustentação do culto. O Estado pôs fim ao controlo da Igreja sobre o ensino. Na Constituição (capítulo II, artigo 10.º) verificamos que «o ensino ministrado nos Estabelecimentos públicos e particulares fiscalizados pelo Estado será neutro em matéria religiosa». Cf. António Teixeira Fernandes, *O Confronto de Ideologias na Segunda Década do Século XX: À volta de Fátima*, (Porto: Edições Afrontamento, 1999), 11-12. Cf. ainda Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal: Primeira República (1910-1926)*, vol. XI, (Lisboa: Editorial Verbo, 1989), 28.

<sup>8</sup> Cf. Silva, *Subsídios para a História da Diocese do Funchal*, 280. O autor deste contributo histórico relativo à Diocese do Funchal faz entender que a transferência para o Seminário da Encarnação começou, em parte, desde 1927, como se pode ler seguidamente: «Decorridos seis anos e após uma porfiada luta, vai finalmente a Comissão Diocesana do Culto entrar na posse do edifício da Encarnação, à qual de direito pertencia desde a promulgação de decreto de 25 de abril de 1927, fazendo-se desde logo a transferência dos diversos serviços do seminário da velha e a acanhada casa da rua do Mosteiro Novo para as apropriadas instalações da rua de Santa Luzia [onde está o Seminário da Encarnação]. Foi na segunda metade do mês de Outubro de 1933 que essa posse se realizou [sic!] e, começando então para aquele estabelecimento de educação eclesiástica». De facto, a aquisição do edifício revelou-se um processo moroso, dadas a resistência e a oposição da parte da Junta Geral do Funchal, a qual não reconhecia a legalidade de tal decreto de 1927, nem o anterior de agosto 1919, recorrendo uma e outra vez ao Governo Central, ao qual também a Igreja enviou uma delegação, tentando fazer ver a legalidade do decreto de 1927. Assim, a Igreja foi ocupando o Seminário, ainda que só lograsse a posse definitiva em 1933, face às negociações. O que nos dá a entender que, de facto, o Seminário Diocesano já funcionava na Encarnação antes desta dada oficial.

<sup>9</sup> Cf. Padre Joaquim Plácido Pereira, «Dois Bispos do Funchal Franciscanos», *Revista das Artes e da História da Madeira* vol. VI, n.º 30 (1960): 27. O Seminário da Encarnação, conforme nos testemunha esta fonte, volta a funcionar em 1933, após a negociação das Autoridades da Igreja com o Estado português, o qual emite, finalmente, em 25 de abril de 1927, um Decreto-Lei constando da restituição à Diocese daquele edifício.

<sup>10</sup> Cf. Carlos Ismael Faria Almada, *O ministério de D. Manuel Agostinho Barreto, bispo do Funchal (1876-1911). A reorganização religiosa na segunda metade do século XIX*, Tese de Mestrado (Lisboa: Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, 2017), 40, <http://hdl.handle.net/10400.14/23674>. Disponível na internet: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/23674/1/O%20minist%C3%A9rio%20de%20D.%20Manuel%20A.%20Barreto%20%5B...%5D.pdf>. O autor deste estudo cita Dom Marílio de Gouveia, que atribui a reforma do Seminário diocesano do Funchal «à clarividência de D. Manuel Agostinho Barreto» a qualidade do clero da diocese do Funchal. Cf. também Pereira, «Dois Bispos do Funchal Franciscanos», 26. Deve-se referir a importância do padre Ernesto Schmitz, responsável pela renovação dos estudos eclesiásticos, notável pela sua ação neste campo, atuando como vice-reitor do Seminário de N.ª Sra. Do Bom Despacho. Influenciou, durante cerca de 30 anos, toda uma geração de sacerdotes, devido às suas qualidades: «pedagogo extraordinário e psicólogo perspicaz, figura simpática, macerado asceta e professor exímio, poliglota e correspondente de grande número de institutos científicos da Europa, [...] exerceu o cargo de vice-reitor», marcando pela «alta espiritualidade e saber». Este eminente missionário veio para a Madeira em 1878 ou 1879, tendo sido já professor em Braga nos anos 1875-1878, tendo aprendido aí a língua portuguesa. Na Ilha, foi capelão do Hospício da Princesa D. Maria Amélia, trabalhou como diretor espiritual (1879-1881) do Seminário Diocesano (rua do Mosteiro Novo/Bom Despacho) e vice-reitor (primeiro: 1881-1899; e depois de regressar da Bélgica: 1902-1908), onde se destacou, segundo o testemunho dos seus alunos, pelo alto grau moral e de nível intelectual. Cf. ainda Silva, *Subsídios para a História da Diocese do Funchal*, 272-273.

Barreto<sup>11</sup>, tendo preparado e deixado uma outra geração de novos formadores<sup>12</sup>. Aí recebe a mais alta preparação, como base para seu ministério sacerdotal futuro, sendo reitor o cónego Manuel Pereira Ribeiro (futuro bispo)<sup>13</sup>. Desde 1933 até 1958, como afirma o cónego José Fiel Sousa, o Seminário da Encarnação<sup>14</sup> não ficava atrás «de qualquer outra instituição de ensino», tendo, «na docência», «uma plêiade de professores muito competentes, quer sacerdotes quer leigos»<sup>15</sup>.

### 1.1.1. O seminarista

Na sua juventude, já como seminarista, Manuel Juvenal Pita Ferreira elaborou um caderno manuscrito, ainda inédito, intitulado *Ensaio Literários*. Estes ‘ensaio’ – escritos durante os anos 30 do século XX – registam diversos tipos de textos: poemas, pequenas peças de teatro e dois outros manuscritos, intitulados *O meu primeiro discurso* e *O meu primeiro Sermão*. Estes últimos serão explorados em seguida, no nosso estudo, pois refletem a génese do seu pensamento.

### 1.1.2. Primeiros escritos do padre Pita Ferreira

No presente ponto, destacarei dois textos manuscritos do ainda jovem seminarista Manuel Pita Ferreira, o seu *primeiro sermão* (de 1933) e o seu *primeiro discurso* (de 1934).

---

<sup>11</sup> Dom Manuel Agostinho Barreto foi bispo da diocese do Funchal entre 1976 a 1911. Natural de Coentral, concelho de Pedrogão Grande (Leiria). Nasceu a 7 de dezembro de 1835 e veio a falecer no dia 26 de junho de 1911. Na conclusão da sua obra de dissertação, Carlos Almada demonstra, em síntese, o magnífico desempenho pastoral reformador da vida da Igreja do Funchal, por parte do bispo Dom Manuel Agostinho Barreto: «O episcopado de D. Manuel A. Barreto inscreve-se [...] numa época caracterizada pela reconfiguração religiosa do cristianismo, para à [sic!] qual o seu ministério muito contribuiu. De facto, no desempenho do seu múnus enquanto pastor da Igreja funchalense, participou activamente na reconfiguração eclesial e social do arquipélago da Madeira, pelo qual se torna uma figura chave para a compreensão da acção dos bispos portugueses no século XIX». Ver Almada, *O ministério de D. Manuel*, 70.

<sup>12</sup> Cf. Luís Machado de Abreu, «Presença dos Lazaristas na formação do Clero Madeirense», em José Eduardo Franco e João Paulo Oliveira e Costa (dir.), *Diocese do Funchal - A primeira Diocese Global: História, Cultura e Espiritualidades*, Volume I (Funchal: Esfera da Caos Editores, 2015), 743.

<sup>13</sup> Cf. José Fiel Sousa, «O seminário e a formação do clero», em José Eduardo Franco e João Paulo Oliveira e Costa (dir.), *Diocese do Funchal - A primeira Diocese Global: História, Cultura e Espiritualidades*, Volume I (Funchal: Esfera da Caos Editores, 2015), 752. Diz o autor, acerca da situação do seminário, em pleno início do séc. XX: «Para agravar mais a situação, o seminário do Funchal deixou de contar com os padres da Congregação da Missão, em consequência da lei de 1910, que expulsava os religiosos, que tiveram mesmo de abandonar a Madeira. Assim, nessa altura, o cónego Manuel Pereira Ribeiro [o futuro bispo!], que em 1915 iria assumir os destinos desta diocese durante 43 anos, tendo sido já professor no seminário, assumia as funções de reitor, tendo-o dirigido durante os conturbados anos de 1910 e seguintes».

<sup>14</sup> Ver Anexo 9, página 125.

<sup>15</sup> Sousa, «O seminário e a formação do clero», 753.

### a) *O meu primeiro Sermão*

Em 1933, Pita Ferreira escreve o seu primeiro sermão, que viria a ser proferido no refeitório do Seminário da Encarnação no mês de maio<sup>16</sup> desse mesmo ano. Discorre sobre a ‘passagem’ da apresentação de Jesus no Templo (Lc 2, 5-22), evidenciando a *Purificação de Nossa Senhora* e a *Apresentação de Jesus no Templo* como sinais de obediência à Lei de Deus. Este documento expõe e realça, de forma ordenada e metódica, os seguintes tópicos: a humildade de Maria<sup>17</sup>, a obediência de Jesus e o amor a Deus do velho Simeão.

A sua reflexão sugere que Deus tem sempre um projeto de salvação e sai vitorioso do pecado<sup>18</sup>. Mas o que se destaca mais, no seu texto, é a relação que estabelece entre a purificação de Nossa Senhora<sup>19</sup> e a apresentação de Jesus no Templo de Jerusalém<sup>20</sup>: trata-se de uma abordagem catequética e doutrinal. Podemos, por isso, dizer que, naquele momento, de forma embrionária, já se desenvolvia no futuro sacerdote uma tendência para a catequética. Este destaca, ao mesmo tempo, a humildade de Maria e a fundamental obediência de Jesus<sup>21</sup>: «uma das razões porque Deus se fez homem foi para nos ensinar e recomendar tão bela virtude»<sup>22</sup>.

De facto, não só se encontram os temas da humildade de Maria e da obediência de Jesus, mas também a doutrina da humanidade de Cristo<sup>23</sup>, dentro da qual o autor encaixa a temática da obediência ou *kenosis* cristológica (da carta aos Filipenses: 2, 8-9)<sup>24</sup>, onde identifica o

---

<sup>16</sup> De notar que o Seminário da Encarnação só reabriu com alunos em outubro de 1933. Tendo sido proferido o presente sermão em maio, isso indica que já antes o estabelecimento estava na posse da Igreja. Como já vimos (cf. nota 8 deste trabalho), o edifício foi restituído pelo Estado em 1927. Então, já deveria funcionar em parte. A este propósito, será oportuno recordar uma obra fundamental para o estudo da Igreja no Funchal nesta época: Cf. Padre Fernando Augusto da Silva, *Diocese do Funchal: Sinopse Cronológica* (Funchal: Tipografia Esperança, 1945), 119.

<sup>17</sup> O jovem teólogo, primeiramente, faz uma alusão ao texto do livro do Génesis, conhecido na tradição cristã como o Proto-Evangelho, na medida que anuncia a salvação depois do primeiro pecado de Adão e Eva. Pita Ferreira argumenta que Maria «não estava obrigada a este preceito». Cf. *Manuscritos: O meu primeiro Sermão*. Ver Anexo 17, página 140.

<sup>18</sup> Cf. *Manuscritos: O meu primeiro Sermão*. Ver Anexo 17, página 138.

<sup>19</sup> O autor procurou alertar os seus ouvintes para a «sublime» «lição de humildade que nos deu Maria Santíssima na Sua Purificação, mas mais sublime ainda foi a lição de obediência que Jesus nos deu nesse dia». Cf. *Manuscritos: O meu primeiro Sermão*. Ver Anexo 17, páginas 140-141.

<sup>20</sup> Cf. *Manuscritos: O meu primeiro Sermão*. «Maria Santíssima, dando à luz o seu divino Filho não estava obrigada a este preceito, pois concebera por virtude do Espírito Santo e na sua alma virginal não existia a menor mancha [...]». Ver Anexo 17, página 139.

<sup>21</sup> Cf. *Manuscritos: O meu primeiro Sermão*. «A obediência santifica o homem como a humildade o exalta e a pureza o diviniza. Amou-a Jesus, amaram-na os santos e havemos nós de amá-la se quisermos entrar no Reino dos Céus». Ver Anexo 17, página 142.

<sup>22</sup> O autor recolhe também o pensamento de Santo Agostinho, como se pode ler: «até à morte, veio o Filho do Altíssimo obedecer até á morte. Estava a Porta fechada pela desobediência de Adão, abriu-se pela obediência de Cristo». *Manuscritos: O meu primeiro Sermão*. Ver Anexo 17, página 143.

<sup>23</sup> Continuando com o pensamento de Santo Agostinho, diz sobre a humanidade de Cristo: «[...] quis-nos também mostrar o valor e o merecimento da obediência coroando-a com tão sublimada glória, ou seja, na glória da humanidade de Cristo. Cf. *Manuscritos: O meu primeiro Sermão*. Ver Anexo 17, página 143.

<sup>24</sup> Cf. *Manuscritos: O meu primeiro Sermão*. Ver Anexo 17, página 143. «Cristo fez obediente até á [sic] morte e morte de Cruz; pelo que o exaltou Deus e lhe deu um nome que está acima de todos os nomes [...]».

Calvário como «um poema de obediência»<sup>25</sup>. Para o autor, todo o cristão deve seguir o exemplo do Salvador, cumprindo as leis divinas e todos os deveres para com Deus<sup>26</sup>.

Por último, referindo-se à figura do velho Simeão, continua a sua leitura em chave catequética, relacionando o personagem com a Eucaristia<sup>27</sup>. Mais uma vez, o intuito do seminarista é doutrinário e tem em vista a configuração dos crentes aos valores e atitudes das figuras apresentadas. Como tal, assim como Simeão estreita Jesus ao peito<sup>28</sup>, assim todo o cristão, na celebração da Eucaristia, se deve aproximar também de Jesus:

Abeirai-vos, caros fiéis, da mesa santa; comungai o pão dos anjos, estreitai-o ao vosso peito com os sentimentos do velho Simeão. Contai-lhe as vossas mágoas e ele as abençoará, vos consolará; as vossas alegrias e Ele as abençoará, os vossos desejos e Ele os fecundará com a sua graça<sup>29</sup>.

Pita Ferreira, jovem seminarista, articula os seus conhecimentos da Bíblia e, certamente, se apoia na bagagem que recebe nos estudos do seminário. Mas não se limita a repetir ideias. Pode ver-se, neste seu Sermão, um pensamento e linguagem próprios e bem estruturados, o que faz dele um verdadeiro teólogo, um verdadeiro catequista.

### **b) *O meu primeiro discurso***

Nos últimos anos da sua formação como seminarista, o jovem Pita Ferreira escreveu e proferiu o seu primeiro discurso, no contexto de uma Sessão Solene, ocorrida a 11 de fevereiro de 1934 na Sede da Juventude Católica do Funchal. Tal intervenção inseria-se na celebração do 12.º Aniversário da eleição e coroação do Papa Pio XI<sup>30</sup> e, como tal, contou com a presença do bispo diocesano, Dom António Manuel Pereira Ribeiro, e das autoridades civis e do povo de Deus. Trata-se de um texto expressivo, de tipo ‘parenético’, que homenageia o Pontífice, louva o seu pensamento e a sua ação como um Papa atento à vida humana e social, que lutou pela paz, perante a ameaça de uma guerra futura, fruto de um ambiente de «crise pavorosa», devido à «ambiçã das nações»<sup>31</sup>. A sua redação recolhe o pensamento do Santo Padre e sublinha

---

<sup>25</sup> *Manuscritos: O meu primeiro Sermão*. Ver Anexo 17, página 143.

<sup>26</sup> Cf. *Manuscritos: O meu primeiro Sermão*. Ver Anexo 17, página 143.

<sup>27</sup> Cf. *Manuscritos: O meu primeiro Sermão*. Ver Anexo 17, páginas 144-145

<sup>28</sup> Pita Ferreira inspira-se na passagem de São Lucas (2, 28-35) para demonstrar a figura profética de Simeão: «trémulo, com o coração a transbordar de alegria e de reconhecimento, estreita Jesus ao peito e enquanto as lágrimas ainda palpitantes se desprendem das faces e vão cair sobre o Deus Menino, Simeão exclama: ‘Agora Senhor, segundo a vossa palavra deixareis ir em paz o vosso servo’». Cf. *Manuscritos: O meu primeiro Sermão*. Ver Anexo 17, páginas 143-144.

<sup>29</sup> *Manuscritos: O meu primeiro Sermão*. Ver Anexo 17, página 145.

<sup>30</sup> Cf. *Manuscritos: O meu primeiro discurso*: «[Foi] data memorável em que no firmamento estrelado da Igreja apareceu um astro, cuja trajetória aurifulgente tem iluminado tantos espíritos». Ver Anexo 18, página 147.

<sup>31</sup> O Papa desejava, segundo o nosso autor, «fazer reinar a paz no mundo, unificar as nações num só amor, alargar o reino de Cristo[...]». Este era «o desejo sublime, o sonho doirado dessa gigantesca figura de Pontífice». *Manuscritos: O meu primeiro discurso*. Ver Anexo 18, página 149.

inúmeros acontecimentos, fazendo uma leitura atenta dos mesmos, o que confere ao *discurso* um pendor preponderantemente histórico.

Para sublinhar a dimensão social, faz referência a documentos do magistério pontifício, a saber: a encíclica *Quadragesimo anno*<sup>32</sup> e a encíclica de carácter missionário, *Rerum Ecclesiae*<sup>33</sup>. O seminarista demonstrou ainda a vertente diplomática<sup>34</sup> de Pio XI, bem patente pelas concordatas que mediou com diversos países, bem como a *questão romana*, resolvida com o Tratado de Latrão de 1929<sup>35</sup>. O Pontífice, segundo Pita Ferreira, foi também o Papa das canonizações, pois elevou aos altares quatro grandes santos<sup>36</sup>.

O jovem seminarista destacou ainda as personalidades de outros «grandes Papas da história da Igreja», os quais, no seu entender, foram «luz do mundo» e «baluartes da fé»: «um Leão Magno»<sup>37</sup>; «um Gregório I»<sup>38</sup>; «um Inocêncio III»<sup>39</sup>; «um Leão X»<sup>40</sup>; «um Leão XIII»<sup>41</sup>; e, por fim, o Papa Pio XI<sup>42</sup> (o homenageado), um antístite notável em todos os sentidos. Como se pode perceber, a sua preleção traz a marca de uma boa retórica<sup>43</sup>.

O Papa da sua juventude – homem cheio de carisma e capacidades – foi crucial para resolver os problemas do seu tempo, libertando «a Igreja da situação criada em 1870; defendeu

---

<sup>32</sup> Nas palavras do seminarista, a encíclica foi lavrada como uma «corroboração da *Rerum Novarum* de Leão XIII [...]», um «protesto forte» de carácter social, «contra o capitalismo materialista». Cf. *Manuscritos: O meu primeiro discurso*. Ver Anexo 18, página 150.

<sup>33</sup> Neste documento, segundo expressa o nosso autor: «Pio XI expande a sua alma de Missionário e manifesta o desejo de dilatar o reino de Cristo, chamando obreiros para levarem o Evangelho e a civilização cristã à inhospita África, à vasta Ásia e à longínqua Oceânia». Cf. *Manuscritos: O meu primeiro discurso*. Ver Anexo 18, página 150.

<sup>34</sup> O Papa mediou «com a Polónia, a Lituânia, a Itália e Alemanha [...] [e] as numerosas representações e embaixadas que tem junto de si». Cf. *Manuscritos: O meu primeiro discurso*. Ver Anexo 18, página 150.

<sup>35</sup> Segundo o nosso autor, tal Tratado possibilitou o reconhecimento do «poder temporal da Igreja» e restituiu à Igreja «a pequenina cidade do Vaticano onde só o Papa tem o direito de imperar». Cf. *Manuscritos: O meu primeiro discurso*. Ver Anexo 18, página 150.

<sup>36</sup> Aí, Pita Ferreira afirma: «Uma Teresinha do Menino Jesus que pelas suas grandes virtudes mereceu o título de Taumaturga do século XX; um Gabriel Dolorata, modelo para os jovens deste século paganizado; um Cura d' Ars, glória do clero francês; um Dom Bosco, protetor da mocidade operária e tantos outros heróis que travando o bom combate neste mundo foram receber nos céus a coroa de glória que lhes era devida». Cf. *Manuscritos: O meu primeiro discurso*. Ver Anexo 18, página 150.

<sup>37</sup> Este Papa, pela sua resistência à invasão Bárbara em Roma, «desceu os degraus da Cadeira de S. Pedro e vestido com as vestes pontificais susteve às portas da Cidade Eterna a avalanche bárbara que rolando dos alpes tudo a ruínas». *O meu primeiro discurso*. Ver Anexo 18, páginas 150-151.

<sup>38</sup> Gregório I, pelo «desejo de alargar o reino de Cristo, enviou missionários à fria Inglaterra». *Manuscritos: O meu primeiro discurso*. Ver Anexo 18, página 151.

<sup>39</sup> O Papa Inocêncio III elevou «o seu pontificado ao apogeu da glória e conquistou o respeito e admiração de todos os povos». *Manuscritos: O meu primeiro discurso*. Ver Anexo 18, página 151.

<sup>40</sup> Leão X, através do «seu amor às letras e às artes deu o seu nome ao século em que viveu». *Manuscritos: O meu primeiro discurso*. Ver Anexo 18, página 151.

<sup>41</sup> Leão XIII é caracterizado pelo jovem seminarista como «o pai dedicado dos operários, o grande Pontífice da *Rerum Novarum*, a maior glória do século XIX». *Manuscritos: O meu primeiro discurso*. Ver Anexo 18, página 151.

<sup>42</sup> Pio XI foi aquele que «deu impulso aos estudos, com as suas encíclicas e constituições; socorreu os milhares de famintos que vagueiam na Rússia Vermelha; transformou o Vaticano num museu onde se admiram as grandes invenções modernas e fez refulgir de tal modo o Primado». Cf. *Manuscritos: O meu primeiro discurso*. Ver Anexo 18, página 151.

<sup>43</sup> Isto é, Pita Ferreira empolga o discurso, pela repetição da expressão «um».

os direitos desta junto do governo alemão, espanhol e italiano; resistiu heroicamente às pretensões do fascismo e obrigou a reconsiderar um Mussolini a que toda a Europa admira»<sup>44</sup>. O pensamento e a ação de Pio XI representaram, para Pita Ferreira, um grande impacto na dimensão pastoral. De tal forma que seu exemplo suscitou numerosas vocações missionárias<sup>45</sup>. Até no campo da cultura, o Pontífice se destacou: restaurou a grande Pinacoteca vaticana, guardando peças preciosas, entre as quais se contam as telas dos artistas do período do Renascimento, tais como Rafael, Giotto, Leonardo Da Vinci, entre outros<sup>46</sup>. Por fim, o seu discurso termina com o convite a que se festeje o aniversário da eleição de Pio XI «com todo o coração e alma: que o Onnipotente o conserve, o vivifique, o faça bem-aventurado na terra [...] para que governe por muitos anos [...] a barca de S. Pedro»<sup>47</sup>.

Como se pode verificar pelo que acabámos de descrever, o *primeiro discurso* do nosso jovem seminarista deve ter exigido uma pesquisa exaustiva e um estudo apurado das ações e do pensamento dos papas. Pita Ferreira revela, assim, uma capacidade de absorver e interpretar os acontecimentos históricos. Apesar das suas palavras se centrarem numa ‘elegia’ ao Pontífice, as referências que lhe faz revelam uma preocupação pelas questões históricas e sociais, algo que, na verdade, marcará o seu percurso sacerdotal, como, mais à frente, iremos aprofundar no nosso estudo.

## 1.2. Atividade entre 1935-1963 (†): Sacerdote e historiador

Aos 23 anos de idade, a 25 de agosto de 1935<sup>48</sup>, é ordenado presbítero, pelo bispo da Diocese, Dom António Manuel Pereira Ribeiro<sup>49</sup>. Nessa altura, torna-se capelão da Sé do Funchal (29 de setembro do mesmo ano) e escrivão do Juízo Eclesiástico<sup>50</sup>. O padre Pita Ferreira era um homem dotado de inúmeras qualidades, como nos testemunha um manuscrito do Arquivo Histórico da Madeira: «Escritor, Historiador, Dramaturgo e Conferencista. Colaborou no Jornal da Madeira, Eco do Funchal, Revista das ‘Artes e da História da Madeira’,

---

<sup>44</sup> *Manuscritos: O meu primeiro discurso*. Ver Anexo 18, página 151.

<sup>45</sup> Cf. *Manuscritos: O meu primeiro discurso*: «Suscitou numerosas vocações missionárias que lá vão aos milhares a anunciar a Boa Nova aos povos que ainda jazem nas trevas». Ver Anexo 18, página 151.

<sup>46</sup> Cf. *Manuscritos: O meu primeiro discurso*. Ver Anexo 18, página 151.

<sup>47</sup> *Manuscritos: O meu primeiro discurso*. Ver Anexo 18, página 152.

<sup>48</sup> Ver Anexo 2, página 118.

<sup>49</sup> Dom António Manuel Pereira Ribeiro, nascido em 16 de fevereiro de 1879, natural de Póvoa de Lanhoso e, como tal, oriundo da Arquidiocese de Braga, foi Bispo do Funchal de 1915 até 1957, sendo o seu pontificado o mais longo até ao presente naquela Diocese.

Para mais conhecimento desta personalidade, pode consultar-se o seguinte estudo: Paulo Sérgio Cunha da Silva, *D. António Manuel Pereira Ribeiro, bispo do Funchal (1915-1957): Igreja e sociedade nos inícios do século XX no Funchal*, Tese de Mestrado, Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa (2012), 8, <http://hdl.handle.net/10400.14/11668>. Está disponível online, em <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/11668/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20final.pdf> (acedido 13 de novembro de 2020).

<sup>50</sup> Cf. *Jornal da Madeira* (10.10.1963), 8. Ver anexo 33, página 193.

[e no] ‘Arquivo histórico’»<sup>51</sup>. Esta indicação faz-nos notar, desde logo, uma intensa atividade e uma vasta amplitude de competências. O seu ministério sacerdotal e ação ocorreu, também, no contexto do estabelecimento da Concordata de 1940, que permitiu à Igreja reestruturar-se após a Primeira República: vendo os seus direitos e deveres reconhecidos e os seus bens restituídos; restabelecendo relações com o Estado Novo; os seminários reabertos; o florescimento da Ação Católica; novos meios e instrumentos para a Catequese e para a ação Pastoral; novo incremento Missionário no Ultramar (pelo Acordo Missionário de 1940)<sup>52</sup>.

A 5 de agosto de 1936, é nomeado secretário interino da Câmara Eclesiástica, tendo ainda exercido outros cargos de natureza eclesiástica e cultural<sup>53</sup>. Nos primeiros anos do seu ministério sacerdotal, a partir de 1938, foi capelão da Capela de Nossa Senhora da Conceição, em Câmara de Lobos, e do Asilo da Mendicidade. A partir de 5 de abril de 1938, passou a ser coadjutor da Ribeira Brava, tendo sido transferido, a 26 de outubro de 1940, para um cargo semelhante na freguesia de São Vicente. Após um ano, no dia 1 de setembro de 1941, foi colocado como pároco no Porto Santo, onde permaneceu até fevereiro de 1945. Seguidamente, foi nomeado pároco de São Gonçalo e conseguiu ainda visitar Roma<sup>54</sup>, em 1950 (ano de Jubileu)<sup>55</sup>. Entretanto, desde 1935, assumiu também as funções de professor de História Sacra e de Pastoral, no Seminário Maior Diocesano. Note-se também a sua nomeação para «historiador da Diocese»<sup>56</sup>, pelo Bispo, Dom Frei David de Sousa. São Gonçalo foi a última paróquia que serviu, permanecendo nela até ao seu falecimento, que veio a decorrer a 9 de outubro de 1963<sup>57</sup>.

A imprensa da época atesta, por ocasião da sua morte, tudo o que acabámos de descrever e informa-nos da sua pessoa, possuidor de um vasto conhecimento e uma atividade de fôlego. Na visão de todos, Pita Ferreira, era considerado um sacerdote culto e um estudioso que

---

<sup>51</sup> Cf. *Nota biobibliográfica: Ferreira, Manuel Juvenal Pita, padre*, ABM, Cota 2-3, p. 240-244, disponível em <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=666584> (acedido a 10 de novembro de 2020). Ver Anexo 4, página 120.

<sup>52</sup> Sobre o contexto histórico a que aludimos e no qual se inseriu boa parte do ministério presbiteral de Pita Ferreira, Cf. Maria Favila Vieira da Cunha Paredes, «Padre Pita Ferreira, apóstolo na Catequese e na Cultura», em *500 Anos da Dedicção da Sé do Funchal: Fé, Arte e Património/ Um olhar sobre a Obra do Padre Pita Ferreira* (2017), 155, em [https://conferenciasmasfite.files.wordpress.com/2020/11/catalogo\\_500anos-dedicacao-se.pdf](https://conferenciasmasfite.files.wordpress.com/2020/11/catalogo_500anos-dedicacao-se.pdf) (acedido em 7 de dezembro de 2020).

<sup>53</sup> Cf. Manuel Pedro Freitas, *Câmara de Lobos: Dicionário Corográfico* (edição eletrónica), s.p., [http://www.concelhodecamaradelobos.com/dicionario/pita\\_ferreira\\_padre\\_manuel\\_juvenal.html](http://www.concelhodecamaradelobos.com/dicionario/pita_ferreira_padre_manuel_juvenal.html), (acedido a 6 de agosto de 2019).

<sup>54</sup> Cf. *Nota biobibliográfica: Ferreira, Manuel Juvenal Pita, padre*, ABM. Ver Anexo 4, página 120.

<sup>55</sup> Sobre esta informação, Cf. *Nota biobibliográfica: Ferreira, Manuel Juvenal Pita, padre*, ABM. Ver Anexo 4, página 120.

<sup>56</sup> *Jornal da Madeira* (10.10.1963), 8. Este artigo trata-se de uma homenagem ao sacerdote. N.b.: a data deste texto é do dia posterior à sua morte (9 de outubro de 1963). Ver anexo 33, página 193.

<sup>57</sup> Cf. Freitas, *Câmara de Lobos: Dicionário*, s.p.

procurou desempenhar, com brio e afinco, os cargos que lhe iam sendo confiados. A edição do *Diário de Notícias*, de 10 de outubro de 1963, refere-se ao sacerdote do seguinte modo:

Parecia ser o período mais fecundo da sua atividade apostólica e literária [...] Novo ainda, o Pe. Pita Ferreira dedicara-se aos estudos históricos nos quais se afirmava, inquestionavelmente, uma inteligência aberta para a investigação, para o trabalho de pesquisa que tanto apaixonava o seu espírito ansioso de cultura. [...] Conhecedor profundo da arte eclesiástica, foi convidado a presidir à respetiva comissão diocesana, tendo sido o inspirador, orientador e até arquiteto de algumas belas igrejas madeirenses que ficam, na elegância das suas linhas, elevando hinos ao céu e perpetuando a sua memória e pendor artístico. [...] Ele ia em busca da verdade, procurando dar novas interpretações a factos que já estavam consumados. E socorria-se dos documentos que encontrava compilando todos os que já haviam sido analisados para de novo os submeter à sua exegese<sup>58</sup>.

O mesmo *Diário da Madeira*, dois dias depois (12 de outubro de 1963), regista, sobre a sua obra: «Estudioso e trabalhador incansável, temos ainda sobre a nossa mesa [sic] de trabalho, o seu derradeiro livro de investigação história ‘A Sé do Funchal’»<sup>59</sup>.

Entre as inúmeras atividades do padre Pita Ferreira, cabe referir o cargo que ocupou como membro da Comissão Conservadora do Museu de Arte Sacra da Diocese do Funchal. Neste âmbito, destacou-se pela dedicação aos projetos de construção de algumas igrejas madeirenses, tais como as igrejas: do Garachico (no Estreito de Câmara de Lobos); de São Gonçalo (Funchal); e da Ilha (São Jorge, no concelho de Santana). Revelava, assim, um apurado sentido estético<sup>60</sup>, sobretudo no que dizia respeito às «novas Paróquias»<sup>61</sup> criadas pelo bispo Dom Frei David de Sousa<sup>62</sup>.

Aliando à sua sensibilidade artística um grande interesse pela História (era a sua área predileta), o sacerdote dedicou a sua vida à pastoral, intervindo na catequese. Como tal, editou alguns catecismos em fascículos (para um curso de formação de catequistas)<sup>63</sup> e participou na

---

<sup>58</sup> *Diário de Notícias* (10.10.1963), 1 e 8. À data, enfatizaram, também, que «Ele ia em busca da verdade, procurando dar novas interpretações a factos que já estavam consumados. E socorria-se dos documentos que encontrava compilando todos os que já haviam sido analisados para de novo os submeter à sua exegese. Bem que alguma vez a lógica do seu raciocínio estivesse em desacordo com os mestres da historiografia, o certo é que ele apresentava o seu ponto de vista, revelando assim a independência e o desassombro de seu espírito crítico». (O grifo é nosso). Ver anexo 34, páginas 196-198.

<sup>59</sup> *Diário da Madeira* (12.10.1963), 5.

<sup>60</sup> Cf. Graça Freitas e Manuela Santos, «Padre Manuel Juvenal Pita Ferreira: O Sacerdote e o historiador», *Girão: Revistas de temas culturais do concelho de Câmara de Lobos*, Volume I, n.º 3 (2.º Semestre de 1989): 77.

<sup>61</sup> Vítor Gomes, «O Pe. Pita Ferreira, Historiador e pastor na diocese do Funchal (1912-1963)», *Almanaque PEF* (2020), 60.

<sup>62</sup> Frei D. David de Sousa foi eleito bispo do Funchal, a 25 de setembro de 1957, pelo Papa Pio XII. Deu entrada, solenemente, na diocese, a 4 de dezembro desse ano até o dia 15 de setembro de 1965, sendo nomeado arcebispo de Évora. Cf. Vítor M. Baeta de Sousa, *D. Frei David de Sousa, bispo do Funchal (1957-1965): Igreja e sociedade madeirense na segunda metade do século XX*, Tese de Mestrado (Lisboa: Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, 2015), 83, <http://hdl.handle.net/10400.14/17916>.

<sup>63</sup> Trata-se do *Curso de Iniciação Catequística*, que publicou entre 1959-1962, em três partes.

fundação do Secretariado Diocesano de Catequese tendo sido, posteriormente, convidado para o cargo de diretor, assumindo funções em 1960<sup>64</sup>, entregando-se «de corpo e alma à obra de fundo que era a formação catequética e cultural do povo diocesano no âmbito do projeto reformador de D. David de Sousa»<sup>65</sup>. Neste campo, deu cursos inter-paroquiais, baseados no Catecismo Nacional<sup>66</sup>. O padre revelou uma clareza e uma compreensão tão notáveis em matéria de questões pastorais<sup>67</sup>, que «bastaria a sua obra sacerdotal no campo pastoral, pedagógico e artístico, para imortalizar-lhe a memória e propor o seu exemplo»<sup>68</sup>. A sua principal preocupação pastoral, como dissemos, denota-se na área da educação cristã, sobretudo quanto à educação e à formação das crianças e dos jovens, quer nas paróquias onde trabalhou, quer também com os Escuteiros:

O Pe. Pita Ferreira, docente e sacerdote, tinha vocação de construtor de castelos [isto é, os cenários das suas peças de teatro], ainda que tivesse passado muitas horas – provavelmente das mais felizes da sua vida –, em rústicos acampamentos ao ar livre, junto dos rapazes que ajudou a formar pelo método de desenvolvimento pessoal do Escutismo, escrevendo peças de teatro para serem por eles representadas, ou ainda rezando com eles<sup>69</sup>.

Como nota Maria Paredes, o sacerdote tinha uma «personalidade imaginativa e comunicativa, [...], criou para os seus escutas dramatizações à maneira de parábolas, imbuídas de ideal cristão»<sup>70</sup>. Publicou, com o mesmo intuito educativo, alguns folhetos de catecismos, com uma pedagogia apropriada à sua faixa etária. De resto, a sua atividade no âmbito da catequese não ficou encerrada somente no “circuito fechado” dos meios catequísticos nas igrejas ou paróquias, mas estendeu-se ao movimento dos Escuteiros, como se vê:

A atividade do Pe. Pita Ferreira no Movimento Escutista foi uma das expressões que assumiu o seu apostolado catequético, em harmonia com o espírito e a génese do Escutismo e com a realidade nacional e local [Isto] confirmam-no os títulos da sua *Biblioteca do Lobito: Catecismo – Missa das Crianças; Bíblia da Infância; O Evangelho de uma avó; Florinhas de S. Francisco; Foi aos pastorinhos que a Virgem falou; O sonho do Joãozinho;*

---

<sup>64</sup> Gomes, «O Pe. Pita Ferreira», 60.

<sup>65</sup> Paredes, «Padre Pita Ferreira», 151.

<sup>66</sup> Cf. Sousa, *D. Frei David de Sousa*, 109.

<sup>67</sup> Cf. *Jornal da Madeira* (10.10.1963), 8: o padre Pita Ferreira era um homem de «visão objetiva e actual» quanto «aos problemas pastorais»: «Nos problemas pastorais tinha sempre uma visão objetiva e actual dum modo muito particular no capítulo da catequese às crianças, para quem editou carinhosamente alguns modelos de catecismos. [...] Bastaria a sua obra sacerdotal no campo pastoral, pedagógico e artístico, para imortalizar-lhe a memória e propor o seu exemplo».

<sup>68</sup> *Jornal da Madeira* (10.10.1963), 8.

<sup>69</sup> Paredes, «Padre Pita Ferreira», 172.

<sup>70</sup> Paredes, «Padre Pita Ferreira», 173.

*Vida familiar de Jesus; História Bíblica para os meus afilhados; História Sagrada contada às crianças.*<sup>71</sup>

Outra das suas potencialidades diz respeito à sua dedicação à fotografia, usando um material sofisticado, num trabalho de parceria com o padre Alfredo Vieira de Freitas<sup>72</sup>. Destacou-se ainda na produção literária, nomeadamente pela publicação dos seus estudos históricos acerca da Ilha da Madeira, demonstrando um carácter de investigador, mediante pesquisas exaustivas e pormenorizadas, o que lhe conferiu a experiência própria de um perito na consulta de arquivos<sup>73</sup>. A sua determinação e zelo pelos estudos históricos levaram-no a arriscar e a desafiar alguns críticos da época. Porém, a sua dignidade, espírito curioso e sentido de justiça não o atemorizavam, pelo que era fiel aos seus desafios com rigor, tendo sempre em conta a veracidade de cada facto.

Na sua obra *As Notas para a História da Ilha da Madeira*, investigador afirma «querer desmentir e destruir todos os estudos feitos, nos séculos passados, por diversos escritores e historiadores que se ocuparam de descobrimento do Arquipélago da Madeira pelos saudosos navegadores portugueses, na madrugada do século XV»<sup>74</sup>, o que lhe valeu bastantes críticas. Mas o sacerdote e investigador nunca desistiu de defender as suas posições, não se envergonhando das críticas recebidas:

Escrevi [...] os meus artigos com clareza e verdade; [...] [não tive] intenção de ferir ninguém; [apresentei] na íntegra as fontes consultadas, para que os meus leitores pudessem também estudar o assunto; [discuti] ideias, e não pessoas; [...] [Mas] a Adenda e os artigos da Revista Portuguesa eram mais um ataque ao autor [Pita Ferreira] que uma crítica ao livro criticado. [...] Pondo em prática as seguintes condições: 1.º – Apresentem na íntegra as fontes; 2.º – Não façam citações sem identificá-las. 3.º – Atendendo a que a causa da discussão [se prende com] factos do século XIV, utilizem as fontes mais antigas, e não baseiem os seus trabalhos em autores contemporâneos. [...] Não percam tempo com palavrórios ou com a minha pessoa, porque já escreveram o suficiente para o público fazer uma ideia de mim, mas aproveitem todas as linhas para apresentar as suas opiniões com lealdade, ordem clareza e verdade<sup>75</sup>.

O nosso autor tinha a preocupação de consultar as fontes primárias, ao contrário de outros, que o criticavam<sup>76</sup>, mas não tinham o cuidado de citar as fontes, ou ainda citavam autores

---

<sup>71</sup> Paredes, «Padre Pita Ferreira», 174. A autora socorre-se de manuscritos do Padre Pita Ferreira, do AHDF.

<sup>72</sup> Cf. Freitas e Santos, «O Sacerdote e o historiador», 77.

<sup>73</sup> Cf. Freitas e Santos, «O Sacerdote e o historiador», 77-78.

<sup>74</sup> Manuel Juvenal Pita Ferreira, *As «Notas para a História da Ilha da Madeira»: No Pelourinho* (Funchal: Tip. Jornal da Madeira: 1959), 6.

<sup>75</sup> Pita Ferreira, *As «Notas»*, 70-72.

<sup>76</sup> Cf. Pita Ferreira, *As «Notas»*, 5-7. Nestas páginas, o autor transcreve, textualmente, as críticas recebidas, em que o «senhor Visconde» o acusa de ter saído do seminário «sem a necessária instrução nem conhecimentos

recentes, enquanto Pita Ferreira investigava nos arquivos (Torre do Tombo, Arquivo Distrital do Funchal, documentos do Cabido da Sé). O seu empenho tornou o seu percurso inesquecível, demonstrando ele uma enorme força de vontade, sempre no sentido de garantir às gerações futuras uma herança promissora, que enriqueceria a cultura tradicional, histórica e cultural das suas gentes. Este facto foi enfatizado pelo *Diário de Notícias*:

Há pois, que fazer justiça ao trabalhador incansável, ao espírito dinâmico, à vontade férrea do Pe. Pita Ferreira em realizar obra já vultosa em prol da terra onde nasceu. O seu mérito de escritor e de historiador patenteia-se, nitidamente, na vasta bibliografia que nos deixou<sup>77</sup>.

O padre Pita Ferreira foi um grande dinamizador da conservação do património artístico madeirense, tendo sido um cooperador na organização de exposições de ourivesaria sacra e de esculturas religiosas, realizadas então no Funchal, nos anos 1951 e 1954, no Convento de Santa Clara. Assinou, conjuntamente com o Engenheiro Peter Clode, os catálogos que foram editados pela Junta Geral<sup>78</sup>.

A 27 de agosto de 1966, o *Jornal da Madeira* faz referência a uma homenagem ao sacerdote, realizada pelo Concelho de Câmara de Lobos. No discurso proferido, o padre Manuel Alzirino de Abreu destacou:

O de que não resta dúvida a ninguém é que [o padre Pita Ferreira] foi um estudioso apaixonado pela história da Madeira, pelo Folclore riquíssimo das nossas aldeias, legando-nos a deliciosa e bucólica mensagem vivida pela nossa gente do *Natal na Madeira* por sinal, livro cuja enfação começara quando era ainda pároco do Porto Santo<sup>79</sup>.

Para além de textos publicados na revista *Das Artes e da História da Madeira*, no *Jornal da Madeira* e no boletim *Arquivo Histórico da Madeira*, e dos catálogos que elaborou em coautoria com Peter Clode, o padre Manuel Juvenal Pita Ferreira deixou uma vasta obra literária de teor religioso, histórico, didático-pedagógico e etnográfico, firmando o seu nome entre os grandes vultos da cultura contemporânea madeirense.

### **1.3. As principais obras históricas, pastorais e artísticas do padre Pita Ferreira**

O padre Pita Ferreira, como pudemos perceber, possuía uma personalidade multifacetada, atuando como sacerdote em diversas vertentes, tais como: a dimensão pastoral/catequética, a História e as artes (teatro, fotografia); a literatura. De seguida, vamos

---

históricos» e de ter agido por mera vaidade. Pita Ferreira rebate e demonstra ter-se fundamentado devidamente em fontes autorizadas, as fontes diretas!

<sup>77</sup> *Diário de Notícias* (10.10.1963) 5.

<sup>78</sup> Cf. Freitas, *Câmara de Lobos: Dicionário*, s.p.

<sup>79</sup> *Jornal da Madeira* (27.08.1966), 7-8.

elencar algumas obras referentes a estas áreas, desenvolvidas pelo nosso autor, podendo perceber-se uma atividade profícua e ampla.

### **1.3.1. As obras históricas: obras inéditas e estudos publicados**

Dentro do que consideramos, neste estudo, as obras históricas do sacerdote madeirense Manuel Juvenal Pita Ferreira, incluímos duas tipologias: a) Obras inéditas; b) Estudos publicados.

#### **a) Obras inéditas: peças de teatro ‘históricas’**

O jovem padre Pita Ferreira era um curioso, com uma grande vontade de conhecer e investigar os acontecimentos da História de Portugal, no intuito de compreender melhor a origem do seu país. Por ser um comunicador nato, terá sentido a necessidade de expressar o que lhe ia na alma e no seu coração como pastor. Daí que os seus conhecimentos religiosos e históricos foram determinantes para que as gerações do seu tempo e as futuras pudessem ter a oportunidade de conservar a memória dos seus antepassados. Para isso, utilizou diferentes estilos literários, nomeadamente, poemas, dramatizações, artigos, prosa e narrativa, a fim de dar ao seu leitor a possibilidade de ‘selecionar’ o tipo de texto com o qual mais se identificasse.

Neste sentido, escreve os *Ensaios Literários* (correspondentes ao primeiro caderno manuscrito) com um cunho marcadamente histórico, referente à História de Portugal, uma das temáticas que mais o estimulavam a investigar. Neste texto, podemos encontrar um conjunto de peças de teatro designadas por *Quadros históricos*, propositadamente «escritos e representados na Ribeira Brava para comemorar as datas gloriosas da Fundação e Restauração de Portugal»<sup>80</sup>, para serem apresentadas ao público, como assim veio a acontecer, em dois dias designados: 18 e 25 de agosto de 1940, tal como refere o autor nos seus manuscritos<sup>81</sup>.

Nas suas peças de teatro, o autor usa um estilo de escrita criativo, fazendo confluír a artística e a história, de forma a chegar ao coração do público mais jovem. Assim, os jovens teriam a oportunidade de compreender melhor a sua identidade histórica e cultural. Pode perceber-se aqui, mais uma vez, a preocupação do jovem sacerdote, no campo pastoral, pela educação e instrução da juventude. Se a catequese – com os cursos catequísticos – representava, para o padre, um importante meio de formação na fé, o teatro, com o seu cariz histórico, era um meio de instruir intelectualmente. Pita Ferreira soube dar importância, não só ao espiritual, mas

---

<sup>80</sup> *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 153.

<sup>81</sup> É interessante notar que, em todas as peças de teatro que formam os *Quadros Históricos*, o Padre Pita Ferreira tenha tido o cuidado de identificar, ao início, a data em que foram apresentadas, dando a entender, dessa forma, que cada uma fazia parte de um conjunto específico e, ao mesmo tempo, obedeciam à mesma lógica e intenção. Daí que tenham sido representadas em dias específicos, e de forma seguida, sem qualquer interrupção. Cf. *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, páginas 153-177.

também à formação humana. Com efeito, também na sua ação com os Escuteiros se percebia esta «o Pe. Pita Ferreira criou para os seus escutas dramatizações à maneira de parábolas, imbuídas de ideal cristão»<sup>82</sup>.

Da lavra do nosso autor, existem numerosos cadernos manuscritos, que contêm textos inéditos, escritos no decorrer dos anos 30 do século passado. Aí, encontram-se, não somente pensamentos, como autênticas obras literárias, como poemas, peças de teatro e discursos. Obviamente, referimo-nos já a alguns deles, como sejam: *O meu primeiro discurso*; *O meu primeiro sermão* – que fazem parte dos seus *Ensaios literários*. Dentro dos poemas, o sacerdote escreve os *Devaneios*<sup>83</sup>, onde evoca a saudade pela sua terra natal, durante o período de estudos no seminário.

A ação do padre Pita Ferreira entre os jovens era significativa, como se pode notar pelo contacto direto com as fontes manuscritas<sup>84</sup> do autor: estas registam muitos nomes daqueles que participavam nas peças de teatro, quando o sacerdote era coadjutor na Paróquia da Ribeira Brava. Havia um numeroso grupo de jovens, o que se depreende pelo registo de muitos intérpretes ou atores, ali residentes, que constam no guião de cada peça de teatro. Entre as peças de teatro, destacaríamos o drama *Dilatando a fé*<sup>85</sup>, em que é visível o perfil telúrico do autor, um traço típico madeirense.

As temáticas das peças de teatro são diversas, como se pode perceber pelos respetivos títulos: *Oito séculos de glória*; *Lendas das rosas*; *O sonho dos Infantes*; *O voto de Valverde*; *D. Nuno e o embaixador*; *Dilatando a fé*; *Dilatando o império*; *D. Filipa de Vilhena*; *A conjuração*; e *Apoteose*.

A peça *Oito séculos de glória* leva a cena o monumento do Castelo de Guimarães, cuja importância é realçada, dado que ali, o berço da Nação, nasceu o primeiro rei de Portugal e vieram ao mundo outros heróis, que a levaram aos quatro cantos do mundo. Neste sentido, e de modo bastante criativo, o autor cria personagens que dialogam entre si e transmitem a História de Portugal. Tais personagens são: o transeunte; os lusitos; e Portugal. O transeunte dirige-se aos lusitos: «Dentro daquelas paredes nasceu D. Afonso Henriques e viveu D. Henrique, Egas

---

<sup>82</sup> Paredes, «Padre Pita Ferreira», 173.

<sup>83</sup> Veja-se aqui uma quadra do poema *Devaneios*, presente no manuscrito *Ensaios literários*: «São saudades do passado/Do meu lar idolatrado/Que jamais hei-de esquecer;/Da minha aldeia natal, /Dêsse jardim divinal, /Onde desejo morrer [sic]». Cf. *Manuscritos: Devaneios*. Ver Anexo 16, página 135.

<sup>84</sup> Cf. *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, páginas 153-177.

<sup>85</sup> Cito um excerto da peça de teatro *Dilatando a fé*: «Eu nasci, além dos mares, numa terra sem igual, onde o céu é sempre azul e os campos estão sempre em festa [...]. Numa terra abençoada, onde os rouxinóis cantam em noites de lua cheia e os arroios murmuram canções que a música não pode traduzir. Terra bendita, que deixei tão longe por Deus e pela pátria, que guarda no seu seio as cinzas dos meus avós e onde rezam por mim os meus irmãos, crianças como vós, e uma santa velhinha a quem tenho a dita de chamar mãe». Cf. *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 170.

Moniz, o Lidadôr e tantos outros heróis»<sup>86</sup>. Durante o diálogo, ambos partilham o seu amor inexplicável pela pátria. Esta foi a forma encontrada pelo próprio autor para destacar os feitos dos portugueses, referindo nesta obra, através da criação de uma personagem denominada de Portugal: «Meus filhos. Sou Portugal. [...] Benditos, porque alimentais nas vossas almas a chama sagrada da Pátria»<sup>87</sup>. De forma personificada, Portugal toma a palavra e conta a sua própria história, a pedido do transeunte e de todos os lusitos, os quais lhe conclamam: «Fala-nos, Fala-nos»<sup>88</sup>. E Portugal não hesita:

Era numa tarde de Junho de 1140 no Castelo de Guimarães reinava grande animação. Cavaleiros, infantes, gente do povo e membros do clero acabavam de voltar dos campos de batalha e ali estavam com o Afonso Henriques dando largas à sua alegria e ansiosos por saudar a Pátria que haveria de nascer e por aclamar o rei que a deveria governar<sup>89</sup>.

Outra obra dramática é *A Lenda das rosas*. Esta retrata o mítico Milagre das Rosas acontecido com a Rainha Santa, no período do reinado de D. Dinis. Depois de El-Rei declamar um cantar de amigo, na qual faz referência às flores e à sua amada rainha, este questiona-a sobre o que esta transporta no seu avental, dizendo:

Será porventura o oiro de que tanta necessidade tem a nação para abrir estradas, semear o pinhal de Leiria, desenvolver o ensino e proteger a agricultura? Dai aos pobres o pão e a fruta que ficam da nossa mesa mas poupai o oiro que tanto preciso para bem de Portugal. Deixai-me vê o que levais aí<sup>90</sup>.

É neste diálogo entre o Rei e a Rainha D. Isabel de Portugal que se sucede o dito milagre da transformação de pães em rosas.

Pita Ferreira escreve e leva a cena mais uma peça, *O Sonho dos Infantes*. Esta retrata um diálogo entre D. Filipa, sua mãe e seus quatro filhos, D. Duarte, D. Pedro, D. Henrique e D. Fernando sobre os seus objetivos futuros. Cada príncipe caracterizou o seu próprio destino: D. Duarte apresentou o seu desejo de «[...] ser um rei como meu pai; ter um coração grande para enxugar as lágrimas dos que sofrem e coragem suficiente para conquistar novas terras aos infieis, fazendo Portugal maior»<sup>91</sup>; D. Pedro, por sua vez, demonstra a sua vontade em ser sábio<sup>92</sup>; D. Henrique teve um sonho: «Pensei, então, conquistar o mundo inteiro oferecido a Portugal. Mandeí caravelas cruzar o mar à busca de novas terras e capitães valorosos para

---

<sup>86</sup> *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 156.

<sup>87</sup> *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 156.

<sup>88</sup> *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 156.

<sup>89</sup> *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, páginas 156-157.

<sup>90</sup> *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 159.

<sup>91</sup> *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 161.

<sup>92</sup> Cf. *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 162.

governá-las. [...] Quando o sol da manhã me fez abrir os olhos, Portugal era o maior império que até hoje o sol alumiou»<sup>93</sup>; e D. Fernando diz: «Senhora quero combater por Deus e pela Pátria e, se necessário fôr morrer por ambos»<sup>94</sup>.

*O Voto de Valverde* é outro texto onde o autor faz referência a D. Nuno Álvares Pereira e ao seu papel decisivo na vitória da batalha de Aljubarrota, retratando-o como um grande herói e justificando o seu título de grande condestável do reino. Este convida aos demais personagens – Rui Mendes, Diogo Sanches, Mena Rodrigues, Vaz d’Almada: «é necessário mais um esforço para salvar a independência de Portugal. Combatei valorosamente, lembrados de que Deus e Virgem estarão por vós e farão com que a mesma força que vos animou nos outros combates vos encha de coragem agora»<sup>95</sup>. No final desta obra, o autor utiliza a personagem de D. Nuno para fazer um apelo, em forma de oração:

Meu Deus, são tantos os castelhanos, que se batem nestes campos de Valverde, que sem o vosso auxílio nada poderemos fazer. Virgem Santa, Padroeira de Portugal, protegei as hostes lusitanas e, se sairmos vitoriosos deste combate, levantar-vos-hei um convento em Lisboa e sôbre esta couraça vestirei o hábito carmelita<sup>96</sup>.

Na peça *D. Nuno e o embaixador*, D. Nuno, após a batalha de Aljubarrota, com uma incrível vitória de Portugal perante o reino de Castela, que muito o honrou, converteu-se num religioso carmelita. Cumpria assim a promessa que fizera a Nossa Senhora e aumentou ainda mais a fama de santidade que tinha, com as suas obras de caridade, ao distribuir sopas aos mais pobres. E certo dia, estava Frei Nuno no convento, quando se deparou com uma visita um tanto ou quanto inesperada do embaixador de Castela. O frade então deixa-o entrar, a fim de ouvir o que tinha para lhe dizer. Primeiramente, o embaixador enalteceu os feitos ilustres de D. Nuno na batalha, considerando-o «o grande Contestável de Portugal, o vencedor de Aljubarrota, dos atoleiros e de Valverde?!!»<sup>97</sup>. Com o desenrolar do diálogo e com um tom irónico e desafiante, questiona-o acerca da sua valentia e bravura, pois julgava que D. Nuno, por ter desaparecido com a oração e a penitência durante aqueles anos todos no convento, tivesse perdido todos os seus dotes de batalha. Frei Nuno, extremamente ofendido com estas palavras, retirou imediatamente o seu hábito de religioso carmelita e apresentou-lhe uma carcaça que trazia sobre ele, demonstrando que o seu dom de guerreiro jamais desaparecera. Seguidamente, proferiu as seguintes palavras: «Sairei deste convento e despirei esta mortalha, quando as tropas de Castela

---

<sup>93</sup> *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 162.

<sup>94</sup> *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 162.

<sup>95</sup> *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 164.

<sup>96</sup> *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 164.

<sup>97</sup> *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 167.

invadirem Portugal»<sup>98</sup>. E com isto, D. Nuno Álvares anunciou que, caso Castela decidisse invadir Portugal, estaria disposto a voltar a proteger a Pátria, como outrora. Verificamos como o padre Pita Ferreira sabia usar da sua imaginação para passar uma mensagem, e aqui, concretamente, a mensagem da História de Portugal: por meio de uma situação ‘imaginada’, consegue prender a atenção dos assistentes para os instruir.

Noutra peça de teatro, denominada *Dilatando a fé*, o sacerdote escreve um diálogo entre doze crianças da tribo «Peles Vermelhas»<sup>99</sup> e o franciscano «padre Luiz»<sup>100</sup>. As crianças são distinguidas, no guião do texto, por números («Criança n.º 1», etc.), iniciando-se o diálogo por uma das crianças índias – o Pele Vermelha n.º 1 –, que confessa ter atingido com o seu arco um passarinho, acabando este por morrer. As outras crianças (na voz do Pele Vermelha n.º 3), ao ouvir o seu relato, questionam-na: «Morreu cruel, não te lembraste de que o Pe. Luiz nos recomenda o amor aos passarinhos [?]», ao que o Pele Vermelha n.º 1 responde: «Lembrei-me, mas não resisti à tentação». Depois disso, o padre Luiz aparece e as crianças ficam muito felizes, pois o mesmo tinha cumprido a sua promessa de vir naquele dia, e os pequenos tinham pelo sacerdote uma grande estima. Em seguida, sentaram-se em semicírculo para dar início à lição do catecismo. O tema da catequese centrava-se na criação do Céu e da Terra e as crianças ficaram estupefactas, pois reconheceram a grandeza e a generosidade de Deus, afirmando que era maior que Sambo (o chefe da tribo). Assim sendo, perguntaram o que poderiam fazer para ser amigas de Deus, tendo-lhes respondido o Padre Luiz: «Rezai, meus filhos, a oração une-nos a Ele»<sup>101</sup>. Então, as crianças fizeram o pedido seguinte: «Pe. Luiz... ensine-nos a rezar»<sup>102</sup> e o franciscano assim o fez. Seguidamente, o padre, acarinhado pelas crianças, descreveu a sua terra natal (Portugal) e o propósito da sua missão como franciscano em terras longínquas. Nesta peça de teatro, o padre Pita Ferreira soube ‘explicar’, de forma pedagógica, os conteúdos da fé, transmitindo-a durante a peça, mediante as deixas do padre Luiz, que tinha o papel de civilizar as crianças e de lhes ensinar o Evangelho.

*Dilatando o Império* é outra das obras teatrais de Pita Ferreira onde podemos observar o diálogo ocorrido entre um pai e um filho no cais de um porto, assistindo à ida das naus e das caravelas para ‘as Áfricas’, durante o período das descobertas marítimas, em pleno século XV. Na peça, o pai relata a importância e o motivo do descobrimento de novas terras, como também,

---

<sup>98</sup> *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 167.

<sup>99</sup> *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 168.

<sup>100</sup> Nas didascálias, o padre Pita indica a sua intenção de, na Cena II, entrar o «padre Luiz» com «hábito franciscano trazendo os peles vermelhas (n.º 11 e 12) pela mão». *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 168.

<sup>101</sup> *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 169.

<sup>102</sup> *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 169.

glorifica a audácia, bravura e coragem dos navegadores, deixando para trás a saudade e a mágoa da ‘perda’ dos seus entes queridos, pelo amor à Pátria:

Meu filho. Dilatando a fé e o império, lá vão naquelas caravelas os marinheiros de Portugal. Que sacrifícios heróicos fizeram!!! Pela Pátria tudo deixaram – pais, esposas, noivas, filhos, aldeias e até os poucos bens que adquiriram com o seu suor. E lá vão levando o coração a sangrar com a saudade e deixando em casa os entes que lhe são caros envoltos na mais dolorosa soledade. Quando as tempestades os atormentam; quando as calmarias os aborrecem ou quando se recordam dos seus, cantam canções que só os Lobos do mar sabem cantar. Meu filho resemos [sic] pelos marinheiros da Pátria: Peçamos à Virgem Maria que proteja as nossas naus e faça com que os marinheiros lusitanos voltem gloriosos a Portugal<sup>103</sup>.

Esta peça de teatro realça o crescimento do império português, em tempos dos descobrimentos marítimos. O nosso autor, Pita Ferreira, enaltece o povo português, que queria conquistar o mundo e fazer história em terras desconhecidas com o propósito de civilizá-las e introduzi-las na sua própria cultura, transmitindo às crianças, através do teatro, a identidade de um povo.

A peça *D. Filipa de Vilhena* integra o conjunto das obras dramáticas que temos vindo a descrever e se inserem numa intenção educativa e histórica do autor. Esta retrata uma mãe e os seus dois «filhos crianças»: D. Jerónimo de Ataíde e D. Francisco Coutinho. O cenário apresenta D. Filipa de Vilhena numa nobre sala, na presença dos seus filhos legítimos, falando sobre as grandes vitórias enfrentadas no passado por Portugal. Nesse contexto, a Rainha manifesta o seu descontentamento: «Portugal não pode ficar mais tempo sob o jugo de Castela»<sup>104</sup>, pois considera estritamente necessário recuperar a independência de Portugal. Nesse sentido, declara: «Hoje às nove horas ou Portugal volta a ser independente ou morreremos todos»<sup>105</sup>. E, por isso, convida os seus descendentes a serem corajosos e astutos e que tenham perseverança, para que «a Pátria de D. Afonso Henriques e de D. Nuno Álvares volte a ser livre e gloriosa». E acrescenta: «Quero armar-vos cavaleiros. Cingireis as mesmas espadas que cobriram vossos avós de glória. Ai de vós se as desonrardes. Que Deus vos auxilie e que volteis vitoriosos dos campos de batalha»<sup>106</sup>. Seguidamente, prossegue com um ‘ritual’, suplicando a Deus para que os seus filhos honrem a memória dos seus<sup>107</sup>. Vemos que a

---

<sup>103</sup> *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 171.

<sup>104</sup> *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 172.

<sup>105</sup> *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 172.

<sup>106</sup> *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 173.

<sup>107</sup> D. Filipa de Vilhena prosseguiu com uma nobre proclamação, afirmando o seguinte: «Ajoelhai, meus filhos. [...] Vossos pais foram armados cavaleiros nos campos de batalha por braços de Reis e com espadas de grandes capitães. Vós sois armados pela vossa mãe que, ainda há pouco, vos acalentava junto ao peito. Contudo, sereis

personagem, isto é, D. Filipa acredita no potencial dos seus filhos, entregando-lhes, de certo modo, o futuro da nação. A oração que esta profere pode significar a intenção, por parte do autor, de instruir sobre a importância de ter fé: só a fé, a coragem e valentia podiam salvar Portugal do domínio de Castela. No fundo, Pita Ferreira, ao mesmo tempo que explica a História, não deixa de apelar aos valores da moral e da fé, que acompanharam o desenvolvimento da Nação. A sua intenção é a de recordar que tais valores fazem parte na identidade do povo português e devem continuar a animar o nosso presente.

A peça denominada *A Conjuração* leva-nos a outro momento da História de Portugal, em que se assistia ao enfraquecimento desta Nação face a Espanha. No desenrolar da obra, ocorre um diálogo entre várias entidades diplomáticas do País, nomeadamente entre: Antão d'Almada, Miguel de Almeida; Jorge de Melo; Pedro de Noronha; António Saldanha; e João Pinto Ribeiro. Realça-se o perigo em que se encontravam todos os portugueses, ante as ameaças dos espanhóis. Após a ida à Catalunha, os personagens aperceberam-se, pela via diplomática, de que havia um pretexto espanhol: «para sufocar a revolta e reduzir Portugal à impotência»<sup>108</sup>. Os representantes portugueses, por seu lado, procuraram tomar medidas urgentes para defender a sua pátria, no entanto, lamentavam a ausência da glória e o esplendor de tempos de outrora<sup>109</sup>. É então que Miguel de Almeida entra em cena e, com muita inspiração, levanta a voz:

Não percamas as esperanças. Somos poucos mas seremos os suficientes para ressuscitar a pátria. Albuquerque sozinho conquistou o Oriente, nós, que dele herdamos o valor salvaremos Portugal... Esperemos a resposta do Duque de Bragança que Pedro de Mendonça nos há-de trazer<sup>110</sup>.

De facto, o drama demonstra como os fidalgos procuraram o apoio do Duque de Bragança para estar à frente da revolta, uma vez que representava a coroa de Portugal. Um destes entusiasma-se, na esperança de que se desse nesse dia a ascensão de Portugal, dirigindo-se aos representantes do Reino: «Hoje mesmo Portugal será independente. O Duque de Bragança está resolvido a tomar a chefia da Revolta mesmo que isso lhe custe a vida»<sup>111</sup>. Assim,

---

dignos de vossos maiores. [...] D. Jerónimo d'Ataíde, D. Francisco Coutinho em nome de Deus e de Portugal eu vos armo cavaleiros. [...] Tomai estas espadas [...] e não as desembainheis se não em defesa da Religião e da Pátria. [...] Que Portugal seja independente. [Os candidatos disseram:] Assim esperamos». *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 173.

<sup>108</sup> *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 175.

<sup>109</sup> A personagem Antão de Almada descrevia a situação crítica que Portugal atravessava: «Os nossos fidalgos são arrastados para Espanha e até o próprio povo parece que já perdeu a alegria... As nossas colónias conquistadas à custa de tanto sangue e heroísmo são roubadas pelos estrangeiros... Pobre Portugal... Parece que com Camões, o canto da tua História desceste à sepultura». Cf. *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 175.

<sup>110</sup> *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 175.

<sup>111</sup> *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 176.

Portugal sentiu-se apoiado pelo duque de Bragança e pelo seu exército, na recuperação da sua independência.

Todas as peças acima descritas foram apresentadas em dias diferentes, como já dissemos: a 18 e a 25 de agosto. A iniciativa de organizar estes eventos tinha um objetivo didático, o que se encaixa muito bem na figura do Padre Pita, empenhado como foi no estudo e na investigação histórica e um preocupado pela formação humana e catequética dos jovens e das crianças. As peças de teatro seguem a mesma direção.

O último dia dos espetáculos foi brindado com a declamação do poema *Apóteose*, na qual participaram todos os elementos atuantes dos *Quadros históricos*, glorificando Portugal e os seus feitos<sup>112</sup>: «Portugal é lindo/ Da montanha ao vale/ Como um sol sorrindo/ Viva o nosso Portugal»<sup>113</sup>.

Além dos textos já mencionados, existe um segundo caderno manuscrito, intitulado *Quadros históricos*. Trata-se de um segundo conjunto de textos, que se distingue e não deve ser confundido com o apartado dos *Ensaaios literários*, apartado esse com o mesmo nome. Este segundo caderno inclui, não só as peças de teatro já referidas, mas também outras semelhantes, porém com outro tipo de abordagem histórica. Foram levadas a palco numa efeméride, como escreve, na primeira página, o próprio padre Pita Ferreira: «nas Festas Centenárias de 1940 na Ribeira Brava»<sup>114</sup>.

### **b) Outras obras não publicadas: estudos históricos e conferências pastorais**

Devido à sua morte prematura, em 9 de outubro de 1963, o Padre Pita Ferreira deixou outros trabalhos, que não teve a oportunidade de ver publicados em vida. Dessa lista, devemos salientar os seguintes estudos:

- a) *O Infante D. Fernando, Terceiro Senhor do Arquipélago da Madeira;*
- b) *Notas para a História de Santa Cruz;*
- c) *Achegas para a História do Arquipélago da Madeira;*

---

<sup>112</sup> Excerto recitado por uma criança vestida de branco, enquanto todos cantavam a quadra inicial: «Amo-te ó minha Pátria, meu nobre e querido Portugal. Tu és a terra de meus pais e de meus irmãos, a terra abençoada pela natureza entre as terras. Tu és a mãe dos navegadores e dos civilizadores, dos grandes homens que fundaram tantas cidades esplêndidas além dos mares. As tuas aldeias são floridas, as tuas cidades laboriosas, as tuas montanhas serviram de guarida aos heróis. As aves preferem o teu céu, o fruto a tua terra abençoada e eu amo os teus poentes onde os meus avós se inspiraram. Amo-te ó minha Pátria, ó meu querido Portugal». Cf. *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 177.

<sup>113</sup> *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 19, página 177.

<sup>114</sup> *Manuscritos: Quadros históricos*. Ver Anexo 20, página 178.

d) *História da Diocese do Funchal*<sup>115</sup>, uma obra inacabada e inédita<sup>116</sup>.

Ao longo da sua vida, o padre Pita Ferreira foi convidado a proferir algumas conferências, como vários conferencistas. Diferentemente dos demais, os seus textos não foram publicados no *Jornal da Madeira*<sup>117</sup>, como era, na época, habitual fazê-lo. Estas intervenções incluem temas no âmbito pastoral.

Entre estas intervenções, nomeamos as seguintes:

- a) uma conferência sobre «Leão XIII e a Questão Social», apresentada em 1941, onde aprofundou a situação da sociedade da época, tendo por base a encíclica *Rerum Novarum*;
- b) uma ‘palestra’ (1945) dirigida às Conferências de São Vicente de Paulo, intitulada *A época atual e o ideal vicentino* (será abordado no Capítulo III do nosso estudo).

### c) Estudos publicados

De entre as obras publicadas pelo padre Pita Ferreira, – além das publicações em revistas da época – podemos ter acesso **aos livros**:

- a) *O Natal na Madeira: Estudo folclórico* (1956);

---

<sup>115</sup> Cf. No *Jornal da Madeira* (10.10.1963), na página 8, encontramos a referência de que Pita Ferreira fez um estudo de grande valor histórico sobre a história da Diocese do Funchal, realizado a pedido do Senhor Bispo, que o nomeou historiador da Diocese. Este dado suscitou a minha investigação, em diversos arquivos, a saber: a Biblioteca Municipal do Funchal, o Arquivo Regional da Madeira, o Arquivo do Seminário Maior de Nossa Senhora de Fátima e no AHDF. Foi neste último arquivo (AHDF) que obtivemos informações. Segundo a D.ra Maria Paredes (que contactámos via e-mail – ver Anexo 23, páginas 181-182), existe, não uma «obra», mas «Apontamentos históricos», os quais, efetivamente, encontramos, por fim, no mesmo Arquivo (AHDF) dentro de 2 caixas, que contêm o seguinte: 1) Capas (catalogadas), com folhas datilografadas (escritas à máquina), com apontamentos concernentes às seguintes Paróquias: Achadas da Cruz (Capa 1); Arco de São Jorge (Capa 2); Canhas (Capa 4); Caniço (Capa 5); Confraria do S.S.S. da Sé catedral (Capa 6); Faial (Capa 9); Fajã da Ovelha (Capa 10); Ponta Delgada (Capa 17); Ponta do Sol (Capa 18-19); Porto Moniz (Capa 20); Quinta Grande e Campanário (Capa 22); Ribeira Brava (Capa 23); Santa Cruz (Capa 24); São Gonçalo (Capa 25-26) e São Jorge (Capa 27). Veja-se, por exemplo, o ‘caso’ de três paróquias: Ver Anexo 37, páginas 215-217.

2) Nessas caixas, além das capas, há outros apontamentos manuscritos, com referência: à História da Sé do Funchal; Inventário da Arte Sacra da Sé; e ainda outros subsídios.

Destaco, resumidamente, o que me disse a Dra. Maria Paredes, que dá apoio como técnica no Arquivo Regional e no AHDF (por correio eletrónico): 1) confirmou que «o Arquivo Histórico da Diocese está hoje de posse das pastas de Apontamentos históricos do P. Pita Ferreira e dos cadernos de documentos copiados por Nuno de Freitas Lomelino»; 2) No entanto, diz que «O P. Pita Ferreira não deixou, que eu saiba, uma "História da Diocese do Funchal" inédita - no sentido de uma obra de síntese. É possível que tivesse tido o projeto de apresentar ao público uma síntese do muito que escreveu - e publicou -, aprofundando diversos e importantes aspectos da história diocesana. [...] Se o P. Pita Ferreira tivesse na forja uma "História da Diocese do Funchal" global, é de crer que o Eng.º Clode o soubesse e referisse nesta homenagem ao seu amigo». Pode-se concluir, então, que tal obra, se estava na mente do sacerdote, não existem ainda documentos que comprovem a sua preparação concreta.

<sup>116</sup> Ver Anexo 37, páginas 215-217.

<sup>117</sup> Após uma pesquisa detalhada e minuciosa no Arquivo Regional da Madeira, onde investiguei todos os números do *Jornal da Madeira* relativos aos meses de maio, de junho, de julho e de agosto do ano de 1941, percebi estarem publicados os textos de outros dois conferencistas – a saber: o doutor e padre Agostinho Gomes e o cônego Fulgêncio de Andrade (padre, conferencista, professor e jornalista – foi professor do padre Pita Ferreira!) –, mas não os do padre Pita Ferreira. Por isso, parece-me pertinente mencioná-los no presente estudo. Cf. *Jornal da Madeira* n.º 54 (maio de 1941), em *Arquivo Regional da Madeira*.

- b) *Arquipélago da Madeira; Terra do Senhor Infante* (1959);
- c) *O infante D. Henrique e a descoberta e povoamento do Arquipélago da Madeira* (1960);
- d) *Curso de iniciação catequística*, composto por três fascículos (1959-1962);
- e) *A Sé do Funchal* (1963);
- f) *O Arquipélago da Madeira: Terra do Senhor Infante* (1959);
- g) *As «Notas para a História da Ilha da Madeira» no Pelourinho* (1959);
- h) *A Santa Missa: Diálogo para formar as crianças da catequese no espírito com que hão-de assistir ao Santo Sacrifício da Missa* (1955)<sup>118</sup>;
- i) *O mais belo presente da Primeira Comunhão* (1957);
- j) *Notas para a História da Ilha da Madeira. I Volume: Descoberta e início do povoamento* (1957);
- k) *A Santa Missa* (1961)<sup>119</sup> ('bilingue': latim-português);
- l) *A «Relação» de Francisco Alcoforado* (1961).

Pita Ferreira elaborou, também, vários artigos de carácter pastoral e histórico, publicados pela revista *Das Artes e da História da Madeira*:

- a) *A oração dos simples* (n.º 16 - 1953)<sup>120</sup>;
- b) *Notas para a história da freguesia de Santa Cruz* (em vários números: n.º 8/9 – 1951; n.º 10/11/12/13 – 1952; n.º 14/15 – 1953; n.º 17/18 – 1954; n.º 19/20/21 – 1955; n.º 28 - 1958; n.º 29 - 1959);
- c) *A Ordem Seráfica da Madeira* (n.º 32 - 1962);
- d) *A Capela do Senhor Jesus e o seu retábulo* (n.º 6 – 1951);
- e) *A Ourivesaria sacra da Igreja Paroquial de S. Gonçalo* (n.º 7 – 1951; n.º 25 - 1957);
- f) *Notas para a História da Ilha da Madeira - Descoberta e início do povoamento* (n.º 22/23/24 - 1956);
- g) *O caso de Machim à face dos documentos* (n.º 25/26/27 – 1957);
- h) *Artistas Madeirenses* (n.º 30 - 1960);

---

<sup>118</sup> Esta obra devocional aborda as diferentes orações que constituem a celebração eucarística.

<sup>119</sup> Infelizmente, durante a minha investigação, deparei-me com a inexistência desta obra em suporte escrito.

<sup>120</sup> Nesta obra, o autor procura fazer referência a um estudo de diversas orações populares recitadas pelo povo madeirense, de diferentes paróquias: «São, sem dúvida, as mais santas que os lábios humanos podem e devem pronunciar, porque são as preces da grande família cristã e expressam o sentir da Igreja». Cf. Manuel Juvenal Pita Ferreira, «Oração dos simples», *Revista das Artes e da História da Madeira* vol. III n.º 16 (1953): 21-26. A revista foi composta e impressa na Tipografia *Jornal da Madeira*, Funchal.

i) *A relação de Francisco Alcoforado* (nº 31 – 1961).

Foi, ainda, coautor dos catálogos organizados para as exposições *Ourivesaria Sacra*<sup>121</sup> e *Esculturas Religiosas*<sup>122</sup>, em 1951 e 1954, respetivamente, realizadas no Convento de Santa Clara.

Como pudemos observar, o padre Pita Ferreira ficou conhecido como um grande pastor e historiador, considerado uma figura excepcional pela sua arte na escrita. As suas obras e investigações não foram somente de cariz histórico, mas também pastoral e cultural, sendo que, em tudo o que estudou – mesmo o relativo à cultura e às tradições da Ilha da Madeira, que o viu nascer e tanto prezava, e, por isso, fazia questão de a dar a conhecer às gerações vindouras – deu sempre um cunho pastoral: era, acima de tudo, um pastor de almas, um sacerdote. Toda a sua atividade servia a este fim.

#### 1.4. Síntese do Capítulo I

O Capítulo I do nosso trabalho, intitulado «Vida e obra do padre Manuel Juvenal Pita Ferreira: um padre madeirense na primeira metade do século XX», contém, num primeiro momento, informações sobre as origens e a formação do padre Pita Ferreira, enquanto seminarista, incluída a referência e observação de dois manuscritos desse tempo, a saber: a) *O meu primeiro sermão* e b) *O meu primeiro discurso* – ambos reveladores de uma precoce apetência e inclinação ao estudo da história e da dedicação à doutrina e catequese. Registamos, de igual modo, a atividade do já sacerdote, a partir de 1935 – recebendo cargos de grande responsabilidade, tais como juiz no tribunal eclesiástico – até à sua morte. O seu sacerdócio foi marcado por um intenso dinamismo, em várias vertentes e âmbitos, tendo sido: pároco; historiador por ‘conta própria’ como autor de obras de referência; um sacerdote empenhado na cultura e na formação catequética de jovens e crianças; reformador dos cursos de catequese; um pastor dedicado. Nesse sentido, encontram-se pontualizadas o que entendemos como suas «principais obras históricas, pastorais e artísticas», contando-se obras inéditas e estudos publicados. É neste domínio que se inserem as suas investigações sobre o *Natal na Madeira* e *A Sé do Funchal*.

---

<sup>121</sup> O livro *Catálogo ilustrado da Exposição de Ourivesaria Sacra* permite que os estudiosos de arte possam tomar conhecimento, sobretudo, da Arte Antiga, tendo em que os objetos que se encontravam em exposição são, maioritariamente, pertencentes aos séculos XV, XVI, XVII e XVIII. Cf. Luiz Peter Clode e Manuel Juvenal Pita Ferreira, *Catálogo ilustrado da Exposição de Ourivesaria Sacra* (Funchal: edição da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, 1951).

<sup>122</sup> A obra *Exposição de Esculturas Religiosas* foi organizada por uma comissão e presidida pelo Bispo D. António Manuel Pereira Ribeiro, onde foram expostas algumas esculturas religiosas de templos e capelas da diocese do Funchal a fim de mostrar o valor da arte, sendo também este, um reflexo do valor da fé dos nossos antepassados. Segundo o autor, «há motivo para se poder comparar as imagens apresentadas, que definem bem a evolução da escultura religiosa no decorrer dos séculos». Cf. Luiz Peter Clode e Manuel Juvenal Pita Ferreira, *Exposição de Esculturas Religiosas* (Funchal: edição da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, 1954), 9.

## CAPÍTULO II

### PADRE PITA FERREIRA, UM HISTORIADOR MADEIRENSE

#### O eclesiástico intelectual: da história eclesiástica e as tradições

No presente Capítulo, iremos focar os estudos feitos pelo padre Pita Ferreira no âmbito da História. Pode perceber-se a sua procura constante pelo saber, nomeadamente no que dizia respeito à História de Portugal, às origens e tradições da ilha da Madeira e da diocese do Funchal – onde destaca as fortes influências da Ordem Seráfica (franciscana) e da Ordem de Cristo. Mas tudo isso servia a um único fim: pela cultura, chegar à compreensão das raízes mais profundas do povo madeirense, sendo a fé um dos valores mais vinculados na formação das suas gentes.

#### 2.1. A religiosidade popular como caminho de evangelização

O padre Manuel Juvenal Pita Ferreira investigou, a meados do século XX, as raízes e as expressões da religiosidade popular na Ilha da Madeira. Dedicou o seu ministério sacerdotal a este trabalho de investigação, por iniciativa pessoal, a fim de melhor entender os valores marcantes da cultura religiosa dos madeirenses. Não era historiador de formação, mas soube perscrutar a história, para melhor perscrutar e alcançar o povo de Deus.

##### 2.1.1. Um estudo folclórico – *O Natal na Madeira (1956)*

No ano de 1956, o sacerdote chega a publicar uma obra notável, no seu tempo, um livro de suma importância: *O Natal na Madeira: Estudo Folclórico*. Esta obra exigiu uma elaboração muito cuidadosa de cada um dos assuntos em torno da religiosidade popular na Madeira. Deste trabalho verificamos que o investigador se distinguiu com a responsabilidade de descrever tudo o que envolve a matéria cultural da ilha. Na obra, encontramos a seguinte dedicatória manuscrita, pelo próprio punho do autor, a qual demonstra a causa da sua inspiração do seu trabalho: «Aos meus pais. Foi a saudade dos natais passados junto de vós que me levou a escrever este livro, por isso o ofereço com todo o meu coração. S. Gonçalo 25.12.1956»<sup>123</sup>. Na introdução, revela, claramente, o desejo de escutar a alma do povo durante a época natalícia na Madeira e solicita a todos os leitores interessados a não procurarem nas suas páginas «enredos apaixonantes ou de estilo burilado»<sup>124</sup>, mas a encontrarem, sobretudo, o «encanto nas coisas simples do nosso povo, no seu viver e sentir, nas suas rezas e festas, nas suas cantigas e músicas,

---

<sup>123</sup> Manuel Juvenal Pita Ferreira, *O Natal na Madeira: Estudo Folclórico* (Funchal: Edição da Junta Geral do Distrito Autónomo, 1956), s.p. Ver Anexo 10, página 126.

<sup>124</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 7.

nos seus jogos e costumes»<sup>125</sup>. O padre Pita Ferreira presenteou os seus leitores com uma visão ampla da cultura religiosa e dos costumes que os madeirenses respiram na alma e no coração, abordando tradições como a «Missa do Parto», os cânticos, a matança do porco, etc., não se cingindo apenas a alguns casos, mas tendo em conta *todas* as tradições.

Esta obra foi realizada e desenvolvida pelo autor em toda a Madeira. Foi uma verdadeira investigação no terreno<sup>126</sup>, em que recolheu muitas informações através dos muitos diálogos com os populares e os fiéis. Daí, o sacerdote informa-nos do seguinte:

Fui primeiramente em romaria, às diversas freguesias da nossa Ilha apreciar o ‘*modus vivendi*’ do nosso povo, durante a quadra do Natal. Depois, entrei na minha própria alma, reli páginas antigas do livro da minha vida, revivi momentos e dias passados e, ditando-me a saudade, escrevi estas páginas. Não minto, se afirmo que as escrevi com o coração a pular. Se és madeirense, ao ler este trabalho, voltarás a viver momentos já passados na tua existência; assistirás a festas, em que tomaste parte outrora; cantarás canções, que já cantaste e recordarás jogos, que encheram de encanto as mais belas quadras da tua vida, - a infância e a adolescência<sup>127</sup>.

No seu estudo, outro não poderia ser o objetivo, senão o de, antes de tudo, recolher e registar os testemunhos dos madeirenses, podendo assim, apresentar o seu livro com a marca da oralidade, isto é, palavra por palavra. Este era o seu projeto para a obra mencionada. Uma das suas preocupações era o de que as próximas gerações não viessem a perder tão bela herança, a qual representa, afinal tudo aquilo que configura com a identidade cultural e religiosa madeirense. Por conseguinte, o sacerdote Pita Ferreira fez um louvor à dimensão criativa da esfera natalícia na Madeira, mostrando exatamente o seu rosto original, da forma como ela é:

O Natal tem para o madeirense, sobretudo para o do Norte da Ilha, um encanto especial, único no mundo. Dia de festa em todo o sentido da palavra, está adornado com costumes e tradições, que muito honram o nosso folclore e elevação dão à vida do nosso povo. Profundamente crente, o madeirense não se contentou com celebrar o Natal, reunindo a família em alegre e farta consoada, envergando fato domingueiro, descansando pacatamente em casa das lides quotidianas, [...] Foi mais além. Deu largas à sua fé e acrescentou, desde tempos recuados, aos officios litúrgicos do dia, um folclore cristão, cheio de piedade e beleza, que muito honra a Ilha e, bem compreendido, a própria fé. O estudo

---

<sup>125</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 7.

<sup>126</sup> Como afirma o próprio Pita Ferreira, ele transcreveu tudo aquilo que foi ouvindo: «Os diálogos não são fruto da minha imaginação. Colhi-os, com todo o cuidado, da boca do nosso povo, para que, neste trabalho, tudo fosse verdadeiro». Cf. Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 8.

<sup>127</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 7.

da celebração do Natal em Ponta Delgada, Porto Moniz, Boaventura e Ribeira Brava, deu o seguinte trabalho<sup>128</sup>.

Com o estudo folclórico sobre o Natal madeirense, o nosso autor pretendia demonstrar a verdadeira beleza e o rosto da religiosidade popular daquelas gentes, religiosidade essa, que, para ele, jamais poderia perecer nos anos vindouros. O seu objetivo era, pois, sublinhar a vincada presença do Evangelho nas raízes culturais da Madeira. Chega a comentar que os madeirenses agem em seus costumes e tradições de acordo com a fé. Na visão de Pita Ferreira, não se pode descrever exteriormente a religiosidade popular: ela deve ser vivida e experienciada, porque tem a marca da manifestação da Encarnação do Verbo de Deus<sup>129</sup>. De contrário, estaríamos a contradizer e empobrecer essa mesma expressão da cultura popular, na sua dinâmica de fé/religiosa.

Segundo o sacerdote, a religiosidade popular madeirense tem características muito próprias, pois ali sente-se e vive-se o mistério da fé de toda a Igreja, mas segundo tradições peculiares, apropriando-se, assim, o Natal à situação concreta das pessoas e das populações. De facto, sendo a Madeira território insular, a população atravessou, no seu passado, fases difíceis do seu percurso histórico: a fome, falta de recursos, problemas na área da saúde, o analfabetismo e a emigração. Nesta situação, os madeirenses procuraram expressar, mediante as tradições natalícias, o sentido buscado e encontrado nas suas vidas: a vivência da fé e da religiosidade em torno do Natal dava alento, alegria e esperança para vencer as situações.

Como tal, o próprio autor convida, na sua investigação, para que se tenha o cuidado de nunca separar a dimensão popular da dimensão religiosa. Ou seja, não se pode separar o profano do religioso, porque a fé e a vida não se podem separar, visto que ambas estão inter-relacionadas. Sendo assim, o padre Pita Ferreira adverte ainda o leitor:

Não te admires também de que eu estudasse tanto a parte religiosa. O madeirense é crente e, como tal, embalsamou toda a sua vida com o perfume da sua crença. Se, escrevendo sobre a quadra do Natal, fosse possível separar o profano do religioso, para só tratar daquele, o presente trabalho perderia todo o encanto. Estudando e escrevendo sobre ambos, vê que beleza... Vê como têm colorido as '*Missas do Parto*', a fornada da '*Festa*', a '*Missa do galo*' e a dos '*Pastores*', o '*jantar do Natal*', o canto dos '*Reis*'<sup>130</sup>.

---

<sup>128</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 133.

<sup>129</sup> Cf. Vítor Gomes, «O contributo pastoral do Pe. Pita Ferreira (1912-1963) na Diocese do Funchal», em *500 anos da Dedicção da Sé do Funchal: Fé, Arte e Património/ Um olhar sobre a Obra do Padre Pita Ferreira* (2017), 133. Em [https://issuu.com/masfunchal/docs/catalogo\\_500anos\\_small](https://issuu.com/masfunchal/docs/catalogo_500anos_small) (acedido em 7 de dezembro de 2020). De salientar que este estudo não está publicado em livro, só se encontra na internet!

<sup>130</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 8.

O padre Pita concluiu, no seu estudo, que o maior emblema do espírito de Natal madeirense está centrado na devoção ao Menino Jesus, que é o traço fundamental religioso popular. As próprias tradições natalícias traduzem um conjunto de preparação para a quadra de Natal madeirense, que abarcam diversas manifestações religiosas: as missas do Parto; a matança do porco; a noite do pão; a fornalha do candeeiro; o Natal; a Missa do Galo e a Pensação do Menino Jesus; A Missa dos Pastores; o jantar de Natal; as oitavas; os bailaricos; o fim do Ano; os Reis; e as quadras populares.

A celebração do nascimento do Senhor é marcada pelo ‘ritual’ da *Pensação*<sup>131</sup> do Menino Jesus na Missa do Galo. Esta tradição manifesta a singularidade do amor cristão pelo seu Salvador:

uma das coisas – diz o Pe. Pita Ferreira – que mais impressionava a alma madeirense, ao meditar sobre o nascimento de Jesus, era a extrema pobreza em que nasceu o Filho de Deus. Sentimental e crente, comovia-se diante da imagem de Jesus, nua e deitada sobre as palhas da manjedoura, e cantava essa pobreza em suas cantigas e rimances<sup>132</sup>.

Outra tradição que o autor realça é a «Missa dos Pastores», que é celebrada antes da aurora, para aqueles que não assistiram à «Missa do Galo», por ser uma celebração prolongada, na qual, comumente, as gerações mais idosas e, às vezes, as crianças, não participam<sup>133</sup>. Dentro do espírito muito próprio do Natal da Madeira, Pita Ferreira interpreta este costume à luz da alegria do Nascimento do Deus Menino Jesus: as pessoas que participam nessa Missa são identificados com os pastores que se dirigem a Belém, para contemplar Aquele que traz a esperança e a Salvação de Deus. Por isso, o autor partilha que, «na Madeira, os dias do Natal, com as suas festas e folguedos, são dias passados em união com Deus. Neles, anda bem presente, no espírito de todos, o nascimento de Cristo, a sua pobreza e amor pela humanidade»<sup>134</sup>.

O padre Pita Ferreira observa os madeirenses, identificando-os como um povo cheio de devoção e alegria, recetivo ao nascimento do Salvador e que celebra a sua fé, na igreja e na família, com as respetivas tradições. Destaca-se a viva presença do Evangelho no coração dos madeirenses que manifestam a sua fé no mistério da Encarnação do Verbo de Deus, traduzindo a inculturação de um povo que marca a sua própria mentalidade nos seus costumes tradicionais. O nosso investigador visualiza um povo que encarna a religiosidade na sua própria cultura. De

---

<sup>131</sup> A origem da «Pensação» do Menino Jesus realiza-se no Auto de Natal, nos quais os anjos fazem um determinado ritual com cânticos e o banho do recém-nascido. Segundo o antigo romance coligido por Álvaro Rodrigues de Azevedo, em Machico, onde se refere ao seu *Romanceiro* com os versos da «Pensação». Cf. Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 205.

<sup>132</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 205.

<sup>133</sup> Cf. Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 229.

<sup>134</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 229.

facto, o sacerdote possuía uma enorme sensibilidade criativa, artística e de imaginação, sensibilidade essa que se depreende da forma como relacionou todos os dados observados dos encantos da vivência religiosa natalícia dos madeirenses.

O padre Pita Ferreira registou, no seu estudo, como a vivência do Natal estava bastante impregnada no coração e na vida dos madeirenses. As tradições populares em torno do Natal revelam uma profunda assimilação do Evangelho por parte deste povo, o que denota todo um processo de evangelização, ao longo de séculos. Ao mesmo tempo, vemos como o sacerdote soube ler e traduzir os costumes dos madeirenses, indo além das manifestações externas, mas preocupando-se, realmente, com as motivações mais internas das práticas populares: a fé é o pano de fundo do Natal na Madeira. A intenção de Pita Ferreira ultrapassa a preocupação histórica, servindo-se, no entanto, dos elementos históricos e das tradições madeirenses com um fim teológico.

### **2.1.2. Pesquisa da tradição oral madeirense: costumes, canções e orações**

No seu livro sobre *O Natal na Madeira: Estudo Folclórico*, o autor engloba todas as etapas da tradição natalícia madeirense, fazendo uma viagem de estudo, a fim de se abeirar das realidades pertencentes à cultura e aos costumes madeirenses no tempo de Natal. O seu trabalho de investigação desenrolou-se *in loco*, constando da participação nas cerimónias e nos convívios prévios às festas do Natal e também da consulta aos populares, os mais indicados, afinal, para a recolha de dados em vista à elaboração do referido livro. Nele, o investigador respeita a linguagem própria do povo, o que, fundamentalmente, acaba por se converter num contributo ao registo da literatura popular. Como se pode observar a partir dos testemunhos recolhidos pelo padre Pita Ferreira, o vocabulário é diferenciado, refletindo a existência de diversas expressões características, então utilizadas pelos madeirenses, sobretudo nas suas canções e orações, as quais iremos analisar.

#### **a) As Missas do Parto**

O padre Pita Ferreira analisou as «Missa do Parto», como fenómeno único no mundo. Os madeirenses chamam «Missa do Parto» às novenas do Natal, celebrações essas que iniciam no dia 16 de dezembro pela madrugada, com aglomeração dos fiéis de cada comunidade<sup>135</sup>. A organização das «Missa do Parto» depende dos diversos sítios de cada freguesia e dos vários devotos<sup>136</sup>. Estas celebrações marcam a abertura, para os madeirenses, das festas da Quadra de Natal. As vésperas das celebrações eram sempre marcadas com um ritmo de alegria e folclore

---

<sup>135</sup> Cf. Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 13-14.

<sup>136</sup> Cf. Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 14.

em toda a Madeira, sobretudo nos concelhos de Câmara de Lobos, Ribeira Brava e no Porto Moniz. Segundo esta tradição, os populares eram quem, praticamente, proporcionava a dinâmica religiosa junto com a comunidade, antes e depois das celebrações: existiam grupos (inclusive vindos de outras zonas) que, na sua livre iniciativa, procuravam animar com os sons dos instrumentos e os cantares para louvar o «Parto de Nossa Senhora», antes e depois das «Missas do Parto». O autor destaca que, «durante o acto religioso» é bem visível a participação de toda a gente: «todos cantam versos populares, em honra da Mãe de Deus e do Menino Jesus, cujo aniversário de nascimento está próximo. Alguns desses versos são antiquíssimos»<sup>137</sup>. No decorrer da Missa, são proferidos diversos invitatórios, antífonas, orações e versos cantados em honra à Mãe de Deus: «O ‘Pai-Nosso’, a ‘Avé-Maria’, a ‘Salvè-Rainha’, a ‘Conceição’, a ‘Maternidade’ e o ‘Retrato de Nossa Senhora’ são cânticos obrigatórios»<sup>138</sup>.

### **b) A vinda para a Igreja e a Missa**

Pita Ferreira observou um costume antigo, segundo o qual os populares que habitam nos campos e com alguma distância das suas comunidades programavam determinadas horas para acordar os vizinhos, pela madrugada, para participarem nas «Missas do Parto»: «o búzio chama às duas horas da manhã, nas Fontes e Furnas da Ribeira Brava»<sup>139</sup>. Ainda assim, os grupos responsabilizavam-se de chamarem os seus vizinhos: «Todos conhecem aquela voz, a tais horas da noite. Traduzida em linguagem popular, quer dizer: - Para a ‘Missa do Parto’... Para a ‘Missa do Parto’... Para a ‘Missa do Parto’...»<sup>140</sup>. O investigador referiu alguns sítios, como por exemplo, na Ribeira Brava, que ficavam a três horas de distância da Vila, de onde as pessoas se deslocavam através de veredas, em determinadas montanhas com relevos muito acidentados.

No estudo do autor, percebemos a força da fé de um povo que se regozija com o advento do Natal e, por isso, se preparava com muita antecipação com os seus trabalhos domésticos para terem uma total disponibilidade para participarem nas alegrias das festas natalícias e, depois, conseguirem ir à Igreja e também visitar os seus familiares mais distantes. Essas idas à Igreja podiam durar «duas horas de viagem, por caminhos serenados e ladeiras de matar. Avançam ao som dos instrumentos regionais, dos búzios e de muitas dezenas de castanholas»<sup>141</sup>. Após a chegada à Igreja, os participantes dos grupos dos tocadores e muitas pessoas começam a dar voltas à pequenina Vila com o intuito de acordar os «Senhores da Vila»<sup>142</sup>. E, como nos salienta

---

<sup>137</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 13.

<sup>138</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 13.

<sup>139</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 17.

<sup>140</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 17.

<sup>141</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 17-18.

<sup>142</sup> O nosso autor salienta que os camponeses atribuíam este nome dado aos habitantes da Vila da Ribeira Brava. Cf. Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 18.

o nosso autor: «não há quem resista, quem deixe de ir à ‘Missa do Parto’. São as festas do Natal que começam»<sup>143</sup>. A partir das quatro e meia da manhã, aproximadamente, todas as pessoas de várias classes, se juntavam para, cedo, entoarem cânticos específicos ao Menino Jesus, O qual estava prestes a nascer<sup>144</sup>.

O padre Pita Ferreira narra o início da «Missa do Parto», nos seguintes moldes: o sacristão responsabilizava-se de embelezar o altar e a Igreja com a iluminação das velas, «que encham de luz a igreja e as almas»<sup>145</sup>; no interior da nave da igreja, sentia-se a força da fé de um povo, entregue totalmente ao ritmo da Liturgia e dos cânticos: «Ouve-se grande rumor em toda a igreja. É o povo que ajoelha para a novena. ‘*Deus in adjutorium meum intende*’, canta o celebrante. ‘*Domine, ad adjuvandum me festina*’ ... continua o povo»<sup>146</sup>. Durante a solenidade, é característico cantar o invitatório<sup>147</sup> em português, por todos os fiéis. Nesta ocasião tradicional, a celebração da missa ‘madeirense’ dá espaço para que a religiosidade popular possa cantar a devoção ao Menino Jesus.

Após a primeira parte da novena, o celebrante reza o Breviário e, depois, «principiará por invocar o Espírito Santo»<sup>148</sup>. Em seguida, entoar-se o cântico «‘Retrato de Nossa Senhora’<sup>149</sup>, obrigatório em todas as ‘Missas do Parto’»<sup>150</sup>. Entretanto, o povo canta a Ladainha tradicional e, logo em seguida, a Antífona «Salve, ó Mãe do Salvador»<sup>151</sup>. O nosso autor destaca a interessante permanência de massas de gente a assistir a estas celebrações com muita devoção, porque «todos cantaram a bom cantar. Os mais velhos mataram saudades de tempos antigos que já se foram e não voltam mais. Ao romper da aurora, [...] todos regressam a casa contentes, porque o Natal está próximo, muito próximo»<sup>152</sup>.

### c) As tradições em torno do Natal

A tradição natalícia da Madeira tem uma consonância espiritual com as «Missas do Parto», pela qual estão interligadas com as vicissitudes do povo madeirense, que coopera mutuamente com o espírito de Natal. A razão maior da celebração é festejar em família, com amigos e junto das comunidades o nascimento do Menino Jesus, através das manifestações

---

<sup>143</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 18.

<sup>144</sup> Cf. Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 18.

<sup>145</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 19.

<sup>146</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 19.

<sup>147</sup> Este invitatório é cantado sobretudo no Porto Moniz segundo a sua tradição. Ver Anexo 11, página 127.

<sup>148</sup> Em quase toda a Madeira é cantado o *Veni*: «Vinde, Espírito divino [...]». Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 20.

<sup>149</sup> O autor descreve que, além do cântico “Retrato de Nossa Senhora”, são cantadas outras variantes no Curral das Freiras e no Caniçal. Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 21. Ver Anexo 12, página 128.

<sup>150</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 21.

<sup>151</sup> Esta Antífona é cantada na Ribeira Brava. Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 24. Ver Anexo 12, página 129.

<sup>152</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 25.

tradicionais, bem arraigadas nas raízes culturais das gentes. Pita Ferreira nota na tradição do Natal dos madeirenses uma certa forma de metamorfose, que eleva e inspira a dar sentido à vida. No geral, os populares demonstram aquilo que, na verdade, são e aquilo que representam na sua identidade. Neste período, os cristãos madeirenses mostram uma presença mais visível da sua simplicidade, partilha, humildade e amizade, nas coisas concretas, e pelas quais brilham face à sociedade.

Neste sentido, com a primeira Missa do Parto, no dia 16 de dezembro, os madeirenses – sobretudo os que vivem nas zonas rurais – têm como tradição fazerem a “matança do porco”. Isto deve-se ao facto de estas pessoas então dependerem diretamente deste meio de subsistência para obterem o seu alimento para a quadra festiva<sup>153</sup>. Em torno a este acontecimento, em jeito de festa, o autor descreve o ambiente alegre vivido pelas pessoas, bem como as dinâmicas e os costumes com que se depara. Denota-se o comportamento e a expectativa social, por parte, não só das próprias pessoas da zona, mas também da vizinhança, que acorria a este acontecimento. O autor nota, com humor e alguma ironia, as peripécias em torno da matança do porco:

Não aconteça que o porco guinche, durante muito tempo, e o povo que passa para a ‘Missa do Parto’ o apupe, desprestigiando a sua fama de “matador” [...]. Está morto. Que alívio!... Ninguém apupou... Está salva a fama do ‘matador’<sup>154</sup>.

Pita Ferreira quis demonstrar com realismo um dos episódios das tradições do Natal madeirense, como é a matança do porco. Sem esta, para os madeirenses, a quadra natalícia ficaria incompleta numa das suas vertentes, isto é, o convívio familiar com os amigos e a vizinhança. Após a matança do porco, todos

se sentam à mesa, onde, sobre a toalha branca, há bolos de rolo, com abundância, batatas-doces, sangue cozido, bacalhau apimentado, para “fazer peito” ao copo. Toda a gente come com vontade e bebe até ficar “contentinha” [sic]. Se tal não acontecesse, não seria a função do porco<sup>155</sup>.

#### **d) A “Missa do Galo”**

Em todo o país, e também na Madeira, como não podia deixar de ser, celebra-se a «Missa do Galo». Diz o autor que a afluência das pessoas é de grande dimensão e o ambiente é visivelmente festivo, decorado segundo as tradições madeirenses para o efeito:

---

<sup>153</sup> A carne dos suínos é um elemento central na culinária festiva madeirense, como por exemplo, no prato típico popularmente designado “carne de vinho e alhos”.

<sup>154</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 67-68.

<sup>155</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 69.

A igreja está repleta de fiéis. Ramos de alegre-campo revestem as paredes e uma cortina branca cerra o camarim, onde ao “Glória” aparecerá o Menino Jesus, rodeado de anjos. Num altar lateral está armado o presépio, - um Menino deitado sobre palhas, anjinhos e flores de papel, os três reis do Oriente, a estrela, que os guiou, muitas searinhas, muitas laranjas, anonas, maçãs, castanhas, nozes, - eu sei lá, - um mundo de fruta<sup>156</sup>.

Além do presépio, existe a forte tradição da «Lapinha de escadinha madeirense», que consiste num trono ao Menino Jesus feito de três degraus, que são os alqueires invertidos e empilhados pelas famílias para formar um trono. Nela se colocavam as frutas da época natalícia, bem como algumas decorações feitas à mão, searas de trigo e alegre-campo, uma planta usada na decoração natalícia. Colocava-se igualmente uma lamparina de azeite a arder, a qual fazia vigília ao Menino.

A «Missa do Galo» consiste na celebração eucarística da solenidade do nascimento de Jesus. Trata-se de uma Eucaristia solene que segue o ritmo normal, com os ritos iniciais, e só difere no rito da Palavra, onde, depois da proclamação do Evangelho, tem lugar o «Auto de Natal». O auto de Natal retrata, teatralmente, o episódio do Evangelho de S. Lucas em que se narra o Nascimento do Menino Jesus.

O nosso autor, Pita Ferreira, explica, na sua obra, que, no passado, o auto de Natal era representado de maneira diferente: «Há setenta anos atrás, era representado em casas particulares, na paróquia de Boaventura. Atualmente, em quase todas as igrejas do norte da ilha e em algumas do sul. Como cenário, tem o presépio»<sup>157</sup>.

A abertura do auto de Natal intitula-se sempre com a «Entrada dos Pastores», razão pela qual estes são os protagonistas, sendo os primeiros a receber a notícia do nascimento do Deus Menino Jesus, através da aparição do anjo. Destacamos que as personagens em todo o auto são: «o anjo da Anunciação, um grupo de anjos, um zagal, um grupo de pastores, o velho Simeão e o Pároco»<sup>158</sup>.

À «Missa do Galo» está visceralmente ligada a «Pensação do Menino»<sup>159</sup>, já anteriormente citada. O que pretendemos agora é realçar a beleza popular de algumas quadras

---

<sup>156</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 139.

<sup>157</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 141.

<sup>158</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 141.

<sup>159</sup> Para compreender melhor o que é a «Pensação», leia-se o seguinte: «Em poucas freguesias, ainda se mantém uma prática muito antiga, denominada de a “Pensação do Menino”, onde intervêm duas ou mais crianças como personagens – o anjo e a pensante ou vários anjos, um dos quais denominado de Anunciador. Depois da Missa do Galo representavam-se através da entoação de uma longa composição em verso, os cuidados dedicados ao Menino Jesus após o parto. A Pensação do Menino foi proibida pelo bispo D. Manuel Agostinho Barreto (1835-1911), considerando-a indigna para a Virgem. Contudo, sobreviveu em poucas localidades, como, por exemplo, na freguesia da Boaventura, na costa norte da Ilha». Ver: Nelson Veríssimo, «Natal madeirense», *Povos e Culturas* n.º 11 (2007), 10. Disponível em <https://revistas.ucp.pt/index.php/povoseculturas/article/view/8784/8658> (acedido em 09 de dezembro de 2020).

que compõem este ato. O autor descreve como a tradição popular originou o costume de musicar versos e rimas relativos ao nascimento do Menino Jesus. Esta é, poderá dizer-se, de certa forma, uma necessidade do próprio povo. Não só os pastores, mas em especial a figura do anjo anunciador, é, na *Pensação*<sup>160</sup>, a personificação popular do madeirense. Ou seja, o anjo com os seus gestos e amabilidade, representa a vontade do povo de prestar culto ao Deus-nascido, dedicando-lhe o melhor dos cuidados terrenos, e de presenteá-lo com as comodidades que o destino bíblico Lhe não deu e de que Ele se quis privar. Tal pobreza é tida por Deus como necessária e imprescindível na Sua vinda ao mundo: foi para os pobres em espírito e em verdade que Ele se quis manifestar. Contudo, tal pobreza é vista pelo povo como uma falta ou uma privação, e não uma necessidade ontológica. Por essa razão, se nos apresenta o Anjo, que, em personificação do povo, quer suprimir todas estas falhas, como se lê na quadra seguintes:

*Numa gruta desprezada  
O Deus Menino nasceu,  
Tão pobre, que causa dó,  
Que os pastores comoveu*<sup>161</sup>.

Vemos, pois, como o povo se deixa comover e tocar pela pobreza em que o Deus-Menino quis nascer. Tal sentimento leva o anjo a prestar então os cuidados ao recém-nascido:

*Vou lavar as minhas mãos  
Nesta água cristalina,  
Para que possa tocar  
Numa pessoa divina*<sup>162</sup>.

O povo tem noção do encontro entre duas naturezas, a humana e a divina. O mistério desse encontro é tal, que o sujeito tem necessidade de uma purificação, antes que possa, sequer, aproximar-se do infante divino, como se observa aqui:

*Dê-me licença, Senhora,  
De pegar no seu Menino.  
Quero beijá-lo e pensá-lo,  
Deitá-lo no seu bercinho*<sup>163</sup>.

Na quadra posterior, o sujeito pede a Maria Santíssima que autorize a *Pensação* ao “belo infante divino”, isto porque a Maria é associada a ideia de pertença do menino, uma pertença maternal e biológica. A finalidade do pedido é, por isso, a de cuidar, de zelar e de acomodar o

---

<sup>160</sup> Cf. Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 146-149. Ver Anexo 13, página 130-131.

<sup>161</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 148. Ver Anexo 13, página 131.

<sup>162</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 148. Ver Anexo 13, página 131.

<sup>163</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 148. Ver Anexo 13, página 131.

Menino, de confortá-lo com carinhos angélicos, que refletem os cuidados humanos, e de Lhe dar um lugar onde possa descansar, um “bercinho”, não só o físico, mas o berço da humanidade que o recebe.

*Oh! Meu Deus!... Oh! Que beleza!...*

*Que perfeição aqui vai!...*

*Isto não é obra humana!...*

*É obra do Eterno Pai!<sup>164</sup>...*

O anjo, e leia-se também o povo, deslumbra-se no contacto com a natureza divina, com o mistério da encarnação do Verbo de Deus, que habitou no meio de nós. Tal beleza só pode falar de Deus, só pode ser Sua obra:

*Podeis dormir descansado*

*Sem terdes algum temor.*

*Estes filhos, que aqui tendes,*

*Estão a vosso favor!<sup>165</sup>.*

Na conclusão da Missa, «estes filhos» consagram-se ao plano salvífico na Pessoa divina nascida, dotados de um sentido eclesial e de pertença comum ao Menino-Rei. À entrega divina aos homens, feita por Jesus, sucede-se, com a Encarnação, a ‘oferta’ ao seu Deus pela própria humanidade.

#### **e) Quadras populares na atmosfera natalícia**

Quando o padre Pita Ferreira desenvolveu a obra sobre *O Natal na Madeira: Estudo Folclórico*, entendeu perfeitamente a linguagem da cultura religiosa do povo madeirense, uma vez que é a linguagem do seu povo, sendo ele também madeirense. Procurou demonstrar, no seu trabalho, um retrato da vivência natalícia de um povo que vive de acordo com as suas tradições e os seus costumes.

Nos quatros cantos da ilha da Madeira, durante o período de Natal, escutam-se frequentemente as famosas «Quadras Populares», que as gentes cantam quer nas igrejas quer em outras manifestações próprias, para cantar ao Deus Menino Jesus. O nosso investigador começa por dizer que as «quadras populares são pérolas preciosas, desfiadas dum colar maravilhoso, adorno do peito, onde bate o coração simples e crente do povo»<sup>166</sup>. Ou seja, o povo madeirense manifesta a sua fé de acordo com a sua espiritualidade, alegria, emoção e momentos de dor e saudade. Como tal nos afirma o padre Pita:

---

<sup>164</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 148. Ver Anexo 13, página 131.

<sup>165</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 149. Ver Anexo 13, página 131.

<sup>166</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 387.

Tradução dos sentimentos nobres da nossa gente, – fé, o amor, a fidelidade, a dor e a tristeza –, têm o brilho das lágrimas do povo, que as canta chorando; o colorido das espigas e papoulas, ceifadas ao som delas; a simplicidade da alma que as dita; a grandeza do coração que as sente. O Natal oferece ao madeirense vasto assunto para as suas quadras. A Natividade, a pobreza da gruta, a meiguice e o sono do Menino, o brilho da estrela, a adoração dos pastores, são todos os anos cantados pelo povo<sup>167</sup>.

Podemos considerar que, no coração do madeirense, existe uma espécie de herança genética inata, bem marcada, que constitui a raiz da marca da religiosidade popular. O próprio povo das zonas mais rurais tem estas características das tradições mais originais. Porque os cantares das suas quadras nascem singularmente do coração e de forma espontânea. O nosso autor demonstrou o procedimento impressionante das pessoas no seu quotidiano e nas épocas festivas, nomeadamente no Natal: «É vê-lo, nos seus trabalhos, repetindo as mesmas cantigas, para matar saudades e viver de novo os sentimentos que as ditaram. Os defeitos de rima e métrica não lhes tiram o valor»<sup>168</sup>.

A sensibilidade do sacerdote e investigador por descobrir e fazer sobressair a beleza das «Quadras Populares» demonstra a predileção pelas suas raízes, pela cultura religiosa natalícia da Madeira, que lhe chamava a atenção por tanta riqueza e sabedoria de um povo humilde, esse povo amante do seu passado e da sua história. Deixemos que o próprio padre Pita Ferreira nos testemunhe ‘por si’: «Não se pode escrever sobre o Natal da Madeira, sem estudar e registar as quadras populares. [...] e que bem revelam a fé e poesia do nosso povo»<sup>169</sup>.

Da seleção por ele feita de quadras populares natalícias referentes à vida do povo madeirense, eis aquelas que podemos analisar com apreciação e gosto:

*Não há pão, como o pão alvo;*

*Nem ervinha, como o feno;*

*Não há amor, como o primeiro,*

*Namorado de pequeno.*

*Hoje se amassa no céu*

*O pão da Virgem Maria.*

*Os anjos põem a mesa.*

*Nossa Senhora o fatia*<sup>170</sup>.

---

<sup>167</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 359.

<sup>168</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 359.

<sup>169</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 359.

<sup>170</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 389. Ver Anexo 14, página 132.

Estas quadras, proclamadas pelo povo madeirense em tempo de Natal, traduzem, por meio de uma linguagem simples, porém profunda, o mistério do Verbo de Deus encarnado no seio da Virgem Maria: «o pão da Virgem Maria» refere exatamente a Eucaristia pelo qual, o Senhor Jesus Se dá no pão: «Eu Sou o pão da vida» (Jo 6, 35). A referência eucarística é bem notória, quando «os anjos põem a mesa. Nossa Senhora o fatia» – em clara alusão ao altar do Senhor e à distribuição da comunhão pela Igreja.

*As águas correm nas fontes  
Corramos todos também.  
Vamos à fonte das graças,  
Que hoje nasceu em Belém<sup>171</sup>.*

Esta quadra popular descreve a «Corrida para o presépio», título dado para mostrar que todos são convidados a visitar do Menino Jesus, no presépio de Belém.

*Do céu desceu uma estrela,  
O filho da Virgem Mãe,  
Iluminou o presépio,  
Na cidade de Belém<sup>172</sup>.*

Aqui transparece a importância dada, pelo povo madeirense, à Virgem Maria, a Mãe do Redentor que vem iluminar a face da terra e trazer esperança a todos os povos.

*Estrela do céu brilhante,  
- Oh! Tanto brilho que tem!  
Guiai a nós, pastorinhos  
P'ra lapinha de Belém<sup>173</sup>.*

A última quadra, que acabamos de transcrever, refletindo sobre a «Estrela» que guiou os reis magos até Jesus, nascido no presépio, dá voz ao povo madeirense, personificado nos «pastorinhos», o «nós» coletivo, que deseja também acercar-se do mistério do Deus humanado. De facto, mais do que as palavras, é o ato de viver, de estar, de poder contemplar, estando perto do Menino, lá 'dentro', na «lapinha de Belém». Pode-se, portanto, falar de uma experiência viva de fé, arraigada nas tradições madeirenses natalícias. Não são tradições mortas, mas vivos acontecimentos, brotando dos corações de um povo crente.

---

<sup>171</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 389. Ver Anexo 14, página 132.

<sup>172</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 390. Ver Anexo 14, página 132.

<sup>173</sup> Pita Ferreira, *O Natal na Madeira*, 392. Ver Anexo 14, página 133.

## 2.2. A influência franciscana na história da diocese do Funchal (1962)

O padre Pita Ferreira era, sobretudo, um pastor de almas<sup>174</sup>. O seu interesse pela História, porém, não contrariava o seu sacerdócio, antes – como já vimos – estava ao seu serviço. O seu espírito crítico marcava, profundamente, o modo como se abeirava das fontes, as lia e as entrecruzava. Não foi diferente, quando estudou<sup>175</sup> a influência da Ordem Franciscana – ou *Ordem Seráfica* – na ilha da Madeira, no período compreendido entre 1419-1521. Se o investigador, *de per si*, gostava de se prender aos factos concretos, para chegar à verdade, ele investigou minuciosamente as fontes de que dispunha (entre arquivos e obras de referência)<sup>176</sup>, a fim de confrontar-se com dados ‘palpáveis’.

Neste sentido, através das suas investigações, o padre Pita Ferreira pôde chegar a factos curiosíssimos, acerca da presença franciscana na ilha, até porque são da lavra destes religiosos os registos mais antigos sobre a Madeira (como as *Crónicas* de Frei Manuel da Esperança)<sup>177</sup>: primeiro, em 1419, os franciscanos fizeram-se presentes na sua descoberta<sup>178</sup>; logo depois, em 1420, com a autorização do Rei D. João I, com João Gonçalves Zarco e sua família, Tristão Vaz Teixeira e Bartolomeu Perestrelo, «para dar início à grande obra da colonização portuguesa, levantou âncoras no Restelo»<sup>179</sup>; prestaram assistência religiosa aos primeiros moradores da ilha, a partir da capela de Nossa Senhora do Calhau (hoje inexistente). Desde essa altura, tendo os frades a notícia de que a ilha era um lugar inóspito e propício à contemplação,

---

<sup>174</sup> Cf. Gomes, «O contributo pastoral do Pe. Pita Ferreira», 135.

<sup>175</sup> O sacerdote publicou o seu estudo acerca da influência dos Franciscanos na Ilha da Madeira, desde os primórdios. Trata-se do seguinte artigo: Padre Manuel Juvenal Pita Ferreira, «A Ordem Seráfica da Madeira», *Revista das Artes e da História da Madeira* vol. VI, n.º 32 (1962), 13-21. Além deste artigo, escreveu outras obras, as quais, apesar de não versarem, de modo exclusivo sobre a Ordem Franciscana na Madeira, incluem esta temática, num conjunto que engloba outros temas. Tais obras são: a) *Notas para a História da Ilha da Madeira*; b) *Notas para a História da Ilha da Madeira no pelourinho*; c) *O Arquipélago da Madeira: Terra do senhor Infante*.

<sup>176</sup> No seu artigo, «A Ordem Seráfica da Madeira», o sacerdote refere ter consultado as seguintes fontes: a) Arquivo do Cabido da Sé do Funchal; b) Arquivo Distrital do Funchal; c) a obra de Dias Leite, *Notas do Descobrimento da Ilha da Madeira*; d) a obra *A história Seráfica* – com as crónicas de Frei Manuel da Esperança. Ver, a propósito: Pita Ferreira, «A Ordem seráfica», 12.

<sup>177</sup> Realmente, através das suas investigações, o padre Pita Ferreira, encontrou registos de *Frei Manuel da Esperança*, cronista da Ordem. Nas suas crónicas, Frei Manuel relata a primeiríssima ocupação da ilha, antes da colonização pelos portugueses: naufragou ali um casal chamado Machino e Ana de Arfet, naturais da Inglaterra, que fugiram do seu país devido ao seu relacionamento amoroso. Veja-se o que descobre o mesmo investigador. Cf. Ferreira, «A Ordem Seráfica da Madeira», 13: «perto da praia os dois túmulos agrestes de Roberto Machino e Ana Arfet, os quais cegos de amor, que não antevê desgraças fugiram de Inglaterra, donde eram naturais, e, derivados no mar, aportaram nesta ilha».

<sup>178</sup> Após a descoberta da Ilha da Madeira pelos portugueses, foram enviados dois frades franciscanos, no dia 2 de julho de 1419, para fazerem os rituais próprios do catolicismo, tendo partido para Portugal Continental quatro dias depois, levando para lá elementos dos recursos naturais típicos da ilha, como prova da sua descoberta, e para oferecer ao Rei vigente e ao Senhor Infante. Desta feição, atesta o mesmo autor – Pita Ferreira, «A Ordem Seráfica», 13: «Assistiram-lhe dois frades da nossa Santa Província, que nunca faltavam a estas ocasiões. Benzeram água, purificaram com ela a terra e mais o ar e afugentados [sic!] os espíritos malignos, celebraram as duas primeiras missas, que nesta ilha se disseram, sobre o mesmo altar, consertado a seu modo, que primeiro levantaram os ingleses».

<sup>179</sup> Pita Ferreira, «A Ordem Seráfica», 14.

mostraram interesse e predileção por morarem na Madeira<sup>180</sup>, por poderem aí encontrar-se com Deus através da oração e da penitência, deslumbrados pela beleza natural do lugar<sup>181</sup>, de tal forma que vieram, mais tarde a estabelecer-se em Câmara de Lobos, onde fundam o Convento de São Bernardino, por ação de Frei Gil de Carvalho<sup>182</sup>, levando vida de anacoretas<sup>183</sup>. A influência destes frades estendeu-se vastamente a todo o território<sup>184</sup>: em 1423, uma bula Papal, de Martinho V, concedia aos franciscanos o poder de administrar os sacramentos (assumiram a vida paroquial) e, em 1420, o Papa Nicolau V aprovou o Ermitério São João Batista no Funchal. Até que em 1459 – por imposição do Infante Dom Henrique e da Ordem de Cristo<sup>185</sup> – foram

---

<sup>180</sup> Através do testemunho dos primeiros evangelizadores na Madeira, a Ordem dos Franciscanos ficou animada e ansiou habitar na ilha da Madeira. Nas palavras de Pita Ferreira: «ouviam falar da sua aventura e da solidão da ilha, se despertasse o espírito místico, que animou o Santo Fundador da Ordem e os seus companheiros, e que ansiassem por transformar a Madeira numa segunda Assis, onde se voltasse a viver o misticismo dos primeiros tempos». Cf. Pita Ferreira, «A Ordem Seráfica», 14.

<sup>181</sup> O Padre Pita Ferreira lembra o testemunho de Frei Manuel da Esperança: «Por esse tempo, [...] acudiram tantos frades de Espanha, castelhanos, galegos e biscainhos, que bem podiam encher de conventos toda a ilha, se ela tivera povoações, em as quais se sustentassem ou se eles todos desejassem assistir ao povoado, mas vinham fugindo dos reboliços do mundo e não podiam ver gente. E, assim encovados pela terra, conversavam só com Deus, pretendendo imitar o rigor da penitência, em que se exercitaram os Santos Hilariões. Não se pode declarar o que se passou nesta ilha com estes benditos padres». Cf. Pita Ferreira, «A Ordem Seráfica», 14.

<sup>182</sup> Cf. Pita Ferreira, «A Ordem Seráfica», 15: «Do tempo em que o Padre Frei Gil o erigira, não achámos, certeza infalível e muito menos a teve quem escreveu fora logo, quando os Portugueses descobriram a ilha, *declara Frei Manuel da Esperança, na História Seráfica*; porque conforme nossas contas lhe acrescentam quase quarenta anos de idade».

<sup>183</sup> Cf. Pita Ferreira, «A Ordem Seráfica», 15. Segundo consta, pensa-se que a sua construção foi realizada após 1425, altura em que se supõe já haver uma população maior que sustentava os frades com as suas ofertas, apesar das dificuldades quotidianas. No entanto, «ficavam as celas e a palhota que servia de igreja, na margem do ribeiro e tão próximo da torrente que numa enchente foi a ermida arrastada para o mar, deixando desolados os seus construtores». Mais tarde, nos finais do século XV, o Padre Frei Jorge de Sousa reconstruiu o ermitério.

<sup>184</sup> Cf. Pita Ferreira, «A Ordem Seráfica», 16. A sua influência não se prendeu somente a um espaço geográfico, sendo que passaram além da Ponta do Sol e fixaram-se numas terras junto ao mar, as quais hoje são «chamadas dos ‘Anjos’». Nesta terra, construíram a ermida dedicada a Santa Maria dos Anjos, muito amada pelo fundador da Ordem. Não só se dedicavam à vida religiosa, mas também cuidavam as terras em torno da ermida, para suprir às suas necessidades.

<sup>185</sup> Pita Ferreira explica os antecedentes e o contexto da expulsão dos frades menores: após o falecimento de D. João I, o Rei D. Duarte doou ao Infante D. Henrique e à Ordem de Cristo as ilhas da Madeira, Porto Santo e Desertas, no dia 26 de setembro de 1433. Assim, a Ordem de Cristo enviou o Frei João Gonçalves para cuidar dos assuntos eclesiásticos do Arquipélago. Este veio acompanhado por um capelão com o intuito de visitar os diferentes núcleos populacionais e de atribuir os sacramentos aos fiéis. Para além disso, prestavam assistência religiosa na ermida de Santa Maria, ampliada já com uma capela-mor e sacristia. Desta forma, os franciscanos, que tinham iniciado a evangelização logo após a descoberta da ilha da Madeira, foram dispensados do múnus pastoral e da administração dos sacramentos aos seus povoadores, uma vez que a Ordem de Cristo assumiu essa missão. Cf. Pita Ferreira, «A Ordem Seráfica», 17: «A Ordem de Cristo, ciosa dos seus privilégios e regalias, não reconhecia os seus esforços e serviços prestados».

expulsos da Madeira para um Convento em Xabregas<sup>186</sup>. Mas, em 1464<sup>187</sup>, novamente regressam à ilha os franciscanos Frei Rodrigo de Arruda e Frei Jorge de Sousa, procurando restaurar a Ordem Seráfica nos ermitérios de São João Baptista e de São Bernardino, tendo estas presenças sido recuperadas e, pouco tempo depois, povoadas pelos noviços e leigos que ansiavam seguir a vida religiosa. No final do século XV, era evidente o crescimento da Ordem Franciscana na ilha da Madeira, o que permitiu, a formação de uma Província autónoma<sup>188</sup> e da fundação de um Mosteiro de Clarissas<sup>189</sup>. Referente a este período, o padre Pita Ferreira destacou, entre as figuras marcantes franciscanas, na Madeira, o frei Pedro da Guarda<sup>190</sup>. Na ilha desde 1485, o servo de Deus havia-se entregado a uma vida de oração, da penitência e de contemplação<sup>191</sup>. A imagem deste religioso, com fama de santo, foi, durante muito tempo, e após a sua morte, marcante na religiosidade<sup>192</sup> da ilha, havendo em sua honra romarias, que rogavam a sua intercessão.

O nosso autor, conseguindo trazer à luz tais dados e informações, até então um pouco esquecidos ou ignorados, quis evidenciar, com certeza, a ‘franciscanidade’ do povo madeirense, quer dizer, a importância da Ordem Franciscana na fé, na religiosidade, nos costumes e nas

---

<sup>186</sup> Nessa altura, a ermida de Santa Maria dos Anjos sido ocupada por galegos. Em 1474, esta encontrava-se em ruínas pelo que o seu povo tentou interceder junto da Infanta D. Beatriz para obter apoios para a sua reconstrução e para a desocupação dos galegos que lá se encontravam. A duquesa, ao tomar conhecimento do pedido, no dia 20 de maio de 1474 redigiu uma carta (atualmente transcrita no I Livro do Tombo da Câmara do Funchal), em que dá razão ao povo e aos franciscanos conforme recolhe Pita Ferreira (Cf. Ferreira, «A Ordem Seráfica», 16): «A mim praz que da dita terra se tome aquela que abastar para o assentamento da ermida e para o ermitão, que aí estiver, se poder governar e fazer latada e pomar e seu circuito convenhavel e a outra terra, que sobejar fique aos ditos seus donos, para em ela fazerem seu proveito [...] e a terra, que aí para o que dito é lhe for tomada, será avaliada por dois homens bons juramentados e o Concelho lhe pague o preço, em que for avaliada».

<sup>187</sup> Após o Infante D. Fernando ter permitido, em 3 de dezembro de 1462, o regresso dos frades à Madeira. Cf. Pita Ferreira, «A Ordem Seráfica», 17-18.

<sup>188</sup> Cf. Pita Ferreira, «A Ordem Seráfica», 20. Tratava-se de erigir uma Província Franciscana autónoma, independente da de Portugal Continental. Foi fundada em 28 de janeiro de 1479, com aprovação do Papa Sisto IV e, 1466. Frei Rodrigo de Arruda considerou formar uma Província separada de Portugal, com base nos dois conventos existentes nesta. Neste sentido, o seu irmão, Frei Nuno de Arruda, foi ao encontro do Papa Sixto IV, para que este aprovasse o pedido dos franciscanos da ilha de erigir uma nova Província. Mais tarde, os franciscanos do Reino demonstraram o seu descontentamento com a formação da Província da Madeira. Após a eleição do Frei João da Póvoa, confessor do Rei D. João II, este pediu ao Papa Inocêncio VIII para que unisse a província da Madeira ao Corpo de Portugal, tendo sido o seu pedido aceite em 1485.

<sup>189</sup> A fundação das Clarissas deu-se através do Capitão do Funchal, João Gonçalves da Câmara, e de sua esposa, por diligências do próprio Papa Sisto IV. Veja-se ainda Alberto Vieira, *História da Madeira* (Funchal: Editorial Eco do Funchal, 2001), 75-76.

<sup>190</sup> Este frade foi muito conhecido pelo povo, pois «assistiu o Servo Deus nos Conventos do Reino, por espaço de trinta anos, conta-nos Frei Manuel da Esperança,... Exercitando neles as virtudes... Pelas quais e por outro particulares favores do Céu, de todos era conhecido e aclamado por Santo; e por fugir desses aplausos, alcançou dos prelados ir para a ilha da Madeira, teatro de suas rigorosas penitências, porque amarrado com uma corrente de ferro, não eixava todos os dias as rigorosas disciplinas, em que derramava muito sangue» – Cf. Pita Ferreira, «A Ordem Seráfica», 20.

<sup>191</sup> Retirou-se para a Ilha Frei Pedro da Guarda que viria a criar o pequeno ermitério em São Bernardino em Câmara de Lobos. Ficou conhecido como o *santo servo de Deus* e celebrizado pelas suas virtudes e milagres. Enraizou-se nas populações de Câmara de Lobos uma grande devoção que depois alastrou a toda a Ilha. O culto manteve-se até 1835, ano que foi proibido pelo Estado. Sobre este ‘santo’ franciscano, ver Vieira, *História da Madeira*, 75.

<sup>192</sup> Após o seu falecimento, durante alguns anos, eram realizadas romarias, pedindo a sua intercessão junto de Deus. Atualmente, perdeu-se essa devoção ao santo não proclamado pela igreja. No entanto, os franciscanos madeirenses estão a realizar um trabalho pastoral para a recuperação da história da vida do Frei Pedro da Guarda.

tradições populares da Madeira. Os frades, além da devoção, souberam levar ao povo a humanidade e a simplicidade de Deus, como testemunham, ainda hoje, as Missas do Parto e, enfim, todas as tradições natalícias na ilha. Com a expulsão das Ordens, em 1834<sup>193</sup>, e com a República, em 1910<sup>194</sup>, a atuação dos franciscanos foi-se tornando reduzida, pois os seus conventos – e bem assim os mosteiros das Clarissas<sup>195</sup> – foram tomados pelo Estado<sup>196</sup>. Contudo, o afastamento destes não poderia apagar toda uma história e jamais conseguiria obliterar as raízes seculares de um povo, que, afinal, nasceu franciscano e desta espiritualidade recebeu os alicerces com que se firmaram os costumes e a vida da Madeira. Foi com este objetivo que o sacerdote, investigador, e intelectual Pita Ferreira procedeu ao estudo e à publicação do seu estudo «A Ordem Seráfica da Madeira».

### 2.3. A investigação sobre *A Sé do Funchal* (1963)

Em 1963, o nosso autor consagrou à Diocese do Funchal uma obra inédita sobre a história da Catedral. O livro intitula-se *A Sé do Funchal*<sup>197</sup> e trata-se de um estudo inédito, no referente às dimensões e à minuciosidade da investigação. Apesar de ter um antecedente – da autoria do padre e historiador madeirense Fernando Augusto da Silva<sup>198</sup> – a obra de Pita Ferreira foi bastante considerada na época, devido ao seu valor histórico, à dimensão cultural e à valorização do património religioso. O objetivo do autor era deixar um registo escrito sobre a história da Catedral funchalense, de modo a perpetuar a memória de uma herança histórica com cerca de cinco séculos: a «Sé Catedral é o monumento de maior valor, que a Madeira possui»<sup>199</sup>. Rui Carita elucida:

O trabalho do padre Pita Ferreira nasceu no pequeno núcleo de investigação criado à sombra da notável Sociedade de Concertos da Madeira, cujos membros organizaram as

---

<sup>193</sup> Cf. Vieira, *História da Madeira*, 75. De facto, em 28 de maio de 1834, «foram extintas as ordens religiosas masculinas; as femininas foram proibidas, por lei de 5 de agosto de 1833».

<sup>194</sup> Cf. Vieira, *História da Madeira*, 75. Já na implantação da República, em 1910 foi dado «um remate final no processo, acabando com as ordens e tomando posse dos conventos e mosteiros».

<sup>195</sup> Cf. Vieira, *História da Madeira*, 76. Deu-se o retorno da Ordem das Irmãs Clarissas à Madeira no ano de 1931, tendo estas religiosas construído um novo Mosteiro, no sítio da Caldeira, no concelho de Câmara de Lobos.

<sup>196</sup> Cf. Vieira, *História da Madeira*, 76. Importa salientar que os edifícios religiosos da Ordem Seráfica tiveram destinos diferentes nesta época: «O [edifício do convento] da Encarnação foi ocupado em 1807 pelas tropas britânicas; o de Santa Clara com a morte da última freira em 1890, foi cedido em 1896 à Congregação das Franciscanas Missionárias de Maria passando com a República para a posse da Câmara, como Misericórdia e depois como Auxílio Maternal. O convento franciscano do Funchal, situado no actual Jardim Municipal, abandonado em 1834, acabou por se arruinar e foi demolido a partir de 1866».

<sup>197</sup> Cf. Manuel Juvenal Pita Ferreira, *A Sé do Funchal* (Funchal: Edição da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, 1963).

<sup>198</sup> Cf. Fernando Augusto da Silva, *A Sé Catedral do Funchal: Breve Notícia Histórica e Descritiva* (Funchal: Edição do autor, 1936). O Padre Fernando da Silva foi um dos professores de Pita Ferreira, no Seminário da Encarnação. A obra a que fazemos referência é uma «Separata do livro ‘Diocese do Funchal’», como menciona o autor.

<sup>199</sup> Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 3.

primeiras exposições de arte sacra, assim como a revista *Das Artes e da História da Madeira*, de cujo labor viria a resultar, em 1955, o Museu Diocesano de Arte Sacra do Funchal<sup>200</sup>.

A obra é um estudo muito completo, pois fornece-nos informações acerca de todos os registos da Catedral. O padre Pita Ferreira refere, a propósito:

Verá que a beleza do trabalho não está nas minhas introduções e comentários de ligação, mas sim nos dados e documentos, recheados de interesse, de novidade, de colorido e elevação, colhidos na Torre do Tombo, no escritório da Sé e no Arquivo Distrital [atualmente Arquivo Regional da Madeira]<sup>201</sup>.

De facto, o sacerdote e investigador conseguiu recolher informações preciosas. E, não fosse este seu estudo, ter-se-iam perdido registos e documentos importantíssimos, no âmbito, não só da Sé, como da história mesma da Diocese do Funchal. As fontes alcançadas pelo nosso autor tratam-se de fontes primordiais, isto é, fontes diretas e primárias, que teve a oportunidade de ter em suas mãos, nos arquivos acima mencionados. Aí, encontrou peças de valor artístico e de antiguidade, pertencentes aos períodos dos séculos XV a XX. A obra é «verdadeiramente exemplar para a sua época e um repositório documental ainda hoje imprescindível»<sup>202</sup>.

O autor realizou um estudo intensivo sobre todos os aspetos que dizem respeito à Sé do Funchal. Na sua investigação, consta a descrição da construção e da arquitetura, a evolução da Catedral enquanto monumento eclesial, os tesouros artísticos religiosos e laicos com a detalhada descrição das suas peças, a obra de talha da catedral, as suas pinturas e esculturas referentes a cada século, os paramentos eclesiais, os órgãos musicais, os sinos da torre, as sepulturas de alguns bispos e cónegos, as datas comemorativas e, ainda, os documentos legais desde D. Manuel I (rei de Portugal). Inclui também aí uma referência aos limites da Paróquia da Sé e as suas confrarias<sup>203</sup>.

Pita Ferreira dedicou esta a sua obra ao público e aos interessados pela história da Sé Catedral, visto conter informações inéditas, de suma importância, até então fora do alcance e do conhecimento de todos. Esta obra transporta a representação de uma memória repleta de significado e com a marca do ‘peso’ do passado, os quais se traduzem na identidade cultural na qual se configura o povo madeirense. Ao mesmo tempo, esta obra de índole histórica abre-se

---

<sup>200</sup> Rui Carita, *A Sé do Funchal: 1514-2014* (Funchal: Secretaria Regional dos Assuntos Culturais do Governo da Região Autónoma da Madeira, 2014/2015), 14.

<sup>201</sup> Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 3.

<sup>202</sup> Rui Carita, *A Sé do Funchal*, 14.

<sup>203</sup> Cf. Maria Favila Vieira da Cunha Paredes, «Padre Pita Ferreira, apóstolo na Catequese e na Cultura», em *500 Anos da Dedicção da Sé do Funchal: Fé, Arte e Património/ Um olhar sobre a Obra do Padre Pita Ferreira* (2017), em [https://conferenciasmasfsite.files.wordpress.com/2020/11/catalogo\\_500anos-dedicacao-se.pdf](https://conferenciasmasfsite.files.wordpress.com/2020/11/catalogo_500anos-dedicacao-se.pdf) (acedido em 7 de dezembro de 2020).

ao campo da pastoral, campo esse que a Sé do Funchal representa por excelência, pois, além de um edifício, ela compreende a concentração e a geração de um outro povo, o povo de Deus da Diocese do Funchal.

### **2.3.1. A estrutura da obra**

O padre Pita Ferreira estruturou a sua obra em diversas partes. Um simples olhar sobre o seu índice é suficiente para nos apercebermos do valioso estudo, envolvendo a história da construção da Catedral e da evolução do espaço no interior. De forma genérica, destaca o seguinte:

Construída no reinado de D. Manuel, devemos a sua edificação aos pedidos e esmolas dos nossos antepassados e sobretudo à generosidade daquele monarca, que, além de tomar sobre os seus ombros a parte mais pesada da obra, a enriqueceu com muitas preciosidades. Tem a Sé a orientação litúrgica, – leste-oeste –, a forma de uma cruz latina e, se a quisermos [sic] dividir em partes, tem as seguintes: a cabeceira, o transepto, as naves, a torre, o exterior e os anexos<sup>204</sup>.

Os temas tratados na investigação são os seguintes<sup>205</sup>: i) A sé Catedral; ii) A construção da Sé Catedral; iii) Gil Enes, o Pedreiro-Mestre da Sé; iv) A criação da Diocese e a elevação a Sé Metropolitana; v) Bispos do Funchal; vi) Capitulares ilustres; vii) Limites da Paróquia da Sé; viii) Festas na Catedral; ix) a Sé e os Corsários; x) A Sé Catedral e a Arte: Ourivesaria Sacra; Pratas da Confraria do Santíssimo; A Talha; a Pintura; As esculturas; Paramentaria; Cerâmica, Serralharia, Mercenaria e Vidraria; Os órgãos; Os sinos; As sepulturas; xi) Datas; xii) Documentos históricos sobre a Sé do Funchal.

### **2.3.2. A vontade de construir o templo**

O nosso investigador assinalou as motivações da realização de construção tão incomensurável, como é a Sé do Funchal. De grande valor histórico e humano, a sua execução durou cerca de 15 anos (1493-1508). À época, em 1461, a Madeira estava a prosperar no que concerne ao «desenvolvimento da cultura da vinha e da cana sacarina, a exportação de madeiras, vinhos e açúcar para o Reino e o estrangeiro, a vinda de gente endinheirada para a ilha, que construiu levadas para a irrigação das terras altas, e o aparecimento de novos ricos»<sup>206</sup>. Como percebe o sacerdote, a notícia de que a ilha da Madeira estava a desenvolver-se economicamente, com os seus recursos naturais, chegou, rapidamente, ao Rei D. João II, o qual

---

<sup>204</sup> Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 3.

<sup>205</sup> Cf. «Índice», em Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, s. p.

<sup>206</sup> Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 33.

exigiu aos madeirenses um valor monetário como imposto para cobrir as despesas da guerra e abater dívidas antigas. Esta situação fez com que o povo madeirense aspirasse uma realidade diferente para si<sup>207</sup>.

### 2.3.3. A necessidade de formar novas paróquias

Dentro da investigação sobre a Sé do Funchal, o nosso autor deparou-se com a questão da formação de novas paróquias, no século XV. Um dos casos referidos é o da igreja da Conceição de Baixo, que, fundada no final de 1425, já não conseguia, em 1461, cobrir as necessidades do povo funchalense. Urgia, então, a necessidade de criar novas comunidades, a fim de atender ao povo, que crescia em número. Os fiéis eram atendidos pelo Vigário de Tomar, assistido e representado, por sua vez, por dois vigários e alguns capelães. Por isso, em 1461, e devido à dispersão das gentes pela ilha, os procuradores do povo pediram ao Infante D. Fernando a criação de uma nova organização. Este procedeu, assim, à nomeação de capelães para Câmara de Lobos, Ribeira Brava, Ponta do Sol e para o Arco da Calheta<sup>208</sup>. E, em 1463, sob a sua mesma orientação, o Vigário Geral da Ordem de Cristo recorreu ao Papa Pio II, solicitando a provisão de pastores próprios com paróquias<sup>209</sup>.

Pita Ferreira dá também conta do pedido feito, em 1468, pelo Bispo de Tânger, D. Nuno Rodrigues de Aguiar, junto da Santa Sé, requerendo a anexação do território do arquipélago da Madeira à jurisdição da sua diocese, pois afirmava ter conhecimento da vida religiosa da ilha e das suas necessidades. O Papa Paulo II, a 27 de fevereiro de 1468, mostrou-se favorável, isto não sem o descontentamento dos madeirenses. De facto, o Dom Prior de Tomar, havendo-se inteirado da determinação pontifícia e da vontade do ‘novo’ Bispo (o de Tânger) em visitar a ilha da Madeira, redigiu uma carta aos funchalenses, onde os informava do sucedido e do seu desagrado, uma vez que a vida religiosa da Madeira estava sob sua tutela. A carta constava do seguinte:

Vos fazemos saber que a nós é dito que por o Bispo de Tânger fora ou é impetrada uma letra por sorte da qual se chama e põe em ir ser o Bispo das ditas ilhas, intitulado-se em

---

<sup>207</sup> Foi exigido pelo Rei D. João II «[...] um milhão e duzentos mil reis, para despesas de guerra e amortização de contas antigas». Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 33.

<sup>208</sup> Novas Paróquias: segundo a informação redigida pelo padre Pita Ferreira, foram criadas até 1462 as Paróquias de Santa Cruz, Câmara de Lobos, Ribeira Brava, Ponta do Sol e Arco da Calheta, e de capelarias ou curatos em Gaula, Caniço, Campanário, Tabúa, Estreito da Calheta, Fajã da Ovelha, Ponta do Pargo, Porto Moniz, então conhecido pelo nome de Janela de Crara, S. Jorge, Faial e Ponta Delgada. Cf. Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 34.

<sup>209</sup> O pedido consistia em que o Papa «‘Confirmasse a concessão do direito de padroado e de apresentar pessoas idóneas para reitores de igrejas paroquiais em certas terras, que lhe pertenciam por direito de herança, pois alguns duvidavam do valor de tal doação’ – graça, que alcançou». Veja-se Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 34.

elas, da qual coisa não entendemos que assim o Santo Padre, como El-Rei Nosso Senhor não lhe poderia ter dado tal consentimento salvo por informação não devida<sup>210</sup>.

Na mesma altura, a Infanta D. Beatriz, Administradora do Mestrado de Cristo, redigiu um despacho, onde solicita o povo madeirense a não obedecer ao Bispo de Tânger:

a mim foi feita uma informação em como o Bispo de Tânger se chama Bispo das Ilhas e que tinha tenção de ir a essa ilha fazer e exercitar os ofícios episcopais e usar de toda a jurisdição, como se a ele diretamente pertencesse. E porque de semelhante coisa ele nem alguém outrém se não pode intrometer sem autoridade do Vigário desta Ordem de Cristo a que por o Papa dele é sòmente [sic] cometido cargo por liberdade e em favor da dita Ordem e dando-se o lugar ao dito Bispo ou algum outro que assim por não verdadeira informação impetrasse, seria em prejuízo e dano dela e desserviço do Senhor D. Diogo, meu filho, que em alguma maneira eu não consentiria<sup>211</sup>.

Desta forma, o mandato pontifício ficou sem efeito, não tendo, o Bispo de Tânger, chegado a visitar o Arquipélago da Madeira nem este foi incorporado na sua Diocese. Assim, «a Ordem de Cristo não foi prejudicada, os direitos e privilégios de D. Diogo não foram lesados, mas as aspirações dos madeirenses não voltaram atrás»<sup>212</sup>.

#### **2.3.4. A construção da Catedral**

O padre Pita Ferreira descreve os moldes em que se iniciou a construção da Sé. Após a morte de D. Diogo, seu irmão D. Manuel, Duque de Beja, tomou posse a 27 de agosto de 1483. No ano seguinte, em 1484, os chamados procuradores (representantes do povo madeirense) apelaram ao Reino, manifestando a necessidade de ser contruída uma nova igreja no Funchal, para a qual estariam dispostos a contribuir<sup>213</sup>. Em 1485, foi cedido o terreno para a construção «‘duma igreja e praça e Casa do Concelho’»<sup>214</sup> no Campo do Duque, no Funchal. No entanto, segundo documentos encontrados pelo padre Pita Ferreira, a obra demorou alguns anos a ser iniciada. O início da construção da nova igreja foi em 1493, altura em que o Duque D. Manuel redige uma carta, dizendo: «Eu determinei ora de se começar e meter logo mão na igreja que tenho ordenado de se fazer em essa Vila, sentindo assim por serviço de Deus»<sup>215</sup>.

O desenvolvimento da obra estendeu-se, entretanto, por um período de tempo considerável pelo que, só no reinado de D. Manuel, em setembro de 1508, se deu por concluído

---

<sup>210</sup> Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 35.

<sup>211</sup> Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 36.

<sup>212</sup> Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 36.

<sup>213</sup> Cf. Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 37.

<sup>214</sup> Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 41.

<sup>215</sup> Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 45.

o templo, após uma nova ‘campanha’ de construção<sup>216</sup>. A obra foi realizada pelo arquiteto Gil Enes, o pedreiro-mestre da Sé, tendo sido enviado pela Ordem de Cristo o Bispo Titular de Taïere, D. João Lobo, para a bênção solene da nova igreja de Santa Maria. Tudo isto registou o nosso investigador, com todo os pormenores e com toda a minúcia, apresentando todas os elementos que conseguiu reunir, desde nomes, datas e materiais<sup>217</sup> conseguidos para a construção do edifício.

### 2.3.5. A criação da diocese do Funchal

O sacerdote prossegue a exposição do seu estudo, passando ao tema da criação da diocese do Funchal. A igreja de Nossa Senhora do Calhau foi a primeira da referida vila, não se podendo ainda falar de uma Catedral. É então que, a 12 de junho de 1514, a sede da paróquia foi transferida para o novo templo, elevado a Sé Catedral, pela Bula *Pro excellenti Proeminentia* do Papa Leão X<sup>218</sup>. O rei de Portugal, D. Manuel I, pediu por via diplomática à Santa Sé, para que concedesse a nomeação episcopal do Vigário de Tomar, Diogo Pinheiro, para bispo do Funchal. Além da Bula supramencionada, na mesma data, o Papa Leão X redigiu, ainda, duas Bulas: a) A Bula *Hodie ecclesiae Funchalensis*<sup>219</sup> – elevando a igreja de Santa Maria a Catedral, juntamente com a criação da Diocese do Funchal e a eleição de Dom Diogo Pinheiro para primeiro bispo do Funchal; b) a Bula *Gratiae divinae praemium*<sup>220</sup> – pela qual o Romano Pontífice confia a D. Manuel I «o direito de padroado e o privilégio de poder apresentar, no futuro, a pessoa idónea que devia ocupar a cadeira episcopal, quando esta vagasse»<sup>221</sup>.

Pita Ferreira assinala o evento da sagração da Catedral, como tendo ocorrido no dia 18 de outubro de 1516, pelo Bispo D. Duarte, enviado então à Madeira a pedido de D. Diogo Pinheiro (então impedido com negócios no reino)<sup>222</sup> (a sua investigação desconhecia a descoberta, acontecida nos anos 70 – séc. XX, de um documento<sup>223</sup> no Altar-mor da Catedral,

---

<sup>216</sup> Cf. Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 48-50.

<sup>217</sup> Cf. Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 49.

<sup>218</sup> Cf. Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 66. O padre Pita Ferreira publica (páginas 66-68) o texto completo da Bula *Pro Excelenti Præminentia*, segundo a tradução publicada em 1897 pelo padre Fernando Augusto da Silva (ver a nota 1 da página 68 da referida obra).

<sup>219</sup> Cf. Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 68.

<sup>220</sup> Cf. Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 68-69.

<sup>221</sup> Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 69.

<sup>222</sup> Cf. Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 53.

<sup>223</sup> Em virtude das adaptações litúrgicas inerentes ao Concílio Vaticano II, nos anos 70, a Sé do Funchal, ao remover o Altar-mor que fora dedicado, descobriu, no seu interior, uma caixa com um documento da data da Sagração da Catedral. Este documento – que se trata de um pergaminho ou códice – está na posse do bispo (no Paço Episcopal) e na Igreja da Sé, apenas uma cópia do original do mesmo. O texto foi traduzido e estudado do latim para o português, pelo Rev. Cónego Isaiás da Rocha Pereira, à época antigo professor da Universidade Nova de Lisboa. Nele, constam as seguintes letras: «*Anno Domini millesimo quingentesimo decimo septimo die vero mensis decima octava octobris ego Eduardus Dumiensis Episcopus com secravi Ecclesiam et altare Mor In honorem beatissime virginis marie et Reliquias decem millia martirum im eo (?) inclusi (?) sin gulorum x fidelibus hodie hunum anum et ym die Universario comsecrationis huiusmodi ipsam visitantibus quandraginta dies de vera*

contendo o registo da sagração em 1517). O nosso investigador refere como a Sé do Funchal foi, primeiro, elevada a metropolitana e como, mais tarde, se viu privada de tal privilégio: a 31 de janeiro de 1533, o Papa Clemente VII atendeu à vontade de D. Martinho de Portugal, Bispo do Funchal e embaixador junto do Vaticano, elevando, em consistório secreto, o Bispado do Funchal a Arcebispado e deu-lhe como território o mais vasto dado até hoje a uma diocese, devido à expansão do território marítimo português, na sequência dos descobrimentos e da necessidade de evangelização dos novos povos<sup>224</sup>. D. Martinho foi o primeiro, o único e o último arcebispo do Funchal. Devido à sua deslealdade para com o Rei e para com o Pontífice<sup>225</sup>, foi obrigado a renunciar ao seu cargo e nomeado para o Algarve. É aí que o Papa Júlio III, em 1551, promulga a Bula *Super universas*, reduzindo a Arquidiocese a um simples bispado<sup>226</sup>, tendo apenas como território a ilha da Madeira, o Porto Santo e as Desertas.

### 2.3.6. A Sé e a Arte Sacra: ourivesaria sacra da Catedral

No período de investigação do padre Pita Ferreira, muitas peças de ourivesaria sacra de elevado valor artístico encontravam-se na Catedral. Atualmente, uma grande parte do património da arte sacra encontra-se no Museu de Arte Sacra, no Funchal. O estudo do sacerdote foi facilitado, de certo modo, pelos inventários já então existentes.

No seu livro *A Sé do Funchal*, o autor apresenta uma abordagem histórica das origens das peças preciosas, doadas ao longo dos tempos por parte de «Reis, de Bispos, de Confrarias e de fiéis piedosos»<sup>227</sup>. O sacerdote e investigador menciona a primeira inventariação, em 1524, das primeiras pratas doadas à Sé Catedral: uma cruz de prata, um turíbulo, uma naveta, uma custódia dourada e alguns cálices<sup>228</sup>. No ano de 1528, a Sé Catedral foi enriquecida com

---

*in dulgentia ym forma Ecclesie consueta comsse dimus: - Eduardus, Dumiensis episcopus. rreliquiae sunt videlicet (?) decem mylium martirum Et petra turris Sancti barbori et lapiz de mon te Sinay». (No ano do Senhor milésimo quingentésimo décimo sétimo, no dia 18º do mês de outubro (18 OUT 1517). Eu, Duarte, bispo de Dume, consagrei a Igreja e o altar-mór em honra da SS. Virgem Maria e nele encerrei as relíquias de dez mil mártires. Concedemos a cada um dos fiéis de Cristo que hoje a visitem, um ano de indulgência na forma habitual da Igreja e do mesmo modo, 40 dias àqueles que o fizerem no dia (da) consagração. Duarte de Dume, bispo. As relíquias são de facto de 10.000 mártires e a pedra (foi tirada) da torre de Santa Bárbara e o lápis (trazido) do Monte Sinai). Ver Anexo 22, página 180.*

De notar que o códice foi descoberto ao tempo do bispo Francisco Santana (bispo da diocese do Funchal de 1974 a 1982), o qual o terá guardado no seu arquivo pessoal. Por esse motivo, nem o Dom Teodoro de Faria nem o Dom António Carrilho, que lhe sucederam, conseguiram encontrar tal pergaminho, apesar de terem notícia da sua existência. Foi, já neste tempo, no ano de 2020, que Dom Nuno Brás é surpreendido com o pergaminho, num envelope, dentro de uma pasta dos Arquivos. Ver Anexo 21, página 179.

<sup>224</sup> O Rei D. João III para instituir uma nova organização eclesiástica nos territórios marítimos portugueses apelou ao Papa para que criasse novas dioceses, nomeadamente, de São Miguel, nos Açores, de S. Tiago de Cabo Verde, de São Tomé e de Santa Catarina, em Goa e elevasse a Metropolitana e a Primaz, a Catedral do Funchal, auferindo como província as quatro novas dioceses, toda a costa africana, o Brasil e todas as terras longínquas que fossem descobertas. Cf. Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 75.

<sup>225</sup> Cf. Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 82-83.

<sup>226</sup> Cf. Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 83.

<sup>227</sup> Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 157.

<sup>228</sup> Cf. Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 158-159.

diversas peças de prata, oferecidas por D. Manuel I para o serviço da rica e maravilhosa capela-mor. Todas estas peças de ourivesaria foram destinadas para o serviço do culto religioso. Pita Ferreira refere também a oferta, no reinado de D. Manuel I, da famosa Cruz Manuelina<sup>229</sup>, de «prata dourada», como a descreve «Pinheiro Chagas, na sua História de Portugal, cercada toda de filigranado ou rendilhado, do mais elegante trabalho»<sup>230</sup>. Nela podem-se encontrar diversos desenhos artísticos que retratam episódios bíblicos. Ao longo dos séculos, a Cruz foi sofrendo algumas alterações por diversos artistas. Por isso, hoje, está modificada, em relação à oferecida por D. Manuel I. Esta é uma das mais emblemáticas peças de arte sacra existentes nos nossos dias no Museu de Arte Sacra do Funchal, o que valoriza o património e a cultura na Madeira.

Reportando ao reinado de D. João III, o padre indica outros objetos de valor artístico, entre os quais um prato de prata e um cofre oriundo da Índia, doados por esse mesmo Rei, a fim de prestigiar e distinguir a igreja funchalense. Tal prato é mencionado – como transmite Pita Ferreira – no Inventário de 1533, como tendo sido fundido no final do século XVIII. Relativamente ao cofre, diz existirem registos da sua existência em 1644, apesar de, mais tarde, se ter perdido o rasto dele<sup>231</sup>.

Continuando o elenco, o nosso investigador regista a existência de documentos sobre um cálice, datado de 1533, presenteado então pelo quarto Capitão-Donatário do Funchal, João Gonçalves da Câmara, mas que foi fundido no final do século XVII. Andando até à distância de um século, o historiador menciona a obtenção, pela Fábrica da Sé, em 1603, de um gomil antigo destinado aos pontificais da Sé, tendo sido fundido posteriormente em 1732, com o intuito de ser utilizado nas sacras do altar-mor.

Como dissemos, os inventários antigos permitiram a Pita Ferreira um conhecimento de todas as peças de arte sacra existentes à data da publicação da sua obra. O último inventário<sup>232</sup> realizado era o de 1798, o qual é de elevada importância, pois contém todos os registos, sobre todas as peças de ourivesaria existentes então na Sé. Mediante as informações aí contidas, verifica-se qual o destino dado, na época, a cada peça: algumas foram preservadas e outras fundidas, a fim de obter novas peças para o serviço litúrgico<sup>233</sup>.

---

<sup>229</sup> Cf. Martinho Mendes, «Introdução», em *500 anos da Dedicção da Sé do Funchal: Fé, Arte e Património. Um olhar sobre a obra de Pita Ferreira* (Museu de Arte Sacra do Funchal: Funchal, 2017), 33. Veja-se, nesta obra, a fotografia em que o padre Pita Ferreira aponta para dita cruz manuelina: «Exposição de Ourivesaria Sacra no Convento de Santa Clara. Padre Pita Ferreira junto à Cruz Processional Manuelina. Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira (ABM) – Fundo Luiz Peter Clode».

<sup>230</sup> Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 161.

<sup>231</sup> Cf. Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 178-179.

<sup>232</sup> Cf. Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 195.

<sup>233</sup> Cf. Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 195. Nas palavras de investigador: «Só por ele [o inventário de 1798] podemos perceber quais as pratas antigas, que foram poupadas, durante os últimos cem anos e quais as que foram adquiridas, com a utilização das pratas, que a Sé possuía [sic]. Para estas últimas, foram sacrificadas quase todas as pratas oferecidas por D. Manuel e as [...] adquiridas pela Fábrica nos séculos anteriores».

O nosso investigador assimila, no seu estudo, a divisão política e o clima de instabilidade do século XIX, repercutidos no tesouro da Sé. Segundo o nosso autor: «De pratas novas, apenas se enriqueceu com a banquetta rica do altar-mor; das antigas, perdeu o frontal do altar de Santo António»<sup>234</sup>. A Banqueta havia sido encomendada pelo bispo D. José da Costa Torres, que disponibilizou a maioria das pratas oferecidos por D. Manuel I e outras, oferecidas «à Catedral e à Colegiada de Machico» para a sua construção. O frontal do altar de Santo António – «‘chapeado de prata e tinha inscrita em relevo a legenda do santo’»<sup>235</sup> – fora, por sua vez, sacrificado por ladrões, que lhe retiraram partes de prata e pregos, destruindo a estrutura arquitetónica. Devido ao seu aspeto deteriorado, em 1844, foi vendido o que dele restava.

Em pleno século XX, a Catedral do Funchal continuava a ostentar o seu tesouro em peças de grande valor. Nesse período, segundo Pita Ferreira, apenas foram adquiridas três ânforas de prata (destinadas para o ritual da Bênção dos Santos Óleos, na Quinta-Feira Santa – Missa Crismal), as quais possuem a inscrição: «Sé do Funchal. 1900»<sup>236</sup>. No entanto, como nota o mesmo investigador, a Sé possuía já, além destas, outros objetos vindos de outros lugares (ainda no século XIX, para preservar o património artístico). É o caso, por exemplo de «duas banquettas, um cálice e um frontal de prata»<sup>237</sup>, trazidos da Igreja do Colégio com a autorização do bispo D. Luís Rodrigues Vilarés. Ou ainda uma talha do século XVI, com um estilo próprio, gótico flamejante, no Retábulo do altar-mor, próximo do Cadeiral dos cónegos, datado do ano de 1512.

Pita Ferreira não esquece o rico e imponente cadeiral da Sé do Funchal, uma das referências emblemáticas do património «catedralício», de valor artístico e sacro, não menos valioso que o retábulo do altar-mor, o qual remonta ao século XVI, possivelmente desenhado por Olivier de Gand e executada pela brigada de artistas que o acompanhava<sup>238</sup>. Na mesma linha, incluem-se as peças em prata da Confraria do Santíssimo da Sé, oriundas dos séculos XVII e XIX.

O sacerdote abrange também uma nota detalhada acerca das esculturas<sup>239</sup> da Catedral, que vão do período compreendido entre o séc. XV ao XX, carregadas, todas estas, de simbolismo, aliando à arte a ‘doutrina’, com a finalidade de despertar fé e devoção. A investigação do padre Pita Ferreira não esquece, igualmente, a paramentaria<sup>240</sup> da Catedral,

---

<sup>234</sup> Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 197.

<sup>235</sup> Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 204.

<sup>236</sup> Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 205.

<sup>237</sup> Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 205. Dito frontal encontra-se «no altar de S. José e que na anterior Igreja pertencia ao altar de Nossa Senhora do Pópulo». Ver também as fotografias nas páginas 198, 199 e 200 na referida obra.

<sup>238</sup> Cf. Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 243.

<sup>239</sup> Cf. Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 287-297.

<sup>240</sup> Cf. Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 301-305.

variada e vasta, com peças do tempo de El-Rei D. João III, cheias de preciosidade. Na sua obra, o investigador põe a claro todas as suas descobertas, por escrito e com fotografias. É notável a sua dedicação, a forma exímia como estudou e pôs a público o tesouro da Sé, dando-o a conhecer na totalidade, daí não o expomos minuciosamente, correndo o risco de repetir ou plagiar o trabalho do investigador.

#### **2.4. Síntese Capítulo II**

Este apartado da dissertação atendeu à escrita e ao temário do «Padre Pita Ferreira: um historiador madeirense. O eclesiástico intelectual: da história eclesiástica e as tradições». Aqui, evidenciamos, em primeiro lugar, as preocupações do sacerdote no campo da religiosidade popular, como que um etnógrafo das práticas cristãs marcantes da vivência das populações, nomeadamente sobre as raízes históricas do Natal na Madeira, a partir do seu estudo em campo, junto às populações, naquele tempo. Pode-se perceber o seu espírito aguçado de investigador, a atenção e o olhar pastoral como centro da sua pesquisa. Registamos a sua transcrição das práticas natalícias na ilha, como as «Missas do Parto», a matança do porco, a Missa do Galo e as Quadras de Natal. Num segundo momento, apontamos o seu contributo no estudo da influência da «Ordem Seráfica» na Madeira, isto é, a Ordem Franciscana, presente já nos primórdios da sua descoberta e do seu povoamento, e pelos séculos fora. Em terceiro lugar, evidenciamos a monumental investigação, sobre *A Sé do Funchal*, uma obra, que, embora socorrendo-se também de pequenos trabalhos realizados por outros autores, representou, à data da sua publicação (1963), um subsídio fundamental e incontornável para a história da Catedral, com autênticas novidades, constituindo, portanto, um estudo inédito. Nessa obra, o autor inclui abundantes referências históricas (sobre o templo em si e até acerca da criação mesma da Diocese do Funchal e seu desenvolvimento até ao século XX), tudo isso fruto de aturadas pesquisas em diversos arquivos históricos, de códices ou manuscritos, contendo ainda diversas fotografias, ilustrando, desse modo, não só a arquitetura do edifício, bem como o seu património. Tantos e tão preciosos aspetos que comprovam o inegável perfil de intelectual e de erudito, atento aos usos e costumes, posto ao serviço da cultura, de uma cultura baseada nos valores da fé.

# CAPÍTULO III

## NO ÂMBITO PASTORAL

### Catequese, Liturgia e Ação social

Este terceiro capítulo, dedicado à ação de Pita Ferreira no âmbito pastoral, dividir-se-á em três partes: 1) A Catequese, ‘movimento’ realizado a pedido de Dom Frei David de Sousa; 2) A Liturgia: onde o autor estuda a relação da Arte Sacra com a Liturgia, no que concerne às obras de arte presentes na Catedral do Funchal; 3) A Ação social, ‘área’ abrangida pela sua atividade pastoral, aquando pároco de São Gonçalo, no Funchal, a partir de 1945. Iremos analisar um discurso proferido pelo sacerdote, no mesmo ano, às Conferências Vicentinas.

#### 3.1. A Catequese

Em seguida, iremos apresentar, primeiro, um breve contexto sobre o estado da questão da catequese em Portugal, entre os anos 50-60 do século XX, para, depois, percebermos o contributo do nosso autor, por meio do seu *Curso Catequístico*, ‘manual’ redigido e desenvolvido pelo nosso autor, em três partes, entre 1959-1962.

##### 3.1.1. Contexto: a Catequese em Portugal nos anos 50-60 do séc. XX

A meados do séc. XX, Portugal já tinha conhecido o seu I Congresso Nacional de Catequese, no ano de 1932, e, em 1950, dá-se a criação do Secretariado Nacional da Catequese. Neste período, de facto, a preocupação da igreja portuguesa tinha «a formação cristã como questão central do catolicismo»<sup>241</sup>. Tal Secretariado esteve ligado, inicialmente, à dinâmica da Ação Católica, passando a ser autónomo a partir de 1952. Neste período deram-se inúmeras iniciativas, com novos métodos pedagógicos, até que se confeccionou um «*Catecismo nacional*» (1953-1957), redigido com uma nova abordagem, isto é, o «método indutivo»<sup>242</sup>. Operou-se um verdadeiro «esforço de renovação no ensino da catequese»<sup>243</sup>, pelo que, entre os anos de 1954-1965, diversas revistas nacionais publicaram artigos sobre a catequese e a renovação era desejada, quer a nível dos seminários (com a criação de uma cadeira de Catequética), quer mesmo nas escolas<sup>244</sup>. Em 1959, os Bispos portugueses traduzem o *Catecismo Católico* dos

---

<sup>241</sup> Paulo F. de Oliveira Fontes, «O catolicismo português no século XX: da separação à democracia», em *História Religiosa de Portugal*, coor. Manuel Clemente e António Matos Ferreira, Vol. 3 (Lisboa: Círculo de Leitores, 2000), 214.

<sup>242</sup> Fontes, «O catolicismo», 214.

<sup>243</sup> Fontes, «O catolicismo», 214.

<sup>244</sup> Cf. Fontes, «O catolicismo», 214. Cf. também Paredes, «Padre Pita Ferreira», 161-162.

Bispos alemães, que trazia novos desenvolvimentos, a partir dos estudos então recentes, a nível da patrística e da bíblia<sup>245</sup>. Contemporâneas também do padre Pita Ferreira são as *Bases da catequese elementar em Portugal*, primeiro documento da parte dos Bispos, a nível de Portugal, sobre a catequese, prevendo a sua divisão e metodologia<sup>246</sup>. Em 1962, realizou-se um inquérito catequístico nacional<sup>247</sup>.

Na Madeira, foi Dom frei David de Sousa que impulsionou a renovação da catequese. O prelado franciscano chegou à ilha ainda jovem, com 46 anos. Apesar de pouca experiência pastoral, era possuidor de uma grande bagagem intelectual, sendo biblista, professor de Sagrada Escritura e de Línguas Bíblicas<sup>248</sup>. Tendo tido uma intervenção notável no Concílio Vaticano II<sup>249</sup> – presente em quatro sessões<sup>250</sup> –, procurou seguir as orientações e linhas-mestras emanadas do mesmo<sup>251</sup>, no tocante à formação cristã, uma das suas principais preocupações<sup>252</sup> enquanto pastor.

A sua ação pastoral, no âmbito catequístico, inseriu-se na denominada «terceira etapa do movimento catequístico em Portugal»<sup>253</sup>, criando o Secretariado Diocesano da Catequese, em 6 de agosto de 1959<sup>254</sup>. Para uniformizar o ensino, este Secretariado designou um conjunto considerável de Delegados «junto das ordens e congregações religiosas, dos colégios e escolas», formado de «pessoas consagradas e presbíteros»<sup>255</sup> com a missão de apurar as dúvidas e dificuldades do ensino catequístico com os párocos, fazendo chegar ao Bispo estas questões. Com um intento renovador e de proximidade, D. David dividiu a sua diocese em 10 regiões e emitiu a *Legislação sobre a catequese*<sup>256</sup>, onde recomenda o uso do *Catecismo Nacional*, do *Missal dos Fiéis* e do Novo Testamento<sup>257</sup>. Esta *Legislação* tinha por objetivo catequizar crianças e adultos e de formar catequistas e renovar e intensificar a transmissão e vivência da Mensagem de Jesus<sup>258</sup>.

---

<sup>245</sup> Cf. Fontes, «O catolicismo», 214.

<sup>246</sup> Cf. Fontes, «O catolicismo», 215.

<sup>247</sup> Cf. Francisco da Silva Cristóvão, «Catequese e Catecismos», em Carlos Moreira Azevedo (dir), *Dicionário de História Religiosa de Portugal* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2000), *Apud* Paredes, «Padre Pita Ferreira», 160-161.

<sup>248</sup> Cf. Sousa, *D. Frei David de Sousa*, 21.

<sup>249</sup> Cf. Sousa, *D. Frei David de Sousa*, 36-45.

<sup>250</sup> Cf. Sousa, *D. Frei David de Sousa*, 42.

<sup>251</sup> Sobre a ‘impronta’ de Dom David no Vaticano II: Cf. Sousa, *D. Frei David de Sousa*, 42-67.

<sup>252</sup> Cf. Sousa, *D. Frei David de Sousa*, 106.

<sup>253</sup> Sousa, *D. Frei David de Sousa*, 107.

<sup>254</sup> Cf. Sousa, *D. Frei David de Sousa*, 107.

<sup>255</sup> Pe. António Hector de Araújo Figueira, «Catequese na diocese do Funchal», acedido em 30-12-2020, <http://aprenderamadeira.net/article/catequese-na-diocese-do-funchal> (atualizado a 29-12-2016).

<sup>256</sup> Cf. Diocese do Funchal, *Legislação sobre a catequese* (Funchal: Ed. Secretariado Diocesano da Catequese, 1960).

<sup>257</sup> Cf. Sousa, *D. Frei David de Sousa*, 108.

<sup>258</sup> Cf. Diocese do Funchal, *Legislação sobre a catequese*, 3. Cf ainda: *Catecismo Pequeno da Doutrina Cristã da Diocese do Funchal* (Funchal: Ed. Escola de Artes e Ofícios, 1960); Cf. ainda: Paredes, «Padre Pita Ferreira», 163.

É aqui que entra em cena o padre Pita Ferreira, em quem o senhor Bispo viu qualidades, confiando nas suas capacidades, mormente «pela atenção à criança de que se mostrou capaz»<sup>259</sup>. O sacerdote demonstrava, «nos problemas pastorais [...] uma visão objetiva e atual, dum modo muito particular no capítulo da catequese das crianças»<sup>260</sup>. O trabalho do nosso sacerdote revelou-se como muito importante, tendo, de certa forma, antecipado o Concílio Vaticano II (1962-1965). Foi com ele, e no seu tempo, que D. David promulgou as bases e o regulamento da formação catequística, onde se definia os papéis dos agentes do Secretariado da Catequese<sup>261</sup>: «o Pe. Pita Ferreira foi por ele [D. David] encarregado de atualizar e vivificar a Catequese na diocese funchalense. Um e outro estariam a par das inquietações e polémicas que agitaram a Igreja Católica na década de 1950»<sup>262</sup>. O padre Pita Ferreira foi, realmente, imparável<sup>263</sup>: percorreu todos os arceprestados da diocese; promoveu encontros e reuniões de formação (para os delegados do Secretariado diocesano; nas regiões; nas paróquias; para as religiosas; e para as professoras), ensinando a pedagogia catequética; visitou 13 escolas de religiosas; desenvolveu um inquérito sobre a catequese; realizou 17 cursos<sup>264</sup>. Dentro deste grande ‘movimento’, insere-se, pois, o *Curso de Iniciação Catequística*, redigido pelo sacerdote, para dar apoio e também para, no fundo, ‘materializar’ todo o seu esforço de atualização e renovação da catequese, com novas pedagogias, novos métodos e nova linguagem, preservando, enfim, a mesma e única mensagem salvífica: «O ensino do Catecismo e a formação religiosa das crianças e dos adultos é o primeiro dever dos pastores de almas»<sup>265</sup>. Importa salientar as questões debatidas pelo Concílio, no qual, aliás, participara o Bispo do Funchal, tais como a cientificidade da Escritura; a noção de Revelação (já debatida no Concílio Vaticano I - 1869-1870). Em todas estas questões, quer o prelado, quer o mesmo Pita Ferreira, souberam estar à altura e ter em conta todos os avanços ou progressos teológicos<sup>266</sup>.

### 3.1.2. *Curso de Iniciação Catequística em três partes*

No ano de 1960, aquando da fundação do Secretariado Diocesano da Catequese, o padre Pita Ferreira foi designado pelo bispo do Funchal, Dom Frei David de Sousa, para estar à frente, como diretor. O sacerdote já tinha elaborado várias obras neste campo, apresentando diversos modelos de catecismos, destinados às crianças, em várias etapas desse percurso. Em tais obras, o autor utiliza-se de diferentes géneros ‘literários’ para chegar aos mais pequenos: desde o

---

<sup>259</sup> Paredes, «Padre Pita Ferreira», 161.

<sup>260</sup> *Jornal da Madeira* (10.10.1963), 8.

<sup>261</sup> Cf. Paredes, «Padre Pita Ferreira», 163-164.

<sup>262</sup> Paredes, «Padre Pita Ferreira», 159.

<sup>263</sup> Cf. Paredes, «Padre Pita Ferreira», 164-165.

<sup>264</sup> Cf. Paredes, «Padre Pita Ferreira», 164.

<sup>265</sup> Diocese do Funchal, *Legislação sobre a catequese*, 5.

<sup>266</sup> Cf. Paredes, «Padre Pita Ferreira», 159.

simples ‘devocionário’ (como no caso de *A Santa Missa: diálogo*, de 1955<sup>267</sup>; e a *Santa Missa*, de 1961<sup>268</sup>), até ao estilo teatral (como *O mais belo presente da Primeira Comunhão*, de 1957<sup>269</sup>). Continuou também um trabalho mais elaborado na vertente de um *Curso de Iniciação Catequística*, que se prolongou até o ano de 1962. A esta obra pretendemos dedicar aqui a nossa atenção, por meio de uma análise do seu conteúdo teológico, bem como da metodologia utilizada.

No dia 12 de dezembro de 1959, o padre Pita Ferreira escreve uma curta notícia<sup>270</sup> para o *Jornal da Madeira*, com três informações:

1) Relembrando uma reunião, no Paço Episcopal, sob a presidência do senhor bispo, com os delegados do Secretariado Diocesano da Catequese<sup>271</sup>.

2) Seguidamente, no mesmo artigo, solicita que os sacerdotes, religiosos e religiosas possam dar uma resposta imediata, entre aqueles dias, a um inquérito que tinha sido lançado sobre a catequese na Diocese aos respetivos delegados competentes<sup>272</sup>.

3) Por fim, transmitiu um comunicado: «aos Sacerdotes do Concelho do Funchal [se informa] da primeira reunião de equipa de estudos no Seminário da Encarnação»<sup>273</sup>.

Neste período, como já referimos, entre os anos 1959-1962, o sacerdote elaborou um *Curso de Iniciação Catequística*, conseguindo realizar este trabalho antes do seu falecimento. O *Curso* foi publicado pelo então recém-criado Secretariado Diocesano da Catequese, em três pequenos ‘fascículos’: i) a «1.ª Parte» é publicada entre 1959-1960; ii) nos anos seguintes, entre 1960-1961, o padre Pita escreve a «2.ª Parte»; iii) a «3.ª Parte», entre 1961-1962. Todo este trabalho tinha por objetivo a formação dos catequistas, tanto os mais experientes como os principiantes, que queiram receber uma formação mais eficiente. O autor preocupou-se em

---

<sup>267</sup> Trata-se de uma obra de carácter devocionária da sua autoria: Pe. Manuel Juvenal Pita Ferreira, *A Santa Missa: diálogo para formar as crianças da catequese no espírito com que hão-de assistir ao Santo Sacrifício da Missa* (Funchal: Ed. Tipografia Esperança, 1955). É uma obra que se direciona numa perspetiva pedagógica na fé para ajudar os mais novos a valorizar a dimensão da Eucaristia através da oração, como também os procedimentos a ter durante a celebração da Santa Missa.

<sup>268</sup> Trata-se da obra intitulada *A Santa Missa* (1961) – da qual se desconhece o paradeiro –, um opúsculo que assume uma grande importância na época do padre Pita Ferreira, visto basear-se na explicação da missa às crianças e incluir, nomeadamente, a tradução do latim para o português. Verificamos que esta obra traduz já a preocupação do autor de propagar, a um maior número de pessoas, a liturgia da Igreja, fomentando a participação dos fiéis.

<sup>269</sup> Trata-se de uma obra da sua autoria: Pe. Manuel Juvenal Pita Ferreira, *O mais belo presente da Primeira Comunhão* (Funchal: Tip. Jornal da Madeira, 1957), na qual se baseia uma peça de teatro referente a uma família na qual o Marcelino (filho) está a preparar-se para receber a sua primeira comunhão eucarística. O Marcelino desejava muito que o seu pai (não praticante da vida religiosa) participasse na celebração da sua primeira comunhão. O final da história revela a conversão do pai, segundo o testemunho de fé do seu filho. Esta peça de teatro, segundo a minha investigação, surge no intuito de retratar a realidade das famílias na paróquia de São Gonçalo, no Funchal, quanto à sua participação na vida religiosa, uma vez que a classe operária julgava a religião e a igreja, a seu modo.

<sup>270</sup> Ver Anexo 32, página 191.

<sup>271</sup> Cf. *Jornal da Madeira* (13.12.1959), 1.

<sup>272</sup> Cf. *Jornal da Madeira* (13.12.1959), 1.

<sup>273</sup> *Jornal da Madeira* (13.12.1959), 1.

utilizar um método de exposição muito pedagógico e bastante objetivo na forma como estruturou as partes mais importantes sobre o âmbito da catequese. Destacamos que, nos vários volumes do seu trabalho, há um frequente apoio nos textos do Catecismo Nacional e Bíblico<sup>274</sup> e em teólogos conceituados à época<sup>275</sup> – o que demonstra a notável preparação intelectual do padre Pita Ferreira.

### **3.1.2.1. Curso de Iniciação Catequística – «1.ª Parte» (1959-1960)**

O esquema utilizado por Pita Ferreira, na «1.ª Parte» do seu *Curso de Iniciação Catequística*, divide-se em dois apartados, que explanamos em seguida: «Pedagogia Catequética» e «Doutrina».

#### **3.1.2.1.1. «Pedagogia catequética»**

Na parte em que se refere à «Pedagogia catequética», o autor demonstra qual a missão do catequista no coração da Igreja. Para isso, divide as suas ‘ideias’ em três pontos: «O que é a Catequese»; «O Catequista»; «Como orientar uma lição de Catecismo».

#### **A. O que é a Catequese**

Na “Primeira Parte” (1959-1960) do seu *Curso de Iniciação Catequística*, o padre Pita Ferreira faz uma referência sobre o que é a catequese e a missão do catequista. Logo no começo desta parte, explica que a «catequese é a arte de ensinar e fazer viver a Mensagem de Deus aos homens»<sup>276</sup>. O catequista não só anuncia a Deus, como deve deixar Deus falar, como se vê nas palavras do próprio padre:

Deus é o Grande Catequista da humanidade. Deus encarregou do ensino da sua Mensagem aos patriarcas, profetas e homens inspirados, no Antigo Testamento, e a seu Filho Jesus Cristo, no Novo [Testamento]. [...] A missão de Jesus, o nosso catequista por excelência, foi continuada pelos Apóstolos e atualmente é realizada pela Igreja<sup>277</sup>.

Deste modo, o padre Pita Ferreira demonstra quais são, para ele, os grandes protagonistas da missão, caracterizados como encarregados do ensino da Mensagem de Deus no mundo. Tais ‘mensageiros’ são os seguintes: «[os] Patriarcas, Profetas e Homens inspirados;

---

<sup>274</sup> Cf. Paredes, «Padre Pita Ferreira», 172.

<sup>275</sup> Cf. Paredes, «Padre Pita Ferreira», 172. A autora do estudo a que fazemos referência, Maria Favila Paredes, enumera alguns desses «mestres» na Catequese, de que se terá socorrido o padre Pita Ferreira, o que denota uma grande preparação intelectual. Nomes como: Cónego Camille Quinet; Abade Auguste Boulenger; Fernand Lelotte, SJ; José María Bover y Oliver, SJ; Raoul Plus, SJ; Emílio Sauras García, OP; Luis Arnaldich, OFM; M. Arami, monge premonstratense; o beato D. Columba Marmion, OSB.

<sup>276</sup> Manuel Juvenal Pita Ferreira, *Curso de Iniciação Catequística: 1.ª Parte* (Funchal: Secretariado Diocesano de Catequese da Diocese do Funchal, 1959-1960), 7.

<sup>277</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 7.

Nosso Senhor Jesus Cristo; O Papa, em toda a Igreja; os Bispos, nas Dioceses; os Párocos, nas paróquias; os Pais, nas famílias e a catequista é apenas uma auxiliar do Pároco e dos Pais»<sup>278</sup>. O autor não foge, antes se aproxima da verdadeira essência da catequese, a qual vive, sobretudo, da mensagem de Deus e da Igreja, que é a porta-voz de Cristo, dando seguimento ao anúncio do Evangelho.

## **B. O Catequista**

Na visão do nosso sacerdote, o catequista deve estar bem consciente da sua missão: o catequista é «todo aquele que foi chamado pela Igreja para ensinar e fazer viver a Mensagem de Deus»<sup>279</sup>. Portanto, o seu ‘múnus’ consiste em dinamizar e personificar a mensagem da Palavra de Deus, traduzindo-a de uma forma prática para o entendimento dos catequizandos. Assim, a Igreja, através dos párocos, solicita pessoas idóneas para o ministério catequético, a fim de o exercerem com responsabilidade, como diz o mesmo padre:

O catequista recebe missão canónica, quando é chamado pela Igreja, por meio do Pároco ou de quem o representa. Para o bom desempenho da sua missão, está o catequista obrigado a conhecer, além da Mensagem de Deus, um pouco de Liturgia, de Teologia e da História da Igreja. Deve ter presente que a “Religião é uma vida, que se vive, e não uma teoria, que se aprende”<sup>280</sup>.

Seguidamente, o sacerdote refere também que «a missão do catequista é a mais sublime das missões, porque é a missão de Cristo»<sup>281</sup>. Enaltece, pois, o papel do catequista, visto ter esta uma responsabilidade no coração da Igreja, no meio dos mais novos, sendo que «é ainda necessário que o catequista viva a doutrina que ensina, para que cristianize com o seu exemplo»<sup>282</sup>. Por essa mesma razão, alerta o padre Pita Ferreira, não se pode, de maneira nenhuma improvisar o ensino: fazê-lo «seria comprometer a sua missão, colocar mal a Igreja e pôr em perigo a salvação das crianças»<sup>283</sup>.

## **C. Como orientar uma lição de Catecismo**

O autor procurou dar bases e estruturas para uma lição de catequese. No primeiro volume da obra já mencionada, apresenta como orientar uma «boa lição de catecismo», a qual

---

<sup>278</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 7.

<sup>279</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 9.

<sup>280</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 9.

<sup>281</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 9.

<sup>282</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 9.

<sup>283</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 9.

se compõe das seguintes partes: «1ª: Ideia a infundir; 2ª: concretização; 3ª: Estudo; 4ª: Sentimentos a despertar; 5ª: Fórmula; 6ª: Frase do Evangelho; 7ª: Prova e 8ª: Cântico»<sup>284</sup>.

O padre Pita Ferreira organizou, segundo a sua própria experiência, uma metodologia de ‘dez mandamentos’ para serem aplicados na ‘sala’ de catequese, a fim de proporcionar aos catequizandos um bom aproveitamento catequético:

1º Não dê explicações às crianças, que apenas estejam à altura dos adultos, porque são inúteis; 2º Não empregue palavras, cujo significado as crianças desconheçam; Deve ter presente que elas apenas conhecem cerca de 900 palavras; 3º Não vá à frente das crianças no estudo e sobretudo nas conclusões. Deixe-as pensar; Esforce-se por concretizar dalguma maneira tudo o que é abstrato; Ponha Nosso Senhor Jesus Cristo no centro da sua catequese; 6º Deite mão dos factos e parábolas do Evangelho e não conte às crianças casos e histórias, que elas, um dia, venham a concluir que são falsos; 7º Nunca despreze a fórmula; 8º Aplique sempre que seja possível uma frase do Evangelho à lição que dá; 9º Lute para levar as crianças à prática do que aprenderam; 10º Na prova encontrará o resultado da sua lição<sup>285</sup>.

O modelo catequético apresentado pelo padre Pita Ferreira prevê, para cada lição de catequese, algo que considera fundamental: ter um tema a apresentar, com ajuda de várias referências bíblicas, para iluminar toda a temática da catequese. Entre as suas diversas preocupações, conta-se a seguinte:

Se em todas as lições ensinarmos às crianças uma frase da *Sagrada Escritura*, que se adapte ao assunto da lição, levaremos as crianças ao conhecimento do Antigo e Novo Testamento e à aplicação da Palavra de Deus aos atos da sua vida<sup>286</sup>.

Ao mesmo tempo, aconselha que, na última parte da lição, se dê às crianças «uma prova» com perguntas para a prova final, com a finalidade de ajudar o catequizando na assimilação do conteúdo. Isto já demonstra uma pedagogia bem estruturada.

#### **3.1.2.1.2. «Doutrina»**

O ponto sobre a «Doutrina» inclui os elementos constituintes da fé cristã: «o Homem» (na visão cristã); «A existência de Deus»; «A Santíssima Trindade»; «A Graça»; «A Queda e a Redenção».

---

<sup>284</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 11.

<sup>285</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 11.

<sup>286</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 14.

#### **D. O homem**

Para o sacerdote, além do próprio *Curso de Iniciação Catequística*, é necessária uma exposição crítica sobre os conteúdos da fé e da doutrina da Igreja. O autor colocou, junto ao seu texto, várias ilustrações, para ajudar a compreensão de cada tema. Um exemplo de ilustração aplicada à lição de catequese poderia ser este: «desenhe no quadro preto a cabeça do gato e a de um homem, destacando nelas bem os olhos, o nariz, a boca, as orelhas, o cabelo, etc.»<sup>287</sup>. O sentido desta instrução é a comparação das duas realidades, isto é, entre o animal e o homem. O objetivo, então, era o de as próprias crianças poderem descobrir, por si mesmas, que o homem tem juízo (inteligência) e o animal não tem<sup>288</sup>.

Sintetizando, o catequista «leve-as à conclusão de que o homem tem alma»<sup>289</sup>. Através do cenário acima descrito, Pita Ferreira transmitia ainda uma dimensão antropológica da catequese para a reflexão dos alunos de curso secundário: segundo o sacerdote, a vida do homem tem três graus, a saber: «1º A vida vegetativa, pela qual o homem se nutre, cresce e reproduz, como as plantas; 2º A vida sensitiva, que é a vida dos sentidos, característica dos animais e 3º A vida racional, pela qual o homem pensa e ama»<sup>290</sup>. No final de cada tema, encontra-se uma pequena bibliografia, pela qual o padre Pita Ferreira procurou orientar-se nos seus esquemas do curso de catequese.

#### **E. A existência de Deus**

A “Segunda Parte” do I volume traduz uma explicação eminentemente teológica, englobando os conteúdos da fé, numa perspectiva doutrinal. Na verdade, ele faz referência, simultaneamente, aos temas da existência de Deus; a sua revelação como Santíssima Trindade e a identidade do homem como criatura feita à imagem de Deus; a graça e a criação do Homem.

O padre Pita Ferreira desenvolveu uma temática específica sobre «Deus», tomada como fundamental importância para o curso catequético, a fim de que as crianças pudessem acreditar na existência de Deus. Com este pressuposto, apresenta, na mesma obra, um esquema que os catequistas devem propor aos seus catequizandos. Este envolve um quadro, o qual abrange o essencial da criação do mundo e a obra-prima do homem. Através de imagens, expõe o seguinte exercício: «mande, em seguida, uma delas [das crianças] indicar com o sinal mais (+) as coisas que um homem é capaz de fazer e com o sinal menos (-) as que é incapaz. Por estas, leve as crianças a acreditar na existência de Deus»<sup>291</sup>. Junto às imagens e ao texto, o padre Pita Ferreira

---

<sup>287</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 17.

<sup>288</sup> Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 17. Ver Anexo 24, página 183.

<sup>289</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 17.

<sup>290</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 17.

<sup>291</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 23. Ver Anexo 25, página 184.

cita sempre uma passagem bíblica, para dar mais veracidade, em virtude do cenário em questão, como por exemplo: «No princípio criou Deus o céu e a terra» (Gênesis I, 1)<sup>292</sup>.

O sacerdote ‘desenhou’ ainda uma outra analogia, através duma ilustração, a qual consistia em propor um esquema sobre «A História da Chuva»<sup>293</sup>, relacionando-a com uma paisagem. O que se pretendia aqui era ensinar as crianças a contemplar a inteligência e o poder de Deus. Como o próprio autor explica, na sua teoria: «é necessário que as crianças fiquem convencidas de que Deus é infinitamente superior ao homem»<sup>294</sup>.

Dentro desta temática sobre a «Existência de Deus», o padre Pita Ferreira procurou, basicamente, desenvolver duas formas de trabalho catequético, tanto para as crianças como para os alunos de curso secundário, respeitando os ritmos dos mesmos catequizandos. Para os alunos de curso secundário, o padre Pita Ferreira utiliza uma linguagem mais apropriada, diferente da destinada aos alunos mais novos. Ao examinar o seu pensamento, nesta obra, verifica-se a utilização de uma linguagem mais persuasiva para os adolescentes. Também aqui ele propõe um exercício, a ser realizado da seguinte forma: «O homem, por meio da sua alma, pode chegar à conclusão de que há Deus. Basta-lhe pensar assim: 1.º Argumento – A Ordem do Universo e 2.º Argumento – O Movimento dos Astros»<sup>295</sup>. Junto aos argumentos, encontra-se outra ilustração<sup>296</sup>, expondo a ordem e os movimentos dos astros, para demonstrar aos alunos que «é impossível colocá-los em ordem e em movimento, sem uma força e uma inteligência»<sup>297</sup>. Através de exemplos concretos, o sacerdote demonstra que a atuação de Deus na Criação está impregnada da inteligência divina. Por isso, esclarece: «logo, alguma força os pôs em movimento. A força de Deus»<sup>298</sup>. Quanto ao 3.º Argumento, este baseia-se sobre A Causalidade<sup>299</sup>, a qual consiste na implicação da causa daquilo que existe. Por exemplo: o homem, o animal, a planta, o mineral, o sol e o mar existem<sup>300</sup>: «logo, alguém os chamou à existência, isto é, os creou [sic!] DEUS»<sup>301</sup>. Finalmente, o 4º Argumento está relacionado com a «Lei da Consciência», clarificada pelo autor de maneira prática: «Não pode haver lei sem legislador. Ora o homem sente na sua alma uma lei que o manda fazer o bem e evitar o mal. Logo alguém lhe deu essa lei. Deus»<sup>302</sup>.

---

<sup>292</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 24.

<sup>293</sup> Ver Anexo 26, página 185.

<sup>294</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 24.

<sup>295</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 26.

<sup>296</sup> Ver Anexo 27, página 186.

<sup>297</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 26.

<sup>298</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 27.

<sup>299</sup> Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 27. Na obra aparece «CASUALIDADE», o que não deve passar senão de um lapso de digitação, visto que logo em seguida, o sacerdote diz: «Para que uma coisa exista, necessita duma causa».

<sup>300</sup> Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 27.

<sup>301</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 27.

<sup>302</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 27.

## F. A Santíssima Trindade

No plano do curso catequético do padre Pita Ferreira, está bem patente a dimensão do «Mistério da Santíssima Trindade», explicada de uma forma breve e sucinta<sup>303</sup>, para que os catequizandos pudessem ter um conhecimento geral das Três Pessoas Divinas da Trindade. O objetivo do autor é demonstrar, com uma linguagem simples, a realidade da Santíssima Trindade, um dos dogmas da Igreja, explicando que «o Mistério da Santíssima Trindade é o mistério dum só Deus em três pessoas iguais e distintas»<sup>304</sup>. Na análise sobre a verdade de fé sobre a Santíssima Trindade, aduz ainda a importância de conhecer a razão da nossa fé e da nossa existência. Portanto, caracteriza: «O Pai é Deus. O Filho é o pensamento de Deus. O Espírito Santo é o Amor de Deus. No Pai, no Filho e no Espírito Santo a natureza é a mesma»<sup>305</sup>.

No IV capítulo da “Segunda parte” do *Curso Catequístico*, vemos que o sacerdote dá sempre um esquema de exemplos, para que, na catequese, a compreensão dos temas – como o da Santíssima Trindade – seja mais facilitada. Neste caso, apresenta quadro com um desenho, referente à alma humana e a Deus, postos em paralelo. A «Alma» é caracterizada por «Pensamentos» e «Amor». À frente, «Deus Pai» é relacionado com o Filho e o Espírito Santo, sendo que «o pensamento» é o Filho e «o amor» é o Espírito Santo. A este esquema vai responder esta conclusão: «O Pai, o Filho e o Espírito Santo formam um só Deus, como a minha alma, os meus pensamentos e o meu amor formam uma só alma. [...] O Pai, o Filho e o Espírito Santo formam um só Deus em três pessoas distintas, enquanto a minha alma, com os seus pensamentos e o seu amor, formam uma só alma e uma só pessoa»<sup>306</sup>.

Esta lição termina com frases do Evangelho referentes à Santíssima Trindade<sup>307</sup>. Um dos exemplos dados é o que disse Jesus: «Ide ensinai todas as gentes, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo» (Mt XXVIII, 19)<sup>308</sup>. Ou ainda: «São três os que dão testemunho no céu: o Pai, o Verbo e o Espírito Santo; e estes três são um só Deus» (I Jo V, 7)<sup>309</sup>. Ou até outras citações bíblicas que demonstram esta ligação comum do Senhor Jesus com Deus, por exemplo: «Eu e o Pai somos um» (Jo X, 30) e «Filipe, quem me vê, vê também o Pai» (Jo XIV, 8)<sup>310</sup>.

---

<sup>303</sup> Ver Anexo 28, página 187.

<sup>304</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 33.

<sup>305</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 33.

<sup>306</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 33.

<sup>307</sup> O autor Pita Ferreira citou algumas frases do Evangelho, que provem a existência da Santíssima Trindade.

<sup>308</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 33.

<sup>309</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 33.

<sup>310</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 33.

## G. A Graça é um dom de Deus

No V capítulo, o padre Pita Ferreira trata sobre «A Graça», caracterizada como um dom de Deus. Nesta lição catequética, o sacerdote demonstra alguns exemplos<sup>311</sup> para que as crianças possam aprender rapidamente o que é a «Graça». Por exemplo: «A água que bebemos é um dom de Deus; o ar que respiramos é um dom de Deus; o pão que comemos é um dom de Deus»<sup>312</sup>. Através destas referências os jovens conseguirão interpretar o que é, na verdade, a «Graça» que também é um dom ou oferta de Deus<sup>313</sup>. O sacerdote ensina que «a Graça» é, no fundo, o que torna o homem mais participante da vida de Deus e, por isso, o transforma. Com frequência, explicita que foi Jesus quem nos ensinou esta grande verdade, quando disse: «Se alguém me ama, guardará a minha palavra e meu Pai o amará e Nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada» (Jo XIV, 23)<sup>314</sup>. O autor elucida: «a Graça é, portanto, Deus em nós; Desgraça é a falta de Deus em nós»<sup>315</sup>. Para Pita Ferreira, enfim, a graça de Deus é um auxílio à participação na vida divina: «Deus quis que fôssemos participantes da sua vida. Para isso, mandou seu Filho à terra estabelecer o Reino de Deus e dar-nos a sua graça. Pela Graça tornamo-nos filhos adotivos de Deus, herdeiros do céu, templos do Espírito Santo e membros de Cristo»<sup>316</sup>. No fim da sua reflexão, o autor cita, mais uma vez, algumas passagens bíblicas, a fim de comprovar a sua ‘tese’ (por exemplo: «O Verbo se fez carne e habitou entre nós»)<sup>317</sup>.

## H. A Criação do Homem: a Queda e a Redenção

O VI capítulo do I volume do *Curso de Iniciação Catequística* trata sobre «A Criação do Homem» [sic!]<sup>318</sup>, cuja vida vem de Deus, pelo qual foi criado. Nesta lição catequética, o padre Pita Ferreira faz um levantamento sobre uma parcela do *Livro do Génesis*, demonstrando que «Deus deu a Adão e a Eva um corpo perfeito, uma alma perfeita, dons preter-naturais [sic], a graça e a lei da consciência»<sup>319</sup>. O sacerdote queria ensinar, com esta lição, que o próprio Deus deu a lei da consciência aos nossos primeiros pais, criou-os livres e com possibilidade de

---

<sup>311</sup> Ver Anexo 29, página 188.

<sup>312</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 35.

<sup>313</sup> Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 35.

<sup>314</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 35.

<sup>315</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 35.

<sup>316</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 36.

<sup>317</sup> Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 36. A fundamentação bíblica de Pita Ferreira para o tema da «Graça» foi: «O Verbo se fez carne e habitou entre nós [...] e a todos os que o receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus» (Jo I, 14); «Não sabeis que sois templos de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós» (I Cor III, 16) e Jesus disse: «Eu sou a videira e vós os ramos. O que permanece em mim e eu nele dá muito fruto, porque sem mim nada podeis fazer» (Jo XV, 5).

<sup>318</sup> Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 37.

<sup>319</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 38.

praticarem o bem e o mal<sup>320</sup>. Antes que Adão e Eva praticassem o mal, Deus deu-lhes a consciência para conseguirem diferenciar entre o bem e o mal:

Deus colocou os nossos primeiros pais num lugar da terra, chamado o «Paraíso Terrestre», onde eles facilmente supriam as necessidades do corpo. Adão e Eva não gozavam nem necessitavam do conforto de habitação, do luxo de vestuário, das exquisiteces [sic!] da mesa e da riqueza de vocabulário, que hoje gozamos. A sua maior felicidade provinha da vida da graça<sup>321</sup>.

Após esta exposição sobre «A Criação do Homem», o autor faz uma relação de duas temáticas breves sobre a «Queda» e a «Redenção». Em relação à «Queda», começa por explicar a fragilidade da condição do homem, que não tem os dons preternaturais para dominar e equilibrar as suas más condutas. O autor procurou mostrar alguns exemplos:

O homem, que se encontra nas cadeias e nos hospitais, não tem a alma e o corpo perfeito, como o corpo e a alma que Adão e Eva receberam de Deus. O homem atual também não tem os dons preter-naturais. Nem todos os homens têm a vida da graça e todos nascem sem ela. Por tudo isto concluímos que o homem caiu e perdeu a graça, os dons preter-naturais e a perfeição do seu corpo e da sua alma<sup>322</sup>.

Em seguida, o padre Pita Ferreira apresenta um esquema, em desenho<sup>323</sup>, com uma representação simbólica da vida da graça e da vida terrena dos nossos primeiros pais. O objetivo era o de explicar às crianças o que é a vida natural e o que é a vida sobrenatural, para que pudessem ter «uma ideia da grandeza da queda de Adão e Eva e das nossas quedas»<sup>324</sup>. Relativamente à «Redenção», o padre Pita explica-nos, teologicamente:

Deus não quiz [sic] que o homem se perdesse e, para isso, mandou seu Filho ao mundo estabelecer o seu Reino. Jesus ensinou-nos o valor da graça e os modos de adquiri-la e gozá-la, por meio da sua pregação; alcançou-a para todos nós, por meio da sua morte na cruz e, para que os homens através dos séculos tivessem a vida da graça, instituiu a sua Igreja<sup>325</sup>.

Depois desta citação, o autor faculta um esquema<sup>326</sup> de acordo com a sua abordagem, acima citada, dizendo que «Jesus é um sinal de contradição»<sup>327</sup>. Explica igualmente que, através da cruz do Senhor, a humanidade se divide em duas partes: aqueles que o amam e aqueles que

---

<sup>320</sup> Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 38.

<sup>321</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 38.

<sup>322</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 39.

<sup>323</sup> Ver Anexo 30, página 189.

<sup>324</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 39.

<sup>325</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 40.

<sup>326</sup> Ver Anexo 31, página 190.

<sup>327</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 40.

o odeiam ou desprezam<sup>328</sup>. E assim, a graça de Deus age na vida da Igreja: «Jesus aos que [O] amam e [O] seguem deu-lhes o poder de se tornarem filhos adotivos de Deus, herdeiros do céu, templos do Espírito Santo, membros dEle [sic!] próprio, isto é, deu-lhe a graça»<sup>329</sup>.

O padre Pita Ferreira chama a atenção, nesta lição, para o perigo da perda da graça: infelizmente, «a graça perde-se pelo pecado mortal»<sup>330</sup>. Mas – continua o sacerdote – como Deus não quer que os seus filhos caiam no inferno, Jesus deixou na sua Igreja o Sacramento da Penitência<sup>331</sup>, como comprova a citação bíblica, que vai de encontro com o mistério da Redenção do Senhor: «Recebi o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados: e àqueles a quem os retiverdes ser-lhe-ão retidos» (Jo XX, 22)<sup>332</sup>.

O *Curso de Iniciação Catequística* do padre Pita Ferreira dá, realmente, muita relevância aos principais temas teológicos sobre o Mistério da Salvação, lidos a partir da sua pertinência para a vida da Igreja e do homem. Sobre cada tema, de facto, agrega um esquema, com uma ilustração (figura, imagem ou desenho) e um exemplo alusivo; por fim, apresenta o respaldo bíblico, como conteúdo de toda a catequese.

### **3.1.2.2. Curso de Iniciação Catequística – «2.ª Parte» (1960-1961)**

O II Volume do *Curso de Iniciação Catequística* (1960-1961) trata, por um lado, da «pedagogia catequética» – que incide sobre os métodos: a criança e os meios auxiliares da catequese – e a «Doutrina» – cujo conteúdo figura os seguintes itens: a) Cristo esperado; b) Cristo entre nós; c) o Reino de Deus fundado por Cristo; d) Cristo mediador; e) Cristo continuado.

O verdadeiro emblema da catequese, como nos transcreve o próprio padre Pita Ferreira, Secretário Diocesano da Catequese, é o seguinte: «Cristo, centro da História, é também o centro da Catequese. Grande necessidade tem, portanto, o catequista de conhecê-lo e amá-lo para melhor ensinar às crianças a doutrina que Ele pregou»<sup>333</sup>. O catequista, então, deve conhecer a Cristo e, por isso, deve haver uma apresentação da realidade de Cristo na História da Salvação, como propõe o autor, Pita Ferreira.

Este volume catequético tem a finalidade de dar a conhecer o Evangelho e, por isso mesmo, mostrar Cristo àqueles que têm o desejo de fazer um encontro com o Senhor. É por

---

<sup>328</sup> Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 40.

<sup>329</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 40.

<sup>330</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 40.

<sup>331</sup> Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 40.

<sup>332</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 1.ª Parte*, 41.

<sup>333</sup> Manuel Juvenal Pita Ferreira, *Curso de Iniciação Catequística: 2.ª Parte* (Funchal: Secretariado Diocesano de Catequese da Diocese do Funchal, 1960-1961), 5.

essa razão que o padre Pita Ferreira apresenta Jesus Cristo como o «Centro da História» ao longo deste segundo fascículo do seu *Curso*.

Nos pontos seguintes deste apartado, procuraremos reter, de forma genérica, o essencial do que o autor Pita Ferreira desenvolve no já citado documento. Dada a extensão do documento, na abordagem que faremos, embora tenhamos em conta todo o conteúdo do mesmo, apenas referenciaremos os temas mais importantes.

### **3.1.2.2.1. «Pedagogia catequética»**

#### **A. Os métodos: a criança e os meios auxiliares da catequese**

Pita Ferreira identificou, na sua pedagogia catequética, a existência de quatro períodos na evolução psíquica da criança: 1.<sup>a</sup> infância (do nascimento até aos 3 anos); 2.<sup>a</sup> infância (dos 3 aos 7 anos); 3.<sup>a</sup> infância (dos 7 aos 13 anos) e adolescência (dos 13 aos 18 anos)<sup>334</sup>.

Quanto à primeira infância, é destacada a idade das primeiras descobertas, em que a criança alcança um período da vida do espírito: a descoberta do corpo; a do espaço imediato; e a da linguagem (alcança o mundo pelos símbolos). Nesta fase, a criança tem uma capacidade de conservar na memória tudo aquilo que mais a impressiona e a própria influência do meio familiar e de amigos são fundamentais.

Em relação à segunda infância, o padre nota que a criança atinge a chamada da idade da razão, o que terá as suas implicações a partir dos três anos, atravessando um tempo de crise, ou seja, a passagem para a segunda infância, e assim sucessivamente. Neste período, a criança começa a ganhar mais autonomia própria e, frequentemente, opõe a sua vontade à vontade dos outros (sobretudo nos rapazes). Outra característica na criança é a sua livre iniciativa de descobrir o mundo que lhe rodeia. Como por exemplo: «Mãe isto o que é?». Também é a idade das «intuições religiosas mais espontâneas e livres»<sup>335</sup>. Segundo o autor, «é a idade dos jogos» e, como tal, «jogando temos que ensinar o catecismo»<sup>336</sup>. A fase dos cinco anos é um tempo de alcançar mais consciência dos valores dos atos e também é a idade de agir conforme aquilo que os pais aprovam ou reprovam.

Na visão do padre Pita Ferreira, estes dados são importantes ter em conta para que se torne possível uma colaboração entre o catequista e os párocos. Essa colaboração passa também pelo uso de meios auxiliares e de programas que dinamizem sessões de catequese atrativas: «Para isso, deite mão do canto; filmes; jogos; quadros vivos; mímicas; dramatizações; temas; provas; construções; certames catequísticos; prémios e sobretudo o ideal»<sup>337</sup>. O sacerdote

---

<sup>334</sup> Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.ª Parte*, 9.

<sup>335</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.ª Parte*, 9.

<sup>336</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.ª Parte*, 11.

<sup>337</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.ª Parte*, 12.

aconselha a apresentação de filmes fixos durante as revisões e recapitulações, e pouco nas apresentações iniciais, porque esta dinâmica é uma ajuda importante para a catequese das crianças. O autor tem, efetivamente, muito presente os diferentes ritmos de crescimento das crianças e apela, pois, a um acompanhamento próximo, a fim de despertar nas crianças os valores e a própria fé.

### 3.1.2.2.2. «Doutrina»

#### B. «Cristo esperado»: Jesus é o Centro da História

Dentro da temática sobre a «Doutrina», concernente à «2.<sup>a</sup> Parte» do *Curso de Iniciação Catequística*, Pita Ferreira inclui o que chama «Jesus é o Centro da História». A sua formação catequética começa pela descrição do contexto histórico de Jesus, a partir do Antigo Testamento, com abundantes referências da *Sagrada Escritura*. Em jeito de estudo bíblico, o sacerdote convida os catequistas a explicar, de forma breve, a seus catequizandos o trajeto da Obra da Salvação: a promessa de Deus no Cristo esperado; o Povo eleito através de Abraão; a Aliança de Deus com o Seu Povo; a confirmação da promessa; a transmissão da promessa e Deus renova a Aliança<sup>338</sup>. Depois, segue-se a descrição das figuras emblemáticas dos homens que Deus escolheu para dar continuidade à sua obra: Abraão, escolhido por Deus, foi designado para ser chefe do «Povo eleito»<sup>339</sup>, no qual que havia de nascer Jesus Cristo. Sobre esta eleição de Deus, ele observa que a saída de Abraão é resposta a um chamamento e a uma bênção:

Abandona a casa de teu pai e vai à terra, que te hei-de mostrar. Far-te-ei chefe de um grande povo e em ti serão abençoadas todas as gerações da terra (Génesis. XII, 1). [E ainda assim, Deus acrescenta]: Eu te abençoarei e multiplicarei a tua descendência, como as estrelas do céu e como a areia que há sobre a praia do mar; [...] e na tua descendência SERÃO BENDITAS [sic!] <sup>340</sup> todas as nações da terra, porque obedeceste à minha voz (Génesis. XXII,17)<sup>341</sup>.

Depois, segue-se a figura de Jacob, responsável na transmissão da promessa. Jacob «chamou e abençoou seus filhos e disse a Judá: Judá, teus irmãos te louvarão [...]. O cetro não

<sup>338</sup> Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.<sup>a</sup> Parte*, 16-17.

<sup>339</sup> Pita Ferreira apresentou uma citação bíblica de grande relevância para a análise da compreensão sobre a Aliança que Deus fez com Abraão: «Eis a minha aliança contigo: serás pai de uma multidão de povos. Já não te chamarás Abrão mas o teu nome será Abraão, porque te faço pai de uma multidão de povos. Tornar-te-ei extremamente fecundo, farei de ti nações e de ti sairão reis. Instituirei minha aliança entre mim e ti e tua posteridade depois de ti, uma aliança eterna, de geração em geração, para ser o teu Deus e o de tua posteridade depois de ti. Darei a ti e à tua posteridade a terra em que habitas, toda a terra de Canaã, em possessão eterna, e serei o vosso Deus». (Gn 17, 4-8), *Apud* Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.<sup>a</sup> Parte*, 17.

<sup>340</sup> A grafia com letras maiúsculas é do próprio autor. Quisemos manter, para sermos fiéis ao que o sacerdote desejou transmitir.

<sup>341</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.<sup>a</sup> Parte*, 16-17.

será tirado de Judá, nem o príncipe da sua descendência, até que venha aquele que deve ser enviado e Ele será a expectativa das nações” (Gênesis. XLIX, 8)».

Em seguida, o sacerdote apresenta o grande profeta Moisés, que teve um grande significado na libertação do Povo de Deus no Egito, onde Deus renovou a Sua Aliança como o povo, dando-lhe a Lei. O padre Pita Ferreira inclui ainda o anúncio de Cristo pelos profetas e por João Batista: o rei David<sup>342</sup> «no Salmo 109, cantou os triunfos de Cristo e, no Salmo 21, as suas dores», referindo também que David consolidou a Aliança com Deus e foi abençoado: «“Tua casa e teu reino, disse o Senhor, substituirão para sempre diante de mim e teu trono será firmado para sempre” (II Samuel VII, 16)»<sup>343</sup>.

Depois, temos o profeta Isaías, o qual anunciou: «“Uma Virgem terá um filho, que será Deus conosco. Ele é o Admirável, o Deus, o Forte, o Pai dos séculos futuros, o Príncipe da Paz” (Isaías VII)». Este profeta retratou o «Homem das dores», isto é, o mesmo que Cristo havia de ser, pois, na verdade «“Ele tomou sobre si os nossos males, carregou as nossas dores. Como um cordeiro será conduzido para ser morto [...] será tratado como um malfeitor. É com as suas dores que nos trará a salvação” (Isaías LIII)»<sup>344</sup>. Na mesma linha de Isaías, o sacerdote refere o profeta Miqueias. Este indicou o lugar do nascimento de Jesus em Belém (Cf. Miqueias V)<sup>345</sup>. Já o profeta Daniel fixou a data do nascimento e da morte de Cristo (Cf. Daniel IX, 25-26)<sup>346</sup>.

O padre Pita Ferreira termina o elenco com o último profeta, João Batista, caracterizando-o como arauto e precursor: «Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz» (João I, 6-8). O testemunho deste homem de Deus consistiu em preparar os caminhos do Senhor, anunciando a Jesus, a quem inclusive chegou a batizar; dá testemunho aos legados do Sinédrio e aos seus; é elogiado por Jesus e, no final da sua missão, é preso e morto<sup>347</sup>.

### C. «Cristo entre nós»

«Cristo entre nós» é o segundo tema dentro do apartado de «Doutrina», da «2.<sup>a</sup> Parte» do *Curso de Iniciação Catequística*. Pita Ferreira faz um elenco das fontes pagãs (antigas), de

---

<sup>342</sup> Pita Ferreira assinala que o rei David viveu durante o período de 1013 a 973 a.C.

<sup>343</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.<sup>a</sup> Parte*, 18.

<sup>344</sup> O autor, Pita Ferreira, procurou dar relevância ao período do profeta Isaías que viveu entre 736 e 699 a.C., Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.<sup>a</sup> Parte*, 18.

<sup>345</sup> Segundo o autor, o profeta Miqueias viveu entre 736-699 a.C. Foi transcrita a citação bíblica referenciada no seu *Curso*: «E tu, Belém, és pequena entre as muitas cidades de tribu [sic] de Judá, mas de ti sairá o Chefe, que governará o meu povo [...]. A Ele todos se converterão; até aos últimos confins da terra. Ele será a Paz!». Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.<sup>a</sup> Parte*, 18.

<sup>346</sup> Segundo Pita Ferreira, podemos compreender melhor as palavras do profeta Daniel (viveu de 605 a 536 a.C.), indicando-nos o seguinte: «Desde a saída da ordem para a reconstrução de Jerusalém até Cristo Chefe, passarão sete semanas e sessenta e duas semanas [...]. E depois das sessenta e duas semanas, o Messias será morto». Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.<sup>a</sup> Parte*, 18.

<sup>347</sup> Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.<sup>a</sup> Parte*, 19.

vários escritores pertencentes aos primeiros séculos da história do Cristianismo. O sacerdote destina esta temática aos catequistas dos alunos de catequese do secundário, com um ‘currículo’ de estudo mais histórico e breve. Um dos objetivos do autor é o de levar os catequizandos a um conhecimento geral sobre a realidade dos primeiros cristãos face às perseguições do poder político judaico/religioso e romano. Por isso, apresenta diversos relatos da autoria de homens ilustres, que descreveram, nas suas obras, acontecimentos sobre os cristãos pertencentes aos séculos I e II d.C.

Encontramos, pois, a recolha dos seguintes testemunhos:

i) o escritor Tácito, que, nos seus *Anais* (escritos cerca do ano 116), descreveu como o Imperador Nero, na sua época, atribuiu a culpa de um incêndio em Roma aos cristãos, para evitar os boatos de que era alvo. Ainda nos escritos de Tácito há uma referência infame a Cristo e aos novos cristãos, como nota Pita Ferreira:

O fundador desta seita, um certo Cristo, havia sido condenado à morte pelo Procurador Pôncio Pilatos, no império de César. Esta perigosa superstição por um momento detida, espalhou-se logo não apenas na Judeia, onde tal peste surgira, mas mesmo em Roma, onde encontram e têm acolhimento todas as coisas, ainda mesmo as mais grosseiras e vergonhosas<sup>348</sup>.

ii) Suetónio é um outro escritor antigo que, na sua *Vida de Nero* (cerca do ano 120), fez referência ao estado e ao comportamento dos cristãos da época, dizendo que «Nero causou muito mal, mas causou muito bem. Os cristãos, homens duma superstição nova e maléfica, foram condenados à morte»<sup>349</sup>. O mesmo Suetónio no período do império de Cláudio, escreveu ainda: «Ele [Nero] expulsou de Roma os judeus, que se revoltavam continuamente, excitados por um tal CHRESTUS [sic!]»<sup>350</sup>.

iii) Pita Ferreira menciona Flávio Josefo e a sua obra *Antiguidades Judaicas* (escrita em grego, cerca do ano 93 ou 94), na qual fez referência direta sobre o julgamento do apóstolo Tiago<sup>351</sup>. E, além deste testemunho, no seu *Livro XVIII*, elogia os fenómenos de Jesus referentes aos seus milagres<sup>352</sup>.

---

<sup>348</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.ª Parte*, 23.

<sup>349</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.ª Parte*, 24.

<sup>350</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.ª Parte*, 24.

<sup>351</sup> A citação do escritor Flávio Josefo é apresentada da seguinte forma: «Anaz [...] julgando asada a ocasião [...] reuniu o Sinédrio para julgar o irmão de JESUS, denominado o Cristo, [...] cujo nome era Tiago, e, tendo-o acusado com os outros de haver transgredido a Lei de Moisés, o fez lapidar». Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.ª Parte*, 24.

<sup>352</sup> O autor Flávio Josefo explica num trecho: «Foi também nesse tempo que apareceu Jesus, homem sábio, se é que o devemos chamar homem. Porque foi autor de obras espantosas, mestre dos que recebem com alegria a

iv) São Justino – outro dos autores nomeado – converteu-se ao cristianismo no ano 130, tendo nascido na Palestina, na cidade de «Sichem» e, além de ser cristão, foi um filósofo. No seu *Diálogo com o judeu Trifão*, recolheu o pensamento judaico, acerca de Jesus: «Jesus, o Galileu, [alega Trifão], suscitou uma seita ímpia e inimiga da lei. Crucificámo-lo. Os seus discípulos, durante a noite, tiraram do sepulcro o seu cadáver. Enganaram em seguida e seduziram os homens, pretendendo que ele ressuscitou e subiu ao céu»<sup>353</sup>.

v) «*O Talmud Babilónico*» é considerado uma obra judaica, remontante aos séculos I e II, onde se descreve a vida de Jesus. Nas suas páginas lê-se o seguinte: «No dia fixado para a execução, antes da Festa da Páscoa, suspenderam a Jesus de Nazareth, por ter seduzido e desviado Israel, com seus feitiços»<sup>354</sup>. Na mesma obra, também se descrevem relatos com o fim de apagar definitivamente o nome e a vida de Jesus Cristo<sup>355</sup>.

vi) Do século I, como nota o nosso autor, existem «Fontes Cristãs» que nos demonstram a grande diferença das obras já mencionadas. Destacamos, é claro, os quatro evangelhos, os quais fazem parte da Revelação da Igreja (S. Mateus; S. Marcos; S. Lucas e S. João). Além destes, temos as cartas de S. Paulo; S. Pedro; S. Tiago. Todos estes comentam a doutrina de Cristo, provando a existência e a história da sua vida, pelas quais a Igreja Católica se orienta nos fundamentos da sua fé<sup>356</sup>.

Na sua investigação, o secretário diocesano da catequese, Pita Ferreira, confrontou todos estes dados históricos, necessários para demonstrar aos catequistas e seus catequizandos os ‘prós’ e os ‘contras’ sobre a vida de Cristo. A conclusão do sacerdote pode resumir-se na sua provocante afirmação, segundo a qual todos os testemunhos dos escritores antigos dos séculos I e II d.C. simplesmente atestam a «existência de Cristo» e «embora sejam contra Ele, são históricos e verdadeiros»<sup>357</sup>.

---

verdade. E atraiu, muitos judeus e helenos. Era o Cristo e, mesmo depois de Pilatos, devido à denúncia dos principais da nossa nação, o condenar à morte, os que o haviam amado antes, não o abandonaram por isso, pois lhe apareceu vivo, no terceiro dia, conforme tinham dito, com outras maravilhas, os profetas divinos. E até hoje subsiste o grupo, que de seu nome tomou o de cristãos», Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.ª Parte*, 24.

<sup>353</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.ª Parte*, 25.

<sup>354</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.ª Parte*, 25.

<sup>355</sup> A obra de *Talmud* relata o seguinte: «No versículo 12 da mais santa oração de Israel, - a Schemone Esre -, que data, o mais tardar, do fim do século I, pede-se a Deus “[...] que os minim [sic] e os NAZARENOS pereçam subitamente e que o seu nome seja riscado do Livro da Vida.” No mesmo Talmud, chama-se ao Evangelho ‘a má Nova.’». Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.ª Parte*, 25.

<sup>356</sup> Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.ª Parte*, 25.

<sup>357</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.ª Parte*, 25.

#### **D. O Reino de Deus fundado por Cristo**

O autor explicitou ainda a temática referente ao «Reino de Deus fundado por Cristo». Para o sacerdote, «o Reino de Deus funda-se e propaga-se pela pregação do Evangelho»<sup>358</sup>. Efetivamente, o Reino de Deus foi estabelecido pelo Filho de Deus através do anúncio do Evangelho, mostrando o valor e a beleza incomparáveis das parábolas do grão de mostarda<sup>359</sup> e do fermento<sup>360</sup>, bem como as do tesouro escondido e da pedra preciosa<sup>361</sup>, significando que «o Reino de Deus crescerá automaticamente e progressivamente até o fim do mundo, em virtude da Graça»<sup>362</sup>.

Outro aspeto salientado prende-se com os dois grandes mandamentos do Reino. O primeiro é: «amarás o Senhor teu Deus com todo o coração e com toda a tua alma e com todas as tuas forças e com toda a tua inteligência»<sup>363</sup>. E o segundo mandamento segue-se, nesta ordem, como o Senhor confiou: «que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei [...]. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos»<sup>364</sup>. O padre Pita Ferreira transcreve abundantes referências bíblicas, o que denota, desde logo, no seu trabalho, um ensejo de renovação bíblica na catequese, no modo de a apresentar, para que os jovens pudessem acompanhar o procedimento da Palavra de Deus durante a catequese. Deparamo-nos, com efeito, com uma atualização na área da catequese em pleno século XX, na diocese do Funchal. Na verdade, o Secretário Diocesano da Catequese introduz uma novidade, ao pôr os catequistas e os catequizandos em contacto com a Bíblia, através de citações variadíssimas. Pita Ferreira procurou utilizar, neste *Curso*, uma linguagem de ordem bíblica, demonstrando, assim, a beleza e a força da Palavra de Deus, que fundamenta a fé da Igreja. Isto revelava já uma pedagogia essencial própria, transversal aos variados graus de ensino catequético.

#### **E. Cristo mediador**

Em relação ao tema de «Cristo mediador», o Secretário Diocesano da Catequese procurou focar três partes, em pequenos temas: 1) a conquista da Graça; 2) o selo da missão de Cristo e 3) o grande milagre. Antes de proceder à apresentação de cada tema, o autor fez uma breve introdução sobre a causa que leva à perda da vida da Graça na humanidade mediante o pecado, que atingiu os nossos primeiros pais. Por conseguinte, explica que «o homem pelos

---

<sup>358</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.ª Parte*, 31.

<sup>359</sup> Cf. Mt 13, 31-35; Mc 4, 26-34.

<sup>360</sup> Cf. Lc 13, 18-21.

<sup>361</sup> Cf. Mt 13, 44-46.

<sup>362</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.ª Parte*, 31.

<sup>363</sup> Mt 22, 34-40; Mc 12, 28-34; Lc 10, 27.

<sup>364</sup> Jo 13, 34-35; 15, 12-27.

seus merecimentos não podia alcançar a Graça, porque esta é um dom sobrenatural e, por isso mesmo, não exigido pela natureza humana»<sup>365</sup>.

Na primeira parte, fez referência à «conquista da Graça». Para que o Homem voltasse a receber a Vida da Graça, era necessário que Deus mandasse o Seu Filho ao Mundo<sup>366</sup>, para a nossa Salvação. O Prólogo do Evangelho de S. João é testemunha desta verdade da Encarnação do Verbo de Deus ao Mundo: «E o Verbo se fez carne e habitou entre nós» (João I, 11-14). Na verdade, foi o próprio Jesus que alcançou esta Graça para toda a humanidade, submetendo-se aos golpes da paixão, dando assim, «um valor infinito, como Deus»<sup>367</sup> à mesma, como aponta o nosso autor.

Na segunda parte, o tema é «o selo da missão de Cristo». Nesta parte, o padre Pita Ferreira define a noção de milagre: «MILAGRE [sic] é um facto sensível, sobrenatural e divino». O sacerdote justifica que os próprios milagres que Jesus operou eram o selo divino da sua missão. O autor fundamenta-se nos relatos dos evangelhos<sup>368</sup> que testemunharam as maravilhas de Deus em Jesus: «Eu tenho um testemunho maior que o de João, disse Jesus, pois as obras que o Pai me deu para consumir, essas mesmas obras, que faço, atestam a meu respeito que o Pai me enviou» (João V, 36). E, além desta citação, demonstra o valor divino-messiânico da pessoa de Cristo: «“Quando não queirais crer em mim, disse Jesus aos judeus, crede nas minhas obras, para que conheçais e acrediteis que o Pai está em mim e eu no Pai” (João X, 38)». Quanto à vida messiânica de Jesus, o padre faz notar que os milagres realizados por ele confirmaram à delegação enviada por João Batista que Ele era realmente Cristo, o enviado de Deus<sup>369</sup>.

A terceira parte refere-se ao «grande milagre» que constitui a Ressurreição do Senhor, considerada, pelo sacerdote, como o maior fenómeno dos nossos tempos. O padre Pita Ferreira afirma: «[a Ressurreição] é o maior milagre de Jesus; com ela firmou Jesus a sua missão»<sup>370</sup>. As próprias palavras de S. Paulo, quando se dirige à comunidade de Corinto, em tempo de crise,

---

<sup>365</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.ª Parte*, 39.

<sup>366</sup> Cf. Jo 3, 14-16: «Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim também é necessário que o Filho do Homem seja levantado, a fim de que todo aquele que crê n'Ele não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus amou de tal modo o mundo, que lhe deu seu Filho unigénito, para que todo o que crê nele não pereça, mas tenha a vida eterna». Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.ª Parte*, 39.

<sup>367</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.ª Parte*, 39.

<sup>368</sup> O padre Pita Ferreira atribuiu uma grande relevância às citações bíblicas dos evangelhos as quais citam os grandes milagres de Jesus Cristo. A realçar: «A cura do cego de nascença (Jo 10, 1-14); A cura dos dez leprosos (Lc 27, 11-19); A cura do servo centurião (Mt 8, 5-13; Lc 7, 1-10); A ressurreição do Filho da Viúva de Naim (Lc 7, 11-17); A ressurreição da filha de Jairo que está explícita nos três Evangelhos Sinópticos: (Mt 9, 18-26; Mc 5, 21-43 e Lc 8, 40-56); A ressurreição de Lázaro (Jo 11, 1-44). As Bodas de Caná (Jo 2, 1-11); a Tempestade acalmada (Mt 8, 23-27) e Jesus anda sobre as águas (Mt 14, 22-33; Mc 6, 45-52; Jo 6, 14-21)», Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.ª Parte*, 40.

<sup>369</sup> O autor, Pita Ferreira, especifica outras citações bíblicas que estão de acordo com a mensagem de João Batista a Jesus: (Mt 11, 2-6 e Lc 7, 18-23). Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.ª Parte*, 41.

<sup>370</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.ª Parte*, 41.

explicam igualmente o sentido e o fundamento da nossa fé: «Se Cristo não ressuscitou é vã a nossa pregação; é também vã a nossa fé» (I Cor XV, 14).

O autor indica ainda que Jesus anunciou a Sua Ressurreição em três períodos: a primeira predição<sup>371</sup>; a segunda predição<sup>372</sup> e a terceira predição<sup>373</sup>. Todas estas predições fundamentadas através das citações dos evangelhos que narraram os momentos cruciais do anúncio da Ressurreição. Pelo estudo bíblico, o sacerdote deu importância à dimensão da Ressurreição de Jesus como sinal da sua missão divina. Como diz Jesus, do mesmo modo que Jonas que «esteve no ventre do cetáceo três dias e três noites, assim também o Filho do Homem estará no coração da terra, três dias e três noites»<sup>374</sup>. Também Jesus mencionou a sua Ressurreição, na transfiguração do Monte Tabor: «Não digais a ninguém o que vistes, até que o Filho do Homem ressuscite»<sup>375</sup>. A Ressurreição<sup>376</sup> do Senhor Jesus teve um grande impacto, no seu tempo e, atualmente, continua a ser o maior milagre de todo o mundo.

## F. Cristo continuado

A catequese do padre Pita Ferreira acerca de «Cristo continuado» começa por valorizar a dimensão da apostolicidade da Igreja, demonstrando-nos que, para ter continuado a missão de Jesus «até ao fim dos séculos, Jesus instituiu a Igreja»<sup>377</sup>. Assim, com a expressão de «Cristo continuado», pretendia o autor afirmar que a Igreja, instituída por Cristo, tem a missão de O tornar presente ao mundo.

No final da «2.<sup>a</sup> Parte» deste seu *Curso*, uma autêntica formação catequética, o padre Pita Ferreira pretende sublinhar a importância da continuidade de Cristo na vida da Igreja, especificando que a própria Igreja é verdadeiramente uma sociedade formada por todos os filhos do Reino de Deus, que formam um só corpo, cuja cabeça é Cristo<sup>378</sup>. Ensina-nos também que Jesus escolheu e preparou a primeira hierarquia do Reino de Deus, estabelecendo no mundo os seus primeiros discípulos<sup>379</sup> com a vocação de Pedro, André, Tiago e João<sup>380</sup>; a vocação de Mateus<sup>381</sup> e a escolha dos Apóstolos<sup>382</sup>.

---

<sup>371</sup> Cf. Mt 16, 20-28; Mc 8, 30-39 e Lc 9, 21-27.

<sup>372</sup> Cf. Mt 17, 21-22; Mc 9, 29-31 e Lc 9, 44-48.

<sup>373</sup> Cf. Mt 20, 17-19; Mc 10, 32-34 e Lc 18, 31-34.

<sup>374</sup> Mt 12, 38-45; Lc 11, 16; 29-36; 24-26.

<sup>375</sup> Mt 17, 1-13; Mc 9, 1-12 e Lc 9, 28-36.

<sup>376</sup> A Ressurreição de Jesus é narrada ao longo destes capítulos pelos quatro Evangelistas: Mt 18; Mc 16; Lc 24; Jo 20 e 21. O nosso autor Pita Ferreira quis dar relevância a todas as passagens bíblicas referentes ao assunto abordado.

<sup>377</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.<sup>a</sup> Parte*, 45.

<sup>378</sup> Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.<sup>a</sup> Parte*, 45.

<sup>379</sup> Cf. Jo. 1, 35-51.

<sup>380</sup> Cf. Mt 4, 18-22; Mc 1, 16-20; Lc 5, 1-11 (Pesca Milagrosa).

<sup>381</sup> Cf. Mt 1, 9-17; Mc 2, 13-22; Lc 5, 27-39.

<sup>382</sup> Cf. Mt 10, 2-4; Mc 3, 13-19; Lc 6, 12-16.

O autor continua<sup>383</sup>, dando-nos indicações específicas sobre os relatos do Evangelho, como pontos de orientação, para compreendermos a origem da Igreja Apostólica: Jesus inicia os Apóstolos na pregação<sup>384</sup> e faz-lhes a advertências acerca da mesma pregação presente e da futura<sup>385</sup>; os Apóstolos entregam-se à pregação com o Mestre<sup>386</sup>; muitos discípulos se afastam de Jesus, enquanto os Apóstolos permanecem fiéis<sup>387</sup>; Jesus promete as chaves do Reino de Deus a Pedro<sup>388</sup>; a missão dos setenta e dois discípulos<sup>389</sup>; Jesus ensina os discípulos a rezar<sup>390</sup> e Jesus reza por Pedro<sup>391</sup>.

Entretanto, o Secretário Diocesano da Catequese procurou mostrar a forma como Jesus instituiu a sua Igreja, pela transmissão de poderes que recebera do Pai<sup>392</sup>: «“Assim como o Pai me enviou, assim eu vos envio a Vós” (Jo XX, 19-25)». Verificamos que o autor se preocupou em evidenciar, sobretudo, o mandato do Senhor Jesus aos Apóstolos: deu-lhes o poder de pregar o Evangelho a toda a criatura<sup>393</sup>; de batizar<sup>394</sup>; de perdoar pecados<sup>395</sup>; de consagrar o pão e o vinho no seu Corpo e Sangue<sup>396</sup>. Jesus deu ainda a Pedro o primado na Igreja<sup>397</sup>.

### **3.1.2.3. Curso de Iniciação Catequística – «3.ª Parte» (1961-1962)**

Na «3.ª Parte» do *Curso de Iniciação Catequística* (1961-1962) trata-se, fundamentalmente, da doutrina relacionada com a Igreja em que o próprio autor desenvolve diversas temáticas catequéticas acerca do «Corpo Místico de Cristo», em torno da manifestação da fé dos cristãos. Este ‘fascículo’ está dividido em duas partes: «A Doutrina da Igreja»; «A Liturgia».

#### **3.1.2.3.1. «Doutrina»**

Na primeira parte, distinguiremos os diversos temas desenvolvidos pelo sacerdote: «O Corpo Místico de Cristo»; «Jesus deu-nos a Eucaristia»; «Os primeiros cristãos acreditaram na Eucaristia»; «Jesus Cristo, nossa vítima».

---

<sup>383</sup> Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.ª Parte*, 46.

<sup>384</sup> Cf. Mt 10, 1-42; Mc 6, 7-11; Lc 9, 1-4.

<sup>385</sup> Cf. Mt 10, 1-42; Mc 6, 7-11; Lc 9, 1-4.

<sup>386</sup> Cf. Mt 11, 1; Mc 6, 12-13; Lc 9, 6.

<sup>387</sup> Cf. Jo 6, 22-72 (Discurso sobre o Pão da Vida).

<sup>388</sup> Cf. Mt 16, 13-19; Mc 8, 27-29; Lc 9, 18-20 (Confissão de Pedro).

<sup>389</sup> Cf. Lc 10, 1-16.

<sup>390</sup> Cf. Lc 11, 1-4. Oração Dominical (Pai nosso).

<sup>391</sup> Cf. Mt 26, 30-35; Mc 14, 26-31; Lc 22, 31-34; Jo 13, 36-38.

<sup>392</sup> Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 2.ª Parte*, 46.

<sup>393</sup> Cf. Mc 16, 15-18; Lc 24, 44-49.

<sup>394</sup> Cf. Mt 28, 16-20.

<sup>395</sup> Cf. Jo 20, 22-23.

<sup>396</sup> Cf. Mt 26, 26-29; Mc 14, 22-25; Lc 22, 15-20.

<sup>397</sup> Cf. Jo 21,1-24.

## A. O Corpo Místico de Cristo

Enquanto Secretário Diocesano da Catequese, o padre Pita Ferreira declara a realidade da doutrina do «Corpo Místico de Cristo», do seguinte modo:

Foi a doutrina, que cristianizou o mundo pagão, e é a única que pode salvar o atual. Nenhuma eleva e dignifica o homem, como ela. Pregada pelo próprio Cristo, – não é outra a doutrina do Evangelho, – encontrou, nos primeiros tempos da Igreja, em S. Paulo, um grande apaixonado, que, em suas Epístolas, melhor do que ninguém a pregou. Nos vinte séculos de vida da Santa Igreja, anunciaram-na os Papas e toda a Hierarquia. Por ela, muitos santos deram a vida. Não admira, pois, que neste terceiro CURSO DE INICIAÇÃO CATEQUÍSTICA [sic!] seja estudada, para ser vivida por todos os catequisandos<sup>398</sup>.

O autor, no terceiro fascículo deste *Curso*, apresenta uma analogia sobre a Igreja como sociedade e como Corpo Místico de Cristo, caracterizando-a como mensageira da reconciliação entre Deus e o homem em Cristo. Entende o Corpo místico de Cristo por «um organismo espiritual que unido a Cristo, como a sua cabeça, vive a mesma vida de Cristo e é animado pelo Espírito de Cristo»<sup>399</sup>. Ou seja, o sacerdote demonstra que «a cabeça do Corpo místico de Cristo é Ele próprio»<sup>400</sup>. Segue, portanto, o que nos diz São Paulo: «Deus constituiu Cristo, cabeça de toda a Igreja, que é o seu corpo e o complemento daquele, que cumpre tudo em todos» (Ef I, 22-23). Para ele, a missão da Igreja não é outra senão a de incorporar Cristo em cada cristão pelo Batismo, gerando novos cristãos, inseridos numa comunidade de fiéis. No seio de uma comunidade de batizados, são muitos os membros do Corpo místico de Cristo, tal como no corpo humano: os membros desempenham diversas funções na missão e no apostolado<sup>401</sup>. O padre esclarece, com efeito, que, na Igreja, «o Papa, os Bispos, os sacerdotes e os fiéis, formam “o Corpo místico de Cristo” – Um só Corpo, embora os membros realizem funções diversas»<sup>402</sup>. No mesmo sentido, Pita Ferreira explicita a união entre os membros e a Cabeça, pela qual formam um só Corpo<sup>403</sup>: «No Corpo místico de Cristo existe a mais estreita união entre a Cabeça e os membros, recebendo estes a vida que lhes é dada por Cristo»<sup>404</sup>. E, além disso, acrescenta que

---

<sup>398</sup> Padre Manuel Juvenal Pita Ferreira, *Curso de Iniciação Catequística: 3.ª Parte*. (Funchal: Secretariado Diocesano de Catequese da Diocese do Funchal, 1961-1962), 5.

<sup>399</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 7.

<sup>400</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 7.

<sup>401</sup> Como diz Pita Ferreira, quando São Paulo escreve à comunidade de Éfeso, mostra toda a realidade dos diversos ministérios que Deus oferece a cada membro da Sua Igreja, de acordo com as suas faculdades: «Cristo a uns constitui Apóstolos, a outros profetas, a outros evangelistas, a outros pastores e doutores, para o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para a edificação do Corpo de Cristo» (Ef 4, 11-12).

<sup>402</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 8.

<sup>403</sup> O autor Pita Ferreira citou uma passagem bíblica para demonstrar o quanto é o valor entre Cristo (Cabeça) caracterizando como a «videira» e os membros caracterizados como os «ramos»: «Eu sou a videira, vós sois os ramos, disse Jesus. O que permanece em mim e eu nele esse dá muito fruto, porque sem mim nada podeis fazer» (Jo 15, 1-7).

<sup>404</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 8.

«no Corpo místico de Cristo, o membro vive “em Cristo e por Cristo”»<sup>405</sup>. Nesta realidade, quem anima o próprio Corpo Místico de Cristo da Igreja é o Espírito Santo<sup>406</sup>. O autor sublinhou esta referência relativa ao Corpo e à Cabeça, como imagem da Igreja, para concluir com São Paulo: «Num mesmo Espírito fomos batizados todos nós, para sermos um só corpo» (I Cor XII, 13).

O autor procurou convencionar algumas etapas do desenvolvimento do Corpo Místico de Cristo: «1ª. Do momento da Encarnação do Verbo até a sua morte na Cruz. 2ª. Da sua morte na Cruz até o instante da justificação pessoal de cada um. 3ª. Da justificação pessoal de cada cristão até a posse da vida eterna»<sup>407</sup>. Faz ainda uma alusão sobre a extensão do Corpo místico de Cristo por toda a Terra, no Purgatório e no Céu, ou seja: a Igreja militante, padecente e triunfante<sup>408</sup>.

O padre Pita Ferreira apresenta outras condições para incorporação em Cristo, condições essas exigidas pela Palavra de Deus e pela Igreja<sup>409</sup>: em primeiro lugar, a purificação da alma<sup>410</sup>; em segundo lugar, a imitação de Cristo, nos pensamentos, palavras e obras<sup>411</sup>; em terceiro lugar, procurar as coisas de Deus e a Sua Salvação<sup>412</sup>; e, em quarto lugar, proceder da mesma forma que o Apóstolo São Paulo: «Eu vivo mas já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim» (Gal II, 20). O nosso sacerdote alude a algumas linhas mestras, no seu entender, relativamente aos fins da nossa incorporação em Cristo. Como nos dizia:

1º - Dar glória a Deus “por Cristo, com Cristo e em Cristo”, na terra e no céu. 2º - Unir os homens e levá-los a se amarem mutuamente, como irmãos, membros dum corpo, cuja cabeça é Cristo. 3º - A santificação dos membros do Corpo místico de Cristo. 4º - A participação nos merecimentos do Corpo místico de Cristo<sup>413</sup>.

O autor, enfim, considera a incorporação em Cristo de todos os membros da Igreja como a única possibilidade de experimentar, espiritualmente, a dignidade de pertencer verdadeiramente ao Corpo Místico de Cristo<sup>414</sup>.

---

<sup>405</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 8.

<sup>406</sup> Esta passagem bíblica fundamenta exatamente aquilo que o autor nos quer esclarecer sobre a dimensão do Espírito Santo, no coração da Igreja: «A caridade de Deus está derramada em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado» (Rm 5, 5).

<sup>407</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 9.

<sup>408</sup> Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 9.

<sup>409</sup> Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 10.

<sup>410</sup> 1 Cor 5, 7: «Purificai-vos do velho fermento para que sejais uma nova massa».

<sup>411</sup> Ef 4, 24: «Revesti-vos do homem novo, criado segundo Deus na justiça e na santidade verdadeira». E, além desta passagem bíblica, encontramos outra expressão na reflexão do autor Pita Ferreira. Em (Jo 14, 6): «Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vai ao Pai senão por mim».

<sup>412</sup> Col 3, 1-2: «Se ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de lá de cima, onde Cristo está sentado à direita de Deus; afeiçoai-vos às coisas que são de lá de cima, não às coisas que estão sobre a terra».

<sup>413</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 10.

<sup>414</sup> Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 9-10.

## B. Jesus deu-nos a Eucaristia

Outra realidade a não esquecer na catequese é o Sacramento da Eucaristia, que nos configura, de forma especial, a Cristo através da Igreja. Por isso, o sacerdote explicita a importância da Eucaristia, instituída para a vida da Igreja. Sob o título «Jesus deu-nos a Eucaristia», o autor pauta as lições do seu *Curso* no referente ao Sacramento da Eucaristia, prometido por Jesus à sua Igreja. O sacerdote apresentou um trecho do capítulo sexto do Evangelho de São João, considerado como «o Sermão da Promessa»<sup>415</sup> de Jesus, referente à sua vida, na entrega total do seu Corpo e Sangue. Neste sermão, conforme explica Pita Ferreira, Jesus declarou que daria de comer “a sua carne”, dizendo explicitamente: «“Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão, que eu hei de dar, é a minha carne para a salvação do mundo” (Jo VI, 51)» – o que foi uma contradição para o seu tempo e para os seus contemporâneos<sup>416</sup>. Este trecho bíblico demonstra a verdade das palavras do Senhor Jesus, quando reafirma diante dos judeus e seus discípulos: «“Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós mesmos. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo VI, 53-54)». Estas palavras de Jesus só terão reflexo de entendimento e verdade para os seus discípulos fiéis, durante a celebração da Instituição da Eucaristia, que ocorrerá na Páscoa, a maior festa dos judeus<sup>417</sup>.

O nosso sacerdote fala também do lugar onde Jesus deu a Eucaristia, em Jerusalém, escolhendo assim, uma sala especial para celebrar a ceia com os seus discípulos<sup>418</sup>. Na sua reflexão, apresentou diversas circunstâncias que acompanharam este ato para a celebração da Páscoa. Sobre ela, referiu-se a diversos momentos especiais, em que Jesus realizou alguns princípios e gestos, dirigidos aos seus amados discípulos:

Jesus desejou ardentemente celebrar esta Páscoa (Lc XXII, 15). Jesus exigiu humildade aos seus discípulos (Lc XXII, 24-30). Jesus exigiu pureza (Lava-pés. Jo XIII, 1-7). Jesus tentou levar Judas ao arrependimento (Mt XXVI, 21-25; Mc XIV, 18-21; Lc XXII, 21-23; Jo XIII, 18-30). Jesus deu aos seus discípulos a nova Lei do Amor: “Um novo preceito vos dou: que vos ameis uns aos outros assim como eu vos amei [...]. Nisto conhecerão todos que sois Meus discípulos” (Jo XIII, 34-35)<sup>419</sup>.

---

<sup>415</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 19.

<sup>416</sup> Cf. Jo 6, 52, 60.

<sup>417</sup> Cf. Mt 26, 17-20; Mc 14, 12-17; Lc 22, 7-14; Jo 13, 1.

<sup>418</sup> Cf. Mc 14, 15; Lc 22, 12.

<sup>419</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 20.

O padre Pita dá importância à “Instituição da Eucaristia”, realizada por Jesus com os seus discípulos mais próximos. O autor une a instituição da Eucaristia à instituição do sacerdócio: «Jesus deu-nos a sua carne, como comida, e o seu sangue, como bebida»<sup>420</sup>. Nela, em Quinta-feira Santa, Jesus também instituiu o sacerdócio, por excelência, assinalando-o com as seguintes palavras: «Fazei isto em memória de mim» (Lc XXII, 19). Pita Ferreira demonstra o grande valor da Eucaristia para a Igreja Católica, como afirma: «acreditamos na Eucaristia porque acreditamos nas palavras, no poder e divindade de Jesus»<sup>421</sup>.

### C. Os primeiros cristãos acreditaram na Eucaristia

Pita Ferreira menciona diversos testemunhos autênticos dos primeiros cristãos em relação à vivência da Eucaristia, confrontando tais escritos e seus autores com alguns testemunhos críticos da época.

O sacerdote dá os seguintes exemplos:

a) Plínio, o Moço:

O sacerdote ensina que, numa das suas cartas a Trajano (escrita na Bitínia entre o ano 112 ou 113 d.C.), este escritor romano e pagão refere um hábito dos cristãos do seu tempo: «Em dia marcado, antes do pôr do sol, eles [se] reúnem [sic!] e cantam um hino ao Cristo, como a um Deus; juram não mentir, não roubar e não serem devassos [...]»<sup>422</sup>.

b) Santo Inácio de Antioquia:

Este padre da Igreja, do século II d.C., tem vários escritos. Na sua *Carta aos Efésios*, dá-nos o seguinte testemunho: «Procurai, pois reunir-vos em maior número para a Eucaristia de Deus e para as suas Ações de Graças»<sup>423</sup>. Na *Carta aos Filadélfios*, dizia: «Esforçai-vos, portanto, por usar de uma só Eucaristia; porque uma só é a carne de Nosso Senhor Jesus Cristo e um só é o cálice para nos unirmos com o seu sangue, um só altar como é um bispo»<sup>424</sup>. Pita Ferreira recolhe ainda outro texto deste autor cristão: a sua *Carta aos fiéis de Esmirna*, onde refere: «Da Eucaristia e da oração se afastam (os Docetas) porque não confessam que a Eucaristia é a carne de Nosso Senhor Jesus Cristo, a que padeceu por nossos pecados, a que por bondade ressuscitou o Pai»<sup>425</sup>.

---

<sup>420</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 21. Pita Ferreira cita todos os seguintes textos, sobre a instituição da Eucaristia por Jesus: Mt 26, 26-29; Mc 14, 22-25; Lc 22, 15-20.

<sup>421</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 21.

<sup>422</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 26.

<sup>423</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 26.

<sup>424</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 26.

<sup>425</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 27.

c) *A Didaché*:

O nosso autor regista o antigo testemunho da *Didaché*, texto escrito por volta do ano 150 d.C., o qual apresenta uma preciosa referência acerca da Eucaristia, vivida nos primórdios do cristianismo: «Nos domingos do Senhor, reuni-vos e parti o pão e dai graças, confessando antes os vossos pecados, para que vosso sacrifício seja puro»<sup>426</sup>.

d) São Justino:

Depois, temos o testemunho de São Justino, escrito cerca do ano 165 d.C. O padre Pita Ferreira transcreve um trecho da sua primeira *Apologia*, onde o padre da Igreja se expressa nos seguintes termos:

No dia chamado do sol (domingo) temos uma reunião de todos os que habitam nas cidades ou nos campos, num mesmo sítio e se lêem os comentários dos Apóstolos ou as escrituras dos profetas, enquanto o tempo permite. Quando o leitor acaba, o que preside exorta e incita à imitação das coisas excelsas. Depois nos levantamos todos à uma [hora] e recitamos orações; e, quando acabamos de orar, se apresenta o pão e o vinho e a água e o que preside reza orações e igualmente ações de graças e o povo aclama dizendo: Amen. E se dá e se faz participante a cada um das coisas eucaristizadas [sic!] e aos ausentes se lhes envia por meio dos diáconos<sup>427</sup>.

O nosso sacerdote procurou, portanto, exaltar a fé e o testemunho credível dos primeiros cristãos, da forma como manifestavam a sua fé em Cristo, no período da Igreja primitiva, através da leitura e escuta da Palavra de Deus, da oração e da celebração da Eucaristia.

#### **D. «Jesus Cristo nossa Víctima»**

A temática sobre «Jesus Cristo nossa Víctima» coloca em evidência o valor do Sacrifício de Jesus na Cruz, pelo qual se realizou a redenção da humanidade, renovada hoje em cada «Missa», que é, segundo o autor, «uma recordação da paixão»<sup>428</sup>. O autor fala, em primeiro lugar, de duas cruzes, a «Cruz de Cristo» e «a nossa Cruz»<sup>429</sup>: a Cruz de Jesus é tudo aquilo que atormentou o seu corpo e a sua alma, «as tribulações da vida, o trabalho, o cansaço, a dor, a morte, os desgostos, as incompreensões, o ódio dos seus inimigos, o abandono dos seus amigos, a traição de Judas, a visão das nossas misérias e a condenação de tantos»<sup>430</sup>; a nossa Cruz é semelhante à de Jesus no que atormenta o nosso corpo e a nossa alma: «o trabalho, o cansaço, a

---

<sup>426</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 27.

<sup>427</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 26.

<sup>428</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 31.

<sup>429</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 31.

<sup>430</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 31.

dor, a morte, etc»<sup>431</sup>. Compreender a semelhança da nossa Cruz com a do Senhor Jesus significa, segundo o padre, identificar-se com aquelas palavras que Ele mesmo disse: «Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me»<sup>432</sup>.

Em segundo lugar, Pita Ferreira explicou a importância da missa, caracterizando-a como o sacrifício do Novo Testamento, especificando que já havia sido anunciada pelos profetas do Antigo Testamento. Por exemplo: o rei David cantou o Salmo do «Messias-Sacerdote»: «O Senhor jurou e não se arrependeu: Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedec»<sup>433</sup>. E o profeta Malaquias anunciou também ao povo judeu um sacrifício que havia de substituir os sacrifícios da Antiga Lei<sup>434</sup>. O autor esclarece-nos que o sacrifício da missa «foi instituído por Jesus em quinta-feira Santa»<sup>435</sup>, referindo também que «Jesus não disse somente, ao instituir a Sagrada Eucaristia: «“Isto é o meu corpo: Isto é o meu sangue”»<sup>436</sup>, mas: «“Isto é o meu corpo, que é dado por vós”» e «“isto é o meu sangue, que será derramado por vós. Fazei isto em memória de mim” (Lc XXII, 19-20)». Deste modo, Pita Ferreira realça a dimensão da entrega de Jesus, expressa nas suas palavras, que indicam aquela fórmula de sacrifício antecipado, antes da sua morte. Outro dado importante salientado pelo secretário diocesano da catequese, neste *Curso*, é o da missa considerada como sacrifício pelos primeiros cristãos. A Epístola aos Hebreus<sup>437</sup> (tida ainda no tempo de Pita Ferreira como sendo da autoria de São Paulo) fala do sacerdócio de Cristo, justificando o seu significado, para concluir que Jesus Cristo é o nosso Redentor para toda a humanidade, morrendo na Cruz pela nossa Salvação<sup>438</sup>. O padre Pita Ferreira falou ainda da necessidade de estarmos unidos «a Jesus, pela Eucaristia, e levando a nossa Cruz santamente: [pois assim] “completamos em nós o que falta aos sofrimentos de Cristo” [Col 1, 24], porque somos membros do seu Corpo Místico»<sup>439</sup>.

O sacerdote termina este apartado atribuindo quatro dimensões características ao conceito de sacrifício, aplicado à Missa: esta é um sacrifício «Latréutico [sic!], Eucarístico, Propiciatório e Impetratório»<sup>440</sup>. Curiosamente, quanto a estas dimensões, o pensamento do padre Pita Ferreira reflete a conceção de dom António Coelho (o precursor do Movimento Litúrgico em Portugal,

---

<sup>431</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 31.

<sup>432</sup> Mt 16, 24; Mc 8, 34; Lc 9, 23.

<sup>433</sup> Sl 109, 4.

<sup>434</sup> Cf. Ml 1, 10-11.

<sup>435</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 32.

<sup>436</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 31.

<sup>437</sup> Cf. Heb 4,15: «De facto, não temos um Sumo Sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, pois Ele foi provado em tudo como nós, exceto no pecado». E, na mesma Epístola aos Hebreus (Cap. 10, vv.12,18) referem as seguintes passagens: «Cristo, porém, depois de oferecer pelos pecados um único sacrifício, sentou-se para sempre à direita de Deus, [...]. Ora, onde há perdão dos pecados, já não há necessidade de oferenda pelos pecados».

<sup>438</sup> Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 32.

<sup>439</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 33.

<sup>440</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 33.

no séc. XX),<sup>441</sup> no seu *Curso de Liturgia Romana*<sup>442</sup>, sobre os frutos (finalidades) da Eucaristia, seguindo o sacerdote beneditino, neste ponto. O valor da Missa envolve todo o mistério da Salvação, sendo aplicada «às almas os frutos dessa mesma Redenção»<sup>443</sup>.

### 3.1.2.3.2. «Liturgia»

Dentro da parte sobre a «Liturgia», os temas trabalhados pelo padre Pita Ferreira são: «A Igreja – Casa de Deus» e «A nossa Missa».

#### E. «A Igreja – Casa de Deus» e «a nossa Missa»

No final deste terceiro ‘fascículo’, o nosso autor apresenta ainda as diversas partes da Missa, que devem ser explicadas às crianças e adultos, com todos os seus significados litúrgicos. Nesta exposição, o sacerdote tem o cuidado em distinguir os diversos tempos litúrgicos e a própria simbologia da Igreja, caracterizada como edifício, Casa de Deus:

Toda a Casa de Deus nos prega a doutrina do Corpo místico de Cristo. Assim a Pia Batismal recorda-nos a nossa incorporação em Cristo. A Capela-Mor prega-nos que Cristo é a nossa Cabeça. A Nave, onde todos se juntam sem olhar a distinção de raças ou sexos, prega-nos que todos os fiéis são Membros do Corpo místico de Cristo. O Confessionário convida-nos a despojarmo-nos do homem velho «para nos revestirmos do homem novo, criado segundo Deus na justiça e santidade verdadeira». O Púlpito lembra-nos que a Palavra de Deus ouvida, meditada e posta em prática é alimento para sustentar a vida da graça em nós. A Mesa da Comunhão recorda-nos que a Sagrada Eucaristia é também alimento para sustentar a vida da graça, para que Cristo viva em nós n’Ele. O altar-mor recorda-nos o preço da nossa incorporação em Cristo. As imagens pregam-nos a glorificação de Cristo em seus membros<sup>444</sup>.

Nesta citação, constatamos a sensibilidade pastoral do sacerdote, que se preocupa em explicar o sentido e os elementos da Liturgia, num contexto catequético. O padre Pita Ferreira destacou todos os momentos da celebração da missa, demonstrando a beleza da Eucaristia:

---

<sup>441</sup> Sobre este autor e o seu influxo no Movimento Litúrgico em Portugal, Cf. Bernardino Ferreira da Costa, *Movimento Litúrgico em Portugal: Dom António Coelho, o protagonista* (Roriz: Edições Ora & Labora, 2009) e Bernardino Ferreira da Costa, *O Movimento Litúrgico em Portugal* (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2018), 70-112.

<sup>442</sup> Dom António Coelho, *Curso de Liturgia Romana*, Tomo II (Braga: Pax – Livraria Litúrgica Editora, 1943), 13-15. O padre beneditino, autor deste *Curso de Liturgia Romana*, fala da Missa como um sacrifício com quatro dimensões, pela seguinte ordem: «1. – LATRÉUTICO. [...] 2. – IMPETRATÓRIO. [...] 3. – EUCARÍSTICO. [...] 4. EXPIATÓRIO».

<sup>443</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 33.

<sup>444</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 49-50.

A missa é o sacrifício do Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, oferecido sobre o altar, para continuar e representar o Sacrifício da Cruz. A missa está dividida em seis partes, a saber: Preparação, Catequese, Ofertório, Consagração, Comunhão e Ação de Graças<sup>445</sup>.

A missa é, então, considerada pelo sacerdote a oração por excelência do Corpo místico de Cristo. Esta «é a oração da Igreja cristã, dirigida a Deus por Cristo, sua Cabeça»<sup>446</sup>. Por Corpo Místico de Cristo compreende todos os batizados, pertencentes à Igreja, sem qualquer diferença de raça ou sexo. Entende-se, assim, que depois da incorporação em Cristo<sup>447</sup>, pelo batismo, «não há distinção entre judeu e grego» (Rom X, 12)<sup>448</sup>.

### **3.2. A Liturgia e a Arte Sacra**

Neste apartado, recolheremos as intuições do padre Pita Ferreira acerca da relação próxima entre a Liturgia e a Arte Sacra. Tudo isso, o sacerdote refletiu na sua obra *A Sé do Funchal*, como veremos a seguir.

#### **3.2.1. A sensibilidade litúrgica através da Arte Sacra**

O ministério sacerdotal do padre Manuel Juvenal Pita Ferreira foi marcado pela sua sensibilidade litúrgica no que envolve a arte sacra, caracterizada por ele como um ato de louvor e adoração a Deus. A própria liturgia vive destes elementos visíveis no que concerne aos próprios rituais das celebrações. Nesse sentido, no ano de 1963, o nosso autor publicou um pequeno devocionário intitulado *A Santa Missa*, com a tradução da Missa do latim para o português, o que demonstra, desde já, uma considerável sensibilidade ligada à Liturgia. Uma sensibilidade litúrgica e pastoral. Além desta obra, tinha apresentado já outra anteriormente, no ano de 1955: *A Santa Missa: diálogo para formar as crianças da catequese no espírito com que hão de assistir ao Santo Sacrifício da Missa*. Através destas pequenas obras devocionárias, manifesta um interesse e cuidado pastoral, perceptíveis, por exemplo, pela inclusão da língua vernácula, com a finalidade de que todos pudessem compreender melhor a celebração da Eucaristia.

O padre Pita Ferreira tinha um carisma ligado aos estudos sobre a Igreja e a Liturgia, temas esses que modelaram os seus trabalhos históricos, como refere, na sua obra *A Sé do*

---

<sup>445</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 53.

<sup>446</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 55.

<sup>447</sup> Pita Ferreira procurou explicar a realidade de cada crente, pertencente ao Corpo místico de Cristo, de acordo com o que diz a Palavra de Deus sobre a nossa incorporação em Cristo. Citando uma passagem de São Paulo aos Gálatas (3, 26-28), dá a entender o quanto ela é importante para a compreensão da inserção dos batizados na Pessoa Divina de Cristo: «Todos vós sois filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo, pois todos os que fostes batizados em Cristo, revestistes-vos de Cristo. Não há, pois, judeu nem grego; não há servo nem livre; não há homem nem mulher. Todos vós sois um só em Jesus Cristo». Cf. Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 7.

<sup>448</sup> Pita Ferreira, *Curso de Iniciação: 3.ª Parte*, 7.

*Funchal*<sup>449</sup>. Na introdução deste livro, o autor explica a razão de o ter escrito, dando significado à «história da nossa Catedral» e expondo a conclusão de que «a arquitectura, a pintura, a escultura, a ourivesaria, a talha e a cerâmica da Sé falam e cantam»<sup>450</sup>. Demonstra ainda o rosto da beleza da fé e do património herdado de outrora, que se espelha ainda nos dias de hoje. Dizia acerca disto: «[a arquitetura, a pintura, (etc.) da Sé do Funchal] falam do passado e cantam a generosidade, a fé, o patriotismo e o amor à arte de quem as ofereceu, adquiriu ou executou – reis, bispos, capitães, confrarias, artistas, pessoas devotas e povo humilde»<sup>451</sup>. Este comentário insere-se no capítulo referente à Arte Sacra da Sé do Funchal, onde o nosso autor faz uma introdução, na qual evidencia importantes referências do valor património religioso<sup>452</sup>. O sacerdote esclarece ainda que muitas das peças de diversas classes de ourivesaria sacra sofreram alterações ao longo dos tempos, tendo sido fundidas em vários períodos e substituídas por outras. Sendo um apologista da permanência artística da arte sacra, fez uma crítica construtiva aos seus contemporâneos, advertindo a que não se repetissem tais delitos e acusando os antigos de falta de sensibilidade artística quanto ao que é considerado de valor patrimonial na área religiosa<sup>453</sup>.

### 3.2.2. Ato de louvor e adoração a Deus

Na sua magnífica obra *A Sé do Funchal*, o padre Pita Ferreira alertou para a finalidade da arte sacra: o culto e o louvor a Deus. A arte sacra deve, pois, ajudar à contemplação do sagrado. Como tal, segundo o sacerdote, a Igreja não é um museu onde se conservam peças preciosas de grande valor, mas é antes um espaço de encontro, de adoração e de louvor a Deus. Do mesmo modo, diz o autor, as peças de ourivesaria sacra da Catedral do Funchal devem ser usadas, pois não foram feitas para serem colocadas

Dentro duma vitrine de museu, para goso [sic!] dos curiosos, que muitas vezes só as apreciam pelo seu valor artístico. Se para isso tivessem sido encomendadas e oferecidas à nossa Catedral, é possível que muitas ou quase todas existissem actualmente. Mas as cruces, as navetas e turíbulos, os lampadários, as banquetas, os cálices e as caldeirinhas

---

<sup>449</sup> Pita Ferreira escreveu, nos anos 60, um livro sobre a Sé que continua, nos tempos de hoje, a ser ainda uma obra de referência para quem queira estudar a arquitetura, o património e a arte sacra da Sé. Esta obra sobre a história da Catedral da Sé do Funchal foi narrada com o objetivo de demonstrar não apenas esta riqueza arquitetónica, mas também aquilo que foi herdando de década para década e de século em século. A beleza da Catedral tem patente uma exímia preciosidade na arte que nos apresenta a qual nos inspira e nos eleva até Deus.

<sup>450</sup> Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, s. p.

<sup>451</sup> Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, s. p.

<sup>452</sup> Cf. Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 157. O nosso investigador frisou que «Muitas e preciosas foram as peças de Ourivesaria Sacra, que a Sé do Funchal possuiu e possui ainda. Dádivas de Reis, de Bispos, de Confrarias e de fiéis piedosos, constituem ainda hoje um património de altíssimo valor estimativo e artístico».

<sup>453</sup> Cf. Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 157-158.

tiveram fim diverso. Foram executadas e oferecidas para o serviço de Deus e eram preciosas apenas, porque os seus oferentes assim as desejaram, para em primeiro lugar serem dignas de Deus e, em segundo, agradáveis aos olhos de quem as apreciasse. [...] Tendo, portanto, as peças de ourivesaria sacra como fim primário o serviço do culto, não admira que, passados alguns séculos depois da sua execução e oferta, muitas delas se estragassem, estivessem fora de uso e fossem fundidas. [...] Fundir, portanto, nessa época um cálice partido ou um turíbulo estragado não era um crime ou um vandalismo tão grande, como se tal acontecesse agora<sup>454</sup>.

As peças de ourivesaria, dada a sua relação com a Liturgia, destinam-se também elas ao louvor da glória de Deus. Apesar de se terem fundido muitas peças, o nosso autor reconhece: «muitas graças dêmos à Igreja, por ter conservado através dos séculos tantas preciosidades, enquanto os seculares se desfaziam quase por completo das pratas, mobiliário, cerâmica, pinturas e esculturas, que os seus antepassados lhes legaram»<sup>455</sup>. Na época a que se referia Pita Ferreira, não havia ainda uma plena consciência do valor da conservação de peças diversas de arte sacra, inclusive as de ourivesaria sacra da Catedral, referenciada na exposição crítica da sua obra. Os seculares de outrora não davam ainda o pleno valor artístico aos objetos litúrgicos.

Se, por um lado, a arte sacra louva a Deus e enaltece a sua glória, o nosso sacerdote sublinha a beleza artística da Sé do Funchal, ligando a concepção do belo estreitamente unida à ideia de Deus: «desejando alguém definir a Deus, escreveu: ‘Deus é a beleza’»<sup>456</sup>. De facto, segundo o autor, a arquitetura da Catedral funchalense transparece a beleza de Deus:

Também nela a beleza entrou e canta um hino a Deus por meio da arquitectura, da talha, da escultura, da pintura, da ourivesaria, da cerâmica, da serralheira, da marcenaria e da vidraria. Incompleto ficaria este trabalho, sem o estudo destas formas de expressão do belo [...] para melhor compreendermos o hino que a beleza canta a Deus na nossa Catedral e conhecermos o expoente de cultura e fé das gerações, que nos antecederam<sup>457</sup>.

Pois que na arte sacra se manifesta a beleza de Deus, diz o nosso investigador, é necessário conhecê-la, estudá-la, aprofundá-la. Eis a razão mais profunda deste seu estudo.

### **3.3. Ação Social**

Nesta parte, relativa à atenção dada pelo padre Pita Ferreira à ação social, iremos dedicar-nos, mormente, ao discurso que realizou na Assembleia Geral das Conferências

---

<sup>454</sup> Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 158.

<sup>455</sup> Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 158.

<sup>456</sup> Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 153.

<sup>457</sup> Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 153.

Vicentinas, a 8 de dezembro de 1945. Iremos sublinhar alguns rasgos do seu pensamento, revelador de uma atenção aos problemas do seu tempo, dando voz aos que não tinham voz e fazendo eco das questões sociais, em todos os seus setores.

### 3.3.1. A ação social da Igreja, inspirada no Evangelho

Quando, em 1945, o padre Pita Ferreira assumiu a sua nova Paróquia, S. Gonçalo, compreendeu a sua missão de pastor. No meio da comunidade, encontrou uma dura realidade social com diversos problemas relacionados com a pobreza. Na Paróquia existia, de facto, um bairro social, com questões problemáticas a nível humano, social e religioso. Este contexto seria, para o novo pároco, um grande desafio de ordem pastoral e social. Próximo que era das Conferências Vicentinas, proferiu um discurso na Assembleia Geral das Conferências de S. Vicente de Paulo, a 8 de dezembro de 1945, posteriormente publicado, por partes, no *Jornal da Madeira*<sup>458</sup>, nos dias 14, 15, 16, 18 e 21 do mesmo mês, sob o título: «A Época actual e o ideal Vicentino». Neste discurso, o nosso autor teve a oportunidade de demonstrar as realidades e os desafios inerentes aos problemas sociais que atingiam as classes mais pobres no campo pastoral. Chamou a atenção para a responsabilidade dos cristãos no âmbito social: «A nossa época, precisa de mais espírito cristão, [...] de maior desapêgo [sic] aos bens do mundo, de ser mais caridosa para com os infelizes»<sup>459</sup>. Falou também sobre o testemunho e o exemplo de São Francisco de Assis, o qual escolhera a pobreza para estar com os pobres, citando a obra de um franciscano, frei Agostino Gemelli

O nosso século, eivado de materialismo, terá de encanar o espírito que animou S. Francisco de Assis, isto é, terá de pôr em prática a doutrina do Evangelho e de realizar os seus desposórios com a Dona Pobreza, se quizer [sic] encontrar a paz e trilhar o caminho da Verdade e da Justiça<sup>460</sup>.

O autor escreve este discurso em pleno fim da Segunda Guerra Mundial e constatando o grande caos social que afetou essencialmente a Europa, a injustiça provocada pelas

---

<sup>458</sup> Fazemos aqui referência da publicação da Conferência em vários números do *Jornal da Madeira*, a fim de apenas pontualizar a sua existência. Ver Anexo 35, páginas 199-203. Ver também *Jornal da Madeira* (dez.1945). No entanto, sempre que nos referirmos a esta Conferência, em nota de rodapé privilegiaremos a referência ao texto completo, publicado pela Tipografia «O Jornal», em anexo do presente trabalho. Ver Anexo 36, páginas 204-214.

<sup>459</sup> Pe. Manuel Juvenal Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino: Alocução proferida pelo Rev.º P.º Manuel Juvenal Pita Ferreira, na Assembleia Geral das Conferências de S. Vicente de Paulo, no dia 8 de Dezembro de 1945* (Funchal: Tip. de «O Jornal», 1945), 5. O texto desta Conferência encontra-se em anexo do presente trabalho. Ver Anexo 36, páginas 204-214.

<sup>460</sup> Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 5. Ver ainda *Jornal da Madeira* (14.12.1945) 2. Trata-se da obra *O Franciscanismo*, da autoria do Frei Agostino Gemelli, O. F. M., publicada em português do Brasil, pela Editora Vozes Limitada, São Paulo, 1944. – Frei Agostinho Gemelli, *Il francescanesimo* (Milano: Società Editrice ‘Vita e Pensiero’, 1932).

barbaridades da ganância e do poder, dando-se uma inversão na hierarquia de valores<sup>461</sup>. Na sua visão, o mundo melhorará apenas se os homens melhorarem moralmente, de acordo com uma consciência bem formada e na construção de uma civilização cuja fonte e luz é o Evangelho, «código suprêmo [sic!] que resolve que resolve todos os problemas à-cêrca [sic] do princípio e fim do homem; que apresenta solução pacífica para todas as questões sociais e, seguindo a sua doutrina, podemos revolucionar o mundo para o bem»<sup>462</sup>. Daí a necessidade, diz Pita Ferreira, de encontrar e seguir a «senda do bem», para que «os homens dêem as mãos uns aos outros e vivam unidos, como irmãos. Onde encontrarão essa luz? No Evangelho, como Francisco de Assis a encontrou»<sup>463</sup>.

O sacerdote sublinha, no seu texto, a virtude da caridade de Cristo, a qual os homens devem tornar tangível na vida concreta, de acordo com os ensinamentos da Palavra de Deus. Segundo o seu entendimento, essa caridade só pode ser alcançada pelos homens, quando, «por amor de Deus desposarem a Dona Pobreza, [...] se possuírem e usarem os bens da terra sem a eles ter apêgo [sic] e, se, com o supérfluo desses [sic] mesmos bens, mitigarem a miséria aos desherdados [sic] da sorte [...]»<sup>464</sup>.

Efetivamente, a forma mais alta de caridade, para o padre Pita Ferreira, prende-se, não só com a criação e edificação de infraestruturas, como «as escolas, as creches, albergues, centros de sanidade, patronatos, bairros económicos»<sup>465</sup>, isto é, a organização da assistência, mas é, sobretudo, a formação «espiritual e moral», onde abundava, então, a miséria, muito mais que a simples miséria material<sup>466</sup>. Por isso, deve-se desenvolver a educação moral e religiosa. Assim, se alguns pensavam que a solução dos problemas de pobreza no Funchal se resolvia com a construção de bairros sociais<sup>467</sup>, isso – dizia o sacerdote – é «puro engano»: «No bairro

---

<sup>461</sup> Cf. Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 5. Veja-se também: *Jornal da Madeira* (14.12.1945) 2: «o desprezo [sic] da velha moral encaminhou o nosso século para o ateísmo; que o egoísmo e a sede [sic] insaciável do ouro faz com que o homem ande numa luta contínua, titânica, com o próximo, peito a peito, como inimigo contra inimigo; que o individualismo desagrega dia a dia a sociedade, favorece os monopólios e os grandes e destrói os negócios pequenos e particulares; que o Deus dos materialistas é o dinheiro adquirido de toda a maneira; e a religião, o gôso [sic], o luxo, o conforto [sic]; o fim da vida é o bem estar».

<sup>462</sup> Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 6-7. Ver ainda *Jornal da Madeira* (15.12.1945) 1. – Entre outras coisas, o sacerdote refere: «A sociedade é semelhante a uma máquina gigantesca cujas peças somos nós. Se as peças estão bem afinadas, isto é, se os homens são bons, o mundo melhora; se são maus, por mais que os estadistas façam e préguem [sic], o mundo será sempre mau. Na hora actual, têm aparecido muitas boas-vontades, mas parece que são poucos os estadistas que já encontraram os remédios para os males oriundos da guerra e, a darmos crédito às emissoras e gazetas [sic], as turbas continuam cada vez mais insatisfeitas e insubmissas, dando lugar a que os ministérios pouco durem e os partidos se degladiem».

<sup>463</sup> Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 7. Ver ainda *Jornal da Madeira* (15.12.1945), 1.

<sup>464</sup> Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 7-8. Ver ainda *Jornal da Madeira* (15.12.1945), 2.

<sup>465</sup> Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 9. Ver também *Jornal da Madeira* (16.12.1945), 1.

<sup>466</sup> Pita Ferreira refere-se a um tema esquecido: a miséria espiritual e moral, maior do que a material, alertando para uma grave consequência do problema em questão. Cf. Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 9. Ver também *Jornal da Madeira* (16.12.1945), 1.

<sup>467</sup> Segundo as informações do autor, Pe. Pita Ferreira, existia nos arredores do Funchal, três bairros sociais, onde habitavam 189 famílias, constituídas por 981 pessoas, das quais 416 eram adultos e 565 eram menores de idade,

económico, os pobres encontram melhor casa, mas também às vezes encontram um ambiente moral e religioso muito pior do que aquele em que viviam antes»<sup>468</sup>. Por isso, os «Confrades das Conferências de S. Vicente de Paulo têm também nos bairros um grande campo de acção»<sup>469</sup>, mas precisam levar, além da esmola, o pão da alma: a luz do Evangelho. A missão destes é: «moralizar», ou seja, «educar, levar Cristo às almas – o Cristo pobre que prometestes servir e amar e que deveis levar no vosso coração – eis a missão do vicentino»<sup>470</sup>.

Podemos constatar que a sensibilidade social do sacerdote se firmava no Evangelho, não dando margem de confiança a quaisquer ideologias. A resposta para a pobreza é o Evangelho levado à prática, o que significa estar realmente com os pobres, como fez São Francisco de Assis, para o qual a forma de vida sóbria deve acompanhar o seguimento de Jesus pobre. Assim se educa a sair da miséria, que não é só material.

### 3.3.1.1. O ideal vicentino: a beleza da caridade

Dirigindo-se às Conferências Vicentinas, o padre Pita Ferreira alertou para o estado da sociedade naquela época, focando temas como a justiça e o equilíbrio social; o feminismo<sup>471</sup>; a moral e os valores. Mas o centro do seu discurso tinha como base a caridade, a qual, segundo ele, deveria impregnar todos os setores da sociedade, imersa num autêntico caos social, assolando a ricos e a pobres. O nosso autor fez notar as diferenças entre estas duas ‘classes’, que trazem diversas consequências prejudiciais, afetando não só a sociedade no seu conjunto, mas também as famílias. Para ele, a classe rica não sabe controlar os seus deveres cívicos e a classe pobre descontrola-se socialmente, porque depende da primeira<sup>472</sup>. Tudo isto se deveu, segundo o sacerdote, ao desprezo da «velha moral», traduzida em «ideias políticas» desvirtuadas<sup>473</sup>, que tornaram possível as guerras mundiais ocorridas, que ceifaram tantas vidas,

---

provenientes de várias freguesias da Madeira. Cf. Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 7. Ver ainda Cf. *Jornal da Madeira*, (18.12.1945) 1.

<sup>468</sup> Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 10. Ver também *Jornal da Madeira* (18.12.1945), 1.

<sup>469</sup> Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 12. Ver também *Jornal da Madeira* (18.12.1945), 1.

<sup>470</sup> Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 12. Ver também *Jornal da Madeira* (21.12.1945), 1.

<sup>471</sup> Cf. Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 5-6: «O estado da sociedade poderá apreciar as consequências que daí resultam. [...] Como consequências do caos social, verá ainda que o feminismo rouba ao homem o seu dever e que a mulher, deixando os cuidados do lar, vai tirar o trabalho ao homem, vai privá-lo do seu salário, agravando ao mesmo tempo a sua posição, aumentando a crise e enriquecendo os patrões e dá origem à baixa de natalidade, à desorganização da família, ao rebaixamento dos costumes, ao progresso da criminalidade e ao desequilíbrio das finanças». Ver também: *Jornal da Madeira* (14.12.1945), 2.

<sup>472</sup> Diz o nosso autor: «o rico nunca se farta de possuir e de gosar [sic], e o pobre de sofrer e de invejar; verá que o luxo e o divertimento esvasiam [sic] as bolsas de todas as classes da sociedade e estragam os capitais e os ordenados; verá que a filha do pobre trabalha noite e dia, sofre as maiores privações para poder ostentar na rua o luxo da menina rica; verá que o operário gasta na taberna e no cinema o seu miserável salário, alegando que a vida é curta e que também tem direito a se divertir; verá que o rico fica pobre, para sustentar um fausto que não está ao alcance dos seus rendimentos». Cf. Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 5. Ver ainda: *Jornal da Madeira* (14.12.1945), 2.

<sup>473</sup> Cf. Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 5. Ver também: *Jornal da Madeira* (14.12.1945), 2.

mas «deixaram incólumes nos abrigos os que neles habitavam. Destruíram apenas o que deveriam poupar»<sup>474</sup>. Não houve um «mundo melhor» nem um «paraíso terrestre»<sup>475</sup>.

Perante estas questões, o sacerdote apelou aos irmãos das Conferências de São Vicente de Paulo a que não desistissem de socorrer aos mais desfavorecidos e necessitados da beleza da caridade:

Vós melhor do que ninguém podeis avaliar essa miséria que por aí vai. E podeis avalia-lá [sic] porque ides de porta em porta, como cavaleiros da Santa Caridade apaixonada da D. Pobreza, afim de enxugar as lágrimas a tantos que choram sem que os seus gemidos façam éco [sic] no coração alheio<sup>476</sup>.

O nosso autor convidou os presentes a refletirem sobre a forma de se resolver os conflitos. Ele propôs a resposta pacífica, baseada na lei de Deus: «Amar a Deus sôbre [sic] todas as coisas e ao próximo como a si mesmo»<sup>477</sup>. Nesse sentido, recordou a tremenda inversão de valores, manifesta em diversas guerras, em que os oficiais guardaram objetos preciosos e obras de arte de imenso valor, mas descartaram a vida do ser humano, o qual deveria estar em primeiro lugar, ser protegido e defendido<sup>478</sup>. O padre Pita Ferreira defendeu a aplicação do Evangelho, como ponto primordial de resposta ao contexto da enorme «desorientação espiritual»<sup>479</sup> a que se assistia. Os cristãos devem dar testemunho da caridade de Cristo, que encarnou e Se humanizou<sup>480</sup>, o «Cristo que tudo perdoa, tudo desculpa, a tudo fecha os olhos»<sup>481</sup>. Ao contrário – denunciou o sacerdote – se os cristãos desconhecem a Cristo e ao Evangelho, acabam por prestar culto a um Cristo totalmente diferente daquele que a Igreja ensina, pois negar a prática da caridade é renegar a Cristo e aos seus ensinamentos de salvação.

Pita Ferreira fez ver aos membros da Conferência Vicentina que «os governos das esquerdas e o comunismo não são outra coisa senão o grito de revolta a bacanal contínua a que tantos se entregam; exprimem o sentir daqueles que na sociedade são desprezados e tratados

---

<sup>474</sup> Cf. Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 6. Ver ainda: *Jornal da Madeira* (15.12.1945), 1.

<sup>475</sup> Cf. Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 6. Ver também: *Jornal da Madeira* (14.12.1945), 2.

<sup>476</sup> Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 9. Ver também: *Jornal da Madeira* (16.12.1945), 1.

<sup>477</sup> Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 7. Ver também: *Jornal da Madeira* (15.12.1945), 2.

<sup>478</sup> Cf. Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 6. Ver também: *Jornal da Madeira* (15.12.1945), 1. Nas palavras do sacerdote: «Os interesseiros de todos os partidos políticos, os apóstatas de todos os credos, os ateus, os materialistas, os plutocratas, os traficantes, os avaros, os luxuriosos, os ladrões, os ébrios, as meretrizes etc. etc., isto é, a semente de todos os males que Satanaz [sic] com medo de ficar desprovido durante a guerra, guardou nesses abrigos, como em arca bem segura. Agora, que terminou a catástrofe, com certeza espalhá-la-á o melhor que puder esperando que, em casas e cidades novas, há-de produzir frutos mais abundantes».

<sup>479</sup> Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 6. Ver também: *Jornal da Madeira* (15.12.1945), 1.

<sup>480</sup> Cf. Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 7. Ver também: *Jornal da Madeira* (15.12.1945), 2. O padre Pita Ferreira dá relevância a Cristo porque é Aquele, o próprio Deus, que se humanizou no meio de nós, referindo que «Cristo prégou-a [sic], porque, sendo Deus, conhecia o passado, o presente e o futuro; porque conhecia os segredos mais recônditos da consciência humana e as legítimas aspirações, que existem gravadas no mais íntimo do nosso 'eu'».

<sup>481</sup> Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 7. Ver ainda: *Jornal da Madeira* (15.12.1945), 2.

injustamente»<sup>482</sup>. Efetivamente, segundo o sacerdote, toda a gente tem fome e sede «de luz e de caridade, para ser resolvida pacificamente a crise que atravessamos»<sup>483</sup>. Todos têm a mesma sede de paz plena, dando as mãos uns aos outros para poderem viver unidos como irmãos<sup>484</sup>. Tal paz só a pode dar Cristo, pois «nem Buda, nem Sócrates, nem Platão, nem Aristóteles, prègaram [sic] doutrina tão completa, tão necessária, tão salvadora»<sup>485</sup>.

Deste modo, o nosso autor une à caridade o conhecimento e a relação com Cristo, afirmando a necessidade da doutrina de Cristo, para que a caridade seja levada à prática, encarnando o Espírito de Cristo, tal como São Francisco de Assis O encarnou. Para o autor, é necessário encarnar o Seu Espírito, para se chegar à configuração com Cristo no meio dos irmãos desfavorecidos, segundo a expressão de São Paulo: «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim»<sup>486</sup>.

O nosso sacerdote aproveita o inciso para se dirigir àqueles que, tendo capacidades financeiras e o poder de governação, desviam o seu olhar da grandeza da caridade e dos mais pobres<sup>487</sup>. Focando uma pobreza realmente problemática – pois afetava todas as dimensões sociais, sobretudo nas famílias e nas classes inferiores – descreve a realidade na Madeira como uma «miséria negra... vergonha dos nossos tempos»<sup>488</sup>, sem poupar as palavras:

vêdes [sic] crianças cobertas de farrapos, desgrenhadas, sujas, famintas, e abandonadas durante o dia pelas mães que, para lhes matar a fome, vão para o trabalho; - encontrais velhos coroados pelas cans [sic] da velhice, curvados, de faces macilentas, de olhar amortecido, que batem em tôdas [sic] as portas pedindo pão e dormem ao relento; - ouvis contar histórias, muitas histórias, - histórias que sempre são dramas e que por vezes são autênticas tragédias, em que aparecem em cena, maridos que se entregam ao álcool para poderem esquecer a miséria do lar; revoltados que abandonam mulher e filhos por nada terem que lhes dar; desesperados que se suicidam para não verem sofrer a família; espôsas [sic] que se entregam ao vício, como ganha-pão; viúvas que se tuberculizam [sic], trabalhando, noite e dia, até seus braços caírem desfalecidos porque se vêm rodeadas de órfãos que choram com fome etc. etc<sup>489</sup>.

No seu discurso procurava mostrar todas as condições sociais desastrosas, bem visíveis na época, de modo a conscientizar desta realidade social e dar-lhe uma resposta humanizadora. Fez uma reflexão sobre estes aspetos, para caracterizar os problemas do seu tempo, procurando

---

<sup>482</sup> Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 8. Ver também *Jornal da Madeira* (15.12.1945), 2.

<sup>483</sup> Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 6-7. Ver também: *Jornal da Madeira* (15.12.1945), 1.

<sup>484</sup> Cf. Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 7. Ver também: *Jornal da Madeira* (15.12.1945), 1.

<sup>485</sup> Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 7. Ver também: *Jornal da Madeira* (15.12.1945), 2.

<sup>486</sup> Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 7. Ver também: *Jornal da Madeira* (15.12.1945), 2.

<sup>487</sup> Cf. Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 6-7. Ver ainda: *Jornal da Madeira* (16.12.1945), 1.

<sup>488</sup> Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 9. Ver também: *Jornal da Madeira* (16.12.1945), 1.

<sup>489</sup> Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 9. Ver também: *Jornal da Madeira* (16.12.1945), 1.

equacionar os caminhos para a diminuição da desigualdade social. No seu texto, percebemos uma ampla visão sociológica e um conhecimento profundo das realidades sociais, o que facilitou a identificação dos problemas e do campo de ação. Tal conhecimento é, de facto, de suma importância para a prática da virtude da caridade, a qual, segundo Pita Ferreira, jamais deverá desaparecer, através de um trabalho em conjunto, para que todos possam vencer a pobreza, tanto na sua componente material como espiritual<sup>490</sup>.

### **3.3.1.2. A formação religiosa e humana**

O discurso do padre Pita Ferreira às Conferências Vicentinas encerra um outro aspeto a considerar, que se prende com a necessidade de uma cabal formação religiosa e humana da sociedade. Analisando o contexto concreto da pobreza material e moral na Madeira, demonstrou uma fina receptividade ao problema social de centenas de famílias madeirenses, a nível religioso e humano. Afirmar que a ausência de uma espiritualidade na vida e a ignorância da vida religiosa, bem como um certo espírito de revolta, são os fatores principais que «apagaram na alma dos pobres a fé e que, [juntamente] com a fé, desapareceu a moral, a união da família, o respeito aos pais, a indissolubilidade do matrimónio, o amor à pátria e a tudo o que é elevado»<sup>491</sup>. Toda a ‘questão social’ problemática traz consigo a miséria, a pobreza e o analfabetismo, juntamente com diversas outras consequências aos sujeitos infligidos. Mas o nosso autor considera não ser necessário ter todas as condições para viver, porque, como nos confirma na Palavra de Deus: «‘Nem só de pão vive o homem’». O homem precisa, também, «de educação e de sã doutrina»<sup>492</sup>.

Neste discurso, o orador utiliza uma frase de «um nacionalista» (que não refere quem é), o qual afirmava que, para se resolver a crise social, deveria ter sido feito o seguinte: «‘que os ricos fôssem [sic] menos ricos, para que os pobres fôssem [sic] menos pobres»<sup>493</sup>. Frente a esta posição, o sacerdote defende como injustiça o Estado retirar os bens dos ricos para entregar aos pobres. Na sua perspetiva, deveriam ser os ricos, com uma boa educação moral e religiosa, por sua livre e espontânea vontade, sentirem a obrigação de dar o muito que têm e não necessitam para os pobres, os quais pouco ou nada possuem, tornando-se menos pobres e podendo, assim, ter uma vida mais digna<sup>494</sup>. Para Pita Ferreira, todas as pessoas, sejam elas crianças ou adultos, tanto os pais como os filhos, devem preocupar-se com a sua fé, a educação moral e religiosa, assim como se preocupam com as tarefas domésticas do seu quotidiano, a

---

<sup>490</sup> Cf. Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 9. Ver também: *Jornal da Madeira* (16.12.1945), 1.

<sup>491</sup> Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 9. Ver ainda: *Jornal da Madeira* (16.12.1945), 1.

<sup>492</sup> Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 9. Ver ainda: *Jornal da Madeira* (16.12.1945), 1.

<sup>493</sup> Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 8. Ver ainda: *Jornal da Madeira* (16.12.1945), 1.

<sup>494</sup> Cf. Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 8. Ver ainda: *Jornal da Madeira* (16.12.1945), 1.

refeição e a instrução. Na verdade, o sacerdote considerava que as pessoas do seu tempo se preocupavam mais com os seus afazeres quotidianos, não dando a devida importância à dimensão religiosa e espiritual. Frisou, por isso, que, para se dar uma mudança, seria necessária a evolução da educação moral e religiosa para todas as idades e, por esse mesmo motivo, defendeu a trilogia do Estado Novo: Deus, Pátria e Família<sup>495</sup>, pois, na sua visão, a recuperação dos valores humanos e cristãos constitui um suporte para a vida concreta e para a realidade social, dando estabilidade à sociedade.

### 3.4. Síntese do Capítulo III

Este Capítulo III aborda o «âmbito pastoral» em que se moveu o ministério sacerdotal do padre Manuel Juvenal Pita Ferreira, em três vertentes: a Catequese; a Liturgia e a Arte Sacra; a ação social.

Num primeiro momento, após contextualizar a questão da Catequese em Portugal nos anos 50-60 do século XX, expusemos o conteúdo e o desenvolvimento do *Curso Catequístico*, levado a cabo pelo padre Pita Ferreira, entre os anos de 1959-1962, como secretário diocesano, dentro do movimento de renovação da Catequese promovido pelo Bispo Dom Frei David de Sousa. Este trabalho foi publicado em três fases: entre 1959-1960, a «1.ª Parte»; entre 1960-1961, a «2.ª Parte»; entre 1961-1962, a «3.ª Parte». A metodologia do autor divide-se, nas duas primeiras partes, entre «Pedagogia catequética» e «Doutrina». A «3.ª Parte» divide-se entre «Doutrina» e «Liturgia». Este *Curso* dirigia-se aos catequistas, de modo a renovar a catequese, isto é, o conteúdo e a apresentação das lições, não só pedagógica, como doutrinalmente.

Num segundo ponto, abordámos a relação estabelecida pelo padre Pita Ferreira entre a Liturgia e a Arte Sacra, patente em diferentes obras da sua autoria, a saber: o livrinho *A Santa Missa: diálogo para formar as crianças da catequese no espírito com que hão de assistir ao Santo Sacrifício da Missa* (1955); o devocionário *A Santa Missa* (1961); mas, sobretudo, na sua obra emblemática *A Sé do Funchal* (1963), à qual demos maior relevo, e onde, de resto, se percebe um desenvolvimento mais aprofundado dessa mesma relação intrínseca entre a Liturgia e a Arte Sacra, por meio das obras de arte presentes na Catedral do Funchal.

Num terceiro momento, focámos a sensibilidade social do sacerdote, manifesta principalmente a partir de 1945, desde que parou em São Gonçalo, onde esteve 18 anos<sup>496</sup>. Também analisámos, neste ponto, o discurso proferido pelo sacerdote, no mesmo ano, às Conferências Vicentinas, em que faz uma leitura das realidades sociais do seu tempo.

---

<sup>495</sup> Cf. Pita Ferreira, *A época actual e o Ideal Vicentino*, 9-10. Ver ainda: *Jornal da Madeira* (16.12.1945), 1.

<sup>496</sup> Aí, abeirou-se dos pobres, isto é, das pessoas mais necessitadas da sua paróquia, onde existia um bairro social, com duras realidades de pobreza. Pode dizer-se que foi um bom pastor, ao encontro das ovelhas feridas e desgarradas, visto que, muitas das pessoas que visitou, não tinham já mais qualquer prática religiosa.

## CONCLUSÃO

A nossa investigação sobre o padre Manuel Juvenal Pita Ferreira desenvolveu-se em três etapas fundamentais, representadas nos três capítulos da presente dissertação.

No capítulo I, debruçámo-nos sobre a vida e obra do mesmo autor, descobrindo a sua precoce inclinação para os estudos com grandes dotes de ciência, nos campos da história e da literatura, revelando, ao mesmo tempo, já alguma preocupação social. Isto via-se, por exemplo, no seu *Primeiro discurso*, realizado enquanto seminarista, onde se percebe uma sensibilidade para o âmbito da história: primeiro, pela forma como abordou a pessoa do Papa Pio XI e os seus documentos; segundo, destacou o apreço do mesmo Pontífice pela cultura e pela preservação do património religioso, apelidando a Igreja de «guardiã da cultura». De facto, a sua atividade sacerdotal, entre os anos 35-60 do séc. XX, foi marcada por uma intensa ação na Igreja, em diversos setores pastorais: foi escrivão do Juízo Eclesiástico, capelão, pároco, conferencista e investigador na área da história, mesmo sem ter nenhuma formação específica. Foi ainda Diretor do Secretariado Diocesano da Catequese; entre os anos 50-60, colaborou com diversos artigos na revista *Das Artes e da História da Madeira*; foi um dramaturgo, junto dos jovens e crianças, nomeadamente entre os escuteiros, servindo-se da sua imaginação e criatividade em peças de teatro da sua autoria, as quais encenou junto a este ‘público’, com uma finalidade lúdica/educativa. Neste sentido, salientámos um ponto sobre as principais obras históricas do autor, quer as publicadas, que as inéditas, sendo que, destas últimas, se destacam as suas peças teatrais, ainda em diversos manuscritos, cujo conteúdo e objetivos apresentámos.

No capítulo II, focámos de modo mais direto a faceta ‘histórica’ do autor, retratando o padre Pita Ferreira como um «Historiador madeirense». Aqui, dividimo-nos em três pontos principais: a religiosidade popular; a primitiva influência franciscana na ilha da Madeira; a Sé do Funchal. No primeiro ponto, focámo-nos no estudo folclórico do autor sobre *O Natal na Madeira*, um estudo de campo, onde o autor, de forma intensiva, mostra o rosto original das tradições natalícias da religiosidade popular madeirense. No segundo ponto, sobre a «Ordem Seráfica», percebemos como o autor demonstra o impacto desta Ordem na evangelização, na assistência dos pequenos núcleos do povoamento da Madeira. No terceiro ponto, explorámos a sua obra *A Sé do Funchal*, de onde se denota a sua sensibilidade ao mesmo tempo histórica e pastoral: a forma como descreve os cinco séculos de existência da diocese do Funchal demonstrando um grande rigor histórico e uma preocupação em evidenciar que a história tinha sempre a ver com a fé. Daí, a descrição que faz, na sua obra, não só da criação da diocese (comprovada pelo autor com documentos por ele descobertos: documentos papais e da

monarquia), como também de todo um contexto social que impunha, de certo modo, a criação de um novo tempo; descreve igualmente a arquitetura da Sé e sublinha a grande quantidade de peças de valor, isto é, a arte sacra presente na Catedral.

No capítulo III, adentrámo-nos no âmbito pastoral propriamente dito, a partir de três dimensões: Catequese; Liturgia; Ação Social. Num primeiro momento, fixámo-nos no movimento catequístico, em que se integrou o sacerdote a pedido do seu Bispo, Dom Frei David de Sousa, na qualidade de secretário diocesano da Catequese – o que já, de si, se inseria no panorama então em curso de renovação da catequese em Portugal. Tendo contextualizado esta circunstância, voltámo-nos, de forma mais exclusiva, para o *Curso de Iniciação Catequística*, publicado entre 1959-1962, em três partes, pelo padre Pita Ferreira. Daqui, expusemos o essencial do conteúdo de tal *Curso*, onde se pode perceber uma nova abordagem, com nova linguagem e novos métodos. Além da redação deste *Curso*, o sacerdote percorreu a Madeira a fim de propagar os novos métodos e a pedagogia catequética a implantar. Não se contentou, pois, com o escrever, mas deu corpo e esforço reais para que tal renovação pudesse surgir no meio do povo, isto é, nas paróquias, e a partir daqueles que ensinavam, os catequistas e os professores.

Num segundo momento, sobre «A Liturgia e a Arte Sacra», pudemos verificar a relação que o autor estabelece entre estas duas realidades, para ele inseparáveis. Segundo o sacerdote, a Arte Sacra deve concorrer para elevar o espírito a Deus, sobretudo no que toca às celebrações litúrgicas, sendo a beleza de tais peças não um fim em si mesmo, mas sim deve estar ao serviço da celebração da fé. A Arte Sacra deve constituir, segundo a convicção de Pita Ferreira, um ato de louvor e adoração a Deus: deve ser este o objetivo primordial na hora de conceber a Arte Sacra.

Num terceiro momento, centrámos a nossa atenção na ação social do padre Pita Ferreira e as suas implicações pastorais, refletidas no seu discurso de 1945 às Conferências de S. Vicente de Paulo. Aqui, observamos um sacerdote atento à realidade do seu tempo, isto é, aos problemas do seu povo e do mundo. No referido discurso, ele toca mesmo nas ‘feridas’ da humanidade: fala na II Guerra Mundial; toca o problema da opressão por parte dos poderosos aos mais necessitados; adverte as Conferências Vicentinas sobre formas erradas de caridade; diz aos seus membros que devem aliar à caridade a evangelização – não basta, por exemplo, só dar casas, mas deve-se apostar no formar, tanto a nível espiritual, como no campo da educação (formação literária). O nosso sacerdote, aliás, não apenas falou, mas soube estar perto da população, visitando os mais desfavorecidos e os afastados da Igreja, quando era pároco em São Gonçalo (Funchal) – e foi-o durante cerca de vinte anos.

Enfim, para concluir, sublinhe-se que o padre Pita Ferreira, enquanto pastor de almas, foi, acima de tudo, um educador, um pedagogo: gostava de ensinar; era-lhe agradável perceber nas suas crianças e jovens uma boa formação literária e uma adequada educação doutrinal. De facto, o sacerdote não separava jamais estas duas áreas: a formação humana e a formação religiosa. Para ele, ambas se complementavam, pois, se, por um lado, os conhecimentos são necessários para a identidade cultural, também a fé, por outro lado, faz parte da identidade mais profunda do povo madeirense. Foi por isso que desenvolveu toda uma ‘veia’ teatral, revelando um filão dramático, e sabendo utilizar a sua própria criatividade – com linguagem e dinâmicas próximas dos mais pequenos – para transmitir os valores humanos e evangélicos. Trata-se tudo isto de uma forma de intervenção pedagógica, com um objetivo pastoral. As peças teatrais foram os meios ou, por outras palavras, as suas ferramentas para a evangelização. Do mesmo modo, atento e perspicaz como era, e aliando a estas qualidades uma sólida formação intelectual, soube também aproximar-se do povo, lendo e traduzindo as suas tradições populares – como no caso do *Natal na Madeira*. Percebeu, de modo particular, que a religiosidade popular não é uma mera expressão de sentimentos, mas é um caminho de evangelização, ou seja, pode ser aproveitado ao serviço da evangelização. De facto, captando a simplicidade do povo, é possível, também desse modo simples, explicar e levar a viver os mistérios mais profundos da fé. No caso do Natal, as quadras saídas do coração do povo serão mais facilmente assimiladas por estes, do que grandes tratados de teologia. A tudo isto se junta o trabalho final de Pita Ferreira, sobre a *Sé do Funchal*, que ainda conseguiu publicar antes de vir a falecer. Neste estudo, o autor dá uma relevância considerável ao ‘peso do passado’, que deve ser encarado com responsabilidade, nomeadamente no respeitante ao património artístico religioso. Este passado traz consigo uma história, a qual não deve nem pode ser ignorada, pois constitui a identidade cultural e cristã do povo madeirense.

As preocupações do padre Pita Ferreira moveram-se, sem dúvida, dentro de uma ação essencialmente pastoral. A verdade da história deve, segundo ele, acompanhar a formação catequética e doutrinal. Daí ter reformulado a catequese na sua diocese e, ao mesmo tempo, ter sabido formar os jovens e as crianças, pelas paróquias por onde passou. O padre Manuel Juvenal Pita Ferreira foi, sobretudo, um pastor de almas, um dedicado sacerdote, que soube pôr a render os seus talentos intelectuais no campo da história, para evangelizar, de modo que a evangelização (a catequese, a liturgia, a ação social da Igreja) soubesse acompanhar o mundo e a própria história.

## FONTE E BIBLIOGRAFIA

### Fontes e manuscritos

#### *Publicações Periódicas*

Diário de Notícias (1963).  
Jornal da Madeira (1945 - 1966).

#### *Sobre o padre Pita*

Arquivo do Museu de Arte Sacra do Funchal<sup>497</sup> (manuscritos digitalizados):

*Ensaaios literários* (correspondentes ao 1.º caderno manuscrito), 1932-1934:

- a) *Devaneios* (abril de 1932).
- b) *O meu primeiro Sermão* (maio de 1933).
- c) *O meu Primeiro discurso* (11 de fevereiro de 1934).

*Quadros históricos* (correspondentes ao 2.º caderno manuscrito), 1940.

Biblioteca do Seminário Maior de Nossa Senhora de Fátima (Diocese do Funchal):

*Coisas úteis: Apontamentos*<sup>498</sup>

Paróquia de S. Sebastião de Câmara de Lobos:

Registo de Batismo. Em *Livro de Registos da Paróquia de S. Sebastião de Câmara de Lobos*

Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira (ABM):

“Nota biobibliográfica: Ferreira, Manuel Juvenal Pita, padre”. Cota 2-3, p. 240-244, disponível em <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=666584> (acedido em novembro de 2020).

---

<sup>497</sup> Os manuscritos digitalizados são do Arquivo do Museu de Arte Sacra, porém, os originais estão na posse da coleção particular dos familiares do padre Pita Ferreira.

<sup>498</sup> Este caderno manuscrito (*Coisas úteis: Apontamentos*) carece de estudos prévios. Contém apontamentos correspondentes ao tempo da formação de Pita Ferreira, quando era seminarista. Encontram-se os seguintes títulos/temas: «A Eucaristia»; «As profecias»; «A promessa»; «Circunstâncias» com os subtítulos «o tempo», «lugar», «instituição», «Res[surreição]»; «Sacerdócio»; «O Testemunho de S. Paulo»; «O modo»; «Fim»; e a transcrição do poema «Maria», de Dante.

Arquivo Histórico da Diocese do Funchal (AHDF):

*Termos de Matrícula: 1903-1932, AHDF, (n.º) 721, (p.) 185.*

*Termos de Matrícula: 1903-1932, AHDF, (n.º) 1036, (p.) 265.*

Arquivo do Seminário Maior de Nossa Senhora de Fátima (Diocese do Funchal)

*Livro de Matrículas: Seminário. Matrículas 1. De Teologia: 1930 a 1957. 2. Seminário Maior e...: 1958-1974.*

**Obras e estudos do padre Pita Ferreira**

Pita Ferreira, Manuel Juvenal. *A época actual e o Ideal Vicentino: Alocução proferida pelo Rev.º P.º Manuel Juvenal Pita Ferreira, na Assembleia Geral das Conferências de S. Vicente de Paulo, no dia 8 de Dezembro de 1945.* Funchal: Tip. de «O Jornal», 1945.

Clode, Eng.º Luiz Peter e P.º Manuel Juvenal Pita Ferreira. *Património artístico da Ilha da Madeira: Catálogo ilustrado da Exposição de Ourivesaria Sacra.* Funchal: edição da Junta Geral do Distrito autónomo do Funchal, 1951.

Pita Ferreira, P.º Manuel Juvenal. «Oração dos simples». *Revista das Artes e da História da Madeira* vol. III, n.º 16 (1953): 21-26.

Clode, Eng.º Luiz Peter e P.º Manuel Juvenal Pita Ferreira. *Exposição de Esculturas Religiosas.* Funchal: edição da Junta Geral do Distrito autónomo do Funchal, 1954.

Pita Ferreira, P.º Manuel Juvenal. *A Santa Missa: diálogo para formar as crianças da catequese no espírito com que hão-de assistir ao Santo Sacrifício da Missa.* Funchal: Ed. Tipografia Esperança, 1955.

\_\_\_\_\_. *O Natal na Madeira: Estudo Folclórico.* Funchal: Edição da Junta Geral do Distrito Autónomo, 1956.

\_\_\_\_\_. *Notas para a História da Ilha da Madeira. I Volume: Descoberta e início do povoamento.* Funchal: Tip. da Casa da Figueira, 1957.

\_\_\_\_\_. *O mais belo presente da Primeira Comunhão* Funchal: Tip. Jornal da Madeira, 1957.

\_\_\_\_\_. *As «Notas para a História da Ilha da Madeira»: No Pelourinho.* Funchal: Tip. Jornal da Madeira, 1959.

- \_\_\_\_\_. *O Arquipélago da Madeira: Terra do Senhor Infante*. Funchal: Edição da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, 1959.
- \_\_\_\_\_. *Curso de Iniciação Catequística: 1.ª Parte*. Funchal: Secretariado Diocesano de Catequese da Diocese do Funchal, 1959-1960.
- \_\_\_\_\_. *O infante D. Henrique e a descoberta e povoamento do Arquipélago da Madeira*. Funchal: s. ed., 1960.
- \_\_\_\_\_. *Curso de Iniciação Catequística: 2.ª Parte*. Funchal: Secretariado Diocesano de Catequese da Diocese do Funchal, 1960-1961.
- \_\_\_\_\_. *A «Relação» de Francisco Alcoforado*. Funchal: Tip. de «Jornal da Madeira», 1961.
- \_\_\_\_\_. *Curso de Iniciação Catequística: 3.ª Parte*. Funchal: Secretariado Diocesano de Catequese da Diocese do Funchal, 1961-1962.
- \_\_\_\_\_. «A Ordem Seráfica da Madeira». *Revista das Artes e da História da Madeira* vol. VI, n.º 32 (1962): 13-21.
- \_\_\_\_\_. *A Sé do Funchal*. Funchal: Edição da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, 1963.

## **Estudos**

### ***Sobre a diocese do Funchal***

Almada, Carlos Ismael Faria. *O ministério de D. Manuel Agostinho Barreto, bispo do Funchal (1876-1911). A reorganização religiosa na segunda metade do século XIX*, Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, 2017. <http://hdl.handle.net/10400.14/23674>

Carita, Rui. *A Sé do Funchal: 1514-2014*. Funchal: Secretaria Regional dos Assuntos Culturais do Governo da Região Autónoma da Madeira, 2014/2015.

Figueira, Pe. António Hector de Araújo. «Catequese na diocese do Funchal», acedido em 30-12-2020, <http://aprenderamadeira.net/article/catequese-na-diocese-do-funchal> (atualizado a 29-12-2016).

Silva, Fernando Augusto da. *A Sé Catedral do Funchal: Breve Notícia Histórica e Descritiva*. Funchal: Edição do autor, 1936.

\_\_\_\_\_. *Diocese do Funchal: Sinopse Cronológica*. Funchal: Tipografia Esperança, 1945.

\_\_\_\_\_. *Subsídios para a História da Diocese do Funchal. Volume Primeiro (1425-1800)*. Funchal: Tip. de «O Jornal», 1946.

Silva, Paulo Sérgio Cunha da. *D. António Manuel Pereira Ribeiro, bispo do Funchal (1915-1957): Igreja e sociedade nos inícios do século XX no Funchal*, Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, 2012. <http://hdl.handle.net/10400.14/11668>.

Sousa, Vítor M. Baeta de. *D. Frei David de Sousa, bispo do Funchal (1957-1965): Igreja e sociedade madeirense na segunda metade do século XX*, Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, 2015. <http://hdl.handle.net/10400.14/17916>.

### ***Sobre o padre Pita Ferreira***

Freitas, Graça e Manuela Santos. «Padre Manuel Juvenal Pita Ferreira: O Sacerdote e o historiador». *Girão: Revistas de temas culturais do concelho de Câmara de Lobos*, Volume I, n.º 3 (2.º Semestre de 1989): 77-79.

Gomes, Cónego Vítor. «O Pe. Pita Ferreira, Historiador e pastor na diocese do Funchal (1912-1963)». *Almanaque PEF - 2020* (2020): 60-61.

Gomes, Vítor. «O contributo pastoral do Pe. Pita Ferreira (1912-1963) na Diocese do Funchal». Em *500 anos da Dedicção da Sé do Funchal: Fé, Arte e Património/ Um olhar sobre a Obra do Padre Pita Ferreira*, ed. [online] por Museu de Arte Sacra do Funchal, 122-136. Funchal: 2017. Acedido a 7 de dezembro de 2020. [https://conferenciasmasfsite.files.wordpress.com/2020/11/catalogo\\_500anos\\_dedicacao-se.pdf](https://conferenciasmasfsite.files.wordpress.com/2020/11/catalogo_500anos_dedicacao-se.pdf)

Mendes, Martinho. «Introdução: Os 500 anos da Dedicção da Sé do Funchal: Génese, desafios e desenvolvimento de uma exposição temporária no museu de arte sacra do Funchal». Em *500 anos da Dedicção da Sé do Funchal: Fé, Arte e Património. Um olhar sobre a obra de Pita Ferreira*, ed. [online] por Museu de Arte Sacra do Funchal, 8-14. Funchal: 2017. Acedido a 7 de dezembro de 2021. [https://conferenciasmasfsite.files.wordpress.com/2020/11/catalogo\\_500anos\\_dedicacao-se.pdf](https://conferenciasmasfsite.files.wordpress.com/2020/11/catalogo_500anos_dedicacao-se.pdf)

Paredes, Maria Favila Vieira da Cunha. «Padre Pita Ferreira, apóstolo na Catequese e na Cultura». Em *500 Anos da Dedicção da Sé do Funchal: Fé, Arte e Património/ Um olhar sobre a Obra do Padre Pita Ferreira*, ed. [online] por Museu de Arte Sacra do Funchal, 151-191. Funchal: 2017. Acedido a 7 de dezembro de 2020. [https://conferenciasmasfsite.files.wordpress.com/2020/11/catalogo\\_500anos\\_dedicacao-se.pdf](https://conferenciasmasfsite.files.wordpress.com/2020/11/catalogo_500anos_dedicacao-se.pdf).

## **Instrumentos específicos de trabalho**

### ***Catequese e liturgia***

*Catecismo Pequeno da Doutrina Cristã da Diocese do Funchal*. Funchal: Ed. Escola de Artes e Ofícios, 1960.

Coelho, Dom António. *Curso de Liturgia Romana*. Tomo II. Braga: Pax – Livraria Litúrgica Editora, 1943.

Costa, Bernardino Ferreira da. *Movimento Litúrgico em Portugal: Dom António Coelho, o protagonista*. Roriz: Edições Ora & Labora, 2009.

Diocese do Funchal. *Legislação sobre a catequese*. Funchal: Ed. Secretariado Diocesano da Catequese, 1960.

Gemelli, Frei Agostinho Gemelli. *Il francescanesimo*. Milano: Società Editrice ‘Vita e Pensiero’, 1932. Com tradução em português: Gemelli, Frei Agostino Gemelli. *Franciscanismo*. São Paulo: Editora Vozes Limitada, 1944.

Gomes, Agostinho. *Do Cinquentenário da Rerum Novarum: Conferência proferida na sede da Acção Católica do Funchal*. Funchal: Tip. de «Jornal», 1941.

### ***Estudos de enquadramento***

Abreu, Luís Machado de. «Presença dos Lazaristas na formação do Clero Madeirense». Em *Diocese do Funchal - A primeira Diocese Global: História, Cultura e Espiritualidades*. Dir. José Eduardo Franco e João Paulo Oliveira e Costa, vol. I: 733-744. Funchal: Esfera da Caos Editores, 2015.

Costa, Bernardino Ferreira da. *O Movimento Litúrgico em Portugal*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2018.

Fernandes, António Teixeira. *O Confronto de Ideologias na Segunda Década do Século XX: À volta de Fátima*. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

Ferreira, António Matos, e Rita Mendonça Leite (coord.). “Edição Especial: 5 de OUTUBRO 2010: Centenário da República”. *Agência Ecclesia: Semanário de actualidade religiosa*. n. 1258 (2010).

Fontes, Paulo F. de Oliveira. «O catolicismo português no século XX: da separação à democracia». Em *História Religiosa de Portugal*. Coord. Manuel Clemente e António Matos Ferreira, vol. 3: 129-352. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.

Pereira, Padre Joaquim Plácido. «Dois Bispos do Funchal Franciscanos». *Revista das Artes e da História da Madeira* vol. VI, n.º 30 (1960): 22-28.

Serrão, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal: Primeira República (1910-1926)*. Vol. XI. Lisboa: Editorial Verbo, 1989.

Silva, Padre Fernando Augusto da e Carlos Azevedo Meneses. *Elucidário Madeirense*. I Volume, A-E. Funchal: Secretaria Regional de Turismo e Cultura, 1998.

Sousa, José Fiel. «O seminário e a formação do clero». Em *Diocese do Funchal - A primeira Diocese Global: História, Cultura e Espiritualidades*. Dir. José Eduardo Franco e João Paulo Oliveira e Costa, vol. I: 745-759. Funchal: Esfera da Caos Editores, 2015.

Velosa, Cónego Tomé. *Traços Históricos da Catequese (1966-2000)*. Funchal: Diocese do Funchal, 2005.

Vieira, Alberto. *História da Madeira*. Funchal, Editorial Eco do Funchal, 2001.

## Documentação da Internet

Freitas, Manuel Pedro da Silva. *Câmara de Lobos: Dicionário Corográfico*. Edição eletrónica, consultado em dezembro de 2020,

[http://www.concelhodecamaradelobos.com/dicionario/pita\\_ferreira\\_padre\\_manuel\\_juvenal.html](http://www.concelhodecamaradelobos.com/dicionario/pita_ferreira_padre_manuel_juvenal.html).

*500 anos da dedicação da Sé do Funchal: Fé, Arte e Património: um olhar sobre a obra do Padre Pita Ferreira, Um olhar sobre a obra de Pita Ferreira*. Ed. do Museu de Arte Sacra do Funchal: Funchal, 2017.  
[https://conferenciasmasfsite.files.wordpress.com/2020/11/catalogo\\_500anos\\_dedicacao-se.pdf](https://conferenciasmasfsite.files.wordpress.com/2020/11/catalogo_500anos_dedicacao-se.pdf).

[http://www.concelhodecamaradelobos.com/dicionario/pita\\_ferreira\\_padre\\_manuel.html](http://www.concelhodecamaradelobos.com/dicionario/pita_ferreira_padre_manuel.html)  
(acedido a 6 de agosto de 2019).

“Nota biobibliográfica: Ferreira, Manuel Juvenal Pita, padre”, em ABM, cota 2-3, p. 240-244, disponível em <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=666584> (acedido em novembro de 2020).

Veríssimo, Nelson. «Natal madeirense». *Povos e Culturas*. N.º 11 (2007), 79-86,  
<https://revistas.ucp.pt/index.php/povoseculturas/article/view/8784/8658> (acedido em 09 de dezembro de 2020).

## **ANEXOS**

ANEXO 1 – Certidão de batismo do padre Manuel Juvenal Pita Ferreira

31  
C. Miranda

N.º 422

**Baptismo**

Typ. Esperança 7-12-910

N.º 61

No primeiro dia do mez de Maio do anno de mil novecentos e doze, n'esta Igreja parochial de São Sebastião, da freguezia e concelho de Camara de Lobos, diocese do Funchal,

Manuel filho de Francisco Ferreira e de Philomena Celeste Pitte

baptizei solemnemente um individuo do sexo masculino a quem dei o nome de Manuel, e que nasceu n esta freguezia as dezeses horas da do dia dezeses do mez de Abril ultimo

filha legitima (primeira do nome) de Francisco Ferreira, proprietario

e de Philomena Celeste Pitte, de profissão governante domestica, natural e desta freguezia, suella recibidos

parochianos e moradores no sitio do Espirito Santo e Calenda, neto paterno de Manuel Ferreira e de Thomazia Augusta de Souza e materno de Manuel Vieira Pitte e de Antonia Isabel Teixeira Pitte.

Foem padrinhos Manuel Ferreira, solteiro, camador, e a avó materna Antonia Isabel Teixeira Pitte, viuva, de profissão governante domestica, os quaes todos seu serem os proprios. E para constar se lavrou em du plicado este assento, que depois de ser lido e conferido perante o padrinho commigo o assigna a madrinha nao assignando o padrinho por nao saber escrever. Era est supra

Antonia Isabel Teixeira Pitte  
O Vigario João Joaquim de Carvalho

**ANEXO 2 - Padre Manuel Juvenal Pita Ferreira (1935-1963)<sup>499</sup>.**



---

<sup>499</sup> Fotografia retirada de: Rui Carita, *A Sé do Funchal: 1514-2014* (Funchal: Secretaria Regional dos Assuntos Culturais do Governo da Região Autónoma da Madeira, 2014/2015), 14.

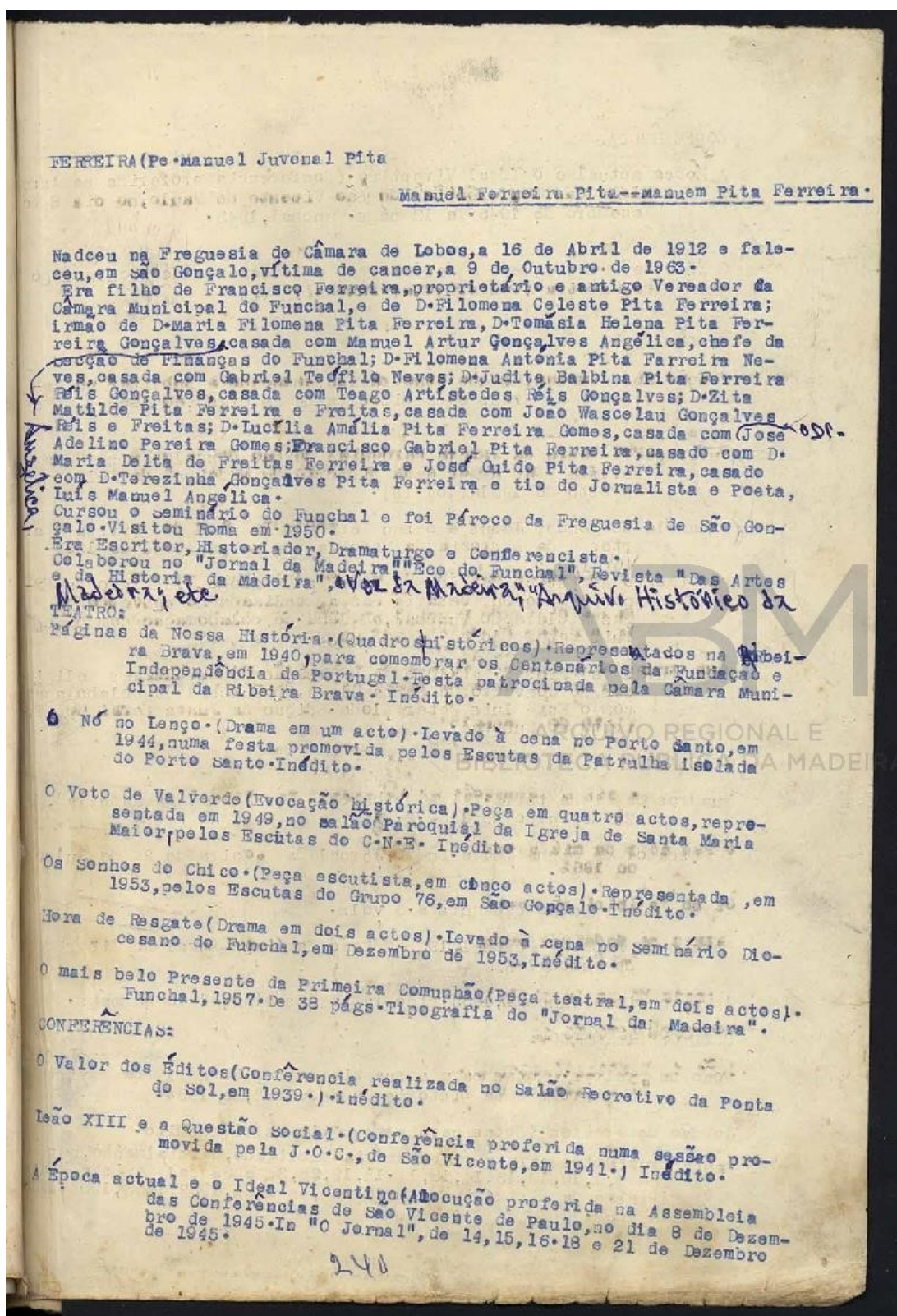
**ANEXO 3 – Fotografia<sup>500</sup> de um grupo de sacerdotes e seminaristas com o bispo,  
D. António Manuel Pereira Ribeiro, no Seminário da Encarnação**

A figura apresenta um grupo de clérigos da Diocese do Funchal, no Seminário da Encarnação, Freguesia de Santa Luzia, Concelho do Funchal por ocasião da realização de um retiro espiritual proporcionado pelo sacerdote Dr. Luís Gonzaga Cabral, jesuíta, orador do Retiro, antes da Ordenação Presbiteral de Pita Ferreira. Na quarta fila, da esquerda para a direita: 1) padre Manuel Juvenal Pita Ferreira. A data da fotografia: 10/08/1935.



<sup>500</sup> Cf. “Retrato de um grupo de sacerdotes com o bispo, D. António Manuel Pereira Ribeiro, no Seminário da Encarnação, Freguesia de Santa Luzia, Concelho do Funchal” em ABM, Cx. 41, n.º 2, disponível em <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=658451> (acedido em novembro de 2020).

ANEXO 4 – Dados biográficos sobre o padre Pita Ferreira<sup>501</sup>



<sup>501</sup> Cf. "Nota biobibliográfica: Ferreira, Manuel Juvenal Pita, padre", em ABM, cota 2-3, p. 240-244, disponível em <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=666584> (acedido em novembro de 2020).

**ANEXO 5 – Termo de matrícula<sup>502</sup> do aluno Pita Ferreira** - quando ingressou pela primeira vez no Seminário de Nossa Senhora do Bom Despacho (Mosteiro Novo), no ano de 1925.

Termo de matricula N.º 721

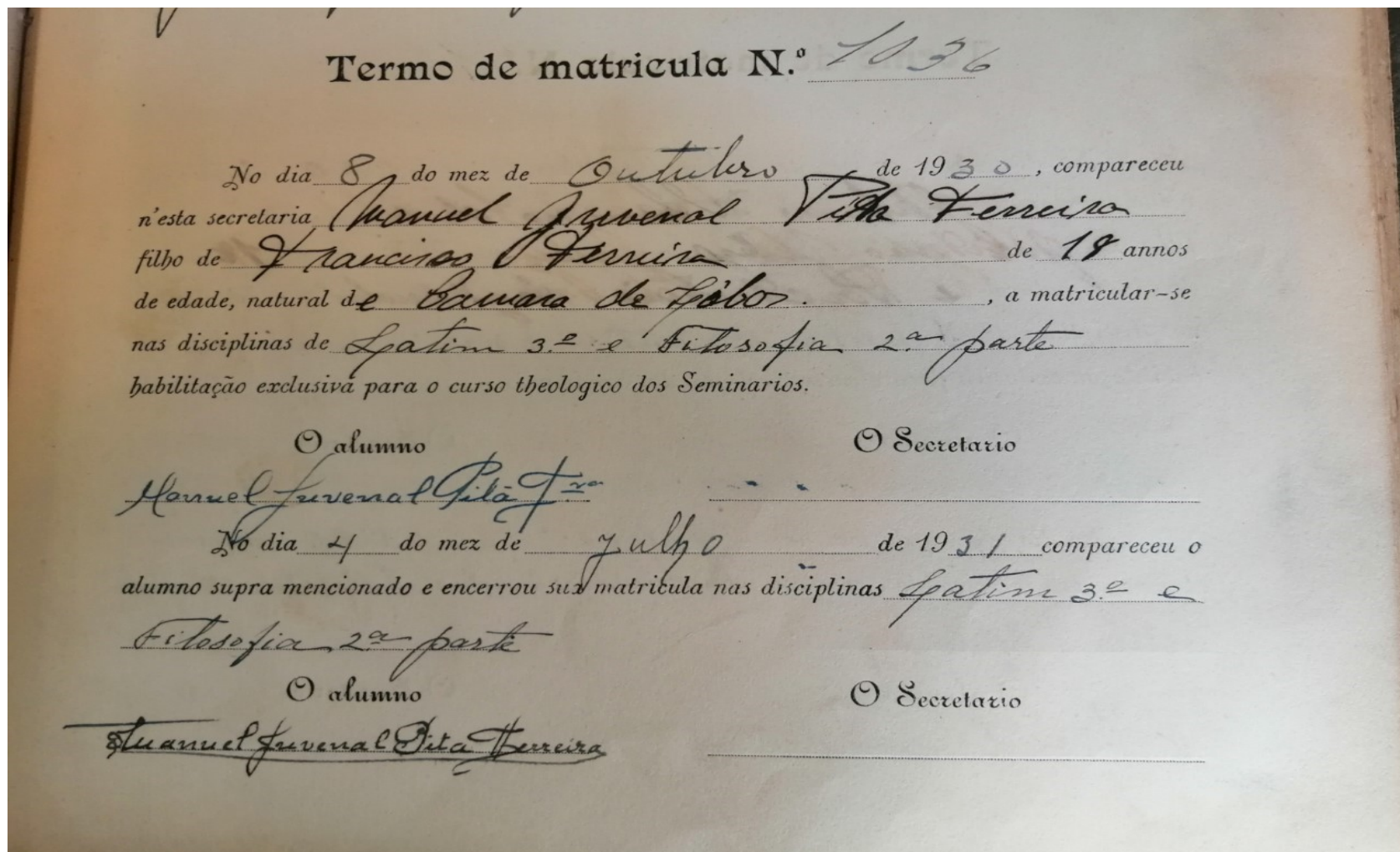
No dia 17 do mez de Outubro de 1925, compareceu  
n'esta secretaria Manuel Juvenal Pita Ferreira  
filho de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ annos  
de idade, natural d. \_\_\_\_\_, a matricular-se  
nas disciplinas de Retorica e Francese.  
habilitação exclusiva para o curso theologico dos Seminarios.

O alumno O Secretario  
Manuel Juvenal Pita Ferreira \_\_\_\_\_  
No dia \_\_\_\_\_ do mez de \_\_\_\_\_ de 19\_\_\_\_ compareceu o  
alumno supra mencionado e encerrou sua matricula nas disciplinas \_\_\_\_\_

O alumno O Secretario  
Manuel J. Pita Ferreira \_\_\_\_\_

<sup>502</sup> AHDF, *Termos de Matrícula: 1903-1932*, AHDF, (n.º) 721, (p.) 185.

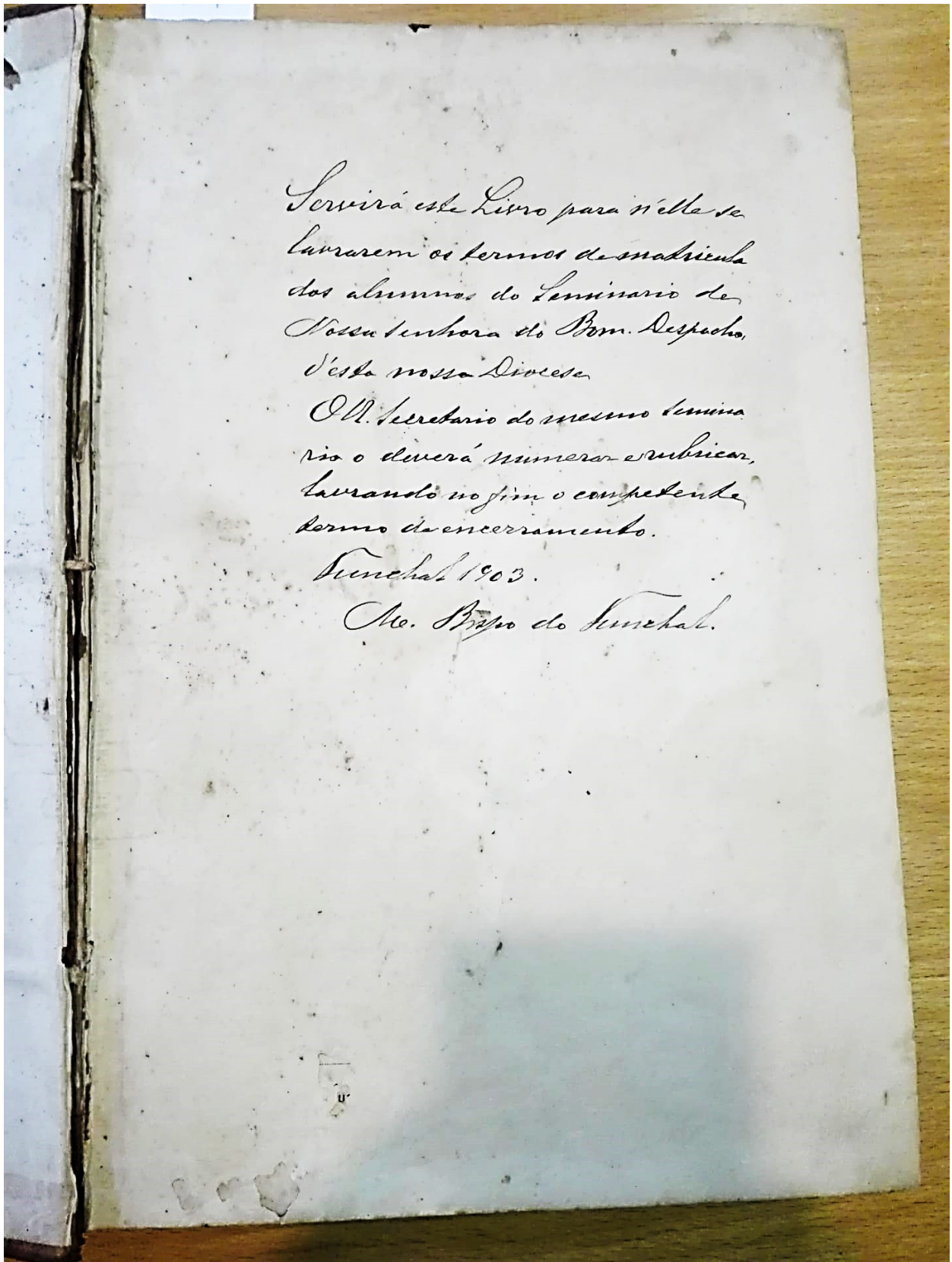
ANEXO 6 – Termo de matrícula<sup>503</sup> do aluno Pita Ferreira antes de ser transferido para o Seminário da Encarnação, entre os anos de 1930-1931.



<sup>503</sup> AHDF, *Termos de Matricula: 1903-1932*, AHDF, (n.º) 1036, (p.) 265.

ANEXO 7

Primeira página do livro em manuscrito: Termos das Matrículas do Seminário de Nossa Senhora do Bom Despacho (do AHDF)<sup>504</sup>



<sup>504</sup> AHDF, *Termos de Matrícula: 1903-1932*.

ANEXO 8 – Termo de Matrícula do Seminário da Encarnação (Arquivo do Seminário Diocesano<sup>505</sup>)

Termo de matricula N.º 24

No dia 10 do mez de Outubro de 1931, compareceu  
nesta secretaria Juanel Juvenal Pita Ferreira  
filho de Francisco Ferreira e de Silomena  
Rebete Pita de 19 anos de idade,  
natural de Camara de Lobos, a matricular-se  
nas seguintes disciplinas do curso teologico Moral, Escritura, Dog-  
mática Especial, Historia Ecclesiastica, Ascética e  
Liturgia

alumno  Secretario

Juanel Juvenal Pita Ferreira  
No dia \_\_\_\_\_ do mez de \_\_\_\_\_ de 19 \_\_\_\_\_ compareceu o  
alumno supra mencionado e encerrou a sua matricula nas mesmas disciplinas.

alumno  Secretario

Juanel Juvenal Pita Ferreira

<sup>505</sup> Arquivo do Seminário Maior de Nossa Senhora de Fátima (Diocese do Funchal), Livro de Matrículas: Seminário. Matrículas 1. De Teologia: 1930 a 1957. 2. Seminário Maior e...: 1958-1974.

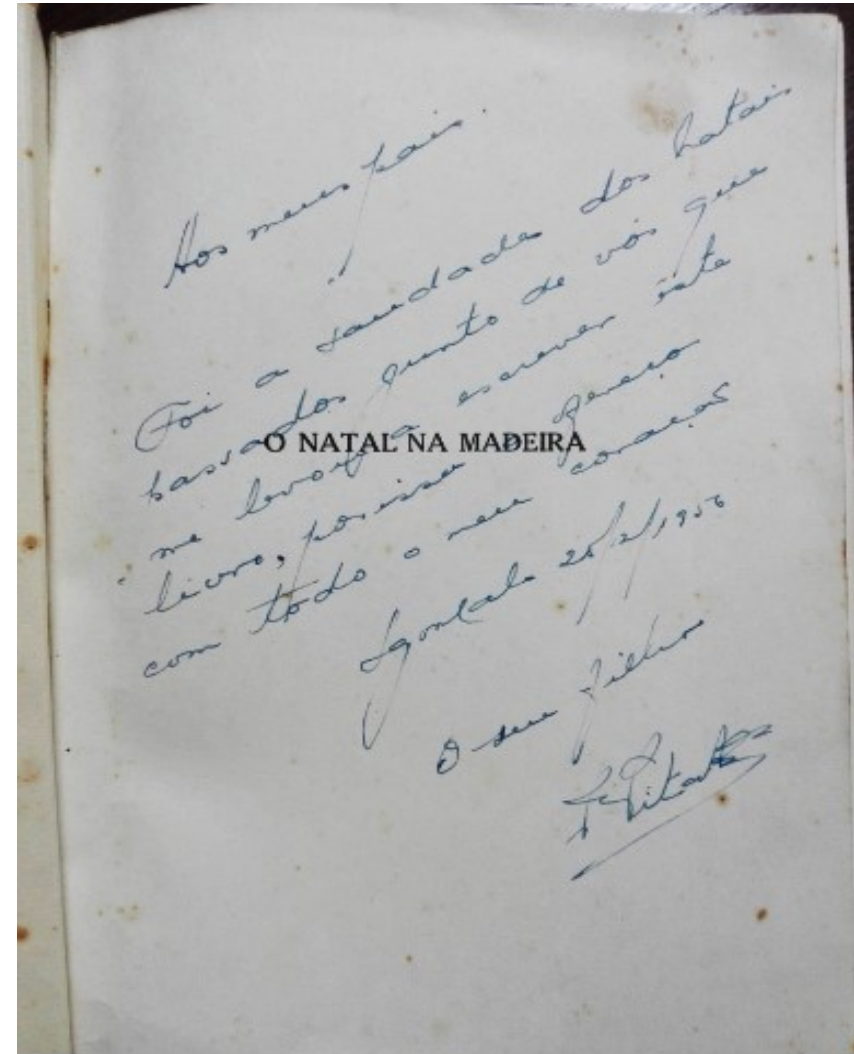
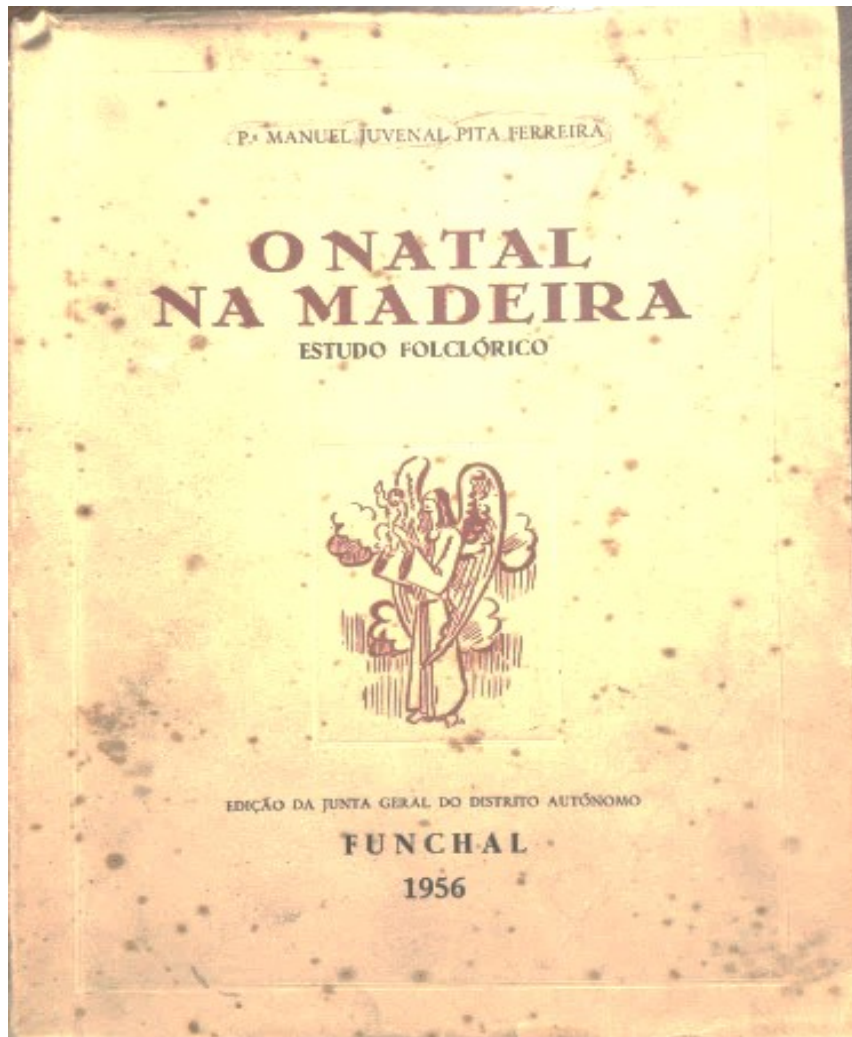
ANEXO 9 – Seminário da Encarnação<sup>506</sup>



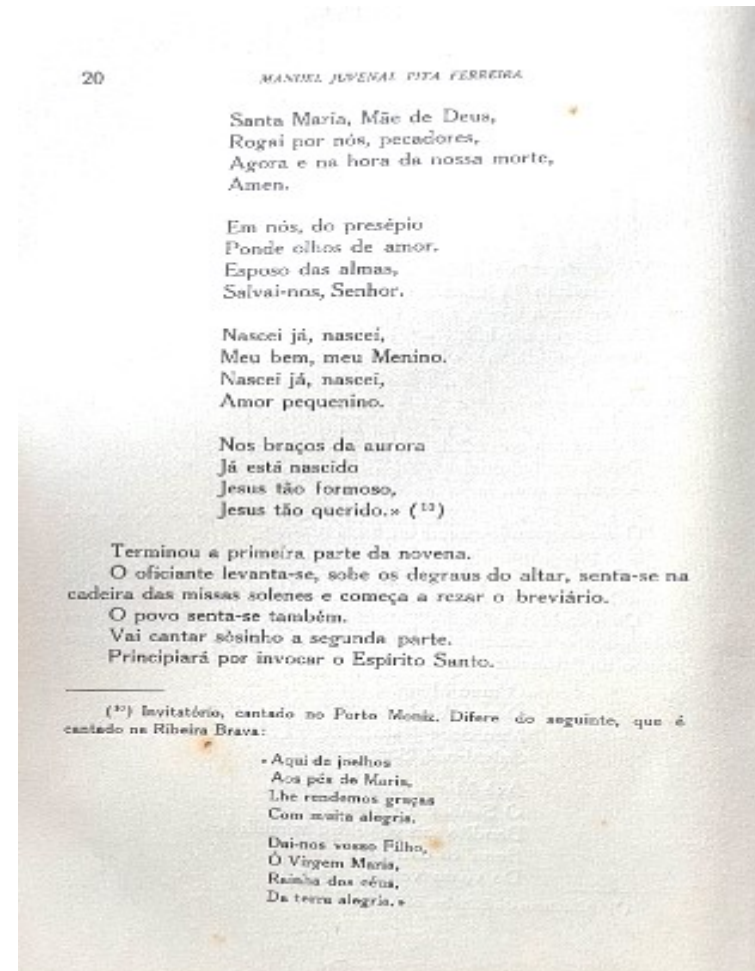
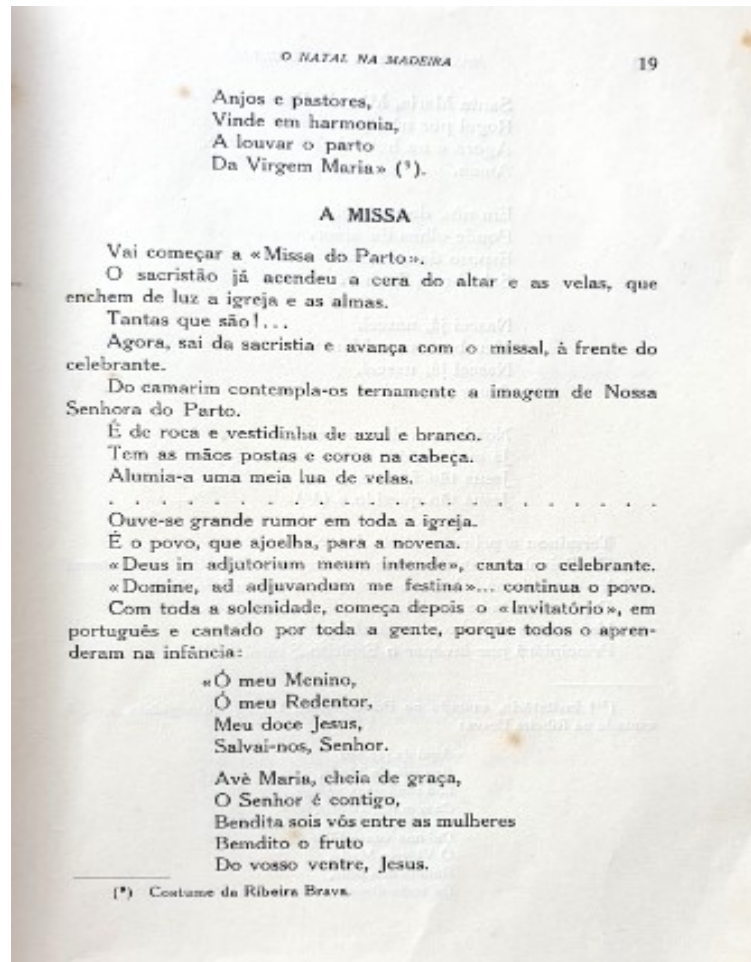
*Seminário da Encarnação, onde o padre Pita Ferreira frequentou e concluiu os estudos de filosofia e teologia, preparando-se para a Ordenação.*

<sup>506</sup> Imagem retirada da internet: <https://www.instagram.com/ndproducoesmadeira/?hl=pt-br>.

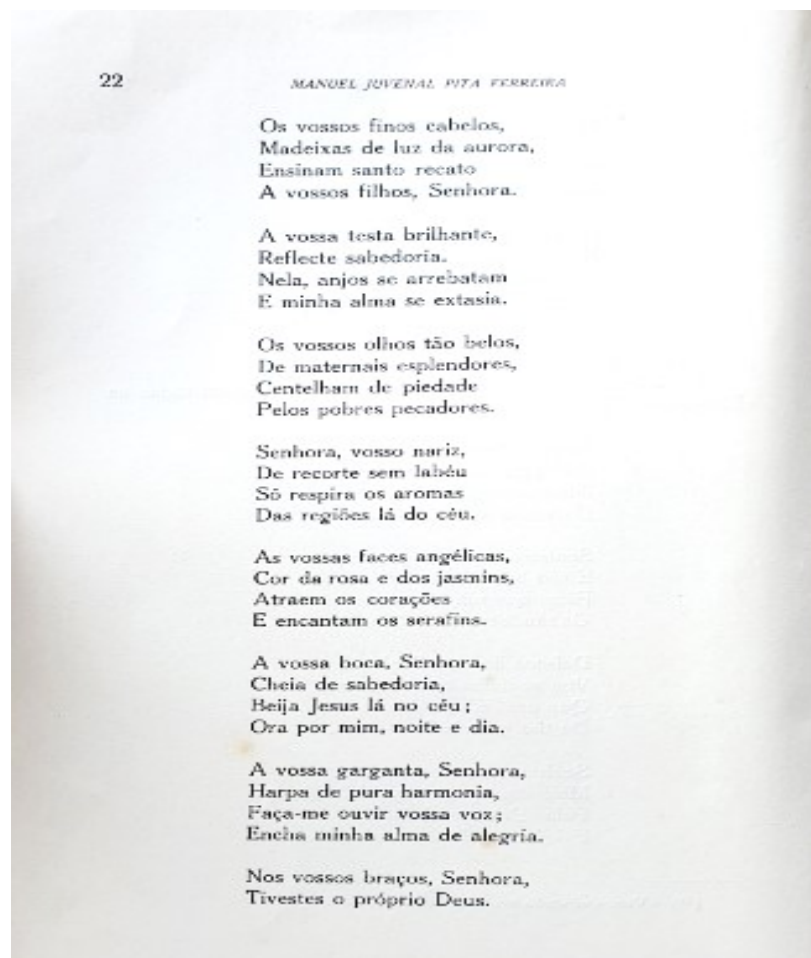
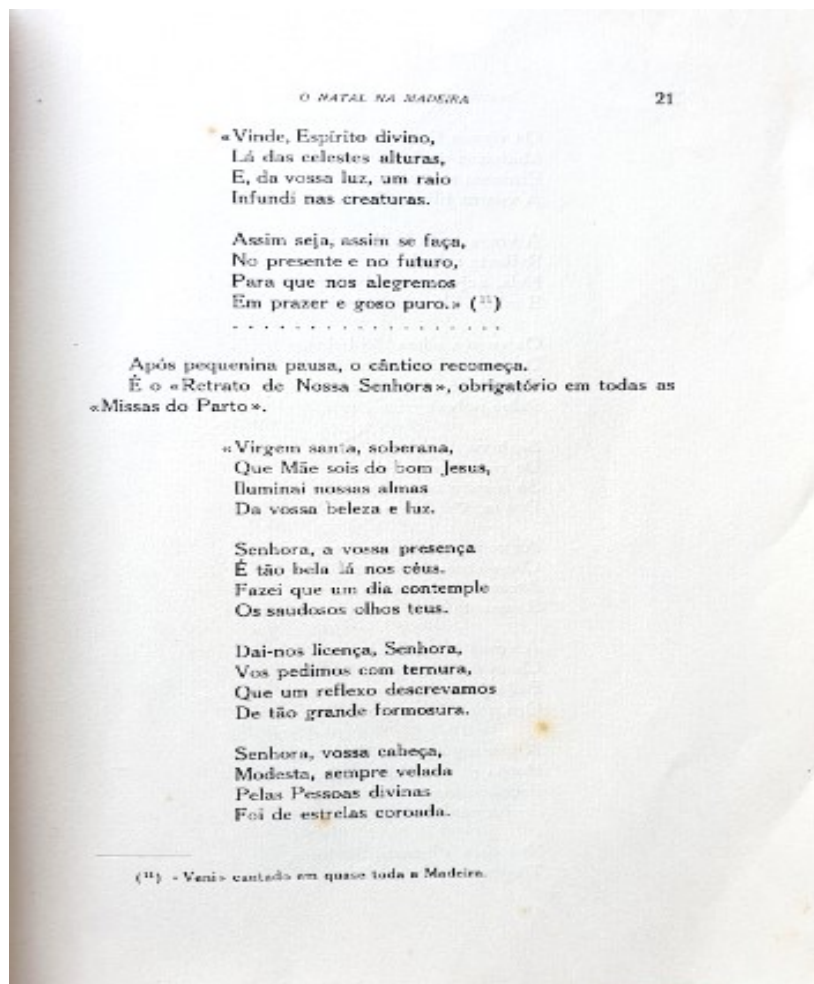
**ANEXO 10 – Dedicatória manuscrita, pelo próprio punho do autor, do padre Pita Ferreira.**



## ANEXO 11 – Este invitatório é cantado no Porto Moniz, durante a Missa do Parto.



## ANEXO 12 – Quadras dedicadas ao «Retrato de Nossa Senhora».



Morra eu neles, um dia,  
Neles vá eu para os céus.

Nesse vosso braço esquerdo  
Está Jesus a sorrir  
É trono de misericórdia,  
Para quem vo-la pedir.

Essas vossas mãos tão lindas  
Só boas obras fizeram  
E no céu sempre suplicam  
Pelas que a Deus ofenderam.

Vossa direita, Senhora,  
Abençoa os pecadores.  
Abençoai-nos, Virgem Mãe,  
Pelas vossas sete dores.

Senhora, a vossa cintura  
É casta e delicada.  
Vós sois a Virgem das Virgens,  
Virgem pura, imaculada.

Senhora, vossos joelhos  
Me ensinam a oração.  
Oh! fazei que ore sempre  
E alcance a salvação.

Os vossos passos, Senhora,  
Oh! quem m'os deca seguir.  
Quem os seguir docilmente  
Há-de a glória possuir.

A beleza da vossa alma  
Ao Senhor agradou tanto,  
Que vos escolheu para esposa  
Do divino Espírito Santo.

Da vossa excelsa beleza  
Não disse nada, ó Maria,  
Concedei-me que eu na glória  
A vá contemplar um dia.» (12)

Depois do «Retrato», o povo canta a «Ladsinha» e, depois desta, a «Antífona»:

«Salvé, ó Mãe do Salvador,  
Brilhante estrela do mar,  
Deste o Salvador ao mundo  
Fazei-nos no céu entrar.» (13)

Como remate, as seguintes jaculatórias:

«Virgem do Parto,  
Bela açucena,  
Livrai nossas almas  
Da eterna pena.

Avé Maria gratia plena,  
Dominus tecum benedicta tu  
In mulieribus.  
Et benedictus fructus ventris tui, Jesus.

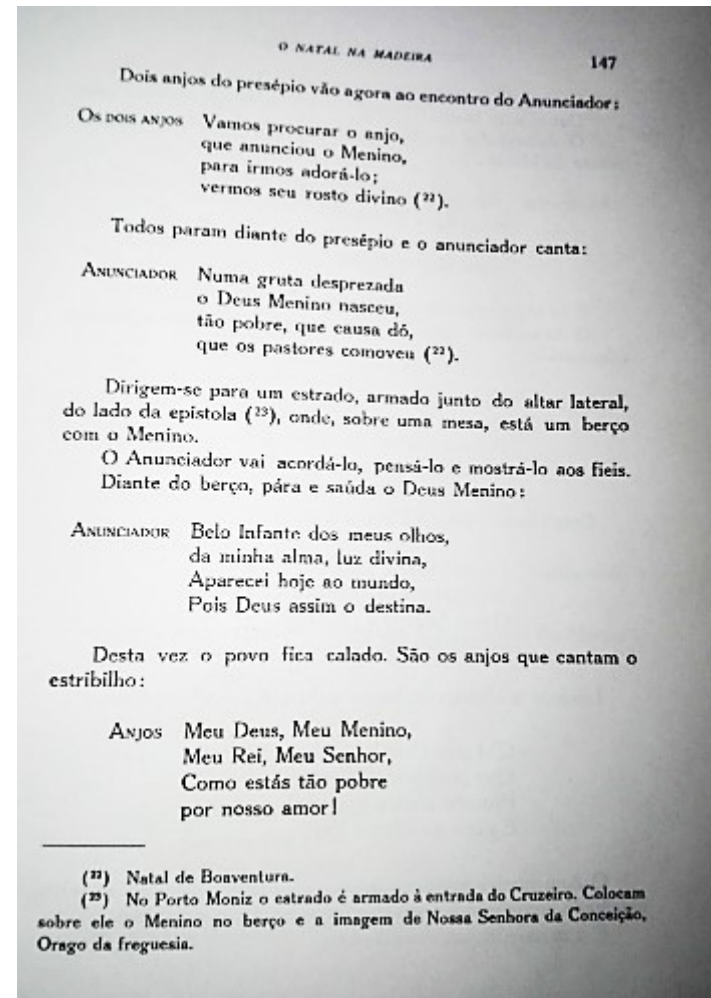
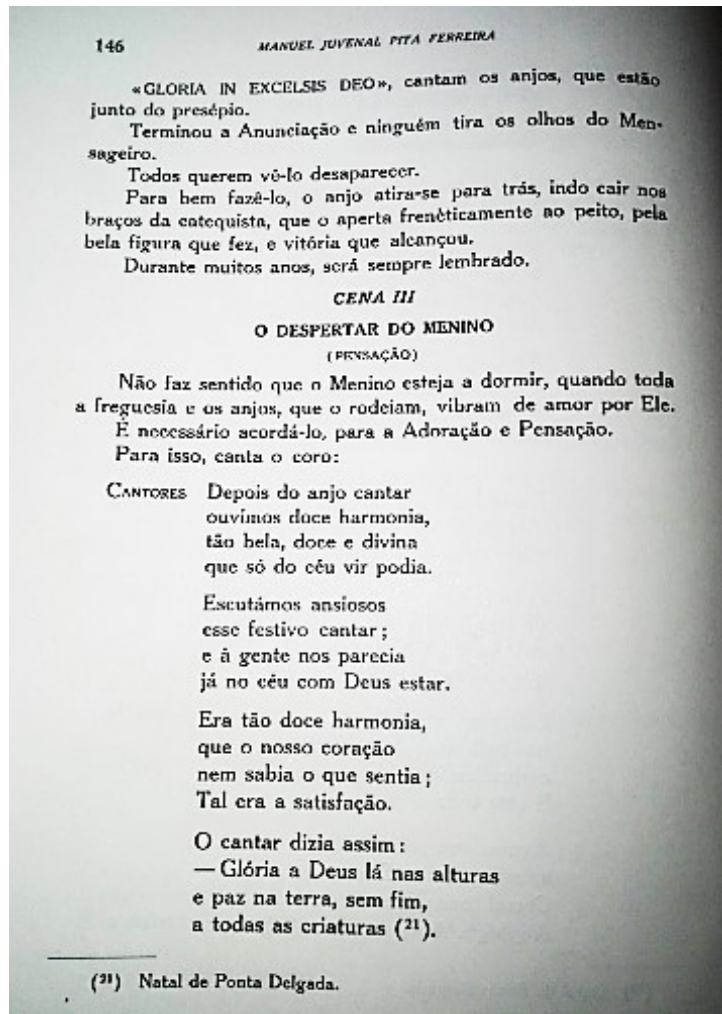
Sancta Maria, Mater Dei  
Ora pro nobis peccatoribus,  
Nunc et in hora mortis nostrae. Amen.

Virgem do Parto,  
Dos céus alegria,  
Entre vossos braços  
Expirar queria.

(12) São interessantes as outras variantes do «Retrato de Nossa Senhora» cantadas no Curral das Freiras e Caniçal.

(13) Antífona cantada na Ribeira Brava.

ANEXO 13 – *Pensação* na obra do padre Pita Ferreira: *Natal na Madeira: Estudo Folclórico*.



Um anjo toma um jarro.  
Outro, uma bacia.  
O Anunciador vai lavar as mãos, para poder tocar dignamente no Menino.

ANUNCIADOR Vou lavar as minhas mãos  
nesta água cristalina,  
para que possa tocar  
numa pessoa divina.

E os anjos repetem o estribilho.  
O Anunciador aproxima-se do berço e descobre o Menino adormecido.

ANUNCIADOR Parai um pouco, ó alma.  
Escutai. Tende sentido,  
Porque vou devagarinho  
descobrir o seu rostinho.

Como ousará fazer tal sem a licença da Virgem?

ANUNCIADOR Dé-me licença, Senhora,  
de pegar no seu Menino.  
Quero beijá-lo e pensá-lo,  
deitá-lo no seu bercinho.

Levanta o Menino do berço, beija-o e, fitando-o, canta:

Oh! meu Deus!... Oh! que beleza!...  
Que perfeição aqui vai!...  
Isto não é obra humana!...  
É obra do Eterno Pai!...

O Anunciador ergue os braços e mostra o Menino ao povo ajoelhado, enquanto o coro dos anjos repete o estribilho.  
É o momento supremo do auto.

Passados segundos, o Anunciador baixa o Menino e, cantando, deita-o no berço.

Ficai. Descansai agora,  
neste bercinho, escondido.  
Herodes inda não sabe,  
Que Vós já estais nascido.

Se Herodes aqui vier  
e Vos queira degolar,  
dareis a vida por ele  
e ele se há-de salvar.

Pondeis dormir descansado  
Sem terdes algum temor.  
Estes filhos, que aqui tendes,  
estão a vosso favor.

Desculpai, meu caro bem,  
esta minha ousadia.  
Eu fiz tudo com licença  
da sempre Virgem Maria <sup>(24)</sup>.

#### CENA IV

##### O RETRATO DO MENINO JESUS

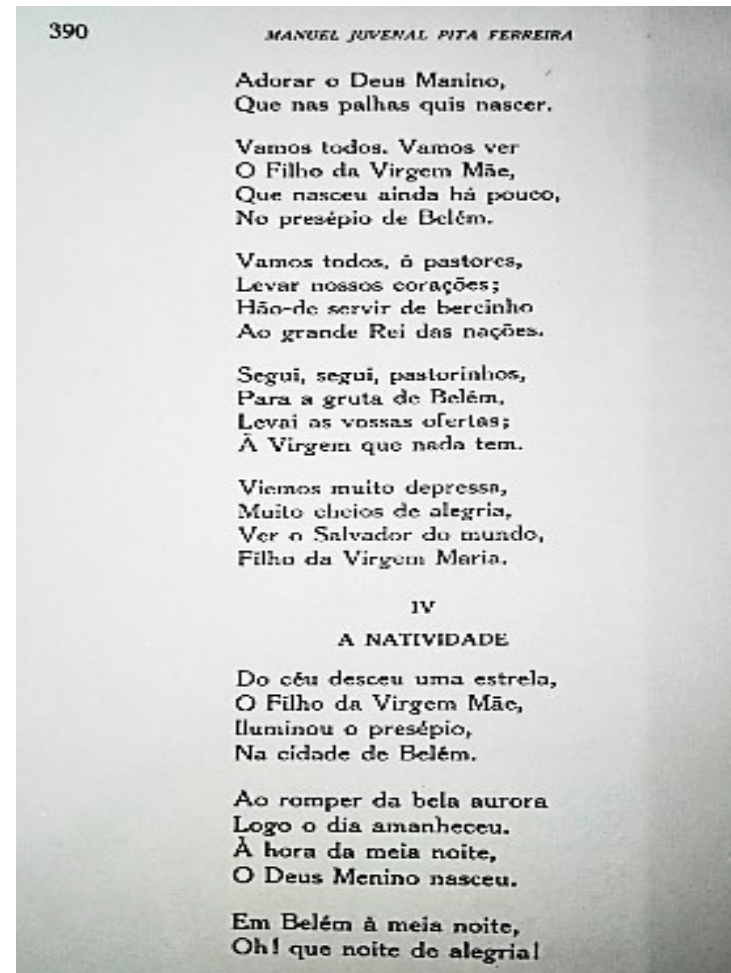
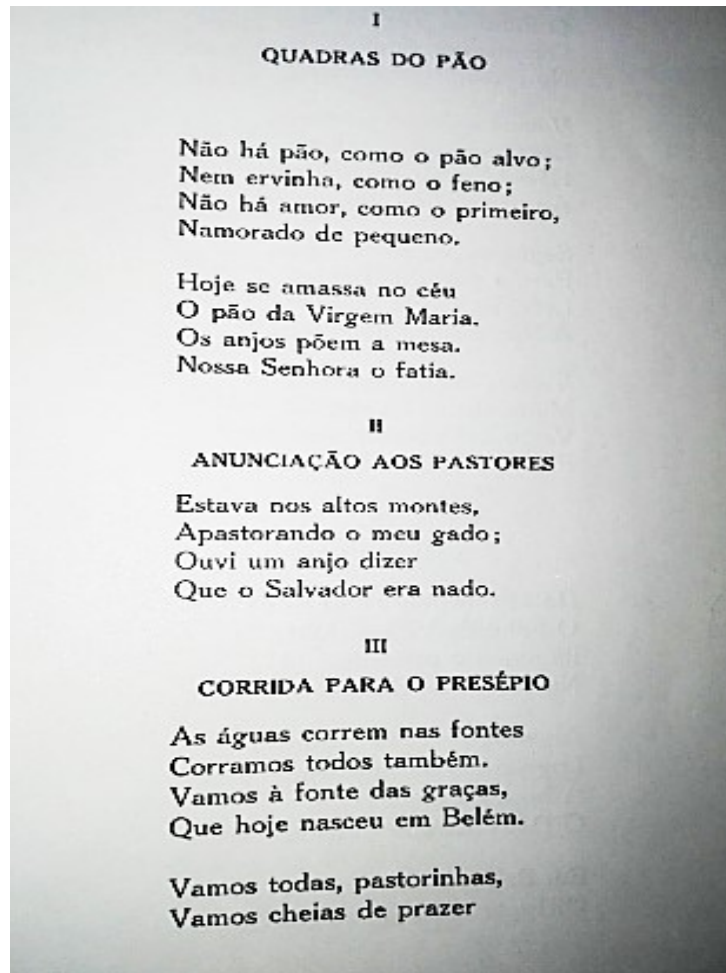
O coro vai, agora, descrever aos fideis a beleza do Menino.  
Quem poderá deixar de amá-lo?

CANTORES Vamos agora mostrar  
ao povo da freguesia  
o retrato do Menino,  
Filho da Virgem Maria.

ANJO Oh! como é lindinho!  
pois reparai bem  
o lindo amorzinho  
que a meus braços vem.

<sup>(24)</sup> Natal de Boaventura.

ANEXO 14 – Quadras Populares na obra de Pita Ferreira: *Natal na Madeira: Estudo Folclórico.*



Da aurora nasceu o sol;  
Nasceu Jesus de Maria.

Em Belém, à meia noite,  
Nasceu do céu um sorriso,  
Para nos abrir de novo  
As portas do paraíso.

Em Belém, à meia noite,  
Noite bem-aventurada!  
Nasceu Jesus, de Maria,  
Ficando ela imaculada.

Que alegria será esta,  
Que eu aqui vim encontrar?  
É o salvador do mundo,  
A quem eu venho adorar.

Ó Meu Menino Jesus,  
Menino tão verdadeiro!  
Descestes do céu à terra  
P'ra salvar o mundo inteiro.

Ó Meu Menino Jesus,  
A vossa capela cheira.  
Cheira a cravos. Cheira a rosas.  
Cheira à flor da laranjeira.

Oijo cantar lá no céu,  
Cantar uma voz divina.  
Vai aparecer hoje ao mundo  
Aquele que Deus nos destina.

Na cidade de Belém  
Nasceu um Deus mortal.  
Vamos todos. Vamos todos.  
Festejar o seu Natal.

Ó Meu Menino Jesus,  
Nascido entre animais,  
Filho de Deus feito homem,  
Para ao mundo dar a paz.

Eis-nos à porta da Igreja.  
Lá dentro vejo uma luz.  
Deitadinho, nas palhinhas,  
Brilha o Menino Jesus.

Oh! que festejo tão lindo!  
No mundo não tem igual.  
Alegre o mundo inteiro  
Esta noite de Natal.

Ó Meu Menino Jesus,  
Nesta noite de venturo,  
Há tudo que nós andávamos  
Todos à vossa procura.

Entre a palma da oliveira  
E o alecrim serenado,  
Dêmos graças a Deus  
Que o Menino já está nado.

Ó Meu Menino Jesus,  
Na noite do nascimento,  
Seja pobre, seja rico,  
Tem em Vós o pensamento.

## V

## QUADRAS À ESTRELA

Estrela do céu brilhante,  
— Oh! tanto brilho que tem!  
Guiai a nós, pastorinhos  
P'ra lapinha de Belém.

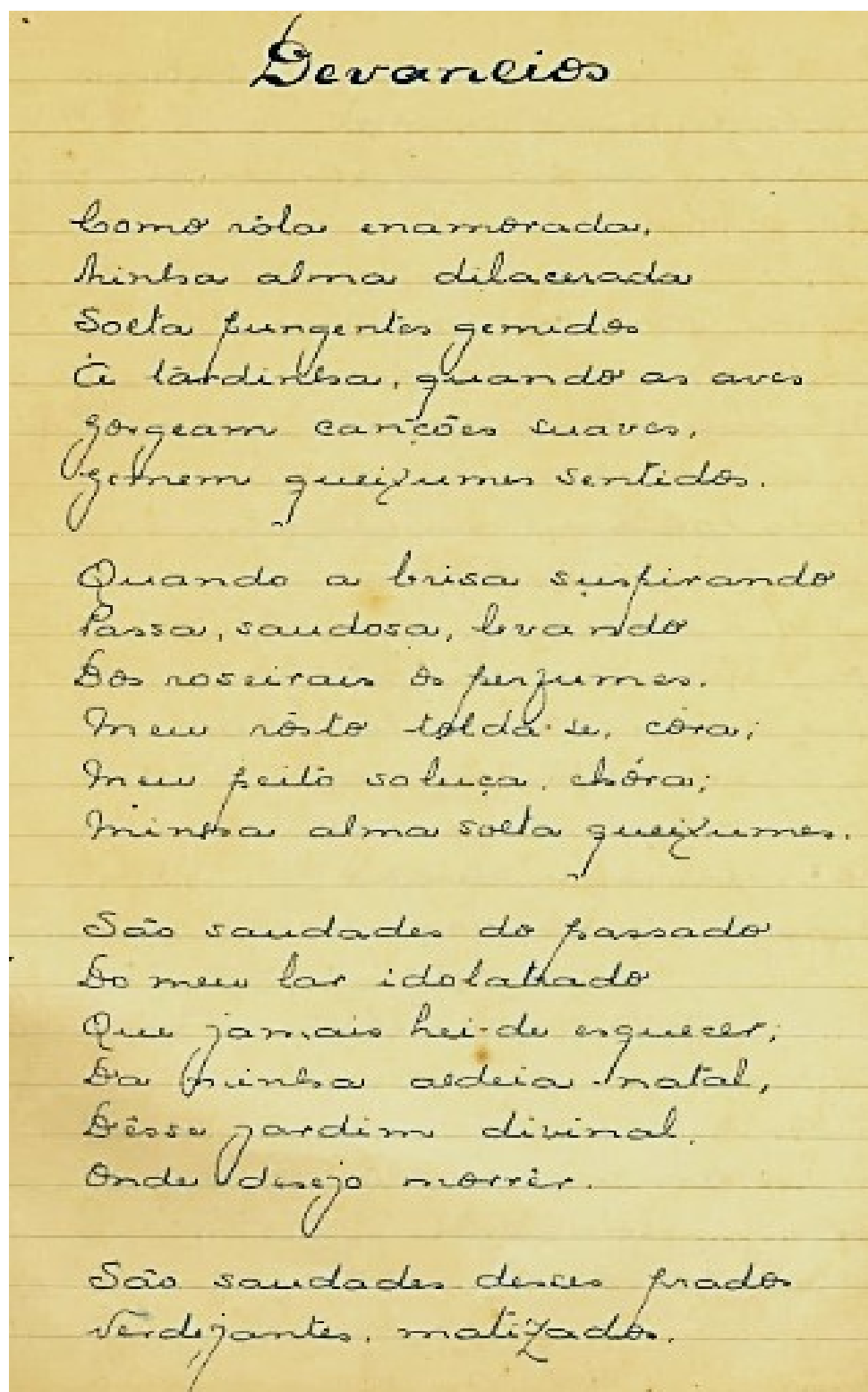
## Ensaíes literários

---

"Ensaíes literários, são pedacinhos da minha alma que passei para este caderno, a fim de poder reviver nos horas de tédio, os saudosos e felizes momentos em que os escrevi.

R. Rita Ferreira

---



<sup>507</sup> Espólio pessoal do padre Pita Ferreira, na posse da sua família.

Que a minha aldeia contém:  
Onde passei criança  
Nessa quadra de bonança  
Ao colo da minha mãe

Nessas florestas frondosas  
Onde voam mariposas,  
Branças, douradas e negras;  
Nesses saudosos riuões,  
Onde contam seus suspiros,  
Mauzóas toule negras.

Essas serenatas da aldeia  
Que em noite de lua cheia  
Se organizavam nas eiras,  
Onde alegre o rapazio  
Descantava ao desajo  
Canções de nas, faqueiras.

Nessas festas estendidas  
Cujas salvas favorosas  
Rebombavam pelos ares  
Nesses barcos vacilantes,  
Ágeis e soluçantes,  
Que trovavam os mares.

gostava felicidade  
Nessa quadra de saudade  
Nessa alvorada ridente  
Era a terra um paraíso,  
A vida meigo sorriso,  
Andava sempre contente.

Tinha aspirações douradas,  
Sonhava, com lindas zadas,  
Com querubins refulgentes.  
Oh! que momentos saudosos!  
Oh! que tempos venturosos!  
Oh! que sonhos inocentes!

Has esse céu azulino,  
Transparente e cristalino,  
Oldde-u com plumbeo veu,  
Apagaram-se as estrelas,  
Rubiram-se as procelas,  
E tristesa alma comoreceu.

Perdi a paz, a alegria  
A quadra de poesia  
Se tenho, de inspiração,  
Só me resta a desventura,  
Com o manto de amargura,

Que cobre meu coração.

A vida não me sorri  
Os meus sonhos esqueci  
Nos transeus da desventura  
Minha alma, triste, saudosa,  
Despiu a veste formosa,  
Da alegria e da doçura.

Meu peito soluça, geme,  
desfaz-se, chora, theme.  
Aos golpes da minha dor,  
já não apendo, das aves,  
Os devaneios suaves,  
Os devaneios de amor.

Já não me encantam as flores,  
Os lírios, os rosas, os amênis,  
Os maviosos gorgoros,  
Cui, são negros os meus dias,  
Tristes místicas melodias,  
Sentidos meu devaneio.

São os arulhos dolentes,  
São ais, gemidos, fungentes,  
Suma rãta inamovível.

São suspiros da saudade,  
Ecos da felicidade,  
Da primavera passada.

Seminário 14-4-1932.

Leitor, não chore nem tenha pena  
do poeta porque tudo isto é fantasia.  
P. Rita Ferreira

## Hunc dimittis

Agora, Jeová, deixa ir em paz  
Ihu servo que na vida foi fiel  
Para quê, que neste mundo triste jaz,  
Depois de ver a glória de Israel.

Seus olhos apagados contemplaram  
A luz pra revivência das pobres gentes;  
glória do vosso povo e chamaram,  
Concerto e salvação dos penitentes.

Na vida só embalei uma esperança  
A de ver e beijar o Redentor  
já o contemplei meu olhar. Oh! morte avança  
E conduz-me a manção do foador.

Seminário 20-4-1932

## O meu primeiro sermão

Postquam impleti<sup>erunt</sup> dies purgatio-  
nis huius, discesserunt Iherosolimam  
et ceterent cum Do-  
mino, sicut scriptum est in le-  
ge Domini. S. Lucas 2, 22.

crisões.

Fôra cometida no paraizo terrestre a  
funesta desobediencia que manchou toda  
a humanidade.

Adão e Eva, despojados das vestes da  
inocencia de que Deus os cobrira, com  
o coração oprimido pelo remorso e as pa-  
ças lambadas em pranto, vaguearam  
durante alguns momentos no Eden, ter-  
minando vencidos pela vergonha e pelo  
medo, por se esconderem num bosque, on-  
de esperaram o castigo da sua queda.

O Senhor para reparar a justica o-  
fendida, descerregou sobre eles o gladio  
da sua justica e condenou-os à morte  
à dor e a comer o pão de cada dia  
humedecido com o suor das suas fronteiras.

<sup>508</sup> Espólio pessoal do padre Pita Ferreira, na posse da sua família.

Assim o egípcio a Santidade ultia-  
gada, mas se a justiça do Altíssimo é  
infinita não é menor a sua misericórdia.  
Compadecido da humanidade decaída,  
que sem uma estela redentora que  
a norteasse no caminho da vida, ia me-  
diavelmente se perdendo, deixou cair so-  
bre os nossos primeiros pais o manto da  
sua misericórdia e prometeu-lhes um  
Redentor que os libertaria da escravidão  
do demônio e nasceria dum povo que  
Ele próprio elegira.

De esse povo, chamado Israel, não  
fouzou o Senhor as maiores graças, os  
mais admiráveis favores e os mais estu-  
pendos prodígios.

Quiz torná-lo forte e deu-lhe por tron-  
co a fé inabalável de Abraão, robusteceu-  
o com a valentia dos seus reis e coroou-  
o com a audacia dos Isaacbeus; quiz tor-  
ná-lo livre e libertou-o de Egito, abriu-lhe  
sua passagem e lhe deu o mar Vermelho; deparou-  
lhe um paiz seguro e belo; quiz tor-  
ná-lo admirável e criou-o com a coragem  
de Judith, com a virtude de Ester com os  
actos divinos da barba de Balaam e

com a sabedoria e magnificencia de Salomão, finalmente querendo torná-lo santo  
entregou a Moisés, no alto do Sinai a sua  
lei, que, fielmente observada, alcançaria  
ao seu povo a paz e a salvação.

Admirável generosidade dum Deus!

Entre os numerosos preceitos desse código  
divino, havia o da purificação que  
obrigava toda a mulher que desse à  
luz pela primeira vez a purificar-se no  
templo, quarenta dias depois do parto,  
e a consagrar ao Senhor o seu primo-  
gênito em memória do grande mila-  
gre que Deus tinha feito aos seus an-  
tepassados, libertando-os do Egito depois  
de julminar com a morte os primogê-  
nitos desta nação.

Havia Santíssima, dando à luz o  
seu divino Filho não estava obrigada  
a este preceito, pois concebera por virtude  
do Espírito Santo e na sua alma  
virginal não existia a menor mancha,  
mas quiz cumpri-lo para com o seu  
exemplo não ensinar a ser humildes e  
obedientes à lei de Deus. Como as demais  
filhas de Israel, quarenta dias depois

do parto, purificou-se no Templo, consagrou ao Altíssimo o seu próprio filho e redim. pensou a esperança prolongada e a fé ardente dum ancão que desde o alvorecer da sua existência pedira a Deus a graça de ver o Redentor.

Admiremos este quadro maravilhoso e aprendamos as lições que nos dá cada uma das personagens que figuram em tão comedida cena. De Maria aprendemos a humildade, de Jesus a obediência e do velho Simeão o amor de Deus.

---

Virgem Santíssima, que sempre concedeste o vosso auxílio àqueles que vo-lo imploraram, iluminai a minha pobre inteligência com um raiuzinho de luz celeste, amparai-a com um pouco de vossa graça de, que sois depositária, e alcançai-me uma voz pura, e uma harpa harmônica, para que, cantando suavemente o assunto do meu sermão, mova as orações destes vossos fiéis que me escutam.

E de vós, caros fiéis, espero um pouco de atenção porque serei breve.

---

Sublime foi a lição de humildade que nos deu Maria Santíssima no dia da sua Purificação.

Concebendo por virtude do Espírito Santo e dando à luz o Deus de toda a pureza e autor de toda a Santidade, Maria qual azevém cuja alveia aumentam os raios do sol, longe de se manchar tornou-se mais pura, mais formosa, mais agradável aos olhos do Altíssimo.

Na sua alma não existia o germen da culpa; era pura como as esmeraldas, formosa como as rosas, modesta como as violetas, por isso, não estava obrigada aos preceitos da lei da Purificação.

Porém, de que se haveria de purificar a mais pura, a mais santa, a mais perfeita das criaturas? Essa mulher singular que foi concebida sem a mácula leve mancha do pecado original e que foi puríssima desde a aurora até ao crepúsculo da sua existência gloriosa? Essa Virgem que concebeu no seu seio puríssimo Aquelle Deus a quem todas as criaturas adoraram e ante

quem tiem as potestades celestias; -  
- Aquelle Deus cuja gloria os céus não  
podem conter e á quem toda a natu-  
reza balbucias os seus louvores; - Aquelle  
Deus que com uma só palavra criou  
mundo, semeou miriades de estrelas na  
cúpula imensa do firmamento, deu  
às aves o canto, aos zéfiros as harmo-  
nias, aos montes a magestade, aos ocea-  
nos a vastidão, aos fructos a magia, a  
gloria e aroma e estendeu sobre a terra  
o tapete matizado das plantas?...

Porfim de que se haveria de purificar  
essa virgem privilegiada que se mais  
pecca do que os próprios anjos?...

Podaria parabedece a vontade do  
Altissimo quarenta dias depois de par-  
to abandonar o estábulo de Belém e  
acompanhada do seu espora dirige-se ao  
Templo de Jerusalem onde cumpre os pre-  
ceitos da lei

Obediencia admiravel! humildade profunda!

Apesar de ser a Mãe de Deus não re-  
conheceu privilegio algum, confundiu-se  
com as humildes filhas de Israel e a-  
legrou-se por passar ante os homens por

impura e pecadora.

Oh! quanto distam os nossos sentimen-  
tos dos de Maria!...

Quantas vezes não suspiramos pelas horas  
nas ruínas da multidão, pelas riguras  
e pelas grandes enomes esquecidos de De-  
us! a humildade de oração, a pureza de  
consciencia, a candura da alma e u-  
ma conduta irrepreensivel e que não  
torna grandes aos olhos de Deus e do ho-  
mens.

De que serviu a hero as aclamações  
juvenilias dos seus subditos, os louros com  
que Roma o cercou se exalou o ultimo  
sufriro odiado de Deus e do mundo?...

De que serviu a magnificencia a Sa-  
lomão; o rei sábio que traduziu a sabi-  
doria em provérbios, que viveu em pa-  
lácio doutorado e esgotou a taça dos  
prazeres à busca da felicidade se no  
fim da vida ao releer as paginas do  
livro da existencia exclamou desiludi-  
do: "Vaidade das vaidades tudo no  
mundo é vaidade. Riquezas, aplausos,  
títulos de gloria tudo é vaidade; no  
mundo só é grande a virtude e só

nela se encontra a felicidade!...

Predestinados para a glória eterna como o passaro para voar não aspiremos a realizar cá no mundo grandes voos por que as asas brancas da nossa alma só pela morte se desprendem para, em vôo de águia, em vôo altaneiro, nos conduzirem aos páramos celestiais. Ensiame-nos sim, durante o nosso exílio cá na terra esse vôo pela humildade e pelo amor de Deus, robusticemos as novas asas pela oração para que um dia rasguemos o azul dos céus e recebamos a coroa de glória com que nos há-de recompensar o que Jesus que disse: "que todo o que se exalta será humilhado e que todo o que se humilha será exaltado;"

\* \* \*

Sublime foi a lição de humildade que nos deu Maria Santíssima na sua Purificação, mas mais sublime mais divina ainda foi a lição de obediência que Jesus nos deu nesse dia.

O Verbo divino, o Legislador supremo

que, criando o universo, deu leis aos astros que giram nos espaços para que, percorrendo as suas orbitas revelassem a grandeza e a inteligência do Ente que os criou; que criando o homem deu-lhe a consciencia por código da sua lei e por bússula para lhe indicar o caminho da salvação; que criando as glórias, as plantas e os animais deu-lhe leis para que se desenvolvessem e fossem úteis ao rei da criação em juro desse legislador sapientíssimo diante de quem se inclina a natureza inteira sujeitando-se a uma lei dada ao seu pôr no seio para nos ensinar que a obediência à lei divina é o único caminho da felicidade eterna, da paz e da tranquilidade de consciencia.

Não há outro meio de ser feliz nesta vida e na outra.

A obediência santifica o homem como a humildade o exalta e a pureza o diviniza. Amou a Jesus, amaram-na os santos e houverão nós de amá-la se quisermos entrar no reino dos Céus. "Si vis ad vitam ingredi serua

mandata;

Santo Agostinho falando da humildade, digo da obediência disse que se ma das razões porque Deus se fez homem foi para nos ensinar e recomendar tão bela virtude. Tinha o homem desobediência, nos diz o grande doutor da Igreja, até à morte, veio o Filho do Altíssimo obedecer até à morte. Estava a Porta do Céu fechada pela desobediência de Adão, abriu-se pela obediência de Cristo. Sicut per inobedientiam unius hominis peccatores constituti sunt multi, ita et per unius obedientiam iusti constituti sunt multi. E no prêmio e glória da humanidade de Cristo, diz nos o mesmo Santo, quis nos também mostrar o valor e o merecimento da obediência coroados com tão sublimada glória. Factus obediens usque ad mortem, mortem autem crucis propter quod et Deus exaltavit illum et dedit illi nomen quod est super omne nomen, et in nomine Iesu omne genua flexatur caelestium, terrestrium et infernorum. Cristo fez obediência até à morte e morte de Cruz; pelo que o exaltou Deus e lhe deu

um nome que está acima de todos os nomes; paraí que ao nome de Jesus ajoelhem os céus, a terra e os infernos.

Sim, caro Jesus, a vida de Jesus foi desde a sua incarnatione no seio virginal de Maria até ao "Consummationem est" do Calvário um poema de obediência.

Por ela fez-se homem, nasceu num estábulo carregou o madeiro da cruz até ao Gólgota e foi crucificado entre dois forçadinhos.

Aprendamos pois a exemplo do Salvador a cumprir exactamente as leis divinas lembrados de que só a pontualidade no cumprimento de todos os deveres para com Deus o próximo e nós mesmos, enobrece, eleva, e santifica a alma dum cristão.

A Deus devemos o amor, a adoração e o culto que lhe é devido como nosso Criador, Bemfeitor e Pai; ao próximo devemos o respeito, a fidelidade, a bondade, o amor aos nossos superiores a justiça e a caridade aos inferiores e a todos em geral aquela caridadeterna, compassiva e indulgente.

gente de que fala o Apóstolo, que nunca  
pensa mal do próximo e tende a evitar  
o menor pensamento ofensivo aos outros se-  
melhantes; a nós mesmos devemos a ca-  
lidade nas nossas palavras, desejos, e acções  
e em todos os affectos de nossa oração, e  
evitando tudo o que de algum modo po-  
ssa manchar a nossa innocencia

Guardemo-nos, pois, valerosa e alegremen-  
te a lei do Senhor e a bemaventuran-  
ça eterna coroará a nossa fidelidade.

\* \* \*

Terminemos este sermão admirando o  
bello exemplo de amor de Deus que nos dá  
o velho Simeão na presente solemnidade.

Herdeiro da fé de Abraão e da pieda-  
de de David, o Santo velho Simeão ardía  
no desejo de ver o Salvador do mundo de-  
de o alvorecer da sua existencia. O al-  
tíssimo, para recompensar tão prolonga-  
da esperanza e ardente fé, revelou-lhe  
durante a oração que não baixaria ao  
sepulcro sem que os seus olhos maravilha-  
dos contemplassem aquelle que havia de

ser a glória e salvação de Israel.

Rodaram os anos, e à medida que  
subia a escabrosa ladeira da vida  
crescia também a esperanza do velho  
ancião;

Um dia, quando a idade já ti-  
nha aureolado a sua fronte com as  
veneraveis canas da velhice, de pauperara  
as suas forças e fazia vacillantes os  
seus passos, viu aproximar-se do Tem-  
plo um pobre hebreu com um me-  
nino nos braços para cumprir os preci-  
tos da lei de Moisés.

Das mãos da Mãe o menino passa  
para os braços trémolos de Simeão.

Então, a bondade infinita, uma luz  
sobrenatural illuminou sua pobre inteli-  
gencia enquanto no fundo do seu cora-  
ção ouve a voz do Espírito Santo que lhe  
diz: "Eis ai a glória de Israel, o suspiro  
de das nações.

Trémolo, com a oração a transbor-  
dar de alegria e de reconhecimento es-  
treita Jesus ao peito e enquanto as lá-  
grimas ainda palpitantes se despen-  
dem das faces e vão cair sobre o Deus

Benigno, Simeão exclamava:

"Agora, Senhor, é que deixareis morrer em paz o vosso servo; pois que os meus olhos já contemplaram o Salvador que vós nos destes e a quem vós destinais para estar exposto às vistas de todos os povos; como a luz das nações e a glória de Israel.

Cristãos, Toda a noite se repete nos nossos templos esta comovedora cena quando das mãos do sacerdote recebermos o Pão dos Anjos, a sagrada Eucaristia.

Veja o Filho de Deus baixa aos nossos corações, não com a magestade dum Deus, nem sob a forma dum criança como no Templo mas oculto sob as aparências do pão.

O amor levou-O a ocultar a sua magestade divina e a aniquilar-se sob as espécies consagradas; Porém, do abatimento da sua glândea infinita nasceu a elevação da nossa miséria.

Amou-nos até ao extremo, "inque ad finem", até ficar por nós na Eucaristia, até dar-nos a sua própria carne como comida e o seu sangue como bebida; e amou-nos assim porque viu que só

o seu coração é fonte de vida, de santidade e de consolação; porque viu que só o seu coração é fonte de paz, de salvação, de esperança; só ele é o centro de todos os corações.

Abreirai-vos, caros fiéis, da mesa Santa; comungai o Pão dos Anjos, estreitai-o ao vosso peito com os sentimentos do velho Simeão. Cortai-lhe as vossas miçgas e Ele as abençoará, vós consolareis as vossas alegrias e Ele as abençoará e vossos desejos e Ele os secundará com a sua graça.

Alimentai-vos desse Pão sobrenatural que dá a vida e a ressurreição: "Eu sou o Pão da vida, disse Jesus, todo aquele que comer deste pão será saciado e viverá eternamente."

Lembraí-vos que foi em Jesus Hóstia que os mártires encontraram a constância para os sofrimentos; as virgens a vida para o leão da pureza, os conselheiros a luz; os poetas a inspiração; os reis o valor e o bom governo; os guerreiros a coragem; tantas almas d'amor de Deus e até as próprias crianças em

ntiaram neste sacramento augusto os se-  
cidos da santidade.

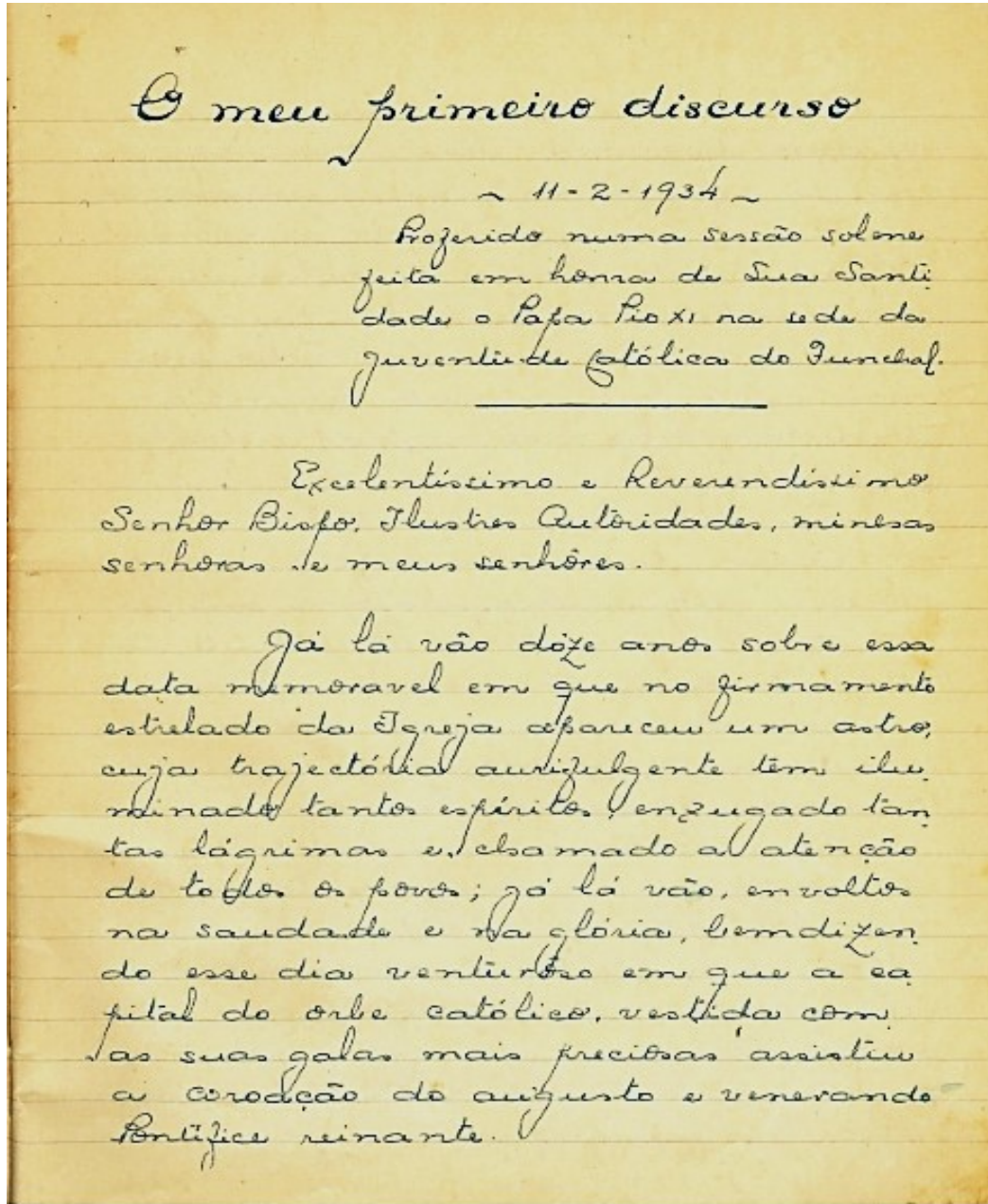
Vou terminar, mas antes de descer o  
graus desta tribuna sagrada, peçamos  
à Santíssima Virgem que nos alcance  
as graças que necessitamos para imitar  
sua humildade, a obediência do seu  
filho e o amor de Deus do velho Simeão.

---

Virgem Santíssima, disse trono de  
glória onde vos colocou a dignidade  
de Mãe de Deus, deixai cair sobre nós o  
vosso olhar de milagre. Envolvei-nos, Le-  
dora, no manto da humildade e da  
obediência e avivai nos nossos corações a  
amação de Amor de Deus para que seja  
vós dignos das promessas de Cristo na  
glória eterna que a todos deseja.

Proferido no refeitório do Seminá-  
rio da Encarnação no mês de  
Maio de 1933.

P. B. B. B. B.  
B.



<sup>509</sup> Espólio pessoal do padre Pita Ferreira, na posse da sua família.

Reficaram em sua honra os numero-  
sos signos da cidade eterna, subiram aos  
ceus as espirais do incenso, ecoaram sob  
a cúpula de Miguel Anjelo as vibrantes  
aclamações dos fieis e as notas cristali-  
nas das trombetas de prata saindo em  
rujada da Basilica de S. Pedro foram  
mais velozes que os zéjios anunciar  
por todo o orbe católico tão faustosa a  
contencimento.

A noticia voou cilese.

À sua passagem, palpitaram os  
corações de jubilo, afloraram em to-  
do os lábios sorrisos de alegria, de to-  
do os peitos se emanaram effluvis sua-  
visimos de creença e de amor e nas  
naves das igrejas do universo rebouaram  
os accordes gloriozos do Te Deum.

Pio XI acabara de subir os degraus  
do sólio pontificio, jára constituído Pedra  
angular da Igreja, Representante do  
Altissimo na terra, digno successor de sua  
pleniade glorioza de pontifices que os fas-  
tos da Igreja se ufanaram de possuir,  
enfim iniciara este pontificado que é  
uma epopeia onde se encerram estân-

cias dignas de serem cantadas por um  
génio acompanhado pelos accordes sua-  
vres das harpas celestias.

Excelentissimo e Reverendissimo Senhor  
Bispo, Ilustres autoridades, minhas senhores  
e meus senhores.

Ha na historia do pontificado de Pio XI  
capitulos que revelam uma grandeza in-  
comparavel, paginas que deslumbram  
pela sua belleza, accões que arrebatam  
pela sua sublimidade.

Recorda-las hoje que nos encontra-  
mos unidos para comemorar o deu-  
decimo anniversario da sua coroação  
gloriosa seria o melhor meio de avivar  
nos nossos corações o amor filial que de-  
vemos consagrar a esse veneravel an-  
cião que é uma honra da Igreja e  
uma gloria do nosso século.

Folheemos pois, rapidamente algu-  
mas paginas dessa historia epica e au-  
sa do nosso orgulho e da nossa admi-  
ração.

Elevado ao sôlo pontifício numa época em que o mundo se debatia numa crise pavorosa e a ambição das nações ameaçava com uma futura guerra, Pío XI ao subir os degraus da cadeira de S. Pedro concebeu um ideal que a poder realizar seria o seu maior título de glória, a gema mais preciosa que haveria de ornar o seu diadema imortal.

Fazer renar a paz no mundo, unificar as nações num só amor, alargar o reino de Cristo, eis o desejo sublime, o sonho deirado dessa gigantesca figura de Pontífice.

Para a realização deste ideal maravilhoso, recolheu-se ao Vaticano e na solidão tranquila do seu gabinete de trabalho estudou e orou.

Estudou para conhecer os males que afligem a humanidade e orou para que o Altíssimo o iluminasse com a sua graça, abençoasse o seu pontificado e fizesse reinar no meio dos homens a paz e a felicidade.

É sobre estes dois princípios fundamentais edificou Pío XI a sua gloriosa vida de

Pontífice.

Foi na solidão bendita do Vaticano que o seu coração paterno ao observar as convulsões dolorosas da humanidade; ao escutar as queixas aflitivas dos oprimidos; ao ver o perigo que corria a família no meio do caos social, ditou as admiráveis encíclicas que o háo de immortalizar.

A "Quadragesimo anno", que é a comoração da "Rerum novarum" de Leão XIII, um protesto forte contra o capitalismo materialista, um "miserere super turbam", parecido ao de Jesus, e uma carta de despejo em prol dos pobres dos oprimidos, dos operários, enfim, o caminho seguro que os grandes estadistas tem que trilhar para a solução da crise actual; — A "Casti connubii", que é um tratado da vida da família cristã traçado neste momento em que os povos civados do paganismo procuram sempre com os laços mais sagrados; — A "Caritate fructi compulsi" onde joca sabiamente os males que afligem a sociedade actual e incita os homens à união

contra os inimigos de Deus; e finalmente a *Perum Ecclesie*, onde Pio XI espande a sua alma de Missionário e manifesta o desejo de dilatar o reino de Cristo, chamando os obreiros para levarm o Evangelho e a civilização cristã à inhóspita África, à vasta Ásia e à longínqua Oceania.

Pio XI é também um grande diplomata. Hostia o as concordatas que fez com a Polónia, a Lituania, a Itália e Alemanha; as numerosas representações e embaixadas que temo junto de si e o Tratado de Latrão que resolveu a Questão Romana, tendo sido reconhecido o poder temporal da Igreja e restituida a pequenina cidade do Vaticano onde só o papa tem o direito de imperar.

Pio XI é o Papa das canonizações.

Que Pontífice teve a glória de elevar à honra dos altares tantos santos como o actual? — Uma Teresinha do Menino Jesus que pelas suas grandes virtudes mereceu o título de Patrona da Europa do século XX; um Gabriel Solorata, modelo para os governos deste século pagанизado; um Clara d'Ass, glória do clero francês;

um Dom Bosco, protector da mocidade operaria e tantos outros heroes que travando o bom combate neste mundo foram receber nos céus a coroa de glória que lhes era devida.

Pio XI é finalmente a glória deste ano santo da Redenção. Ele, quem elle dá vida com sua palavra eloquente, com as numerosas canonizações que realiza e com os desejos vehementes do seu coração paterno.

Sublime figura iade Pio XI.

Perante elle curvo-me reverente elevando a minha fronte ao meditar sobre os seus doze annos de Pontificado, a petecção me a dizer com o nosso sifico: *Fesse tudo o que a musa antiga canta porque outro valor mais alto se levanta.*

Sim, meus senhores, ao recordar a historia do Papado encontramos vultos gloriosos de Pontífices que foram a luz do mundo, os baluartes da fé, a glória dos séculos em que viveram: — Um Leão Magno que ao ver ameaçada a civilização cristã pelas barbas do desceu os degraus da cadeira de

S Pedro e vestido com as vestes pontificais sustene às portas da cidade eterna a avalanche barbara que relando dos Alpes reduzia tudo a ruínas: —

Um Gregório I que, cediendo no desejo de alargar o reino de Cristo, enviou missionários à fria Inglaterra: — Um Inocencio III que elevou o seu pontificado ao apogeu da glória e conquistou o respeito e a admiração de todos os povos: — Um Leão X, que pelo seu amor às letras e às artes deu o seu nome ao século em que viveu; — finalmente um Leão XIII o pai dedicado dos operários, o grande Pontífice da Revolução moderna, a maior glória do século XIX.

Mas, meus senhores, acima destes vultos imortais de Pontífices ergue-se a figura veneranda de Pio XI.

Nos seus doze anos de pontificado reuniu todas as glórias dos Papas de antanho. Libertou a Igreja da Itália, eão criada em 1870; defendeu os direitos desta junto do governo alemão, espanhol e italiano; resistiu heroicamente às pretensões do fascismo e

obrigou a reconsiderar um Mussolini a quem toda a Europa admira. Suscitou numerosas vocações missionárias que lá vão aos milhares a anunciar a Boa Nova aos povos que ainda jazem nas trevas. Restaurou a grande Pinacoteca vaticana, esse escriptorio precioso onde se guardam as telas dos grandes gênios da Renascença — Rafael, Perito, Leonardo de Vinci, etc. Seu impulso aos estudos com suas encíclicas e constituições; socorreu os milhares de famintos que vagueiam na Rússia Vermelha; transformou o Vaticano num museu onde se admiram as grandes invenções modernas, e fez resplandecer de tal modo o Primado que ganhou o amor não só dos seus filhos, mas até dos seus próprios inimigos.

Orgulhemo-nos pois desta figura gloriosa de Pontífice e neste dia festejemos em que todo o orbe católico uni-do pelo mesmo ideal e comungando da mesma alegria festiva o gloriosíssimo da sua devoção gloriosa clari-

meus com todo o coração e alma:

"Que o Omnipotente o conserve, o vi-  
vifique, o faça bemaventurado na ter-  
ra e livre das mãos dos seus inimigos,  
para que governe por muitos anos o li-  
mão da barca de S. Pedro.

Senho ditos.

ANEXO 19 –

Manuscritos: *Quadros históricos*, que foram representados na Ribeira Brava para comemorar as datas gloriosas da Fundação e Restauração de Portugal, no dia 10 de agosto de 1940.

*Quadros históricos*

*Escritos e representados na  
Ribeira Brava para come-  
memorar as datas gloriosas  
da Fundação e Restaura-  
ção de Portugal.*

*R. Brava 10-8-1940*

# Cito séculos de glória

---

Fundo = Castelo de Guimarães

Luz = azul

Personagens = Cito lusitos, um transeunte,  
e o velho Portugal.

---

## Cena I

(Os lusitos e o transeunte)

(Quando sobe o pano aparece o palco sem  
ninguém e iluminada a azul. Ao fun-  
do vê-se o Castelo de Guimarães.)

Lusito nº 1 (Entra pela Esq<sup>da</sup> vagarosa e silencio-  
samente atravessa o palco e para à  
Dt<sup>da</sup> olhando para o Castelo.)  
(Pela Esq<sup>da</sup> entram abraçados os Lusitos  
nº 2, 3 e 4.)

Lusito nº 2 (Mal entra diz para os companheiros)  
já há muito que não me divirto  
tanto num acampamento, como  
neste

lo nº 3 (olhando para o nº 2) Para te dizer a verdade julgo que não teremos outro igual.

lo nº 1 (há St. aponta para o Castelo e dita para os companheiros) Que casa será aquela que está alem? (olham todos)

lo nº 2 (curiosamente) Qual?

lo nº 1 (apontando) Aquela.

lo nº 3 Parece um castelo.

lo nº 2 Quem sabe? Talvez seja algum castelo de fadas.

transeunte (Dirigido da St. para a Esq.) Boa noite meus meninos.

os (à uma) Boa noite

lo nº 1 (segurando pelo braço o transeunte que foge imediatamente) Olhe (aponta para o Castelo) diga-nos se faz favor o nome daquell' castelo.

transeunte (sorridente) É' o Castelo de Guimaraes, o berço da nossa Patria. (com um gesto aponta) Dentro daquellas paredes nasceu D. Afonso Henriques e viveu D. Henrique, D. Afonso Henriques, o fundador e tantos outros heróis. (curiosamente)

Ah!...

Transeunte (curiosamente) Então os meninos não sabiam?...

Todos já tinham ouvido falar.

Transeunte É que fazemos por aqui a estas horas da noite?

Lusito nº 3 (com ar de desempolhado) Ora... tomar do um arzinho.

Lusito nº 2 (apontando para a Esq.) Estamos a campados mesmo ali.

Transeunte (dirigido para a Esq.) Então, Boa noite (vai)

Todos Boa noite, obrigado.

Fera III  
 (Todos os lusitos)

Lusito nº 3 Vou chamar os outros para virem ver o Castelo de Guimaraes. (vai pela Esq. enquanto o

Lusito nº 2 (diz) Pois vai.

Lusito nº 3 (zora do palco, grita) Rapazes venham ver o Castelo de Guimaraes. (entra a pressadamente com os lusitos nº 5, 6, 7 e 8)

Lusito nº 5 (curiosamente) Onde está

Lusito nº 3 (apontando) Acolá.

Lusito nº 2 Naquelle Castelo nasceu D. Afonso Henriques, nosso primeiro rei usua.

quele mastro foi hasteada a primeira  
na bandeira da nação

to nº 3 (de mãos nos bolsos dirige-se aos compa-  
nheiros) Sabem vocês? Quando voltam  
bro as páginas da nossa História, sinto  
to não sei que no coração. Às vezes  
penho a mão no peito (faz o gesto)  
e noto que ele bate com mais força

to nº 1 = Eu também ainda não estudei  
a História de Portugal, mas quando  
oigo o Senhor Professor contar aos ou-  
tros as façanhas dos antigos portu-  
gueses, sinto no coração uma coisa  
parecida. Também já fiz a mão no  
peito e notei que ele bate com mais  
força.

to nº 5 (vivamente) E eu também já senti

to nº 2 (com energia) E eu também

to nº 1 E eu.

### Acto III (Portugal e os lusos)

Portugal (Entra pela D<sup>ta</sup>, vestido com um traje  
do século XI e enquanto se dirige  
para o local onde estão as crónicas  
diz) Sabeis o que sentis?

Todos (Surpreendidos, olham com espanto  
para o recém-chegado e dizem mu-  
lto baixinho) Ah!

Portugal (continuando) Já no meu deles) Senti  
a embriaguez da glória

Todos (com ansiedade) Quem sois?...

Portugal (fazendo um gesto paternal) Meus fi-  
lhos. Sou Portugal.

Todos (com admiração) Portugal!!!...

lusos nº 2 Por... tu... gal!!!... (no entanto

Portugal (continua) Benditos sejais, meus  
filhos porque sois dignos de mim e  
do nome de portugueses. (Com ex-  
celsão) Benditos, porque ali men-  
tais nas vossas almas a chama  
sagrada da Pátria.

lusos nº 2 (entusiasmado) apresenta uma bone-  
ca e diz) Sente-se conosco e fale-nos  
da sua história e dos seus heróis  
(suplicante) Fale-nos

Todos (enquanto se sentam formando um  
círculo à roda de Portugal) Fale-nos  
Fale-nos

Portugal (Também se senta enquanto diz) Pois  
bem, senti-mo-nos. (Continua lo-  
lente e pausadamente) Era numa

tarde de junho de 1140. No castelo de  
quimadaes reinava grande animação.  
Cavaleiros, infantes gente do po-  
vo e membros do clero buscavam  
de voltar dos campos de batalha e  
ali estavam como Afonso Henriques  
dando largas à sua alegria e an-  
ciosos por saudar a Pátria que ha-  
veria de nascer e por aclamar o  
rei que a deveria governar. Não  
têmiam as iras de pastela nem  
a ameaça de novas guerras; só  
sonhavam, como os seus antepassados,  
de com um Portugal independente  
e glorioso.

Em certo momento do ato da  
torre de menagem um clamor  
faz ouvir a sua voz.

É então — momento supremo —  
todos os olhos se voltaram para  
o alto e foram seguindo a ban-  
deira da Fundação que lenta,  
triumfal e solenemente subia  
no mastro d'honra do castelo.

Bribearam lágrimas em to-  
dos os olhos e batebam violentamen-

te todos os corações... — Quando  
a bandeira da vossa Pátria che-  
gou ao tope, o voss Portugal entre lá-  
grimas, soluços e aplausos abriu os  
olhos para a existência e iniciou  
os oito séculos de glória que neste  
ano comemorais.

Oito séculos de glória, em que  
tantos dos meus filhos se imorta-  
lizaram nos campos de batalha, nas  
ciências, nas letras e nas artes; em  
que as minhas caravelas, solucan-  
tes e magestosas sulcaram mares  
nunca antes navegados e deram  
novos mundos ao mundo; em que  
os meus missionários e conquista-  
dores dilataram a fé e o império  
e edificaram, com sua bravura,  
coragem e abnegação, o maior im-  
pério que até hoje o sol alumina.

Meus filhos, (faz um gesto cari-  
nhoso) orgulhai-vos de nome de Portu-  
gueses. Amai, servi, e defendei a  
Vossa Pátria. Lembrai-vos sempre  
do Portugal vultoso que vos fez  
e trabalhai, com ardor, para que

Ele seja glorioso e independente.

2º 1 (com *inglês*) Tu, velhinho?... Não és  
nem serás; porque vives em todos  
os corações portugueses e quem vive  
em tão nobres corações é imortal.  
(com entusiasmo) Viva Pátria!  
(Levantam e gritam) Viva. (Põem-se  
em continência (grande saudação) en-  
quanto atraz do palco se canta muito  
baixinho a Pátria. Terminada esta  
cai o pano.)

Representado na R. Brava nos  
dias 18 e 25 de Agosto de 1910

Interpretes

- gal = Rafael Alves dos Santos  
seunte = Raul Macedo
- 2º 1 = António Vidal Dias  
2º 2 = Fernando Pais  
2º 3 = Alípio Innão Araújo  
2º 4 = Luiz Farnelinho Mendes  
2º 5 = António Farnelinho Mendes  
2º 6 = João Aires de Melo  
2º 7 = José Manuel Alves  
2º 8 = João da Conceição.

## Lenda das rosas

Lundo: Alameda dum jardim

Luiz Branca

Personagens: duas crianças pobres, B. B.  
e Sr. Isabel

~ fôna única ~

As subir o pano duas crianças pobre-  
mente vestidas estão de pé a Sr. Isabel e  
Isabel entra <sup>com um</sup> diz para a outra en-  
quanto ajoelham.

Uma criança: A rainha!!!...

Sr. Isabel dirige-se para elas e faz o  
gesto de abrot o regaço para dar-lhes  
esmolas. As crianças estendem os braços  
para receber as esmolas e Sr. Beniz entra  
pelo Sr. trazendo uma folha de papel  
na mão.

Sr. Beniz: (Entusiasmado) Queim ouvir, senha-  
ra, o último cantar de amigo que  
comprei? Creio que o melhor que fiz.  
Nunca me senti tão inspirado como  
hoje. O céu parecia-me mais azul.

as flores mais encantadoras e o meu  
coração nunca palpitou d'amor como  
quando compuz esta poesia. Prestai  
atenção. *(Lê com alma)*

Ai flores, ai flores do verde pinho.  
Se sabeis novas do meu amigo  
Por Deus, onde está?

Se sabeis novas do meu amado,  
Aquele que mentiu de que me há jurado.  
Por Deus, onde está?

Vós me perguntais pelo vósso amado  
E eu vos digo que é vivo e são.  
Por Deus, onde está?

E eu vos digo que é vivo e são  
E será conhecido ante o frago partido.  
Por Deus, onde está?

*(A S. Isabel)* Que achais? Não são es-  
tas as queixas que as almas enamo-  
radas fazem às flores?

*(Baixa os olhos)* São.

*(Reparando no regaço)* Senhora, que

levais no regaço?... *(com energia)* Será  
porventura o ouro de que tanta ne-  
cessidade têm a nação para abrir  
estradas, semear o pinhal de Leiria,  
desenvolver o ensino e proteger a  
agricultura? *(suplicante)* Dai aos  
pobres o pão e a gruta que ficam  
da nossa mesa, mas poupai o ouro  
que tanto preciso para bem de Br.  
Tiago. *(com curiosidade)* Baixai-  
me ver o que levais aí.

S. Isabel *(com os olhos postos no céu, deixa  
cair o avental e as rosas enquan-  
to diz com voz submissa)* Rosas!!!...  
As crianças correm a guntá-las. S.  
Beniz curva-se logo para uma Rosa  
como para se santificar e diz cheio  
de admiração. Rosas!!!...  
*Cai o pano.*

Representado na Ra Brava nos dias  
18 e 25 de Agosto de 1940.

Interpretes.

S. Beniz: António Montês

S. Isabel: Zélia Montês

Crianças: José e Fernando Alcantara Dias.

# O sonho dos Infantes

Fundo: Sala de trabalho ou alameda  
de jardim.

Luz - Branca

Personagens: D. Filipa de Lancastre, D. Duarte,  
D. Henrique, D. Pedro e D.  
Fernando e duas aias.

(Ao subir o pano, as aias tra balsam  
em bordados; os infantes D. Pedro e D. Fer-  
nando jogam as damas, D. Filipa tra  
balha e pouco depois olha para os in-  
fantes e canta.)

"Ter mãe,  
É ter na vida  
Hora de bem,  
Apetecida,  
Hora de amor,  
Cheia de luz  
E de calor.

Ter mãe  
É tudo ter,  
Doce ventura,  
Doce viver,  
Sem amargura  
Que alma tortura  
Nos faz sofrer

Ter mãe  
É ser sempre criança,  
Embalada numa esperança,  
Entre o amor  
Sem par  
Bálguem.  
Benedição  
Sejas, mãe infinita  
Luz suave, querida  
Da minha vida  
O' mãe.

(Entram pela D.ª os infantes D. Henrique  
e D. Duarte. Param junto das mães, pre-  
stam atenção ao jogo. D. Duarte gozella  
com um gozello indico uma jogada  
dizendo

D. Duarte: Joga por aí aqui. (olhando para D.  
Henrique que está de pé) O jogo vai  
animado...

D. Henrique: Parece.

(Enquanto isto se passa D. Filipa continua  
cantando.)

Amor,  
Como o de mãe.  
Não tem igual  
Igual não tem

Nem há no mundo  
Amor profundo,  
Como o de mãe.  
Amor,  
Amor sagrado,  
Raio divino,  
Abençoado,  
Nada há maior  
Do que este amor  
Imaculado.

"Valsa de José Castello"

Filipa - (Para o trabalho, olha para os filhos  
que estão a jogar e chama-os, di-  
zendo) Vinde cá, meus filhos.  
Levantam-se apressadamente e a-  
proximam-se da mãe. Os mais pe-  
quenos ficam de pé junto dela; os  
dois mais velhos puxam móveis e  
sentam-se.

Filipa - (dirigindo-se a eles) Que felicidade  
de veria as minhas, se, um dia,  
visse os vossos nomes venerados por  
todos os portugueses. (Enlevada e pau-  
sadamente) São imortal!!!... São o no-  
me gravado no coração de toda a

gente, não há glória maior... (com al-  
ma.) Olhai, para que tal aconteça  
é necessário começar a trabalhar  
na realização dum ideal desde  
criança. Dizei-me?... Que tencio,  
nais ser no dia de amanhã?  
Que sonho de glória notícia o vos-  
so coração? (Para S. Duarte. Tu Du-  
arte, dize à tua mãe o que tencio  
nas ser no teu dia de amanhã?)

As damas param o trabalho e o-  
bram para S. Filipa.

S. Duarte - (com simplicidade) Senhora, dese-  
jo ser um rei como meu pai; ter  
um coração grande para enxugar  
as lágrimas de quem sofrem e co-  
ragem suficiente para conquistar no-  
vos terras aos infiéis, fazendo Portu-  
gal maior.

S. Pedro e S. Fernando - (S. Pedro e S. Fernando toam palmas  
Fernando e dizem) Muito bem; muito bem; mui-  
to bem.

S. Henrique continua sentado em a-  
titude de meditação.

S. Filipa - (Para S. Duarte) Tem razão, meu filho  
Os Reis, quando são bons, engrande-

com a sua Pátria e fazerem feliz o seu povo.

Pedro (com alívio) Mãe, Quem me dera ser sábio.

Filipa: Ózala, meu filho. (olhando para S. Henrique que continua na posição anterior) E tu Henrique? Em que pensas? Conta a tua Mãe o que desejás ser quando fôres grande.

Henrique (como que acordando dum sonho) Senhora, não sei bem. Ontem, num sonho, encontrei-me em Sagres. O mar azul beijava o rochedo e o sol poente doitava com os seus raios as casas brancas das nossas aldeias. Pensei, então, em conquistar o mundo inteiro e ofereci-lo a Portugal. Mandei caravelas cruzar o mar à busca de novas terras e capitães valerosos para governá-las. Quando o sol da manhã me fez abrir os olhos, Portugal era o maior império que até hoje o sol alumina. (Ansiosamente) Mãe, só desejo realizar o meu sonho.

S. Filipa (comovida) E se o realizares, serás grande e a Pátria jamais te esquecerá. (apertando S. Fernando a si) Fernando, já pensaste alguma vez no teu futuro?... És tão pequeno ainda...

S. Fernando: (com energia) Senhora quero combater por Deus e pela Pátria e, se necessário for (goste) morrer por ambos.

S. Filipa: (enternecida) Ser herói e ser santo, não há grandeza maior. (a todos os infantes, com brio) Meus filhos, orgulho-me de ser vossa Mãe.

Cai o pano.

Representado na Ra. Brava nos dias 18 e 25 de Agosto de 1940.

Interpretes:

S. Filipa = Maria Cândida Feneira.

S. Duarte = Fernando Pais

S. Henrique = João Aires de Melo

S. Pedro = Calípio Fernão Araújo

S. Fernando = António Vidal Dias

1.ª Aia = Maria Helena Feneira

2.ª Aia = Felisberto Jardim

# O voto de Valverde

Fundo = uma paisagem rústica.

Luiz = Branca.

Personagens = D. Inês, Inera Rodrigues, Rui  
Henriques, Diogo Sanchez, Vaz d'Almada.

## Cena I

(ao subir o pano está Inera Rodrigues,  
Rui Henriques, Diogo Sanchez e Vaz d'Alma-  
da em conversa animada.)

Rodrigues: (focando agitado) Não sei  
porquê que quando não há combate  
sinto um aborrecimento intolerável.

Henriques: (sorrindo) Com certeza ainda tens  
saudades de Aljubarrota? Não é verda-  
de?

Almada: Os campos de Valverde que agora pisais  
faz-vos não esquecer esse aborrecimento.

Sanchez: Vaz d'Almada tem razão. Os espías  
já avistaram as tropas de pastelas

Rodrigues: Oxalá

Henriques: É D. Inês?

Vaz d'Almada: Quando para aqui vim falava às  
tropas. Falei que não demorará.

Diogo Sanchez: (com calor) D. Inês?... D. Inês é  
um herói. Em Aljubarrota parecia  
um anjo de exterminio, julgo que  
milhares de castelhanos caíram sob  
o seu alforge.

Henriques: Também julgo que sim. Nunca vi  
bravura igual.

Rui Henriques: (entusiasmado) Merece bem o título  
de condestavel do Reino

Todos: = apoiado

Henriques: É isto que aí vem

## Cena II

(Todos e D. Inês)

(D. Inês entra pela Esq. Na cintura  
pende-lhe uma espada.) Quando entra

Rui Henriques: (grita entusiasmado) Viva D. Inês, Con-  
destavel do Reino.

Todos: = Viva

D. Inês: (surpreendido) Eu, Condestavel. Não  
merecia tal honra. Demais, o momento  
não é para aclamações. (Aponta em  
direcção ao geral) Olhai (os outros olham  
na mesma direcção) Não vedes, ao lon-  
ge os pendões inimigos que se aprofri-

mam? (Ouve-se tirar canhões ao longe)  
os = (surpreendidos) Ah!!!.....  
uno = (Entusiasmadíssimo) Rapazes, é neces-  
sário mais um esforço para salvar  
a independência de Portugal. Com-  
bati valorosamente, lembrado de  
que Deus e Virgem estarão por vós  
e farão com que a mesma força  
que vos animou nos outros combates  
vos encha de coragem agora. (Quá-  
si gritando.) Bravos de Albuquerque  
e Ataíde, que vos imortalizastes  
nesses campos de glória. Já vi os  
castelhanos quanto valem os portugue-  
ses mesmo quando combatem em  
terras de Castela.  
Casa alheia (a mim Rodrigues)  
nem Rodrigues, <sup>o meu autor</sup> a frente da Ala  
dos namorados, <sup>a meu pé</sup> mostrei aos caste-  
lhanos quanto vale a inocência  
de Portugal.

Rodrigues = (Saindo pela Esq. e levantando a es-  
pada) Bati-os como em Al-  
jubarota!!

uno = (Para os três) Rui Mendes, Diogo San-  
ches, Vaz d'Almada, apressai-vos.  
Ojalá que os canhões que tiram

alem dentro em pouco pertençam a  
Portugal.

Os três = (Saindo apressadamente) Não-de-fer-  
tencer.

### Coena III

(D. Inês, só)

(Ouve-se tirar canhões e alarido de  
tropas em combate ao longe)

D. Inês = (Apertando a espada ao peito e  
com olhos postos no céu)

Meu Deus, São tantos os caste-  
lhanos, que se batem nestes cam-  
pos de Valverde, que sem o vosso  
auxílio nada poderemos fazer.  
Virgem Santa, Padroeira de Por-  
tugal, protejei as hostes lusitanas  
e, sairmos vitoriosos deste comba-  
te, levantar-vos-hei um convento  
em Lisboa e sobre esta couraça  
vestirei o hábito carmelita. (ajo-  
elha em atitude de oração e afecio-  
na-se na espada enquanto se ouve a  
sua voz vinda do alto)

Voz

= (cheia de magestade) Vencerão.

Cai o pano.

Representado na R<sup>a</sup> Brava nos dias 18  
e 25 de Agosto de 1910

Interpretes

Duno = Raul Thacido  
o Rei = Gabriel Franklin Correia  
o Mendes = Carlos Santos  
o Sanchez = António Montes  
o Almada = João Ferreira

## D. Duno e o Embaixador

Palco = cela dum convento.

Luz = Branca.

Personagens = Frei Duno, Frei António  
e o Embaixador.

(A Esq<sup>a</sup> uma porta a Dt<sup>a</sup> uma janela)  
Ao subir o pano apparece D. Duno, vestido de cormelita, escrevendo a uma mesa que está no fundo da cela. a Esq<sup>a</sup> Forá, a esquerda, ouve-se vozes que cantam baixinho para dar a impressão que é na Rua.)

Vozes

"O gran Condestavel  
Entr o seu mosteiro  
Dando sua sôpa  
Hai-la sua roupa  
Hai-lo seu dinheiro  
A benção de Deus  
Caiu no caldeira  
De Duno Alvaros Pereira  
Que muito cresceu  
E tudo lo deu."

a voz = (Baixinho) Viva o Condestavel  
= Viva (Ouve-se palmas) (Repetem)  
O gran Condestavel.  
etc...

### cena I

(Frei Bruno e Frei António)

Ant.º = (Aparecendo à porta) Frei Bruno, dá  
licença

Bruno = (volta-se e enquanto se põe de pé diz)  
Pode entrar

Ant.º = (avança para Frei Bruno e diz) Frei  
Bruno, os pobres pedem que apare  
ças à janela para te agradece  
rem a sôpa que lhes dás.

Bruno = (olha para o céu e diz comovido) Os po  
bres!!! (Para Frei António) Pois bem  
aparecerei.

Frei António faz uma vénia e retira-  
se. Fora cantam os pobres. Frei Bruno  
Aproxima-se da janela. Ouve zora

a voz = (mais forte) Viva B Bruno, Condesta  
vel do Reino

es = Viva (dão palmas)

a voz = Arraial, Arraial, Frei Bruno, Santa  
Ihavia e Portugal.

es = (com entusiasmo) Viva (dão palmas)

Frei Bruno = (comovido) Obrigado pela vossa ale  
gria e gratidão

uma voz (Viva B Bruno, o pai dos pobres)

vozes = Viva (dão palmas)

Frei Bruno volta-se de dois passos e  
comovidamente diz: (Fora cantam)

vozes = O gran Condestavel  
Etc...

Frei Bruno = (pausadamente) Benditos sejam  
os pobres, a quem Deus acendeu  
nã alma a chama sagrada da  
alegria e da gratidão. (Passeia  
vagarosamente)

Frei Ant.º = (Entrando) O Embaixador de Sua  
Majestade o Rei de Castela está  
na portaria e pede para falar-vos.  
Pode entrar?

Frei Bruno = (Surpreendido) O Embaixador de Cas  
tela?

Frei Ant.º = O próprio

Frei Bruno = (pensativo) Que entre  
Frei Ant.º sai.

### cena II

(Frei Bruno, só)

Frei Bruno = (passeia agitadamente. A meio do  
palco para e diz admirado) O Em.

baixador de Castela?... Que querera de mim?... Esquecer-se-ia porventura d'Aljubarota, dos atoleiros e de Valverde? (Continua a passear)

### Cena III

(Frei Inuno, Frei Ant<sup>o</sup> e Embaixador)

Ant<sup>o</sup> = (Fora da porta) Frei Inuno dá licença?

Inuno = (Dirigindo-se para a porta) Entrai.

Ant<sup>o</sup> = (Apresentando o Embaixador) O Embaixador de Sua Magestade o Rei de Castela.

Inuno = (Apertando-lhe a mão) Sede Bem vindo

Embaix. = A paz seja convosco

Inuno = E' contigo tambem

Frei Ant<sup>o</sup> retira-se para junto da porta

Embaix. = (surpreendido) Porventura sois o grande Condestavel de Portugal, o vencedor de Aljubarota, dos atoleiros e de Valverde?!?!... Tão fraco e alquebrado!!!... Conheci-vos em Aljubarota... Erreis novo e sonba, des como os heróis e foi concertiza essa mocidade de outora quem vos alcançou tão grandes louros... Hoje, quasi não vos reconheço. A peni-

tencia e a oração desfiguraram-vos a valentia e a bravura desapareceram-vos para dar lugar a rusticidade. (Com um sorriso irónico) Frei Inuno, ainda pensais em sair deste convento e em despir essa mortalha?

Frei Inuno = (Fixa-o com desprezo e diz-lhe energeticamente) Sim, Embaixador. (afasta bruscamente o hábito e mostra uma couraça que traz sob ele.) Sairei deste convento e despirei esta mortalha, quando as tropas de Castela tentarem invadir Portugal.

Cai o pano

Representado na R<sup>a</sup> Brava nos dias 18 e 25 de Agosto de 1940

Interpretes.

Frei Inuno = Raul Macêdo

Frei Ant<sup>o</sup> = Rui Caetano Vieira

Embaixador = Gabriel F. Correia

# Silvando a jé

Fundo = uma floresta

Luz = Encarnada

Personagens = Pe Luiz e dōze crianças vestidas de Peles vermelhas.

As subir o pano aparece o palco vazio

melhan<sup>o</sup> 1 = Entra pela direita, munido dum arco com as respectiva seta, espanta os arcos, fixa um ponto, faz pontaria e atira. Cai um passarinho. Quando se prepara para apanhá-lo

Ter.<sup>o</sup> n.º 2 = Entra apressadamente pela St.<sup>a</sup> e diz: che: Que fizeste?

Ter.<sup>o</sup> n.º 1 = (tôta-se surprehendido) matei um passarinho. Não calculas a sorte que tenho quando atiro com este arco.

Ter.<sup>o</sup> n.º 2 = Não admira, meu pai era o melhor atirador da tribo.

(As palavras "não calculas" entram pela Esq.<sup>a</sup> os Peles Vermelhas n.ºs 3 e 4. O n.º 3 baixa-se, toma o passarinho.

Ter.<sup>o</sup> n.º 4 = (Para o Pele Ter.<sup>o</sup> n.º 3) morreu?

Ter.<sup>o</sup> n.º 3 = morreu (e para o Pele Ter.<sup>o</sup> n.º 1) Qual, não

te lembraste de que o Pe Luiz nos recomenda o amor aos passarinhos.

Pele Ter.<sup>o</sup> n.º 1 = (Reflete e diz com mágoa) lembrei-me, mas não resisti a tentação.

Pele Ter.<sup>o</sup> n.º 5 = (Entrando apressadamente pela Esq.<sup>a</sup>) O Pe Luiz vem mesmo ali.

Pele Ter.<sup>o</sup> n.º 4 = (Para o Pele Ter.<sup>o</sup> n.º 1) Santo, chamamos os outros para a lição de catecismo.

(O Pele Ter.<sup>o</sup> n.º 1 toca uma pequena concha e pela St.<sup>a</sup> e Esq.<sup>a</sup> entram mais os Peles Vermelhas n.ºs 6, 7, 8, 9 e 10. Formam-se em semi-círculo enquanto o

Pele Ter.<sup>o</sup> n.º 3 = (diz com alegria) Ele disse que vinha e não faltou.

Pele Ter.<sup>o</sup> n.º 7 = O Padre Luiz nunca mente.

Fôna II

(Pe Luiz e os dōze Peles Ter.<sup>o</sup>)

Pe Luiz = (Entra, vestido com o hábito franciscano trazendo os Peles Ter.<sup>o</sup> n.ºs 11 e 12 pela mão. Não aparece à Esq.<sup>a</sup> diz em tom de saudação Ora graças a Deus... (Os Peles Vermelhas saúdam-no com uma vénia profunda. Estão todos cá?)

Pele Ter.<sup>o</sup> n.º 4 = Todos, Padre.

Pe Luiz = Então podemos começar a lição de ca.

teismo.

os = (Bando-se apressadamente em ordem)

comece, comece. (P.<sup>o</sup> Luiz senta-se;

er.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> 3 = (Enquanto os outros se põem em ordem e o P.<sup>o</sup> Luiz se senta) Padre, ... Quem criou os sabiões que cantam tão bem ao amanhecer?

Luiz = Então não sabes?

er.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> 3 = Não me recorde

Luiz = (Para o Pe. Ver.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> 4) Dize-me, Cingó, quem criou os sabiões?

er.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> 4 = (Prontamente) Creio que foi Deus.

Luiz = Tens razão, meu filho. Foi Deus quem criou os passarinhos que alegram as vossas florestas; quem semeou as estrelas nos céus; quem criou as flores que enfeitam os vales. É' Ele que faz crescer o trigo que nos dá o pão e o vinho que nos dá a força e a alegria.

er.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> 8 (admirado) Como Deus é grande!!!...

er.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> 1 (Para o P.<sup>o</sup> Luiz) Então Deus é maior e mais generoso que Samba, o chefe da nossa tribo, que nos guia na guerra, que nos castiga quando somos maus e nos fremeia quando somos bons?

P.<sup>o</sup> Luiz = Sim... Deus é maior e mais generoso do que Samba, ... É' tão bom que para não fazer felizes mandou seu Filho ao mundo.

Pe. Ver.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> 9 = (ansiosamente) É' que devemos fazer para sermos amigos de Deus?

P.<sup>o</sup> Luiz = Refai, meus filhos, a oração unenós a Ele.

Pe. Ver.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> 9 = (suplicante) P.<sup>o</sup> Luiz... ensine-nos a rezar.

P.<sup>o</sup> Luiz = Pois bem... (prepara-se para se levantar) Fiz o que eu fiz e disse comigo. Fazem todos os mesmos gestos depois do P.<sup>o</sup> Luiz e dizem as mesmas palavras. Em nome do Padre...

Todos (depois do P.<sup>o</sup> Luiz) Em nome do Padre

P.<sup>o</sup> Luiz = É' do Filho... etc

Todos = É' do Filho...

P.<sup>o</sup> Luiz = Padre nosso...

Todos = Padre nosso...

P.<sup>o</sup> Luiz = Que estais nos céus... etc.

Todos = Mas livrai-nos do mal. Amen

P.<sup>o</sup> Luiz = Foi assim que o Bom Deus quis que nos assemos.

Pe. Ver.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> 1 = (comovidamente) Bendita a hora em

que vieste ter conosco... Sois tão bom  
que até te pareces com Deus...

ir.º n.º 8 (para o P. Luiz) Onde nasceste?

ir.º n.º 3 = Ouvi dizer que tinhas vindo para  
aqui numa piroga muito grande  
... (faz um gesto) muito grande...

ir.º n.º 8 = Fale nos da sua terra, P. Luiz  
Liz = (Comovidamente e extático) Eu nas-  
ci, além dos mares, numa terra  
sem igual, onde o céu é sempre a-  
zul e os campos estão sempre em fe-  
sta... Num terra abençoada, on-  
de os rouxinóis cantam em noi-  
tes de lua cheia e os anjos murmu-  
ram canções que a música não po-  
de traduzir. Terra bendita, que  
deixei tão longe por Deus e pela  
Pátria, que guarda no seu seio  
as cinzas dos meus avós e onde  
rezam por mim os meus irmãos,  
crianças como vós, e uma santa  
velhinha a quem tenho a dita de  
chamar mãe.

ir.º n.º 8 (ansiosamente) E como se chama essa  
terra?

Liz = (pausadamente) Chama-se Por-tugal.  
Cai o pano

Representado na Ribeira Brava nos  
dias 18 e 25 de Agosto de 1940.

Interpretes. P. Luiz Ferraz

Padre Luiz = António Alcantara Dias  
Pele Vermelha n.º 1 = Fernando Pais  
" n.º 2 = Urbano Alves dos Santos  
" n.º 3 = João Carlos da Conceição  
" n.º 4 = Alípio Fernão Araújo  
" n.º 5 = Theclim Pereira  
" n.º 6 = José Thaniel Gonçalves  
" n.º 7 = Luiz Mendes  
" n.º 8 = António Fomado Pereira Mendes  
" n.º 9 = João Marçal Pereira  
" n.º 10 = António Vidal Dias  
" n.º 11 = José Dias  
" n.º 12 = Fernandes Dias

# Dilatando o Império

Fundo = Paisagem marítima tendo pintada  
da, de menos, duas caravelas.

Luz = Branca

Personagens = Um pai e uma criança de 8 anos

Ao subir o pano, aparece o palco vazio.  
 Ouve-se um coro cantando baixinho.

"Réma, Réma,

A bom remar,

Africanas terras

E eu quero vêr

E também lá morrer.

(Pai e filho entram pela *St.ª* e  
fixam as caravelas. No entanto o coro do  
marinheiros continua a cantar.

Réma, Réma etc. (o final malouco)

Pai = (vestido ao século XV, aponta ao filho as  
caravelas que devem ter pintada nas  
velas a cruz de Cristo e canta.

"Olha a Cruz das Caravelas,

Que domina todo o mar,

Como brilha magestosa

Pra o império dilatar."

Atroz do Palco o coro zunbe a musi-  
ca deste verso enquanto dura o recitati-  
vo.

O Pai = (depois de cantar olha para a criança  
e diz-lhe.) Meu filho, dilatando a  
rei e o império, lá vão naquelas cara-  
velas os marinheiros de Portugal.

Que sacrifícios heroicos fizeram!!!

Pela Pátria tudo deixaram - pais,  
esposas, noivas, filhos, aldeias e até  
os poucos bens que adquiriram com  
o seu suor. E lá vão, levando o cora-  
ção a sangrar com a saudade e dei-  
zando em casa os entes que lhe são  
caros envolvidos na mais dolorosa so-  
ledade. (O coro termina pouco a pouco)

Quando as tempestades os alternen-  
tam; quando as calmarias os aborre-  
cem ou quando se recordam dos seus,  
cantam canções que só os lobos do mar  
sabem cantar. (Com alma) Meus fi-  
lho resemos pelos marinheiros da Pa-  
tria. Pecamos à Virgem Maria que fu-  
teja as nossas nauas e faça com que  
os marinheiros lusitanos voltem glori-  
osos a Portugal. (a criança cruza a

omãos e ambos em atitude suplicante cantam:

"Senhora, dominai sempre as fúrculas  
Senhora, pra que as naus possam voltar  
Olhai por elas  
Velai por elas  
Vossa Senhora do Mar."

*Fixam as caravelas e encaminham-se para a Esq<sup>a</sup> e antes de saírem da cena dirigem o último olhar para as caravelas.*

oro Antes que o pano caia o coro canta  
"Rêma, Rêma,  
A bom remar,  
Áfricanas terras  
Eu quero vêr  
E também lá morrer."  
(cai o pano)

Presentado na Ribeira Brava nos dias 18 e 19 de Agosto de 1940.

Interpretes:

= Carlos Santos  
Cenografia = António Vidal Dias

## S. Filipa de Vilhena

Palco = Sala nobre. Ao fundo, um altar com um crucifixo e dois candelabros acêstos. Sobre o altar, duas espadas.

Luz = Azul clara.

Personagens = S. Filipa de Vilhena, Sr. Jerónimo d'Alaide e Sr. Francisco Coutinho

S. Filipa = (de pé, junto do altar fala para os filhos que também estão de pé à Esq<sup>a</sup>)  
"Meus filhos, São graves as horas que vi vemos. Portugal não pode ficar mais tempo sob o jugo de Castela, aliás temos o aniquilamento da Pátria. É necessária a revolta. (com energia) Hoje às nove horas ou Portugal volta a ser independente ou morreremos todos.  
(Jerónimo de Alaide e Francisco Coutinho, olham atentamente para a mãe)  
Nesta ocasião crítica, procurei alguma coisa que oferecesse à Pátria. Na da encontrei. Ouro, não o poseuo, como sabeis. Vosso pai, Deus o abençoe já há muito. Na sala nobre, apenas

encontrei as suas espadas silenciosas.  
Ante tanta miséria, resolvi partir o  
coração e oferecê-lo à Pátria. Para is-  
so dou-vos a Ela - vós que sois me-  
tade do meu coração - a outria, fi-  
cará em meu peito para rogar por  
vós enquanto permanecerdes nos cam-  
pos de batalha, combatendo pela in-  
dependência de Portugal.

Quero armar-vos cavaleiros. Cin-  
gireis as mesmas espadas que co-  
briram vossos avós de glória. Ai  
de vós se as desonardes. Que Deus  
vos auxilie e que volteis vitoriosos dos  
campos de batalha. *(Dirige-se para  
o altar, toma as espadas, fixa o cru-  
cifixo e diz: com voz suplicante.)*

Senhor, que gazeis fortes os braços,  
gazei que estes meus filhos crianças  
ainda honrem a memória dos seus  
maiores e que a Pátria d' Afonso  
Henriques e de D. Nuno Alvares volte a  
ser livre e gloriosa. *(Volta-se para os  
filhos e chama-os solenemente.)* Jeróni-  
mo de Ataíde.

Jerónimo *=(Enquanto avança para a mãe diz)*

Presente

D. Filipa

= Francisco Coutinho.

D. Francisco

*=(Enfileirando ao lado do irmão respon-  
de) Presente.*

D. Filipa

= Agoelbai, meus filhos *(os filhos ajoelham)*  
Vossos pais foram armados cavaleiros  
nos campos de batalha por braco de Reis  
e com espadas de grandes capitães.  
Vós sois armados pela vossa mãe que  
ainda há pouco, vos acalentava jun-  
to ao peito. Contudo, sereis dignos de  
vossos maiores. *(com voz avela e enérgi-  
ca)* D. Jerónimo d' Ataíde, D. Francis-  
co Coutinho em nome de Deus e de Por-  
tugal eu vos armo cavaleiros. *(Entrega  
as espadas aos filhos)* Tomai estas espa-  
das. *(Setem-nas nas bainhas enqua-  
nto a mãe continua)* e não as desem-  
banheis senão em defesa da Religião  
e da Pátria... *(com voz suplicante.)* Que  
Portugal seja independente.

Ambos

*=(Levantando-se) Assém esperamos.*

*=(Cai o pano)*

Representado na R. Brava nos dias 18 e 25 de Agosto de 1940

Interpretes.

D. Filipa = Ana Inácio

D. Jerónimo = Fernando Pais

D. Francisco = João Aires de Melo

# A Conjuração

Sala nobre do Palácio de Almada.

Luz: Azul.

Personagens: Antão d'Almada, Miguel d'Almeida, Jorge de Shelo, Pedro de Noronha, António Saldanha, João Pinto Ribeiro e um criado.

## Cena I

(Todos menos Pedro de Noronha)

Antão d'Almada: (Ao subir o pano, passeia agitada-mente. Olha para o relógio faz um gesto de impaciência e diz:) Tardaram tanto... (continua a passear. Fora uma voz canta.)

Antão d'Almada: "Noite de sonho e de pureza.  
Tudo em repouso à luz do luar  
Erge-se a velha gortaleza  
Como um fantasma sobre o mar.

Sentinela alerta, alerta

Alerta, passe palavra.

Alerta está."

(Quando a voz começa a cantar, Antão

de Almada senta-se numa cadeira do lado direito e faz gestos para acender um cigarro.

Miguel d'Almeida: (Quando a voz canta "Erge-se a velha gortaleza", entra <sup>pela Esq.</sup> embuçado numa capa preta, dirige a Antão d'Almada e cumprimenta-o.) Boa noite, Antão d'Almada.

Antão d'Almada: (vai ao encontro) Boa noite, Miguel d'Almeida. (oferece-lhe uma cadeira) Tem a bondade. (Enquanto se senta) Já estava preocupado com a tua demora.

Miguel d'Almeida: Não acho razão para tal... E os outros?

Antão d'Almada: Parece que nunca mais chegam.

Miguel d'Almeida: Talvez tiveram que se desviar d'algum espião.

Antão d'Almada: Quem sabe?... (olha para o relógio) Já bateu a meia noite...

Miguel d'Almeida: (surpreendido) Quem canta a estas horas da noite?

Antão d'Almada: O vigia, concertiza.

Pela porta da Esq. entram Jorge de Shelo, António Saldanha e João Pinto Ribeiro.

Cumprimentam Antão d'Almada e Miguel d'Almeida e dão a "Boa noite" que é correspondida.

Sentam-se todos

Pinto Ribeiro: (Enquanto se senta, começa) Por aquilo que se diz, todos nós corremos perigo. Os Espanhois já estão ao facto das nossas intenções. A nossa ida à falta lunha não é senão um pretexto de que deitaram mão para sufocar a revolta e reduzir Portugal à impotência.

de Melo: (ansioso) E teremos de partir já?

Pinto Ri: Sim, com a maior urgência

de Melo: (decidido) Não importa Faremos já a revolução.

d'Almada: (Oste e pausadamente) Pobre Portugal, onde está a glória e o esplendor que te deram nossos maiores!!!!... Tudo acabou... As águas do Tejo já não embalam as caravelas nem adorme cem os marinheiros da Pátria. (continua)

Saldanha: (levanta-se impaciente bate no hombro de Jorge de Melo e diz-lhe a meio voz para não interromper Antão d'Almada) Parece um sonho...

de Melo: (Sem olhar para ele, abana a cabeça tristemente e diz:) Tens razão... Se não deitarmos mão à Pátria, está tudo perdido.

Miguel d'Almeida levanta-se e passeia a gaitado. Enquanto isto se passa.

Antão d'Almada: (diz) Os nossos fidalgos são arrastados para Espanha e até o próprio povo parece que já perdeu a alegria... As nossas colónias conquistadas à custa de tanto sangue e heroísmo são roubadas pelo estrangeiro... Pobre Portugal... Parece que com farrões, o canto da tua História desceste à sepultura.

Miguel d'Almeida: (com alma) Não furemos as esperanças. Somos poucos mas se somos os suficientes para ressuscitar a Pátria Albuquerque sozinho conquistou o Oriente, nós, que dele herdamos o valor salvaremos Portugal... Esperemos a resposta do Duque de Bragança que Pedro de Mendonça nos há-de trazer.

Jorge de Melo: (enervado) Tarda tanto...

Ant. Saldanha: E Miguel Vasconcelos?

Jorge de Melo: (excitado) O Graido?... Não verá Portugal independente. Momentos antes (puxa uma pistola e faz um gesto agressivo) vará-lo hei com todas as balas da minha pistola.

Todos: (energicamente) Apoiado.

## Cena II

(Os mesmos, Pedro Noronha e o Criado)

ador = (afastando o reposteiro da porta Esq<sup>a</sup>)  
O Sr. D. Pedro de Noronha pede para entrar.

d'Almada = (impaciente) Que entre.

d'Almeida: Que resposta tirará?

de Melo = Afirmativa, com certeza

Saldanha = Aceitaria porventura o Duque de Bragança a chefia da revolta e a coroa de Portugal

de Melo = (enervado) Mesmo que ele as não aceitasse, faremos a revolta em seu nome

de Mendonça = (entra entusiasmado) Fidalgos portugueses. (Poem-se de fé e abram para ele)

Hoje mesmo Portugal será independente.

O Duque de Bragança está resolvendo a tomar a chefia da Revolta mesmo que isso lhe custe a vida.

d'Almeida: É a ser nosso rei?

de Mendonça: Também.

d'Almeida: (com entusiasmo) Viva Portugal independente e o Duque de Bragança seu futuro Rei.

os = Viva.

João Pinto R<sup>o</sup>: (levanta a espada e com voz alta e cheio de calor clama) Em nome de Deus e

da Pátria avançemos para a revolução

Todos

= (levantam as espadas e saem apressadamente pela porta da Esq<sup>a</sup>, dizendo) Ao Paço, ao Paço, por Portugal.

Antão de Almada põe a capa que estava nas costas numa cadeira e fresta-se para sair. Fora canta-se o Hino da Restauração a meia voz.

Foi o fim.

Representado na R<sup>a</sup> Brava nos dias 18 e 25 de Ago.  
de 1910.

R. Pita Ferreira

Interpretes.

✓ Antão de Almada = Gabriel F. Correia

✓ Iniquel d'Almeida = Raul Macêdo

✓ Jorge de Melo = António Montez

✓ Pedro de Noronha = Oscar Faria

✓ António Saldanha = Rafael Alves dos Santos

✓ João Pinto Ribeiro = Carlos Santos

✓ O Vigia = António Alcantara Dias

✓ O Criado = João Ferreira.

## Epoteose

Depois de formado o quadro final com todos os elementos que tomaram parte nos quadros retro, toma lugar no centro uma criança vestida de branco. Todos cantam.

Portugal é lindo,  
Portugal das glórias,  
Como o sol sorrindo,  
Portugal nossos amores.

Repetem de boca fechada, duas vezes a mesma música enquanto a criança vestida de branco recita o seguinte:

"Amo-te ó minha Pátria, meu nobre e querido Portugal. Tu és a terra de meus pais e de meus irmãos, a terra abençoada pela natureza entre as terras.

Tu és a mãe dos navegadores e dos civilizados, dos grandes homens que fundaram tantas cidades esplendidas além dos mares.

As tuas aldeias são floridas,

as tuas cidades laboriosas,  
as tuas montanhas serviram de guarida aos heróis.

As aves preferem o teu céu, o fruto a tua terra abençoada e seu amor os teus poentes onde os meus avós se inspiraram.

Amo-te ó minha Pátria, ó meu querido Portugal.

O Coro canta a seguinte verso

"Portugal é lindo  
Da montanha ao vale  
Como o sol sorrindo  
Viva o nosso Portugal."

Cai o pano

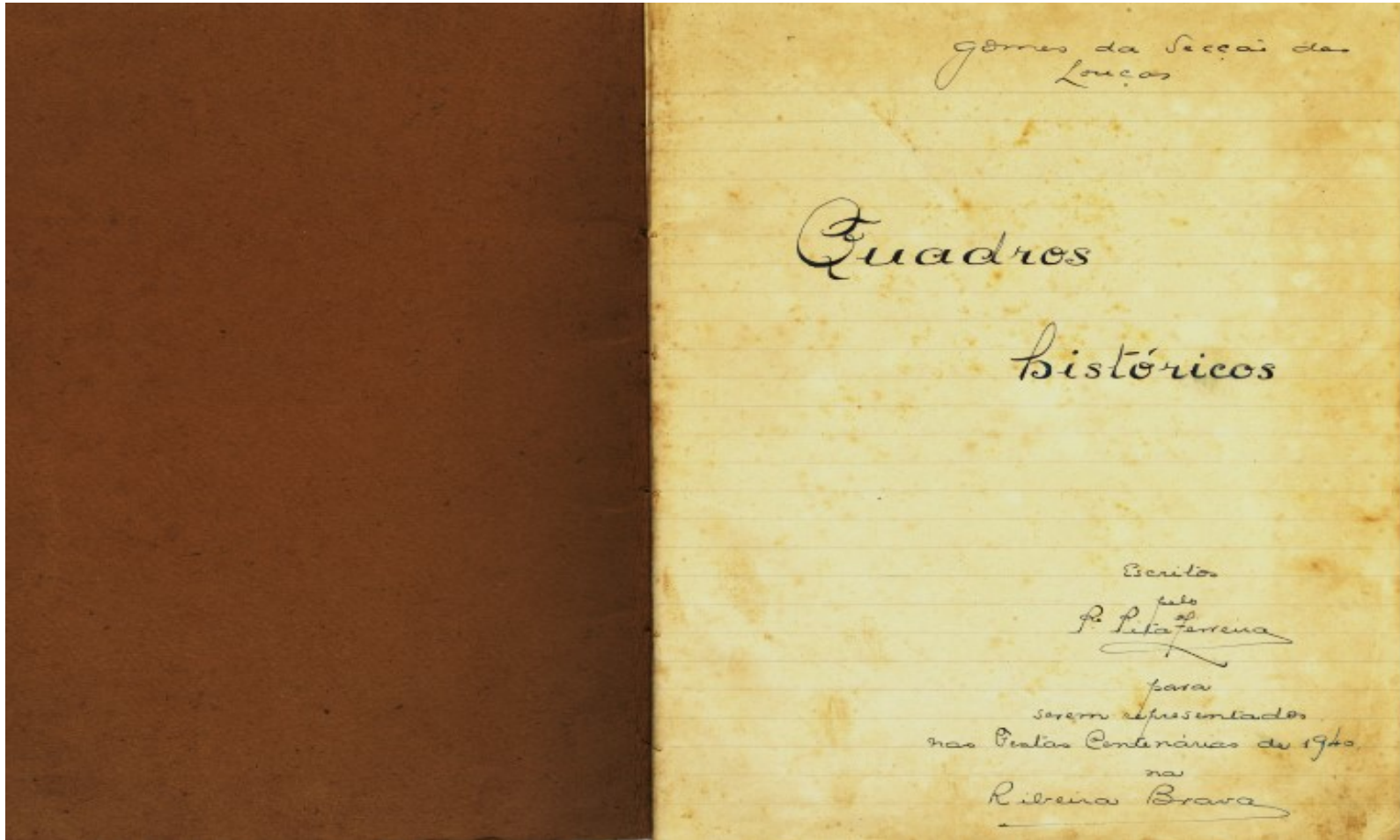
Final da Festa realizada na R. Brava nos dias 18 e 25 de Agosto de 1940.

P. P. Pereira

Recitou a composição supra - A Menina Maria da Paz Mendes.

**ANEXO 20 – Manuscritos:**

***Quadros históricos.*** São peças de Teatro que foram representadas nas Festas Centenárias de 1940 na Ribeira Brava.



**M**illeſimo quingentesimo Decimo  
primio Die vero mensis augusti octava  
sanctis ego Eduardus Archiepiscopus cum  
sanctissimi et altare hoc in hono  
rem beatissime virginis marie et beatorum  
sancti iustini martiris in festo beatorum  
sancti bartholomei hodie hunc altare  
in die vniuerso concessit quos in  
visitanti bus quadraginta dies de vera in  
dulgencia in forma ecclesie completa conser  
uit

Edmundus Episcopus

in die sancti iustini martiris  
episcopi sancti bartholomei. Episcopus de novo  
in honore

ANEXO 22 – Tradução do pergaminho Sagração da Catedral do Funchal em 1517

DOCUMENTO DA SAGRAÇÃO DA SÉ DO FUNCHAL (18 OUT 1517)

Leitura

(<sup>4</sup>trabalho base do Rev.Cónego Isaias da Rocha Pereira, prof da Uni. Nova de Lisboa)

Anno Domini millesimo quingentesimo decimo  
septimo die vero mensis decima octava  
octobris ego Eduardus Dumiensis Episcopus com  
secrav<sup>t</sup> Ecclesiam et altare Mor Im hono  
rem beatissime virginis marie et Reliquias  
decem millia martirum ym eo(?) inclusi(?) sin  
gulorum x fidelibus hodie hunum anum et  
ym die Universario consecrationis huiusmodi ipsam  
visitantibus quadraginta dies de vera in  
dulgentia ym forma Ecclesie consueta comsse  
dimus: -

Eduardus, Dumiensis episcopus  
rreliquiae sunt videlicet (?) decem mylium martirum  
Et petra turris Sancti barbori et lapis de mon  
te Sinay

Tradução

(trabalho do Rev.Padre Carlos Veríssimo de Figueiredo)

No ano do Senhor milésimo quingentésimo décimo sétimo, no dia 18º do mês de Outubro (18 OUT 1517), Eu, Duarte, bispo de Dume, consagrei a igreja e o altar-mór em honra da SS. Virgem Maria e nele encerrei as relíquias de dez mil mártires.

Concedemos a cada um dos fiéis de Cristo que hoje a visitem, um ano de indulgência na forma habitual da Igreja e do mesmo modo, 40 dias àqueles que o fizerem no dia.(da) consagração.

Duarte de Dume, bispo

As relíquias são de facto de 10.000 mártires e a pedra (foi tirada) da torre de Santa Bárbara e o lápis (trazido) do Monte Sinai.

## ANEXO 23 – E-mail de Maria Favila Paredes, colaboradora do Arquivo Regional da Madeira e do Arquivo Histórico da Diocese do Funchal

14/12/2020 12:54

De: Maria Favila Vieira da Cunha Paredes  
Para: José Alberto Fernandes

Bom dia, Senhor Alberto Fernandes

Como prometido, venho responder ao seu pedido de informação de 9 do corrente.

Pergunta pelo paradeiro de "uma obra inédita" que o padre Pita Ferreira "não chegou a publicar, ou seja ficou inacabada (...) onde está este trabalho? Será que se encontra no Paço Episcopal - nos arquivos, família do autor? Museu de Arte Sacra do Funchal? (...) Será que esta obra perdeu-se?"

Posso informar o seguinte:

O P. Pita Ferreira não deixou, que eu saiba, uma "História da Diocese do Funchal" inédita - no sentido de uma obra de síntese. É possível que tivesse tido o projeto de apresentar ao público uma síntese do muito que escreveu - **e publicou** -, aprofundando diversos e importantes aspectos da história diocesana.

Além dos bem conhecidos *A Sé do Funchal* e *Arquipélago da Madeira Terra do Senhor Infante*, publicou muitos trabalhos na revista *Das Artes e da História da Madeira*.

Remeto para o testemunho do Eng.º Peter Clode, fundador e director da revista *Das Artes e da História da Madeira*, aquando do falecimento do Pe. Pita Ferreira: "[O] nosso colaborador e amigo Rev.º Pe. Manuel Juvenal Pita Ferreira (...) foi um colaborador assíduo da revista "Das Artes e da História da Madeira e dela se serviu para publicar, em separata, muitos dos seus livros. Dotado duma inteligência arguta e possuindo verdadeiro espírito de investigador, deixou (...) uma obra valiosa sobre a história da Madeira. A sua maior preocupação era documentar todos os seus estudos, citando, na íntegra, as fontes que julgava fidedignas". Se o P. Pita Ferreira tivesse na forja uma "História da Diocese do Funchal" global, é de crer que o Eng.º Clode o soubesse e referisse nesta homenagem ao seu amigo. É certo que pela multiplicidade e diversidade temática, bem como pela credibilidade que merecem (dados os dotes interpretativos e o respeito do autor pelos factos e documentos), os trabalhos do P. Pita Ferreira consubstanciam um aporte notável para uma tal "História da Diocese do Funchal".

O P. Pita Ferreira empenhava-se em escrutinar e comparar o maior número de documentos possível, de modo a fundamentar relatos históricos verídicos. Para tanto, coligiu em pequenas pastas grande número de apontamentos extraídos de variadas fontes bibliográficas e documentais. Além da investigação que desenvolveu pessoalmente no Arquivo Distrital e na Biblioteca Municipal do Funchal, nos arquivos paroquiais e na Torre do Tombo, beneficiou da colaboração dedicada de Nuno de Freitas Lomelino, a quem agradeceu publicamente a oferta de "cadernos recheados de documentação" copiada na Torre do Tombo.

Actualizando o referido no meu artigo "Padre Pita Ferreira, apóstolo na catequese e na cultura" (v. ponto 5.2.3), inserido no catálogo electrónico da exposição realizada no MASF sobre os 500 anos da dedicação da Sé do Funchal: fé, arte e património" que junto envio, confirmo que o Arquivo Histórico da Diocese está hoje de posse das pastas de Apontamentos históricos do P. Pita Ferreira e dos cadernos de documentos copiados por Nuno de Freitas Lomelino.

Com os melhores cumprimentos,

Maria Paredes

**ANEXO 24 – Imagem para comparar entre um animal e o Homem.  
Do Curso de Iniciação Catequística: 1.ª Parte.**

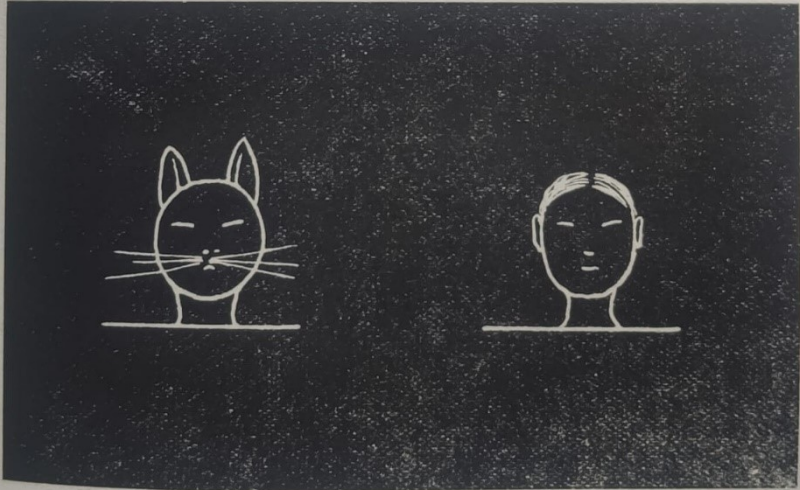
I

O HOMEM

*Lição 4.ª do I Volume do Catecismo Nacional e Lição 2.ª do II Volume.*

**ESQUEMA**

*Com a ajuda das crianças, desenhe no quadro preto a cabeça do gato e a de um homem, destacando nelas bem os olhos, o nariz, a boca, as orelhas, o cabelo, etc.*



*Faça em seguida o estudo comparativo das duas, até as crianças descobrirem que o homem tem juízo (inteligência) e o animal não o tem.  
Por este, leve-as à conclusão de que o homem tem a'ima.*

- 17 -

**ANEXO 25 - Exemplo de uma figura para demonstrar a criação de Deus.  
Do Curso de Iniciação Catequística: 1.ª Parte.**

**II**

**DEUS**

*Lição 1 e 1-A do I Volume do Catecismo Nacional e Lição 2.ª do II Volume.*

**ESQUEMA**

*Com o auxílio das crianças, desenhe no quadro preto as coisas que elas observam no céu, na terra, no mar e dentro da sala.*



*Mande, em seguida, uma delas indicar com o sinal mais as coisas que um homem é capaz de fazer e com o sinal menos as que é incapaz.  
Por estas, leve as crianças a acreditar na existência de Deus.*

**ANEXO 26 – Ilustração sobre a história da chuva**  
**Do Curso de Iniciação Catequística: 1.ª Parte.**

**CONCLUSÕES**

Eu sei que há Deus, porque vejo as coisas que Ele fez.  
Deus fez o sol, a lua, as estrelas, o mar, etc....  
Deus é um espírito parecido com a nossa alma.  
Deus é um espírito infinitamente perfeito, criador do céu e da terra.  
Deus não tem corpo.  
Deus tem inteligência e vontade.  
Deus é infinitamente superior à nossa alma.  
Deus só tem um pensamento, porque conhece o passado, o presente e o futuro.

**FRASE DA SAGRADA ESCRITURA**

«No princípio criou Deus o céu e a terra». (Gênesis Cap. I, 1)

**ESQUEMA — A HISTÓRIA DA CHUVA**

Conte às crianças, enquanto desenha o esquema no quadro preto, «a História da chuva» e leve-as a admirar a inteligência e o poder de Deus.



É necessário que as crianças fiquem convencidas de que Deus é infinitamente superior ao homem.

**ANEXO 27 – Ilustração sobre o poder de Deus face ao universo.  
Do Curso de Iniciação Catequística: 1.ª Parte.**

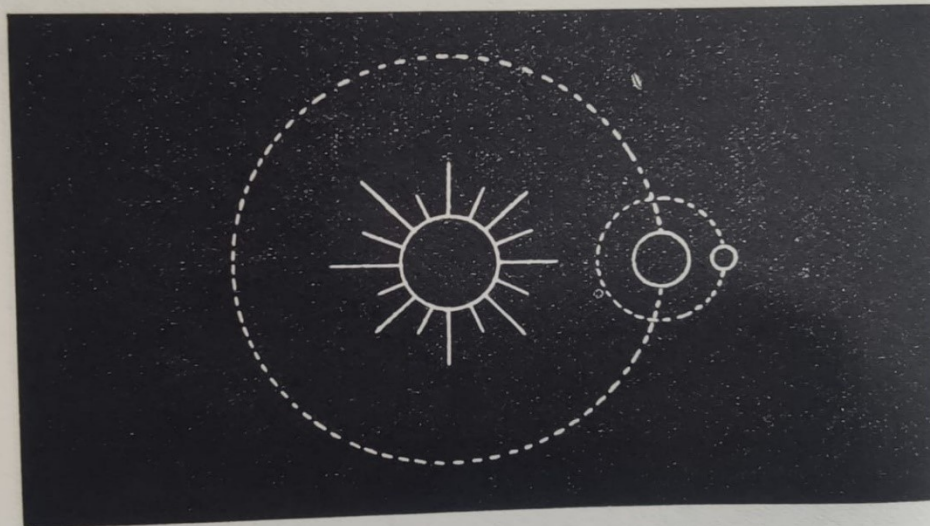
**EXISTÊNCIA DE DEUS**

*(Para os alunos de curso secundário)*

O homem, por meio da sua alma, pode chegar à conclusão de que há Deus.  
Basta-lhe pensar assim:

1.º ARGUMENTO — *A ORDEM DO UNIVERSO* e 2.º ARGUMENTO  
— *O MOVIMENTO DOS ASTROS*.

*Antes de enunciá-los, desenhe no quadro preto o nosso sistema solar e explique aos ouvintes a ordem e movimento dos astros.*



*Seguidamente, deite mão de algumas bolas e, diante de todos, demonstre que é impossível colocá-la em ordem e em movimento, sem uma força e uma inteligência.*

**ANEXO 28 – Apresentação de um esquema sobre a Santíssima Trindade.  
Do Curso de Iniciação Catequística: 1.ª Parte.**

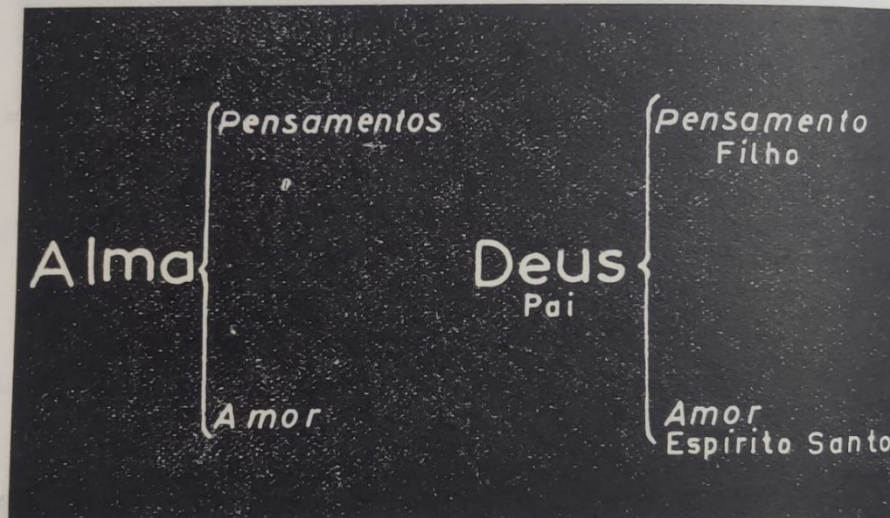
IV

A SANTÍSSIMA TRINDADE

*Lições 13 do I Volume do Catecismo Nacional e Lições 2 do II Volume.*

ESQUEMA

*Desenhe no quadro preto a parte do esquema, que se refere à nossa alma e explique-a muito bem.*



*Desenhe, em seguida, a que se refere a Deus.*

**ANEXO 29 – Apresentação de um esquema para designar «A Graça».**  
**Do Curso de Iniciação Catequística: 1.ª Parte.**

V  
A GRAÇA

*Lições 1, 2, 3, 4, 5 e 6 do II Volume do Catecismo Nacional.*

ESQUEMA

*Com o auxílio das crianças, desenhe no quadro preto o esquema.*

*Faça, seguidamente, a leitura do mesmo, dizendo: A pedra é inferior à planta, a planta é inferior ao animal; o animal é inferior ao homem; o homem é inferior ao anjo; o anjo é infinitamente inferior a Deus.*

*Conclua, fazendo compreender às crianças que a graça é um dom ou oferta de Deus, que nos torna participantes da natureza divina.*

*Assinale com uma seta esta participação.*

**ANEXO 30 – Imagem que representa a Criação do homem: a «Queda» e a  
«Redenção».**  
**Do Curso de Iniciação Catequística: 1.ª Parte.**

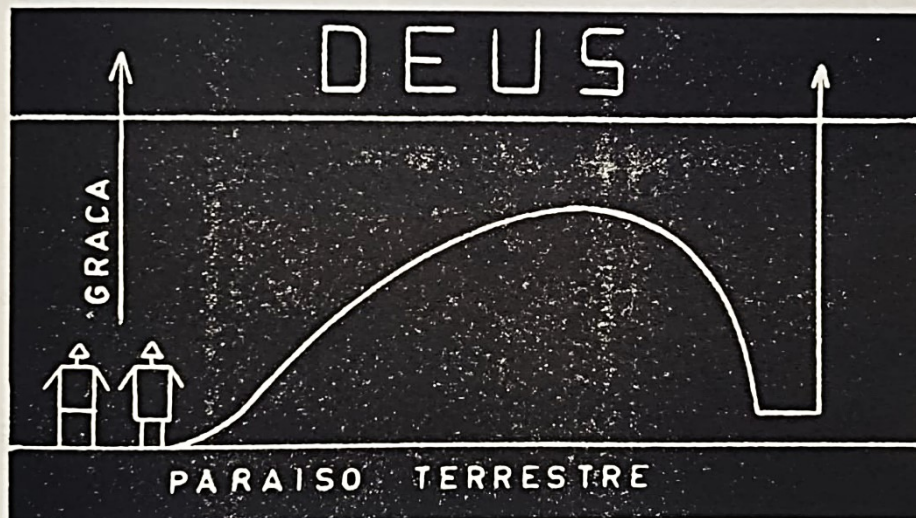
**VI**

**A CREAÇÃO DO HOMEM**

*Lições 3 e 6 do I Volume do Catecismo Nacional.*

**ESQUEMA**

*Com o auxílio da assistência, desenhe no quadro preto o esquema.*



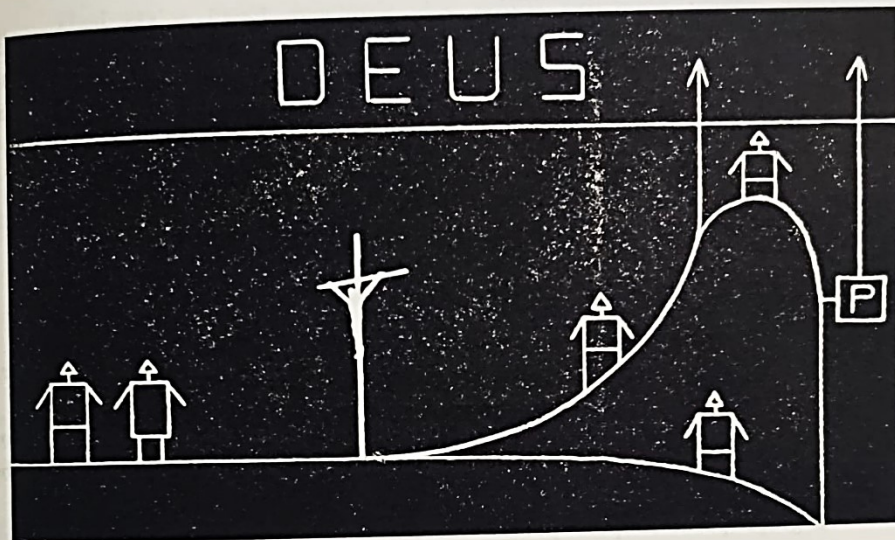
*Explique-o muito bem.*

**ANEXO 31 – Esquema que demonstra a redenção pela cruz do Senhor.  
Do Curso de Iniciação Catequística: 1.ª Parte.**

**A QUEDA**

**ESQUEMA**

*Desenhe o esquema, que segue, à maneira que dá a lição.*



O homem, que se encontra nas cadeias e nos hospitais, não tem a alma e o corpo perfeito, como o corpo e a alma que Adão e Eva receberam de Deus.

O homem actual também não tem os dons preter-naturais.

Nem todos os homens têm a vida da graça e todos nascem sem ela.

Por tudo isto concluímos que o homem caiu e perdeu a graça, os dons preter-naturais e a perfeição do seu corpo e da sua alma.

*Apague a seta, que simboliza a vida da graça, e o traço, que representa a vida terrena dos nossos primeiros pais.*

*Deixe-os infinitamente inferiores a Deus, no plano da vida natural.*

*Explique bem às crianças o que é a vida natural e o que é vida sobrenatural, para que todos façam uma ideia da grandeza da queda de Adão e Eva e das nossas quedas.*

ANEXO 32 – O padre Pita Ferreira escreve uma informação para o *Jornal da Madeira*, da parte do Secretariado Diocesano da Catequese, no dia 13 de dezembro de 1959.

O DIÁRIO DE MAIOR DIVULGAÇÃO NA MADEIRA

NUMERO 8377

# JORNAL DA MADEIRA

DOMINGO  
**13**  
Dezembro—1959

Telefones: | Administração—20423  
Redacção—22565  
End. Teleg. Jornal—Apt. H—Funchal-Madeira

Director: JOSÉ RAPHAEL BASTO MACHADO  
Editor: O DIRECTOR = Redacção, Adm. e Of. = R. do Seminário, 22

Propriedade  
da Empresa Madeirense Editora, Lda.

---

## A MISSÃO

a soldados madeirenses a quem a al entregará, hoje, em cerimónia patriótico, um Guião. 19 ficará entregue a guarda de um le Terra Portuguesa, Diu. leza de Diu, há sangue de um portu- numento a um soldado ou a um

la aos soldados madeirenses, glorio- esa há soldados que têm o dever arcela que lhes está confiada, mas o de sentinela na Índia, são, neste em todos os portugueses têm os

há tanta gente cheia de ideias fal- sionalidades, quando até entre nós, que não têm vergonha de pôr em ritorial, um punhado de homens, er ao Mundo como pensam os

tria Portuguesa onde a Bandeira ireito. tugal.

cuja parte central do Escudo Na- lembra ainda a bandeira de D. tinuidade heroica de muitos sécu- saberão honrar a Bandeira das s que vierem depois de nós, sem-

## Secretariado Diocesano da Catequese

Sob a presidência de Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo, reúnem-se, na próxima quinta-feira, às 10 horas, no Paço Episcopal, os Delegados do Secretariado Diocesano da Catequese.

Lembra-se aos Rev.ª Sacerdotes, Religiosos e Religiosas que ainda não entregaram aos respectivos Delegados as respostas do Inquérito que as entreguem até à próxima terça-feira.

Comunica-se também aos Sacerdotes do Concelho do Funchal que na próxima quarta-feira, às 17 horas, se realiza a primeira reunião da equipa de estudos no Seminário da Encarnação.

**Funchal, 12 de Dezembro de 1959.**

**O Secretário Diocesano**  
P.ª Manuel Juvenal Pita Ferreira

## O Grupo Cultural de Santa Maria

prosseguiu nas comemorações do seu 7.º aniversário com uma sessão artistico-cultural no Teatro "Baltazar Dias"

Teve lugar, ontem, às 21 horas, no Teatro Municipal, a sessão artistico-cultural promovida pelo Grupo Cultural de Santa Maria, comemorativa do VII aniversário desta colectividade.

Estiveram presentes, S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo do Funchal, o Chefe do Distrito, Go-

vernador Militar da Madeira, Procurador à Câmara Corporativa, Dr. Julz Corregedor, Presidente da Câmara Municipal do Funchal e demais autoridades superiores do distrito, além de numeroso público que encheu a primeira casa de espectáculos desta cidade.

quecendo o respeito que a um Infante, se devia, pretende atalhar-lhe o passo. Herdeiro de mais de duas raças, tem no sangue a audácia do Normando, a tenacidade do Saxão, infundidas na casa de Lencastre, de que descende, e com o espírito de aventura e a fé da raça lusitana, pretende vencer o mar.

Estou agora a pensar em Malhoa no seu «Sonho do Infante».

O que não sabia, aprende-o em Sagres, passando horas interminas sentado num áspero rochedo, de largo chapetão contra as picadas do Sol, a contemplar aquele Oceano imenso que vai acabar onde ninguém sabe, e cujas vagas, rolando a seus pés, parecem querer revelar-lhe os seus segredos milenários.

**APRESENTAÇÃO**

pelo DR. JAIME VIEIRA SANTOS

PÁGINA 8
JORNAL DA MADEIRA
10-10-1963

---

**Teatro Municipal,** às 14 e 20 h. *A lei da floresta* e *A princesa de Clèves* (17 anos)

**CINE-PARQUE,** às 18 e 19 h. — *Um casamento* 3 estrelas trovadores • *Uma espada na sombra* 12 anos

ÀS 21 HORAS — ESTREIA **TERRA BRUTA** (12 anos)

---

# ROLÃO DE ÁFRICA

Recebeu o agente: **A. FÉLIX PITTA**

R. DO CARMO, 19—2.º B—TELEF. 23852

**FINAS MALHAS...**

Para senhoras, homens e crianças, recebem modernas malhas de 33, Orlon e Dacron, a CASA CONTEÍVEL, Rua dos Tanques 85, em casacos, conjuntos lã e c/ riscadas, platinas c/ manga e m/ manga, blusas Triest Nylon, vestidos malha de 35 e Orlon, fustões para rapaziadas, combinações c/ rendas, calças, cintas, saquetas, etc. Para homens: casacos populares a 525, jaquetas de Nylon a 535, pullovers 33, calças, camisas, meias, calcinhas, etc. Tudo a preços muito baixos. 117093

---

## MORREU O PADRE MANUEL JUVENAL PITA FERREIRA

(Conclusão da primeira página)

valorar toda a sua talento na cumprimento das diversas cargas para que foi incumbido.

Desde os bancos da seminarista revelou-se afonso distinto, que procurou ampliar os seus conhecimentos com assidua leitura e feitura vasta e esmerada.

Como sacerdote, foi um exemplo de imolação total ao dever, nos lugares, onde foi chamado e desempenhar o seu ministério. A inteligência arguta com que era dotado, dava sempre um fino gosto estético que procurou pôr sempre ao serviço de Deus, através do litúrgia sagrada.

Comunicar profunda de arte edificativa, foi convidado a presidir à respectiva comissão diocesana, tendo sido o inspirador, orfeão e até executor de algumas belas igrejas modernistas que ficaram, na elegância

LEIA O JORNAL DA MADEIRA

NEM SÓ DE PÃO VIVE O HOMEM

ÁGUA DO PORTO SANTO FAZ PARTE INTEGRANTE DUMA NECESSIDADE

O SEU ORGANISMO EXIGE

## ÁGUA DO PORTO SANTO

BACTERIOLÓGICAMENTE PURA E INALTERÁVEL À ACÇÃO DO TEMPO

A visita do Senhor Ministro das Corporações à Madeira

(Conclusão da sexta página)

mas, pois é mensagem de carinho e pureza, executada com gra-

---

Uma obra de grande valor: «A História da Diocese do Funchal» para a que tinha sido encarregado, por Sua Excel. Revm.ª Sr. Bispo do Funchal, que a encerra a *Antiquário da Diocese*.

Era além disso, colaborador de diferentes revistas, entre as quais destacamos «Das Artes e da História da Madeira».

O Revm.º Padre Manuel Juvenal Pita Ferreira, era filho do Sr. Francisco Ferreira, e da Sr.ª D. Filomena Celeste Pita Ferreira, já falecida, irmão das Sras. D. Maria Filomena Pita Ferreira, D. Tomáza Helena Pita Ferreira Angélica, casada com o Sr. Manuel Gonçalves Arzur Angélica, chefe da secção de Finanças do Funchal; D. Filomena Pita Ferreira, casada com o Sr. Gabriel Neves, comerciante; D. Justina Bárbara Pita Ferreira, casada com o Sr. Tiago dos Reis Gonçalves, com-

QUANDO NAMORAVA MEU PEDRO!  
 OLVI MUITO PALAR NO QUEJO LIMIANO  
 — COMO COISA BOA!  
 E, UM DIA, PEDI À MÃE, PARA COMPRAR  
 E FAZERLHE UMA SURPRESA!  
 FOI UMA ALEGRIA!  
 SABOREAR TÃO BOM QUEJO!  
 E HOJE, DEPOIS DE 4 ANOS DE CASADO  
 — NUNCA DEIXAMOS DE TER EM CASA  
 — TÃO APRECIADO QUEJO—QUE É O

**LIMIANO**

---

**Estas fotografias ficam para a história do Porto do Funchal**



# MORREU O PADRE MANUEL JUVENAL PITA FERREIRA

(Conclusão da primeira página)

volver todo o seu talento no cumprimento dos diversos cargos para que foi incumbido.

Desde os bancos do seminário revelou-se aluno distinto, que procurou ampliar os seus conhecimentos com estudo intenso e leitura vasta e escolhida.

Como sacerdote, foi um exemplo de imolação total ao dever, nos lugares, onde foi chamado a desempenhar o seu ministério. A inteligência arguta com que era dotado, aliou sempre um fino gosto estético que procurou pôr sempre ao serviço de Deus, através da liturgia sagrada.

Conhecedor profunda da arte eclesiológica, foi convidado a presidir à respectiva comissão diocesana, tendo sido o inspirador, orientar e até arquitecto de algumas belas igrejas madeirenses que ficam, na elegância das suas linhas, alevantando hinos ao céu e perpetuando a sua memória e pendor artístico.

Nos problemas pastorais tinha sempre uma visão objectiva e actual, dum modo muito particular no capítulo da catequese às crianças, para quem editou carinhosamente alguns modelos de catecismos. Mercê das qualidades que revelou neste campo, foi nomeado por Sua Excia. Revm. o Sr. Bispo, para Director do Secretariado Diocesano de Catequese, que com ele, se fundou. E deve-se em grande parte ao Pe. Pita Ferreira todo o salutar rejuvenescimento no ensino da catequese verificado actualmente nas paróquias madeirenses.

duma obra de grande vulto: «A História da Diocese do Funchal» para o que tinha sido encarregado, por Sua Excia. Revm. o Sr. Bispo da Diocese, que o nomeara o historiador da Diocese.

Era além disso, colaborador de diferentes revistas, entre as quais destacamos «Das Artes e da História da Madeira».

O Revd. Padre Manuel Juvenal Pita Ferreira, era filho do Sr. Francisco Ferreira, e da Sr. D. Filomena Celeste Pita Ferreira, já falecida, irmã das Sras. D. Maria Filomena Pita Ferreira, D. Tomásta Helena Pita Ferreira Angélica, casada com o Sr. Manuel Gonçalves Artur Angélica, chefe da secção de Finanças do Funchal; D. Filomena Pita Ferreira, casada com o Sr. Gabriel Neves, comerciante; D. Judite Balbina Pita Ferreira, casada com o Sr. Tiago dos Reis Gonçalves, comerciante; D. Zita Pita Ferreira dos Reis Gonçalves, casada com o Sr. João Venceslau dos Reis Gonçalves, empregado comercial; D. Lucilla Amália Pita Ferreira Gomes, casada com o Sr. José Adelino Pereira Gomes e das Srs. Francisco Gabriel Pita Ferreira, casado com a Sr. D. Maria Delta Pita Ferreira e João Guida Pita Ferreira, casado com a Sr. D. Terezinha Gonçalves Pita Ferreira.

Nasceu na freguesia de Cdmora de Lobos, a 16 de de Abril de 1912.

Foi ordenado sacerdote, a 25 de Agosto de 1935 e em Setembro de 1935, foi nomeado capelão da Sé Catedral, escrivão do juízo Eclesiológico e depois professor do Seminário.

LEIA O JO

NEM VIVE

ÁG

A das

(Co

Despacho de cerca de 40 lóris do Com te em vigor. Mas eu que mento. Senhor a prouta Pote V. Ex. ao ch como uma da, s a homologação. Espero que e Serviços do Mi ções saiem as tes às da Comh elaborar, para q esta velha e jus aguarda desde o fim deste dl Senhor Minist V. Ex. parte que continuad madeirenses, e lhadores da M

mente nos paróquias madeirenses.

Bastaria a sua obra sacerdotal no campo pastoral, pedagógico e artístico, para imortalizar-lhe a memória e propôr o seu exemplo. Mas, se o ilustre sacerdote conseguiu libertar-se da lei da morte, foi indubitavelmente através da sua notável obra literária.

Apesar da morte vir surpreendê-lo numa época da vida, em que ainda muito se poderia esperar da sua pena, legou-nos, todavia, um conjunto de obras que o consolidam entre os bons escritos madeirenses.

Dentre as suas obras avultam em grande plano, pela sinceridade e erudição, as de natureza histórico, todas relacionadas com a história madeirense, que procurou aprofundar com aturada labor e consciencioso critério.

Das suas publicações podemos citar as seguintes: «A época actual e o ideal vicentina»; «Património Artístico da Ilha da Madeira»; «Esculturas religiosas»; «Santa Missas»; «O Natal na Madeira»; «O mais belo presente da Primeira Comunhão»; «Notas para a História da Ilha da Madeira»; «As notas para para a História da Ilha da Madeira, no Pelourinhos»; «O Arquipélago da Madeira, Terra do Senhor Infante»; «O Infante D. Henrique e a Descoberta e Povoamento do Arquipélago da Madeira»; «A Relação de Francisco Alcoforado»; «Curso de Iniciação Catequística» (3 volumes); «A Sé do Funchal».

Aguardavam-se com interesse e expectativa os seus livros anunciados para cuja publicação afanosamente trabalhava: «O Infante D. Fernando, Terceiro Senhor do Arquipélago da Madeira»; «Notas para a História de Santa Cruz»; «Diocese do Funchal» e ainda «Achegos para a História do Arquipélago da Madeira», estudo allás a que vinha dando publicidade, em vários artigos, no nosso diário.

Preparava, também, um estudo muito importante, para a publicação

lico e depois professor da Seminário.

Em 1936, passou a exercer o cargo de secretário interino da Câmara Eclesiástica.

Foi capelão da Capela da Conceição, em Câmara de Lobos e depois, capelão do Asilo de Mendicidade, desempenhando desde 1938, o munus de coadjutor da Ribeira Brava, sendo transferido para idêntico cargo, na freguesia de S. Vicente, em Outubro de 1940. Um ano depois foi colocada, como pároco, no Porto Santo, onde esteve até Fevereiro de 1945, altura em que foi nomeado pároco de São Gonçalo, acumulando nos últimos anos, durante algum tempo, também as funções de professor de História Sacra e Pastoral, no Seminário Maior Diocesano.

«Jornal da Madeira», sentindo a morte do saudoso sacerdote, apresenta a Sua Excia. Revm.<sup>a</sup> o Prelado da Diocese, ao Revd.<sup>a</sup> Clero e a toda a família do defunto, sentidas condolências.

\*

O funeral realiza-se, ás 16 horas, saindo da igreja paroquial, para jazigo no cemitério da mesma paróquia.

As 14 e 30, principiam os officios fúnebres presididos por Sua Revm.<sup>a</sup> o Sr. Vigário Geral da Diocese, seguindo-se missa de corpo presente.

## SALDOS BARATOS DE MALHAS DE LÃ

São de aproveitar os bons saldos de malhas de lã que A VOGA, alto R. Tanoeiros 81, está a liquidar. Para senhora: casacos de lã a 65\$ e 75\$, conjuntos a 110\$, pullovers a 85\$, saias plissadas Polyester a 130\$, blusas de algodão a 25\$, blusões estampados a 65\$, combinações com rendas largas a 35\$ e 45\$, camisas da noite, baby-dolls, pijamas Nylon e de algodão, cintas, soutiens, etc. Para rapaz: bons saldos de canisas porceline a 35\$, pullovers c/ manga a s/ manga, coletes, camurçines, e muitas outras bons malhas com descontos até 50%.

madeirenses, e no coração dos madeirenses da Madeira! Tenho dito.

No final, o sr. Dr. de Proença, afirmando a realização da satisfação dos termos do novo contrato e relevou: «O compromisso representa o triunfo da causa por que todos nos batemos».

«A minha visita à Madeira seria incompleta se não fosse roada por um acto de carácter cívico — continuou o sr. de Proença — das Corporações, dizendo que, embora a presença de uma comissão tenha de ser tomada em consideração como garantia, impõe-se a contribuição dos dirigentes sindicais».

Falando da importância da indústria de bordados, o sr. de Proença frisou S. Ex.<sup>a</sup> que os esforços serão postos para defender e aperfeiçoar



ção  
de  
  
ção  
lar  
rá-  
que  
po  
  
en-

co por...  
vidades comercial, industrial e agri-  
colas da vida nacional. — L.

na capital. Desde ontem, que gente no  
interior começou a afluír a S. Tomé.

RESUL

# MORREU O PADRE MANUEL JUVENAL PITA FERREIRA

Correu célere, ontem, à tarde, a  
ancher de consternação, a notícia  
rude da morte duma das figuras de  
valor mais definido adentro do cle-  
ro madeirense — o saudoso e ilus-  
tre Pe. Manuel Pita Ferreira.

Vinham de algum tempo os seus  
padecimentos, motivados por uma  
doença cruel que o levou a procu-  
rar, por todos os meios, remédio que  
pudesse ser eficaz. Porém, as melho-  
ras nunca foram além de aparentes  
e o mal propagou-se assustadoramen-  
te, sem que a ciência médica conse-  
guisse debelar.

Nos últimos dias, a doença tomou  
proporções tais que a cada momento  
se fazia prever o desenlace fatal.  
E este deu-se eram precisamente 17  
horas, de ontem, após uma longa e  
dolorosa agonia.

Tudo sofreu resignadamente o Pe.  
Pita Ferreira, conformado como esta-  
va com os designios insandáveis da  
Providência, que escolheu chamar a  
Si o servo bom, no momento da sua  
melhor administração.

Na realidade e no acanhado en-  
tender humano, o culto sacerdote



deixa este mundo, na altura em que  
parecia ser o período mais fecundo  
da sua actividade apostólica e lite-  
rária.

Está mais pobre o nosso clero e,  
podemos também acrescentar, estão  
mais pobres as letras madeirenses.

Era o Pe. Pita Ferreira o sacerdo-  
te culto e estudioso, que fez deserte

(Conclui na próxima página)

Janta  
ao Sr

Per  
7.º Bai  
da Fazi  
ves Gat  
sempre  
concelho  
subordn  
das sua  
homenaj  
despedic

NO  
X  
X  
X  
X  
X  
X  
X  
X  
X

ENC

A fi  
primen  
gressa l  
TAP,  
feitas i  
esteve,  
sr. eng  
mões,  
Estética  
Nacion  
Penh  
rência.

a a

Ano 87. ————— N.º 28.924

Director: ALBERTO DE ARADJO

Administrador: O DIRECTOR

Administração, Redacção e Officinas: Rua da Alameda, 8

Programas «Nacionais» — C. Postal 487

TELEF.: 20021 e 20022

O JORNAL MAIS ANTIGO E DE MAIOR CIRCULAÇÃO NA ILHA DA MADEIRA

# Diário de Notícias

INDEPENDENTE

Quinta-feira, 10 de Outubro de 1963



Um aspecto do banquete de ontem à noite no Palácio de S. Lourenço

## A chegada do novo Governador Militar da Madeira

Chega amanhã, no paquete «Funchal», o sr. Brigadeiro Fernando Dias Pires Monteiro, novo Governador Militar da Madeira, que será acompanhado a bordo pelas autoridades superiores do distrito e oficiais e sargentos da Guarnição Militar.

Serão prestadas, logo após o desembarque, as honras devidas, guarda de honra de efectivo de uma companhia, Banda de Música e Fanfara e uma salva de Artilharia de 15 tiros.

Depois do desfile da Guarnição de Honra, realizar-se-á no «Salão dos Governadores» do Quartel General o acto simbólico de posse, no qual comparecerão todos os oficiais da Guarnição Militar da Madeira, em nome dos quais apresentará cumprimentos de boas-vindas o sr. Coronel Gregório de Paiva Cunha, Governador Militar interino.

## REGRESSA HOJE A LISBOA O SR. MINISTRO DAS CORPORAÇÕES

Deixa hoje esta ilha o Ilustre Sr. da Pasta das Corporações. A sua visita à Madeira foi breve, no espaço de tempo em que permaneceu entre nós, e ainda mais se encurtou pelo novo hóspede tão marcante figura do Governo da Nação.

Mas se esse tempo se contava pela importância das realizações, o espaço fica tralado na sua expressão cronométrica, pela actividade desenvolvida por S. Exa. e pelos benefícios trazidos com a sua presença.

## Morreu um historiador madeirense

O Dr. Manuel Juvencio Pita Ferreira morreu ontem. Contribuiu, a notícia que correu pela cidade. Já a noite havia muito caído da vida.

Novo ainda, o Dr. Pita Ferreira dedicou-se aos estudos históricos, quer se afixasse, imprudencialmente, uma inteligência aberta para a investigação, para o trabalho de pesquisa que tanto apaixonava, e era espírito ansioso de cultura. E que o talento do notável sacerdote correspondia à tenacidade para esgaratilhar os arquivos, furegar detos, as notas, memorias para construir na biblioteca do seu espírito.

Trabalha-se em revista. Notícia para a história da Ilha da Madeira e da arquipélago de Madeira, terra do Senhor Infante.

Em qualquer dos volumes, se depura esta tarefa de originalidade, uma ideia diferente no exame dos acontecimentos e que, o Dr. Pita Ferreira, no desejo de expor a verdade com a probidade, honesta que a caracterizava, descobria maneiras de encarar esta, ou aquele aspecto com base nos, cronologias, por no entanto ainda não observado. Não sempre, a verdade volta a fazer? Onde existe a vida, infante? E a história e tempo são iguais?

Basta que passamos, em revista

## No «Diário de Notícias»

Eng. Santos Simões

Tive a gentileza de vir a esta redacção apresentar cumprimentos de despedida, o sr. Eng. J. M. dos Santos Simões, que pouco mais de dois meses, nesta ilha, dirigindo a XXV Missa Espetacular de Férias da Academia Nacional de Belas Artes.

Agradeço, a certeza, de sermos do sr. Eng. Santos Simões que regressa a Lisboa no próximo domingo, a bordo do «Funchal».

Agradeço-me a certeza, de sermos do sr. Eng. Santos Simões.

## Dr. João de Gouveia

No «Pendennis Castle», regressa no próximo domingo de Inglaterra, acompanhado de sua esposa, o sr. Dr. João de Gouveia, Ilustre Governador Substituto deste distrito, a quem antecipamos os nossos cumprimentos de boas-vindas.

É com o desenvolvimento profissional, a intensificação de profecção, social e todas as coisas, plásticas e rurais. São estes dois aspectos em que se enuncia qual produção, largamente, colaborar a nossa terra, através dos serviços competentes do novo Militar, e o dado já se tornam, alguma, providências.

que ontem presidiu à cerimónia de assinatura do acordo que estabelece as bases do próximo Contrato Colectivo de Trabalho da Indústria dos Bordados

«Sou por natureza, contrário a promessa que não tenha a certeza absoluta de poder desde logo cumprir»

— afirmou ontem o sr. Ministro das Corporações em São Lourenço, no banquete de despedida



OS

LISBOA, 9.—Seguiu para Estoril para participar na reunião da Comissão Consultiva da EFTA, que se efectua naquela cidade, nos dias 10 e 11 de corrente, a missão portuguesa presidida pelo Conde de Gama, presidente da Associação Comercial de Lisboa, e que representará as Associações Económicas, Fomento cumprimentadas no aeroporto pelas individualidades ligadas às actividades comerciais, industriais e agrícolas da vida nacional. — L.

la  
dor  
a

# Morreu um historiador madeirense

este  
eiro  
na,  
da  
ten-  
des  
tais  
dili-  
s o  
evic-  
nda  
sol-  
nda  
cial  
de  
to-  
Vie-  
los  
tos  
nel  
io-

O Sr. Manuel Juvenal Pita Ferreira morreu ontem. Contribuiu, a notícia que correu pela cidade, já a noite havia muito caído de céu.

Nova ainda, o Sr. Pita Ferreira dedicava-se aos estudos históricos, na qual se afirmava, inquieto e activamente, uma inteligência aberta para a investigação, para o trabalho de pesquisa que tanto apaixonava o seu espírito ansioso de cultura. E que o talento do notável sacerdote correspondia à tenacidade para esquadriñar os arquivos, torregear datas, as notas necessárias para construir um in-

genuo e dialéctica edifício de história nacional. Mas não era preocupação do Sr. Pita Ferreira o fazer história simplesmente. Não! Lie in sua busca da verdade, procurando dar nova interpretação a factos que já estavam consumidos. E acurritar dos documentos que encontrava, esmiuçando todos os que já haviam sido analisados para de novo os submeter à sua escrutina. Bem que alguma vez a logia de seu trabalho estivesse em desacordo com os mestres da historiografia, o certo é que ele apresentava o seu ponto de vista, revelando assim a independência e o desassombro de seu espírito crítico.

Tinha, em conta Nova, para a história da Ilha da Madeira e o arquipélago da Madeira, terra do Senhor Infante?

Em qualquer dos volumes, se despara esta tarefa de originalidade, uma ideia diferente no exame dos acontecimentos. E que o Sr. Pita Ferreira no desejo de expor a verdade com a probidade mental que a caracterizava, descobria maneiras de contar esta ou aquele aspecto, sua base nos cronistas, por um prisma ainda não observado. Nem sempre a verdade vinha a lume? Onde existe a visão infalível? E a história é sempre tão ingenua?

Basta que possamos, em revista

## No "Diário de Notícias"

Eng. Santos Simões

Tenho a gentileza de ver a nota redacção agradecer cumprimentos de despedida, a sr. Eng. J. M. dos Santos Simões, que passou cerca de dois meses nesta ilha, dirigindo a XXVI Missão Exótica de Fomento da Academia Nacional de Belas Artes.

Agradeço a cortesia, de sermos sr. Eng. Santos Simões — que regressa a Lisboa no próximo domingo, a bordo do «Funchal».

Agradeço a cortesia, de sermos sr. Eng. Santos Simões.

IO  
re-  
go  
do  
to-  
to,  
tas  
ca,

# RASIL

## brilho do Madeiro

do sr. Embaixador  
pal. presidiu a sessão o  
ernão Pavila Vieira, que  
a palavra ao Secretário  
estiana, encarregado de  
a vida da agremiação  
sua fundamentos. Segui-  
o sr. Dra. Paulo Ta-  
ntando o orador oficial  
Perdigão, que proferiu  
tral conferência, várias  
ompida pelo calor dos  
n sarau artístico, uma  
grupo folclórico, mesa  
champagne foram o  
ativa solenidade.

no júbilo do, ma-  
Rio de Janeiro pela  
aniversário da sua  
a Fábrica de Café  
nou, na quadra do ar  
raca de café que foi  
stuitamente a todos  
numa louvável ini-  
Chefe de Promoções  
lindo Araujo. Esta

## Morreu um historia- dar madeirense

(Continuação da primeira página)

os historiadores portugueses desde  
a fins da Idade-Média até o nosso  
tempo. Quanto a nós, há apenas  
dois: Fernando Lopes e Alexandre  
Herculano.

Há, pois, que fazer justiça ao  
trabalhador incansável, ao espiri-  
to dinâmico, à vontade férrea de  
Pa. Pita Ferreira em realizar obra  
já vultosa em prol da terra onde  
nasceu.

O seu mérito de escritor e de  
historiador patenteará-se, nitida-  
mente, na vasta bibliografia que  
nos deixou:

A época actual e o ideal vico-  
tino (conferência);

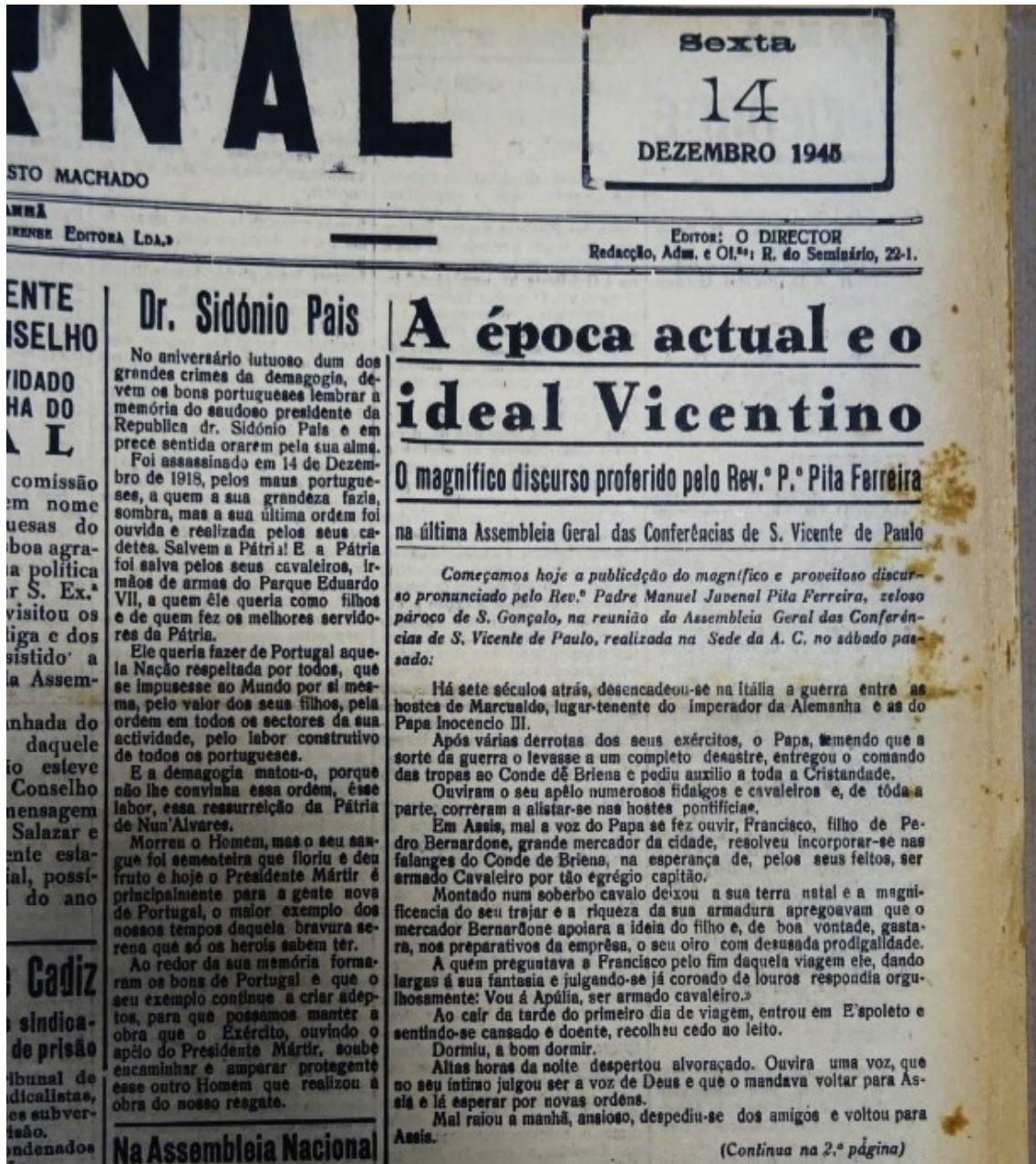
O património artístico da Ilha  
da Madeira; Esculturas religiosas;  
A Santa Missa; O Natal na Ma-  
deira; O ma's belo presente da pri-  
meira comunhão; Notas para a  
história da Ilha da Madeira; As  
notas para a história da Ilha da  
Madeira no Pelourinho; O arquipé-  
lago da Madeira, terra do Senhor  
Infante; O Infante D. Henrique e  
a descoberta do arquipélago da  
Madeira; A relação de Francisco  
Alcoforado; Curso de iniciação ca-  
tequística (3 volumes);

A Sé do Funchal, além de várias  
obras incompletas que viriam en-  
riquecer as letras madeirenses.

O «Diário de Notícias» memora  
o seu profundo pesar pela morte  
do ilustre intelectual.

•

ANEXO 35 – *Jornal da Madeira*, no ano de 1945  
 Conferência «A época actual e o ideal vicentino»



dir: JOSE RAPHAEL BASTO MACHADO

DIÁRIO DA MANHÃ  
RIEIDADE DA «EMPRESA MADRILENSE EDITORA LDA.»

Editor: O DIRECTOR  
Redacção, Adm. e Ol.ª: R. do Seminário, 22-1.

## NOTA DO DIA

### O PROBLEMA DO PEIXE

Com perfeito sentido da oportunidade, tratou o «Diário de Notícias», em merecido destaque a questão da falta de peixe no mercado, tema cuja acuidade é desnecessário encarecer, pois de perto, a conhecem quantos para a organização de modestíssima ementa labutam sem pausa.

Vários aspectos foram focados, diversas entidades ouvidas, e porque nova sacha em fogueira que não deve extinguir-se, é de acceitar, cabe à Nota de hoje um comentário e uma sugestão a acrescer o que com tão louvável critério foi dito pelo «Diário de Notícias».

Admitamos que, fugidos de paragens m'nos seguras, vieram para as águas da Madeira, numerosos esquilos que, normalmente, tinham seu habitat longe d'aquí, e essa vinda terá provocado o afastamento de espécies que largamente nos abasteciam.

Mas sendo, como é, duma proliferação extrema a fauna marítima, dificilmente se crerá, dentro da boa lógica, numa emigração compacta, e em poucos anos, de tal quantidade e variedade de peixe, que originasse a crise actual.

Ocorre, então, um pensamento que é admissível — as fábricas de conserva de peixe mantêm, cremos, a sua laboração normal. Dar-se-á o caso de uma parte do pescado para all seguir sem a passagem pelo mercado?

Assim sendo, os pescadores teriam a venda assegurada por bom preço sem os encargos fiscaes a que são sujeitos no fornecimento da Praça, e os fabricantes, sem despesas com companhias privativas, alcançariam o peixe de que carecem.

Portanto, as fábricas de conserva, o fornecimento a hotéis, restaurantes, etc., e a venda fóra da área do Funchal, totalizariam um volume e consumo que muitos, certamente, esgararão atribuir exclusivamente o voraz esquivo que de longe veio.

Junto ao Ministério da Marinha, e a Direcção Geral de Pesca, entidade que fiscaliza, orienta estudo os problemas que ao momento de pesca e conservas se ram.

A vinda á Madeira de um tecnico le estudasse in loco o assunto, clareceria em muito a questão. Desde que o delegado da referida recção das Pescarias, reconhecesse que factores independentes vontade do homem, provocavam falta escassez de peixe, accleraria a fatalidade e estava verificada a causa.

se tal não se dava, na autoridade

## Governo do Distrito Autónomo do Funchal

### Subsídios a estabelecimentos de assistência

Pede-se aos presidentes ou tesoureiros das instituições de Assistência abaixo designadas o favor de comparecerem, ás 14 horas de hoje, na secretaria de Governo do Distrito, a-fim-de lhes ser feita a entrega dos subsídios atribuidos pelo Governo do Distrito Autónomo do Funchal:

Auxílio Material, Lactário de Santa Clara, Dispensário Divina Providência, Asilo de Mendicidade e Orfãos, Escola de Artes e Ofícios, Patronato de Nossa Senhora das Dores, Lactário Crianças Fracas, Obra de Protecção ás Raparigas, Orfanato da Princesa D. Amélia, Recolhimento do Bom Jesus, Comissão de Socorros, Cruz Vermelha, Colégio de S. João, Associação das Dames do Funchal, Patronato de São Pedro, Associação dos Estudantes Pobres, Franciscanas de Nossa Senhora das Vitorias (Escola de Santa Teresinha), Escolas do Hospício D. Amélia, Orfanato do Santo da Serra, Escola de São Luis, Recolhimento das Orfãs.

Secretaria do Governo do Distrito Autónomo do Funchal ás 15 de Dezembro de 1945.

## Oferta dum capacete à Escola do Exército

LISBOA, 14—O sr. Sub-Secretário de Estado da guerra presidiu esta tarde, na Escola do Exército, á significativa cerimónia, durante a qual foi entregue áquello estabelecimento um capacete dum soldado brasileiro morto em Itália.

O capacete foi oferecido pelo major Oliveira Paredes, comandante do Batalhão que desfilou na Avenida da Liberdade e fez a entrega o sr. dr. Ribeiro Couto, Encarregado de Negócios do Brasil. (E. N.)

## Mocidade Portuguesa

### Escola Regional de graduados

Todos os filiados inscritos na Escola Regional de graduados devem comparecer hoje ás 8 e 30 na cerca do Liceu de Jaime Moniz.

## Morte do Conde de Monte-Real

LISBOA, 14—O funeral do Conde do Monte-Real realiza-se amanhã, da residência para o Cemitério dos Prazeres. O sr. Presidente do Conselho mandou apresentar pesames á familia do finado. (E. N.)

## Aniversário natalicio

# A época actual e o ideal Vicentino

O magnífico discurso proferido pelo Rev.º P.º Pita Ferreira na última Assembleia Geral das Conferências de S. Vicente de Paulo

### (Continuação)

A taes iluminados apetece-me dizer: Abram bem os olhos e pensem bem, a vér se chegam á conclusão de que as bombas arrasaram as casas e as cidades, mas deixaram incólumes nos abrigos os que nelas habitavam. Destruíram apenas o que deviam possuir.

Nos abrigos como em museus onde se guardam objectos preciosos e obras de arte, conservaram-se durante a tempestade, os interesseiros de todos os partidos políticos, os apostatas de todos os credos, os ateus, os materialistas, os plutocratas, os traficantes, os avarentos, os luxuriosos, os ladrões, os ébrios, as meretrizes etc. etc., isto é, a semente de todos os males que Satanaz com medo de ficar desprovido durante a guerra, guardou nos abrigos, como em arca bem segura, agora, que terminou a catastrophe, comerteza espalha-la-á o melhor que puder esperando que, em casa e cidades novas, há-de produzir frutos mais abundantes.

Ninguem se iluda. O mundo melhorará, se os homens, que nele vivem, melhorarem moralmente. A sociedade é semelhante a uma maquina gigantesca cujas peças somos nós. Se as peças estão bem afinadas, isto é, se os homens são bons o mundo melhora; se são maus, por mais que os estadistas façam e préguem o mundo será sempre mau.

Na hora actual, têm aparecido muitas boas-vontades, mas parece que são poucos os estadistas que já encontraram os remédios para os males, oriundos da guerra e, a darmos credito ás emissoras e gazetas, as turbas continuam cada vez mais insatisfeitas e insubmissas, dando lugar a que os ministérios pouco durem e os partidos se degladiem.

Confrades. No meio desta desorientação espiritual, parece que toda a gente, está de acórdio acerca da necessidade de luz e de caridade, para ser resolvida pacificamente a crise que atravessamos.

E' necessário luz, para que os espiritos encontrem, e sigam a senda do bem; caridade, para que os homens dêem as mãos uns aos outros e vivam unidos, como irmãos.

Onde encontrarão essa luz? No Evangelho, como Francisco d'Assis a encontrou, porque só Cristo é caminho, verdade e vida.

(Continua na 2.ª página)

## Divertimentos do Luna Parque

No «Funchalense» chegou de Lisboa o material para o funcionamento dos divertimentos do Luna Parque, que ficarão instalados no terreno destinado ao prolongamento da Avenida do Mar.

## Presidência do Conselho

LISBOA, 14—O sr. Presidente do Conselho trabalhou esta tarde com os srs. Ministros das Finanças e da Justiça. (E. T.)

## Almirante Quintino Meirelles

LISBOA, 14—Passou hoje á revista o almirante Quintino Meirelles, director Geral de Marinha e antigo Ministro dos Estrangeiros. (E. N.)

## Hotel de Santa Luzia

LISBOA, 14—A Câmara Municipal

## O rearmamento do Exército

LISBOA, 14—Na Assembleia Nacional, o deputado sr. Capitão Sá Viana referiu-se em termos calorosos e elogiosos ao rearmamento do Exército.

Informou que, durante a guerra mundial, foi de 180.000 homens o efectivo do nosso Exército, e o que o material existente atingia o valor de três milhões e meio de contos.

O sr. capitão Sá Viana acrescentou que o rearmamento do Exército prosseguirá, para garantia da nossa soberania. (E. N.)

## NO ATENEU COMERCIAL DO FUNCHAL

### Exposição de Pintura

Como noticiámos, foi ontem ás 13 horas inaugurada a exposição de pintura da autoria do sr. Herberto Klekeben, tendo presidido a





### estões.

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### QUEDOS

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### DO POVO

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### Delegação marítima do Porto Santo

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### PARA OS ACORDES

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### Notícias judiciais

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### MARAVILHA DO MAR

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### ra do Funchal

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

## A onda da violência

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### 50 anos do Primeiro de Maio

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### Homagem ao dr. João Abel de Freitas

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### Moçada Portuguesa

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### Estaline

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### Comércio do Funchal

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### Santa Casa da Misericórdia

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### Obra das Criadras de S. Serv

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### Tempo

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### Dr. Maria da Paz Pereira de Gouveia

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### Bojo aos pobres

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### Navegação aérea entre Lisboa e Rio de Janeiro

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### Matas de guerra americanas para a China

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### Malas postais

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### Farmacias

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

## A solidariedade Cristã e o Natal

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### Dr. Pedro Teófilo Pereira

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### Concursos da lapinhas

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### A época actual e o ideal vicentino

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### Magnífico discurso proferido pelo Rev. P. Pina Ferreira

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### Matas de guerra americanas para a China

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### Malas postais

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### Farmacias

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### Movimento do Porto

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### Matas de guerra americanas para a China

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### Malas postais

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### Farmacias

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### Movimento do Porto

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

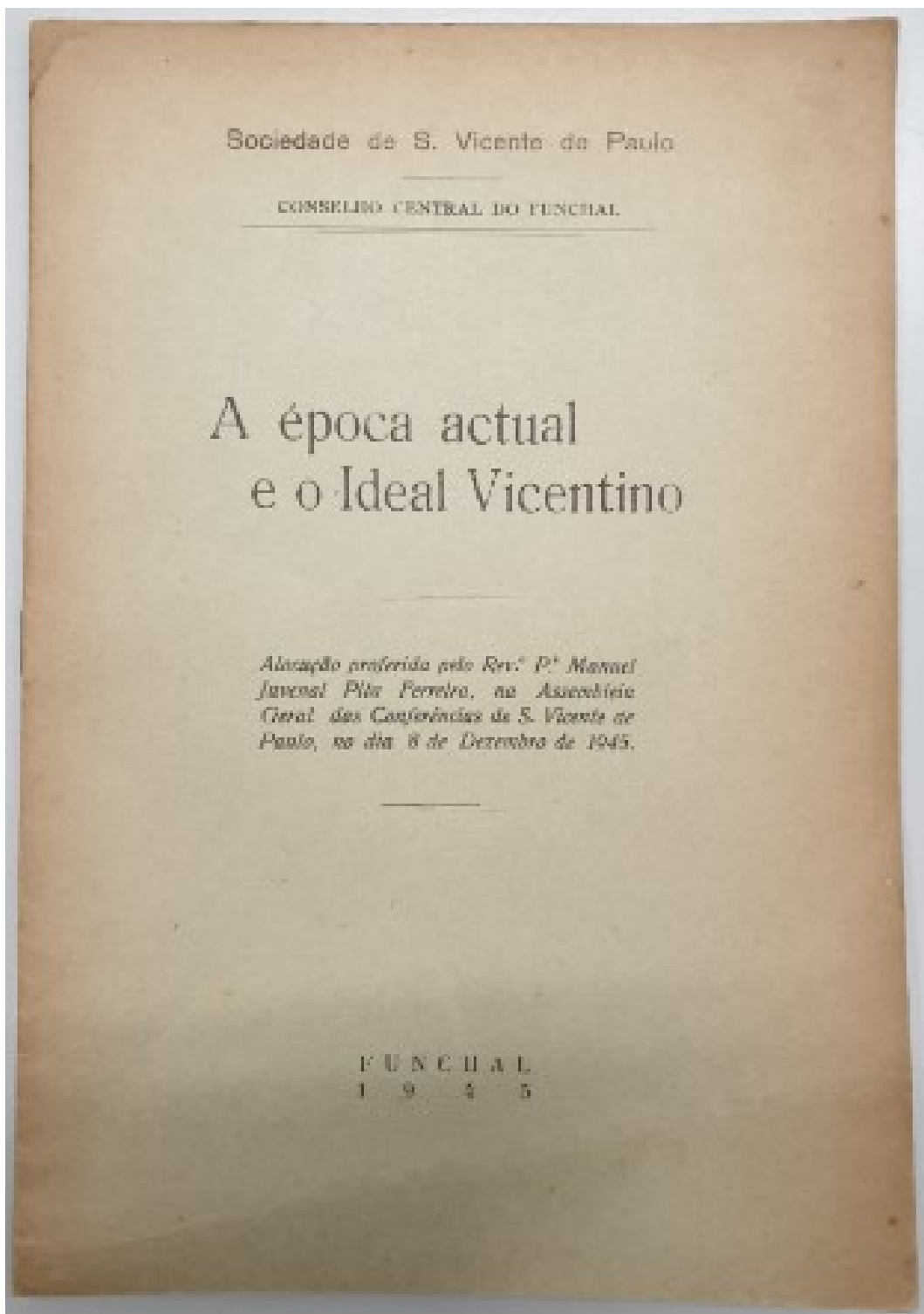
### Matas de guerra americanas para a China

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

### Malas postais

... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...  
... e a Perceira, Saravia, ...

**ANEXO 36 – Conferência de 1945: «A época actual e o Ideal Vicentino»**



Há sete séculos atrás, desencadeou-se na Itália a guerra entre as hostes de Marcualdo, lugar-tenente do Imperador da Alemanha e as do Papa Inocêncio III.

Após várias derrotas dos seus exércitos, o Papa, temendo que a sorte da guerra o levasse a um completo desastre, entregou o comando das tropas ao Conde de Briena e pediu auxílio a toda a Cristandade.

Ouviram o seu apêlo numerosos fidalgos e cavaleiros e, de toda a parte, correram a alistar-se nas hostes pontifícias.

Em Assis, mal a voz do Papa se fez ouvir, Francisco, filho de Pedro Bernardone, grande mercador da cidade, resolveu incorporar-se nas falanges do Conde de Briena, na esperança de, pelos seus feitos, ser armado Cavaleiro por tão egrégio capitão.

Montado num soberbo cavalo, deixou a sua terra natal e a magnificência do seu trajar e a riqueza da sua armadura apregoavam que o mercador Bernardone apoiara a ideia do filho e, de boa vontade, gastara, nos preparativos da empreza, o seu ouro com desusada prodigalidade.

A quem perguntava a Francisco pelo fim daquela viagem, êle, dando largas á sua fantasia e julgando-se já coroado de louros, respondia orgulhosamente: «Vou á Apúlia, ser armado cavaleiro.»

Ao cair da tarde do primeiro dia de viagem, entrou em E'spoletto e sentindo-se cansado e doente, recolheu cedo ao leito.

Dormiu, a bom dormir.

Altas horas da noite despertou alvoroçado. Ouvira uma voz, que no seu íntimo, julgou ser a voz de Deus e que o mandava voltar para Assis e lá esperar por novas ordens.

Mal raiou a manhã, ansioso, despediu-se dos amigos e voltou para Assis.

A sua inesperada resolução encheu de pasmo os companheiros de armas e, em Assis, a chegada do falido guerreiro causou regosijo aos inimigos de Bernardone e admiração aos da sua parentela.

Tanto mais que Francisco voltara tão mudado !!! Nem parecia o mesmo... Antes parecia uma sombra do que ainda há pouco era !!!

Perdera a alegria que lhe era natural e que arrastava atrás de si a juventude assisiense; aborrecia as festas, os torneios, os banquetes de que sempre fôra o rei; no seu rosto transparecia agora uma nostalgia que deixava as almas a cismar.

O seu anseio era viver sòzinho na paz íntima do seu «eu», para poder ouvir á vontade as novas ordens do Alto.

Alguns dos seus antigos companheiros, fazendo cõro com os inimigos de Pedro Bernardone, interpretavam êste modo de proceder como efeito da avareza.

Era, afirmavam eles, a mão avara do mercador Bernardone que se fechava.

Francisco, quando de tal soube, fremiu de indignação e resolveu responder-lhes ao insulto, humilhando-os por meio do fausto.

Convidou todos os seus amigos para um banquete e, depois de os prender á mesa horas e horas; depois de lhes ter servido as mais exquisitas iguarias e os vinhos mais preciosos, saiu para a rua, capitaneando-os, como nos tempos idos, e levando na dextra um cetro de rei folião.

Os risos e as trovas cruzavam-se nos ares e, nas ruas escuras por onde o bando passava, os assisienses, estremunhados, apareciam ás janelas e censuravam intimamente as loucuras da mocidade.

No bando, porém, havia um insatisfeito e êsse, era Francisco, o rei da festa.

Sem ninguém dar por isso, deixou-se ficar para traz.

Quando os companheiros deram pela sua ausência, voltaram sôbre os mesmos passos e, depois de procurarem Francisco ansiosamente, foram encontrá-lo num ângulo da rua, absorto, cismando com os olhos postos no alto e tendo a seus pés o cetro burlesco.

«Que é isto Francisco?... Porque não vieste connosco?... Em que ficaste a pensar?»... rompem todos á uma.

E Francisco, como que despertando dum sonho, com um olhar de iluminado, acalmou-os a sorrir, dizendo-lhes: «Penso em casar. E é tão bela a minha noiva, tão rica, tão pura e formosa, qual vós não podeis imaginar».

Algum tempo depois, no tribunal de Assis, perante o Pai, o Bispo e os magistrados da cidade, Francisco renunciava a todos os bens terrenos e ao nome da familia e, para melhor praticar a caridade, realizava os seus desposórios místicos com a Dona Pobreza, a dama misteriosa que lhe prendera o coração.

Desde essa hora, a mais memorável da sua vida, Francisco só alimentou uma ambição—rêalzar o seu ideal, que outro não era, senão ser fiel, por toda a vida, à sua bem-amada Pobreza; espalhar a caridade por todos os corações e encarnar em si o espirito de Cristo, a tal ponto que pudesse dizer como o Apóstolo: «*Vivo ego, jam non ego; vivit vero in*

*me Christus*». Eu vivo mas já não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim.

Confrades:—O P.<sup>e</sup> Gemeli, grande pensador contemporâneo e glória da família franciscana, apreciando o ideal sublime de Francisco de Assis e os seus desposórios místicos com a Dona Pobreza, comparando a nossa época com o século XIII e avaliando a obra de recristianização e de bem-fazer que o Povorelo de Assis realizou, escreveu um livro cheio de interesse e que é, ao mesmo tempo, uma mensagem ao mundo moderno.

Nessa obra, afirma o grande sábio, que o nosso século, eivado de materialismo, terá de encarnar o espírito que animou Francisco de Assis, isto é, terá de pôr em prática a doutrina do Evangelho e de realizar os seus desposórios com a Dona Pobreza, se quiser alcançar a paz e trilhar o caminho da Verdade e da Justiça.

A nossa época, segundo opina êle, precisa de mais espírito cristão, de maior desapêgo aos bens do mundo, de ser mais caridosa para com os infelizes.

Terá o ilustre escritor razão ?

Podemos responder que sim, sem hesitação alguma.

E, se alguém disso não está convencido, aconselho a que lance um rápido olhar sôbre o mundo que o rodeia.

O espectáculo que presenciará levá-lo-á a concluir necessariamente, que o desprezo da velha moral encaminhou o nosso século para o ateísmo; que o egoísmo e a sêde insaciavel do ouro faz com que o homem ande numa luta contínua, titânica, com o próximo, peito a peito, como inimigo contra inimigo; que o individualismo desagrega dia a dia a sociedade, favorece os monopólios e os grandes e destrói os negócios pequenos e particulares; que o Deus dos materialistas é o dinheiro adquirido de toda a maneira; e a religião, o gôso, o luxo, o confôrto; o fim da vida é o bem estar.

E, depois de chegar a estas conclusões sôbre o estado da sociedade, poderá apreciar as consequências que daí resultam.

Verá, como consequência dêste caos social, que o rico nunca se farta de possuir e de gozar, e o pobre de sofrer e de invejar; verá que o luxo e o divertimento esvasiam as bolsas de todas as classes da sociedade e estragam os capitais e os ordenados; verá que a filha do pobre trabalha noite e dia, sofre as maiores privações para poder ostentar na rua o luxo da menina rica; verá que o operário gasta na taberna e no cinema o seu miserável salário, alegando que a vida é curta e que também tem direito a se divertir; verá que o rico fica pobre, para sustentar um fausto que não está ao alcance dos seus rendimentos.

Como consequências do caos social, verá ainda que o feminismo rouba ao homem o seu dever e que a mulher, deixando os cuidados do

lar, vai tirar o trabalho ao homem, vai privá-lo do seu salário, agravando ao mesmo tempo a sua posição, aumentando a crise e enriquecendo os patrões e dá origem á baixa de natalidade, á desorganização da família, ao rebaixamento dos costumes, ao progresso da criminalidade e ao desequilíbrio das finanças.

Finalmente ainda verá, como consequência do caos social, que o desprêso da velha moral, aumenta o mal-estar, de dia para dia e, que, julgando encontrar solução para tão intrincado problema, todos, ricos e pobres, esperam alcançar, com as suas ideias políticas um regime ou uma posição em que mandem e não obedeçam, em que gosem e não saibam o que é o sofrimento.

Os mais optimistas, na hora grave que atravessamos, já lobrigam princípios dum mundo melhor, resultado da guerra que terminou, e filho das ideologias triunfantes.

Julgam que, com a reconstrução das cidades e das nações, começará a nova ordem social que, pelo que dizem, terá muita semelhança com a ordem que existia no antigo Paraíso terrestre.

A tais «luminados» apetece-me dizer: Abram bem os olhos e pensem bem, a vêr se chegam á conclusão de que as bombas arrasaram as casas e as cidades, mas deixaram incolumes nos abrigos os que neles habitavam. Destruíram apenas o que deveriam poupar.

Nos abrigos, como em museus onde se guardam objectos preciosos e obras de arte, conservaram-se durante a tempestade, os interesseiros de todos os partidos políticos, os apostatas de todos os credos, os ateus, os materialistas, os plutócratas, os traficantes, os avarentos, os luxuriosos, os ladrões, os ébrios, as meretrizes etc. etc., isto é, a semente de todos os males que Satanaz com medo de ficar desprovido durante a guerra, guardou nesses abrigos, como em arca bem segura. Agora, que terminou a catástrofe, com certeza, espalha-la-á o melhor que puder esperando que, em casas e cidades novas, há-de produzir frutos mais abundantes.

Ninguém se iluda. O mundo melhorará, se os homens, que nele vivem, melhorarem moralmente. A sociedade é semelhante a uma máquina gigantesca cujas peças somos nós. Se as peças estão bem afinadas, isto é, se os homens são bons, o mundo melhora; se são maus, por mais que os estadistas façam e préguem, o mundo será sempre mau.

Na hora actual, têm aparecido muitas boas vontades, mas parece que são poucos os estadistas que já encontraram os remédios para os males oriundos da guerra e, a darmos crédito ás emissoras e gazêtas, as turbas continuam cada vez mais insatisfeitas e insubmissas, dando lugar a que os ministérios pouco durem e os partidos se degladiem.

Confrades:—No meio desta desorientação espiritual, parece que toda a gente, está de acôrdo acêrca da necessidade de luz e de caridade, para

ser resolvida pacificamente a crise que atravessamos.

E' necessário luz, para que os espíritos encontrem e sigam a senda do bem; caridade, para que os homens dêem as mãos uns aos outros e vivam unidos, como irmãos.

Onde encontrarão essa luz?

No Evangelho, como Francisco d'Assis a encontrou, porque só Cristo é Caminho, Verdade e Vida.

Êle, porque é a sabedoria divina, melhor do que ninguém, sabe que o homem é composto de alma e corpo, e que, por ter razão, tem necessidade de orientar as suas idéas para o seu fim Suprêmo, que é Deus.

Por isso, o Evangelho é a esteira luminosa que os espíritos têm que seguir para que a humanidade alcance a tão almejada paz; o Evangelho é o código suprêmo que resolve todos os problemas ácêrca do principio e fim do homem; que apresenta solução pacífica para tôdas as questões sociais e, seguindo a sua doutrina, podemos revolucionar o mundo para o bem, sem haver derramamento de sangue, sem espalhar ódios e vinganças, sem que ninguém veja os seus direitos lesados.

Doutrina santa e divina, resolve pacífica e justamente todos os problemas, porque tem como base o grande mandamento da lei: «Ama a Deus sôbre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo».

«Não faças aos outros, aquilo que não querias que te fizessem».

Nem Buda, nem Sócrates, nem Platão, nem Aristóteles, prêgaram doutrina tão completa, tão necessária, tão salvadora.

Cristo prêgou-a, porque, sendo Deus, conhecia o passado, o presente e o futuro; porque conhecia os segredos mais recônditos da consciência humana e as legítimas aspirações, que existem gravadas no mais íntimo do nosso «eu».

Por isso, no dizer de S. Paulo, «Jesus Cristo é sempre o mesmo, ontem e hoje e sê-lo-á também por todos os séculos».

Ora, é exactamente a doutrina de Cristo que todos nós precisamos conhecer, para que todos encarnemos o Seu espírito, como Francisco de Assis O encarnou e para que cada um de nós seja um Cristo no meio dos seus irmãos e possa dizer como S. Paulo: «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim».

Pena é que existam numerosos cristãos que desconhecem o Cristo do Evangelho e prestem culto a um Cristo criado pela sua fantasia, e idealizado de acôrdo com os seus vícios e caprichos—um Cristo que tudo perdona, tudo desculpa, a tudo fecha os olhos.

Se Jesus voltasse novamente ao mundo, dêles havia de dizer: «São cegos e com seus escândalos são condutores de cegos».

Mas a humanidade necessita também de caridade

Essa caridade só se alcançará, se os homens, por amor de Deus, desposarem a Do-a Pobreza, isto é se possuírem e usarem os bens da ter-

ra, sem a eles ter apêgo e, se, com o supérfluo dêsses mesmos bens, mitigarem a miséria aos desherdados da sorte com quem a Pobreza se desposou.

Como sabeis, a doutrina da caridade é a doutrina do Evangelho; não a pôr em prática é renegar a Cristo.

Que dôr nos causa á alma vêr, ao lado da mais negra miséria, pessoas gastarem rios de dinheiro na compra e na alimentação de cãesinhos, quando há tanto miserável que não tem uma côdea de pão com que matar a fome; vêr cãesinhos vaidosos porque vestem casaco e dormem em colchões de sumaúma, quando há tantas crianças esfarrapadas e roxas de frio e tanto desgraçado que dorme sob as arcadas duma ponte e tem como colchão o calhau da ribeira; indivíduos que gastam, numa noite de orgia, abraçados a Venus e a Baco, rios de dinheiro que matariam a fome a centenas de esfomeados; damas, ostentando um luxo, cujo preço daria para vestir dezenas de miseráveis.

Como nos causa pasmo e revolta vêr ao mesmo tempo essa gente que só pensa no gôso, muito admirada porque o governo das esquerdas do país ganhou as eleições ou porque o comunismo, sedento de sangue e de vingança está às portas...

Confrades:—Os governos das esquerdas e o comunismo não são outra coisa senão o grito de revolta contra a bacanal contínua a que tantos se entregam; exprimem o sentir daqueles que na sociedade são desprezados e tratados injustamente.

Ainda, há bem poucos anos, um nacionalista exaltado afirmava, bem alto, que para resolver a crise social, era necessário, «que os ricos fôsem menos ricos, para que os pobres fôsem menos pobres».

A frase escandalizou os conservadores, inimigos da violência e da fôrça, mas quási sempre mais amigos dos seus intêresses e vícios,

Fazer os ricos menos ricos, esbulhando-os á fôrça do que é seu, comentavam êles, para que os pobres sejam menos pobres, é uma injustiça.

Tinham muita razão...

Porém, no meu fraco entender, acho que, para que tal injustiça não se cometa, à custa de rios de sangue, os ricos voluntariamente deveriam tornar-se menos ricos para que com o supérfluo dos seus bens fizessem os pobres menos pobres.

Passando, contudo, à vida prática, chegamos á conclusão de que numerosos endinheirados, continuam a pensar só no seu oiro e no gôso e ainda não se resolveram nem a permitir que á fôrça os façam menos ricos, em favor dos pobres nem a voluntariamente socorrerem os miseráveis com o supérfluo das suas riquezas, auxiliando os hospitais, os patronatos, as creches, afinal tôdas as obras destinadas a minorar a dor dos pobres.



E procedendo assim, a miséria continúa.

Confrades. Vós melhor do que ninguém podeis avaliar essa miséria que por aí vai. E podeis avaliá-la porque ides de porta em porta, como cavaleiros da Santa Caridade apaixonados da Dona Pobreza, afim de enxugar as lágrimas a tantos que choram sem que os seus gemidos façam eco no coração alheio.

Nessas caminhadas de bem fazer entraís em tugúrios sem porta, onde de dia, a luz do sol entra pelos buracos do tecto e á noite, pelos mesmos buracos se vê luzir as estrélas;—vêdes crianças cobertas de farrapos, desgrenhadas, sujas, famintas, e abandonadas durante o dia pelas mães que, para lhes matar a fome, vão para o trabalho; — encontraís velhos coroados pelas cans da velhice, curvados, de faces macilentas, de olhar amortecido, que batem em tôdas as portas pedindo pão e dormem ao relento;—ouvís contar histórias, muitas historias,—histórias que sempre são dramas e que por vezes são autênticas tragédias, em que aparecem em cena, maridos que se entregam ao alcool para poderem esquecer a miséria do lar; revoltados que abandonam mulher e filhos por nada terem que lhes dar; desesperados que se suicidam para não verem sofrer a família; expôtas que se entregam ao vício, como ganha-pão; viúvas que se tuberculisam, trabalhando, noite e dia, até seus braços caírem desfalecidos porque se vêm rodeadas de orfãos que choram com fome etc. etc.

Miséria negra... vergonha dos nossos tempos.

E' verdade que ultimamente muito se tem feito para melhorar a classe pobre e miserável. Levantaram-se escolas, abriram-se crèches, albergues, centros de sanidade, patronatos, bairros económicos, organizou-se a assistência, etc., etc.

Mas não é tudo...

Pensou-se mais no animal homem, do que no homem animal racional.

Esqueceu-se que a miséria material é quasi sempre uma consequência da miséria espirital e moral.

Esqueceu-se que a miséria espirital nos nossos dias é maior do que a material.

Parece que não se vê que a ignorância religiosa e a revolta apagaram na alma dos pobres a fé e que, com a fé, desapareceu a moral, a união da família, o respeito aos pais, a indissolubidade do matrimonio, o amor à pátria e a tudo o que é elevado.

«Nem só de pão vive o homem»: necessita também de educação e de sã doutrina.

Melhora-se, dia a dia, a casa, a cama, a refeição e a instrução. Bom seria que também se cuidasse com o mesmo afan da educação moral e religiosa não só dos pequenos, mas também dos grandes, não só dos filhos, mas também dos pais; bom seria que se incutisse na alma de todos

o amor a tudo o que é elevado, como seja Deus, Pátria e Família.

Muitos julgem que os bairros económicos resolverão tão intrincado problema. Puro engano.

No bairro económico, os pobres encontram melhor casa, mas também, às vezes, encontram um ambiente moral e religioso muito pior do que aquele em que viviam antes.

Existem actualmente, nos arredores do Funchal, três bairros económicos, onde habitam 189 famílias, constituídas por 981 pessoas (416 adultos e 565 menores) vindas de todas as freguesias da Madeira, na esperança de melhores dias.

Chegadas ao Funchal, onde poucos as conheciam, a maior parte delas deixou de praticar os seus deveres religiosos; constituem lares ilícitos e começam a adoptar um modo de vida, pior do que aquele que antes tinham.

Assim, nas 189 famílias que residem nos bairros, podemos contar 211 crianças e alguns adultos que nunca comungaram, devido à falta dum sílão para a catequese e de catequistas.

Como consequência da falta de catequese, a ignorância religiosa aumenta, dia a dia, e cá origem a que 90% das crianças desconheçam as fórmulas mais elementares do catecismo e a que só uma pequena percentagem da população cumpra o preceito pascal e freqüente a missa ao domingo.

Além da ignorância religiosa, a falta do «fato de vêr a Deus» faz com que grande parte dos habitantes dos bairros tenha vergonha de tomar parte nos officios religiosos que se realizam na Igreja parochial, o que não aconteceria se nos bairros mais populosos houvesse uma pequena capela onde o sacerdote celebrasse e catequizasse as crianças aos domingos e as catequistas durante a semana, continuassem a sua ecção.

Mas, se a necessidade da Capela é grande, a da escola e a da creche não é menor.

E' bom não esquecer que cerca de 40% das crianças passam os dias entregues a si próprias, em razão das mães terem de se ausentar para o trabalho, e habituadas a assim viver desde o colo, adquirem, com os anos tal independência que nem a autoridade de Deus nem a da Pátria nem a dos pais as impressiona.

Para maior desgraça, o facto dos bairros apenas ocuparem poucos milhares de metros quadrados de terreno e dos seus habitantes pertencerem ás classes mais pobres em haveres e educação, dá lugar a que as crianças, quotidianamente, ouçam conversas que lhes mancham a inocência, apreciem gestos e atitudes pouco recomendáveis e aprendam palavras grosseiras.

Parece-me que a escola e a crèche viriam resolver este grave pro-

blema, porque na escola a professora, além de ensinar às crianças mais crescidas a lêr, escrever e contar, ensinar-lhes-ia a amar a Deus, a Pátria e à Família e, na crèche, as mais pequenas encontrariam na religiosa o carinho de mãe de que a luta pela vida as tinha privado.

Os confrades das Conferências de S. Vicente de Paulo têm também nos bairros um grande campo de acção.

A' sua espera, estão muitos lares para legitimar, crianças para baptisar, donzelas que é necessário sustentar no declive da imoralidade.

Como vêm, todos: a saber, o padre, a professora, a religiosa e o confrade de S. Vicente de Paulo têm uma grande obra a realizar e podem realizá-la com a certeza de que colherão bons frutos, porque a maioria dos habitantes dos bairros respira bondade e franqueza, psicologia própria do povo desta ilha encantada; recebem a visita de quem olha por eles, de braços abertos, e não partem d'este mundo, sem se pôr a bem com Deus.

O seu grande mal é a falta de luz para o espírito, o abandono moral a que foram votados.

Há pessoas que, estando ao facto do ambiente que se respira nos bairros económicos dirigem os seus ataques á Câmara Municipal do Funchal, alegando que, por ela não ter pensado mais na educação do povo que habita os ditos bairros, estes pouco a pouco se vão transformando em focos de indisciplina, de miséria e de imoralidade.

A tais pessoas podemos responder que os bairros são uma novidade entre nós, um campo de experiência e que, antes de serem construídos, ninguém, nem mesmo os que criticam, fazia uma idéa exacta do que fôsem,

Agora, que já estamos ao facto do que eles são, urge que todas as pessoas de boa vontade lancem mãos á obra da sua moralização e recristianização.

A' sua frente encontrarão a Câmara Municipal do Funchal que num desses bairros já mandou edificar uma escola, que será no futuro uma obra de grande alcance social, visto a ela estar anexa uma crèche, que será dirigida por religiosas, uma cantina e um salão-capela.

Só temos a lamentar o facto de apenas um dos bairros ser o contemplado.

Confrades. Como acabais de ver, os bairros económicos, sem capela, sem escola e sem crèche não resolvem o problema moral e religioso das classes pobres que neles habitam.

E' necessário mais alguma coisa.

Para resolve-los satisfatoriamente acho acertado, que, nos futuros bairros que se hão-de construir, a primeira casa a ser edificada deveria ser a Capela; a segunda, a escola; a terceira, a crèche; a quarta o posto médico e em seguida, as casas de habitação.

No dia da inauguração, antes dos chefes de família receberem as chaves das casas, o sacerdote deveria receber a chave da capela; o professor, a da escola, a religiosa, a da creche; o médico e a visitadora, a do posto médico. Em seguida, todos unidos e comungando o mesmo ideal,—o de formar almas sãs em corpos sãos—lançariam mãos á obra, por Deus, pela Família e por Portugal.

Tal obra vai exigir grandes sacrifícios, dirá alguém.  
Concordo plenamente que os exija. Mas sem sacrificio nada valem as nossas acções.

E' verdade que o Sacerdote terá que deslocar-se da sua igreja para ir aos bairros doutrinar as crianças; que o professor terá que ensinar as regras mais elementares da educação; que os confrades de S. Vicente de Paulo terão de visitar as familias com maior assiduidade, que a visitadora terá que ensinar os mais rudimentares preceitos da hygiene e que deixará de pintar as unhas para poder lavar á vontade as caras sujas das crianças. Porém, no fim de alguns anos, todos terão a consolação de ver que devido aos seus esforços, tantas almas se elevaram a um nível mais alto de vida.

Confrades. Como vêdes, os pobres além da esmola, também necessitam de luz,—da luz do Evangelho, pão da alma, penhor da vida eterna.

Levai-a vós... Lembrai-vos que para lhes comunicar essa luz, se fundaram as Conferências.

Em Maio de 1833, quando se realizou a primeira reunião das Conferências de S. Vicente de Paulo, Bailly, na presença de Ozanam, expôs aos confrades os fins da Associação nos seguintes termos: «Se quereis verdadeiramente ser uteis aos pobres e a vós mesmos, fazei da vossa caridade uma obra menos de beneficência que de moralização e de cristianização, santificando-vos vós mesmos pela consideração de Jesus Cristo na figura do pobre».

Moralizar, pois, educar, levar Cristo ás almas—o Cristo pobre que prometestes servir e amar e que deveis levar no vosso coração—eis a missão do vicentino.

Realizar a vossa missão com humildade, com paciência, com aquela caridade, de que fala S. Paulo—caridade que é benígna, que não é invejosa, nem temerária, que não se entorbece nem é ambiciosa, que não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça mas folga com a verdade, caridade que tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.

Como recompensa, tereis talvez neste mundo a ingratição dos homens, mas Deus, que tudo vê, não se esquecerá de vós, e Cristo que será vosso Juiz ao apreciar os vossos trabalhos, com certeza vos dirá: Vinde benditos de Meu Pai; possuí o reino que vos está preparado desde o principio do mundo, porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber; era peregrino e recolhestes me, nú e me vestistes; enfermo e me visitastes; estava no cárcere e fostes visitar-me.

E desde essa hora, a vossa glória será grande.

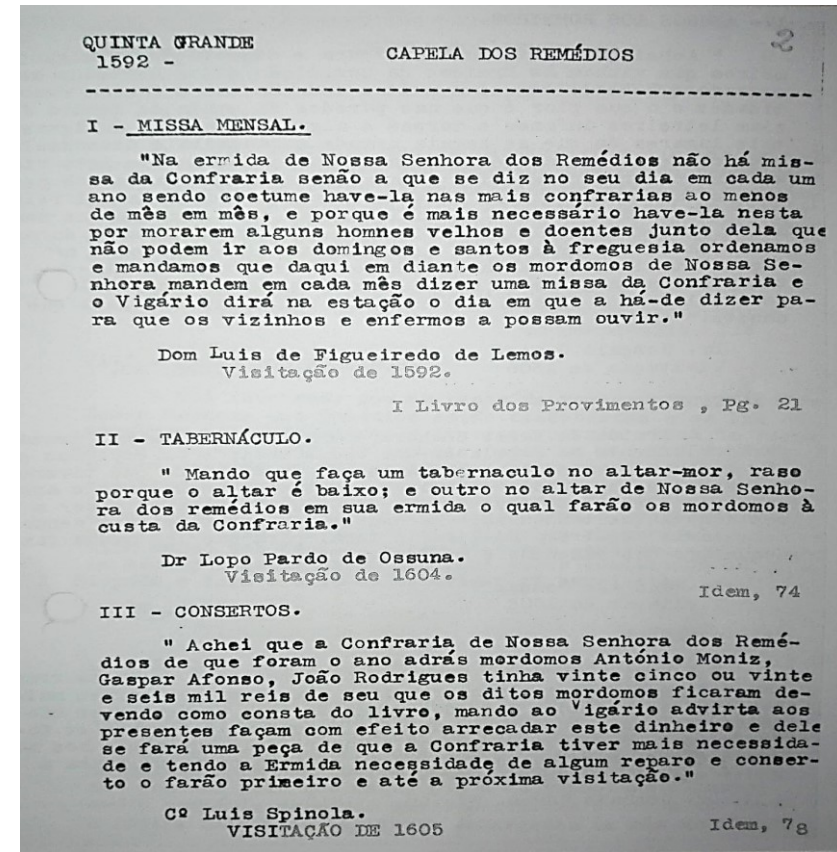
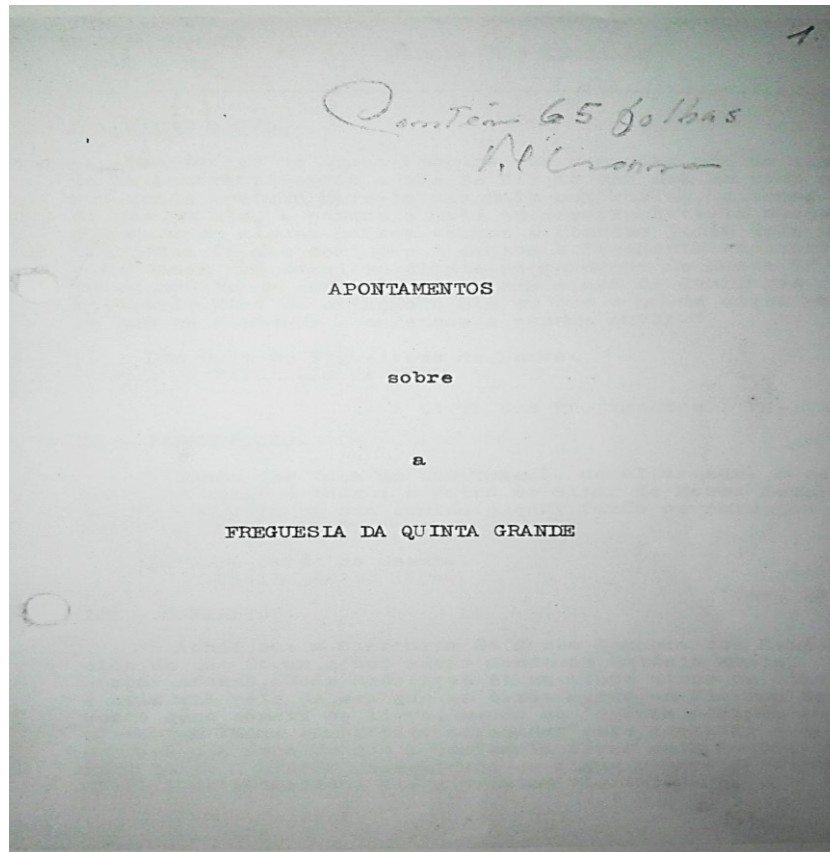
ANEXO 37

Apontamentos Históricos do Padre Pita Ferreira sobre diversas Paróquias

a) Paróquia da Quinta Grande (Concelho de Câmara de Lobos)

1.<sup>a</sup> página

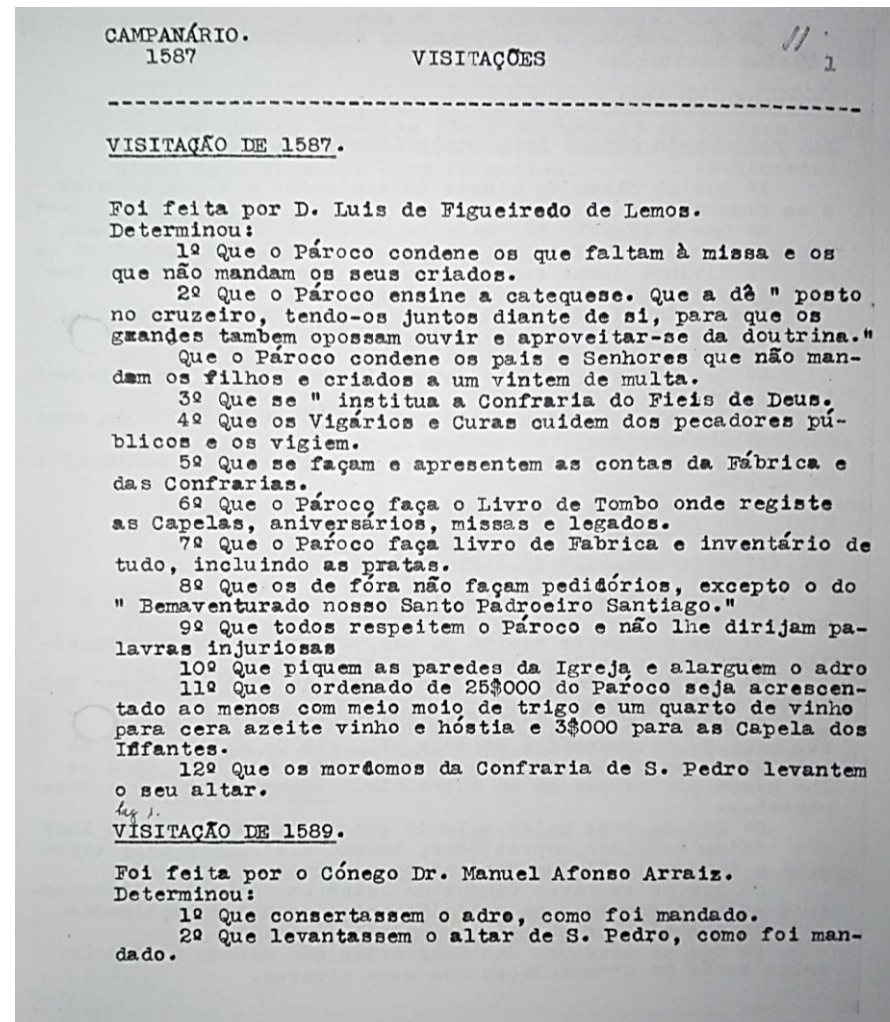
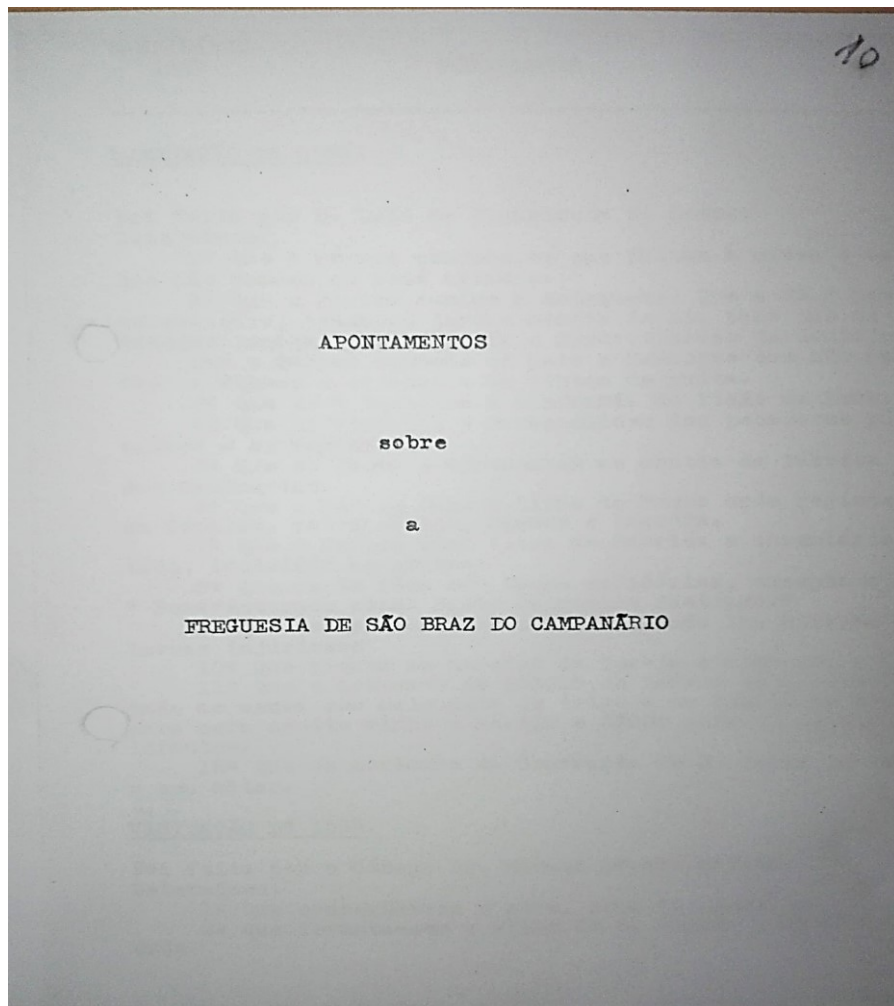
2.<sup>a</sup> página



b) Paróquia de Campanário (Concelho da Ribeira Brava)

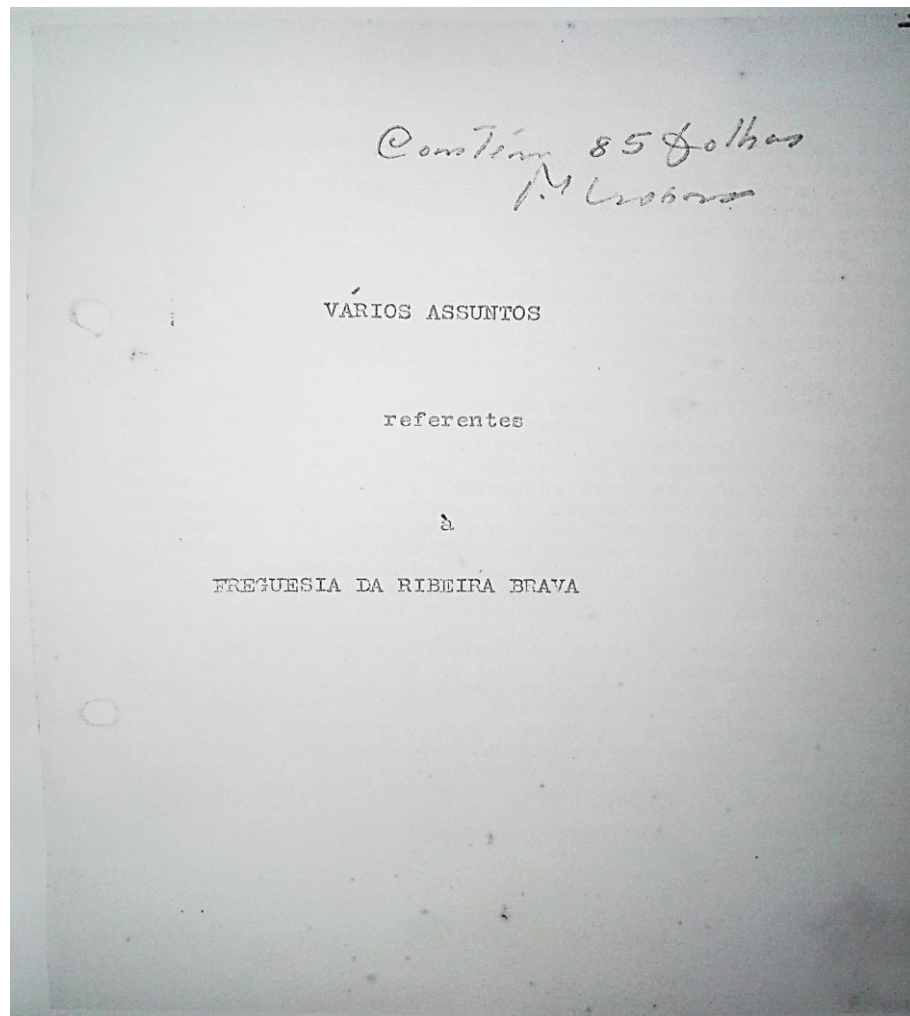
1.<sup>a</sup> página

2.<sup>a</sup> página

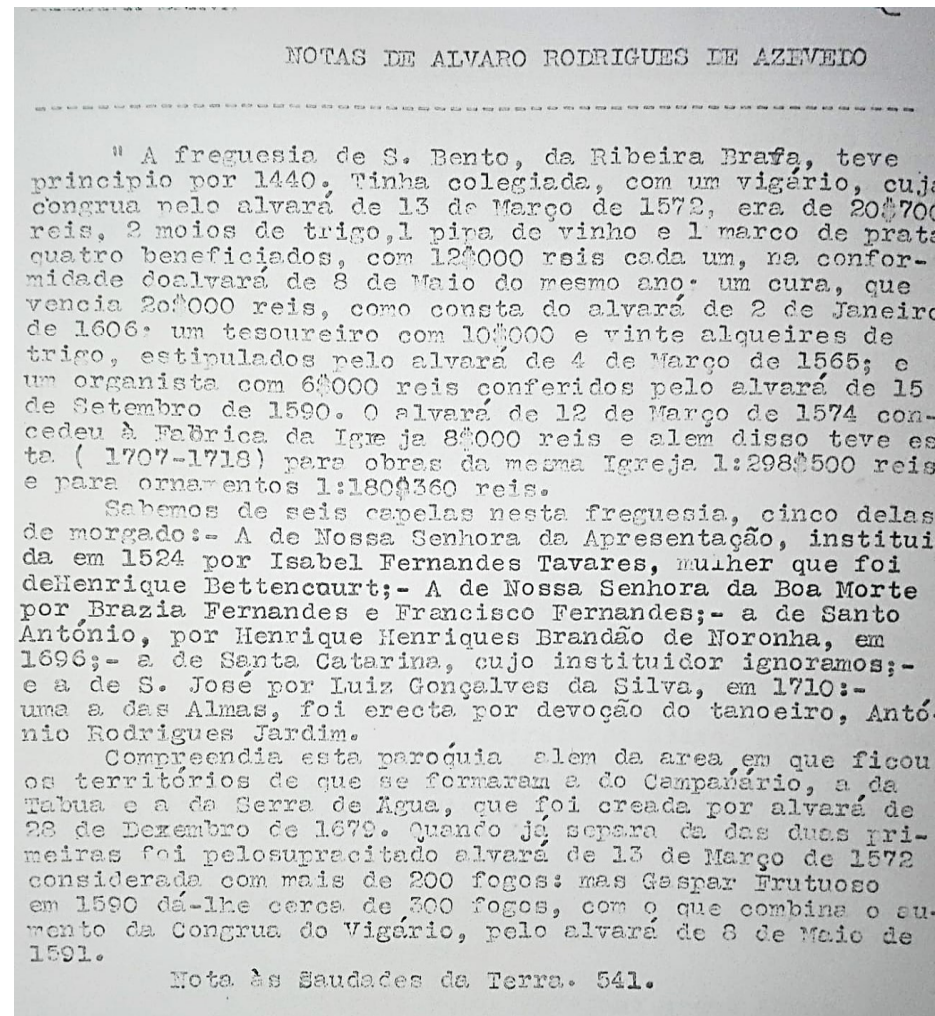


c) Paróquia da Ribeira Brava

1.<sup>a</sup> página



2.<sup>a</sup> página



**ANEXO 38**  
**Cronologia do Padre Pita Ferreira**

<b>Ano</b>	<b>Acontecimentos</b>
<b>1912</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• No dia 16 de abril nasce o <u>Manuel Juvenal Pita Ferreira</u> na freguesia de Câmara de Lobos - Funchal. Batizado a 1 de maio - na paróquia de São Sebastião, da mesma freguesia.</li> </ul>
<b>1925 - 1935</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Período de formação: estudo de línguas clássicas. Francês, literatura, filosofia e teologia no Seminário de Nossa Senhora do Bom Despacho (1925-1931) e do Seminário da Encarnação (1931-1935).</li> <li>• Seminarista Pita Ferreira proferiu 2 discursos importantes: intitulados <i>O meu primeiro discurso</i> e <i>O meu primeiro Sermão</i>.</li> <li>• 25 de agosto de 1935 - Ordenação Sacerdotal: pelo Bispo do Funchal – Dom António Manuel Pereira Ribeiro.</li> </ul>
<b>1935-1938</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 29 de setembro de 1935 - Nomeação como Capelão da Sé, escrivão do Juízo Eclesiástico e professor do Seminário da diocese do Funchal.</li> <li>• Capelão da Capela de N. Sr.<sup>a</sup> da Conceição e do Asilo da Mendicidade.</li> <li>• Secretário interino da Câmara Eclesiástica.</li> </ul>
<b>1938 - 1940</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Coadjutor na paróquia da Ribeira Brava: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Atividades pastorais: jovens e escutismos;</li> <li>- Peças de Teatro.</li> </ul> </li> </ul>
<b>1940-1941</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Transferido para coadjutor na paróquia de São Vicente.</li> </ul>
<b>1941-1945</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pároco do Porto Santo.</li> </ul>
<b>1945 -1963</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Publicação de textos no Jornal da Madeira bem como de outros jornais da Região.</li> </ul>
<b>1945</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pároco de São Gonçalo onde permaneceu até à sua morte (1963).</li> </ul>
<b>1950</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Visita a Roma (Ano de Jubileu)</li> </ul>
<b>1951-1963</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Publicação de textos na revista <i>Das Artes e da História da Madeira</i>.</li> </ul>
<b>1951</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Colabora na organização e produção de catálogo (coautor) da Exposição de Ourivesaria Sacra realizada no Convento de Santa Clara em parceria com o Eng.º Luíz Peter Clode.</li> </ul>

<b>1954</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Integra a comissão executiva e a elaboração do catálogo da Exposição de Esculturas Religiosas realizada no Convento de Santa Clara em coautoria com o Eng.º Luíz Peter Clode.</li> </ul>
<b>1955</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Publicação do livro <i>A Santa Missa: diálogo para formar as crianças da catequese no espírito com que hão de assistir ao Santo Sacrifício da missa.</i></li> </ul>
<b>1956</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Publicação do livro <i>O Natal na Madeira: Estudo Folclórico.</i></li> </ul>
<b>1957</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Publicação dos livros: <i>Notas para a História da Ilha da Madeira (Descoberta e início do Povoamento)</i>; <i>O mais belo presente da Primeira Comunhão</i> (Teatro)</li> </ul>
<b>1959</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Publicação dos livros: <i>As «Notas para a História da Ilha da Madeira» no Pelourinho</i> (como resposta à “adenda” das Ilhas de Zargo); <i>O Arquipélago da Madeira, terra do Senhor Infante. De 1420 a 1460.</i></li> </ul>
<b>1960</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Publicação do livro <i>O Infante D. Henrique e a Descoberta e povoamento do Arquipélago da Madeira.</i></li> </ul>
<b>1961</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Publicação dos livros: <i>A Santa Missa</i>; <i>A «Relação» de Francisco Alcoforado.</i></li> </ul>
<b>1959-1962</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Participou na fundação do Secretariado Diocesano de Catequese e assumiu este sector como diretor em 1960.</li> <li>• Publicação dos Fascículos: <i>Curso de Iniciação Catequística</i> (3 volumes).</li> </ul>
<b>1963</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Publicação do livro: <i>A Sé do Funchal.</i></li> </ul>
<b>1935-... (?) e 1945-1963</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Professor no Seminário da Encarnação.</li> <li>• Professor de História Sacra e de Pastoral no Seminário Maior de Nossa Senhora de Fátima.</li> </ul>
<b>1963</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O padre Manuel Juvenal Pita Ferreira faleceu a 9 de outubro, aos 51 anos, em São Gonçalo – Funchal.</li> </ul>